

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ
CENTRO DE CIENCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS (MESTRADO)**

JULIANA CARLA BARBIERI

**AS ORAÇÕES CAUSAIS E A ARGUMENTATIVIDADE EM ARTIGOS
DE OPINIÃO RELIGIOSOS CATÓLICOS:
UM ESTUDO SOB A PERSPECTIVA DISCURSIVO-FUNCIONAL**

**MARINGÁ - PR
2010**

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

JULIANA CARLA BARBIERI

**AS ORAÇÕES CAUSAIS E A ARGUMENTATIVIDADE EM ARTIGOS
DE OPINIÃO RELIGIOSOS CATÓLICOS:
UM ESTUDO SOB A PERSPECTIVA DISCURSIVO-FUNCIONAL**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras (Mestrado), da Universidade Estadual de Maringá, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Letras, área de concentração: Estudos Lingüísticos.

Orientadora: Prof^a Dr^a Ana Cristina Jaeger Hintze

**MARINGÁ – PR
2010**

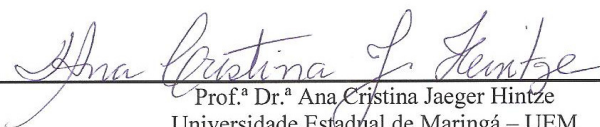
JULIANA CARLA BARBIERI

**AS ORAÇÕES CAUSAIS E A ARGUMENTATIVIDADE EM ARTIGOS DE
OPINIÃO RELIGIOSOS CATÓLICOS: UM ESTUDO SOB A
PERSPECTIVA DISCURSIVO-FUNCIONAL**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Letras (Mestrado), da Universidade Estadual de Maringá, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Letras, área de concentração: Estudos Linguísticos.

Aprovado em 23 de agosto de 2010.

BANCA EXAMINADORA



Prof.^a Dr.^a Ana Cristina Jaeger Hintze
Universidade Estadual de Maringá – UEM
- Presidente -



Prof. Dr. Juliano Desiderato Antonio
Universidade Estadual de Maringá – UEM



Prof. Dr. Edson Rosa Francisco de Souza
Universidade Federal do Mato Grosso do Sul – UFMS/Mato Grosso do Sul–MS

Dedicatória

*A sombra vai se abrindo, quando a noite cai
E vão fugindo tantas luzes
De um dia que jamais há de se acabar
De um dia que há de começar sempre
(...)
Se tu vais agora, anoitecerá
Se tu vais embora, o que será
Se tu vais agora, anoitecerá
Mas, se permaneces, a noite não virá.*

*A minha mãe, **Ana:**
humano amor de Deus*

"Deus não manda coisas impossíveis, mas sim, ao mandar o que manda, convida-te a fazer o que possas, a pedir o que não possas, e te ajuda para que possas."

Santo Agostinho de Hipona

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, a Deus, por me guiar, a cada passo, na realização desta importante etapa de minha vida; por me abençoar infinitamente em todos os momentos, cercado-me de pessoas que, direta ou indiretamente, contribuíram para a realização deste trabalho e às quais quero também demonstrar minha sincera gratidão:

Às amigas que me acompanham desde a graduação: à Simone Nery Nascimento, pelas orações e pelo incentivo; à Larissa Marega, pelo entusiasmo contagiante, e à Kelly Lóddo, por me fazer acreditar e me impulsionar em direção a novos desafios.

Aos professores do Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Estadual de Maringá, especialmente: à Maria Regina Pante pela dedicação dispensada, pelo carinho e confiança.

À professora Geiva Carolina Calsa, pelo incentivo, preocupação e presteza constantes;

Aos amigos – também professores – e companheiros de trabalho:

à Ana Maria Sabino;

ao Antônio César Barbosa;

à Daiane Correia Jodar;

à Joyce Croxiatti de Oliveira;

à Silvana Maria Senerino;

à Tânia Scatambulo Nerone

ao Willian Lopes;

Aos professores Edson Rosa Francisco de Souza, pela leitura atenta do trabalho, pelas sugestões e contribuições no Exame de Qualificação, e Juliano Desiderato Antonio pela atenção a mim dedicada, pelas sugestões e colaborações ao trabalho.

À minha família: à mãe **Ana**;

ao pai **Edson**;

à irmã **Aline**;

à avó **Maria Isabel**;

aos tios e tias: **Manual Francisco, Milton, Carlos, Vera e Regina**;

e aos primos: **Lígia, Beatriz, Guilherme, Gustavo e Márcio** agradeço pelas orações, pelo incentivo, carinho e acolhimento, sobretudo nos momentos mais difíceis desta jornada.

À CAPES pela bolsa concedida no período de 2009 a 2010.

Um agradecimento especial

À *Ana*, minha orientadora amiga, pela confiança, pelo incentivo constante, pelo acompanhamento incansável. Por me guiar em direção a novos horizontes e me fazer acreditar que eles estavam e estão muito mais próximos do que imaginava.

Por fazer do mestrado um período de grandes conquistas, alegrias e aprendizagens, despertando em mim, a cada dia mais, o desejo de procurar o melhor – o Meu melhor – não como uma meta a ser alcançada, mas como um caminho a ser trilhado hoje e sempre.

Pela Grandeza de espírito.

POR SER UM EXEMPLO DE VIDA PARA MIM!

SUMÁRIO

LISTAS DE ABREVEATURAS E SIGLAS.....	11
LISTA DE ESQUEMAS.....	13
LISTA DE FIGURAS.....	14
LISTA DE QUADROS.....	15
RESUMO.....	20
<i>ABSTRACT</i>	22
INTRODUÇÃO.....	27
CAPÍTULO I.....	31
1. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	31
1.1 A abordagem tradicional do processo de articulação de orações.....	32
1.1.1 A abordagem tradicional das OCs.....	34
1.1.2 As abordagens funcionalistas dos processos de articulação de orações.....	35
1.1.2.1 Esboço geral do modelo da Gramática funcional (GF).....	37
1.1.2.2 Esboço geral do modelo da Gramática discursivo-funcional (GDF).....	40
1.1.3 As OCs nas diferentes abordagens funcionalistas.....	46
1.1.3.1 As orações adverbiais sob a abordagem da GDF.....	50
1.1.3.1.1 As OCs segundo a GDF.....	51
1.1.3.1.2 Contribuições da visão funcionalista para o estudo das OCs.....	55
1.2 As OCs e sua função argumentativa.....	56
1.2.1 A argumentação: especificidades do discurso religioso cristão-católico.....	58
1.2.2 O discurso religioso cristão-católico.....	61
1.2.2.1 A questão dogmática e a tríade teológico-dogmática subjacente.....	62
1.2.2.1.1 A Bíblia.....	62
1.2.2.1.2 A Tradição (Patrística).....	63

1.2.2.1.3	O Magistério.....	65
1.3	Os gêneros textuais inerentes ao discurso religioso cristão-católico.....	65
1.3.1	O artigo de opinião (religioso católico).....	66
	CAPÍTULO II.....	69
2.	METODOLOGIA.....	69
2.1	Constituição, descrição e caracterização do <i>corpus</i>	69
2.1.1	A CNBB (Conferência Nacional dos Bispos do Brasil).....	70
2.1.2	O ano litúrgico.....	70
2.2	Procedimentos de seleção do <i>corpus</i>	72
2.2.1	Parâmetros de análise.....	73
2.2.1.1	Parâmetros de análise do nível Interpessoal.....	75
2.2.1.2	Parâmetros de análise do nível Representacional.....	77
2.2.1.3	Parâmetros de análise do nível Morfossintático.....	80
2.2.1.4	Utilização do programa estatístico <i>Systemic Coder</i>	84
	CAPÍTULO III.....	86
3.	APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS.....	86
3.1	Ocorrências referentes ao Tempo do Advento.....	86
3.1.1	Nível Interpessoal.....	86
3.1.1.1	Cruzamento dos dados e correlações primárias.....	87
3.1.2	Nível Representacional.....	88
3.1.2.1	Cruzamento dos dados e correlações primárias.....	89
3.1.2.1.1	Referência temporal.....	90
3.1.2.1.2	Pressuposição.....	94
3.1.2.1.3	Estatuto informacional.....	95
3.1.3	Nível Morfossintático.....	96

3.1.3.1	Cruzamento dos dados e correlações primárias.....	97
3.1.3.1.1	Correferência e Explicitude do sujeito.....	98
3.1.3.1.2	Modo-tempo verbais.....	100
3.1.3.1.3	Tipo de conectivo e Ordenação.....	103
3.1.3.2	Cruzamento dos dados entre diferentes níveis do CG: correlações secundárias.....	103
3.1.3.2.1	Tipo de argumento, de categoria e Estatuto sintático.....	104
3.1.3.2.2	Tipo de categoria, Referência temporal e Modo-tempo verbais.....	106
3.1.3.2.3	Pressuposição, Estatuto informacional, Tipo de conectivo e Ordenação.....	108
3.1.4	Resultados gerais dos condicionamentos das OCs em relação à argumentatividade.....	109
3.2	Ocorrências referentes ao Tempo do Natal.....	112
3.2.1	Nível Interpessoal.....	112
3.2.1.1	Cruzamento dos dados e correlações primárias.....	113
3.2.2	Nível Representacional.....	114
3.2.2.1	Cruzamento dos dados e correlações primárias.....	115
3.2.2.2.1	Referência temporal.....	116
3.2.2.2.2	Pressuposição.....	118
3.2.2.2.3	Estatuto informacional.....	118
3.2.3	Nível Morfossintático.....	119
3.2.3.1	Cruzamento dos dados e correlações primárias.....	121
3.2.3.1.1	Correferência e Explicitude do sujeito.....	121
3.2.3.1.2	Modo-tempo verbais.....	123
3.2.3.1.3	Tipo de conectivo e Ordenação.....	125
3.2.3.2	Cruzamento dos dados entre os diferentes níveis do CG: correlações secundárias.....	126
3.2.3.2.1	Tipo de argumento, de categoria e Estatuto sintático.....	126

3.2.3.2.2	Tipo de categoria, Referência temporal e Modo-tempo verbais.....	128
3.2.3.2.3	Pressuposição, Estatuto informacional, Tipo de conectivo e Ordenação.....	129
3.2.4	Resultados gerais dos condicionamentos das OCs em relação à argumentatividade.....	130
3.3	Ocorrências referentes ao Tempo da Quaresma.....	132
3.3.1	Nível Interpessoal.....	132
3.3.1.1	Cruzamento dos dados e correlações primárias.....	133
3.3.2	Nível Representacional.....	134
3.3.2.1	Cruzamento dos dados e correlações primárias.....	135
3.3.2.1.1	Referência temporal.....	136
3.3.2.1.2	Pressuposição.....	138
3.3.2.1.3	Estatuto informacional.....	139
3.3.3	Nível Morfossintático.....	140
3.3.3.1	Cruzamento dos dados e correlações primárias.....	141
3.3.3.1.1	Correferência e Explicitude do sujeito.....	142
3.3.3.1.2	Modo-tempo verbais.....	144
3.3.3.1.3	Tipo de conectivo e Ordenação.....	148
3.3.3.2.	Cruzamento dos dados entre os diferentes níveis do CG: correlações secundárias.....	149
3.3.3.2.1	Tipo de argumento, de categoria e Estatuto sintático.....	149
3.3.3.2.2	Tipo de categoria, Referência temporal e Modo-tempo verbais.....	152
3.3.3.2.3	Pressuposição, Estatuto informacional, Tipo de conectivo e Ordenação.....	155
3.3.4	Resultados gerais dos condicionamentos das OCs em relação à argumentatividade.....	155
3.4	Ocorrências referentes ao Tempo da Páscoa.....	158
3.4.1	Nível Interpessoal.....	158

3.4.1.1	Cruzamento dos dados e correlações primárias.....	159
3.4.2	Nível Representacional.....	160
3.4.2.1	Cruzamento dos dados e correlações primárias.....	161
3.4.2.1.1	Referência temporal.....	162
3.4.2.1.2	Pressuposição.....	163
3.4.2.1.3	Estatuto informacional.....	164
3.4.3	Nível Morfossintático.....	165
3.4.3.1	Cruzamento dos dados e correlações primárias.....	166
3.4.3.1.1	Correferência e Explicitude do sujeito.....	167
3.4.3.1.2	Modo-tempo verbais.....	168
3.4.3.1.3	Tipo de conectivo e Ordenação.....	172
3.4.3.2	Cruzamento dos dados entre os diferentes níveis do CG: correlações secundárias.....	173
3.4.3.2.1	Tipo de argumento, de categoria e Estatuto sintático.....	173
3.4.3.2.2	Tipo de categoria, Referência temporal e Modo-tempo verbais.....	175
3.4.3.2.3	Pressuposição, Estatuto informacional, Tipo de conectivo e Ordenação.....	178
3.4.4	Resultados gerais dos condicionamentos das OCs em relação à argumentatividade.....	179
3.5	Ocorrências referentes aos Tempos Comum I e II.....	181
3.5.1	Nível Interpessoal.....	181
3.5.1.1	Cruzamento dos dados e correlações primárias.....	182
3.5.2	Nível Representacional.....	184
3.5.2.1	Cruzamento dos dados e correlações primárias.....	185
3.5.2.1.1	Referência temporal.....	186
3.5.2.1.2	Pressuposição.....	189
3.5.2.1.3	Estatuto informacional.....	190

3.5.3	Nível Morfossintático.....	191
3.5.3.1	Cruzamento dos dados e correlações primárias.....	192
3.5.3.1.1	Correferência e Explicitude do sujeito.....	193
3.5.3.1.2	Modo-tempo verbais.....	195
3.5.3.1.3	Tipo de Conectivo e Ordenação.....	202
3.5.3.2	Cruzamento dos dados entre os diferentes níveis do CG: correlações secundárias.....	204
3.5.3.2.1	Tipo de argumento, de categoria e Estatuto sintático.....	204
3.5.3.2.2	Tipo de categoria, Referência temporal e Modo-tempo verbais.....	207
3.5.3.2.3	Pressuposição, Estatuto informacional, Tipo de conectivo e Ordenação.....	211
3.5.4	Resultados gerais dos condicionamentos das OCs em relação à argumentatividade.....	212
3.6	Resultado das análises em relação aos tempos do AL.....	214
4.	CONCLUSÃO.....	217
5.	REFERÊNCIAS.....	220

LISTA DE ABREVEATURAS E SIGLAS

AL: Ano Litúrgico

Ato: Ato do discurso

CConc. Componente Conceitual

CConc. Componente Contextual

CG: Componente Gramatical

Corref.: Correferente

CNBB: Conferência Nacional dos Bispos do Brasil

C. Proposicional: Conteúdo Proposicional

Dep.: Dependente

EI: Escopo de Incidência

ES: Estatuto Sintático

Esco: Estado(s)-de-coisas

Est. Inform.: Estatuto Informacional

Exp.: Explícito

FN: Formas Nominais

Feixes de O: Feixe de Orações complexas

GDF: Gramática Discursivo-Funcional

GF: Gramática Funcional

GFI: Grupo de Fatores Invariáveis

GFV: Grupo de Fatores Variáveis

Imp: Imperativo

Ind: Indicativo

MD: Marcador(es) discursivo(s)

MT Verbais: Modo-tempo verbais

NCorref.: Não correferente

NExp.: Não explícito

Nº de O: Número de Ocorrências

Não Dep.: Não Dependente

O. Hipotática: Oração Hipotática

O. Paratática: Oração Paratática

OCs: Oração(cões) Causal(is)

O Comp.: Orações complexas

O. Nuclear: Oração nuclear/núcleo

Pres: Pressuposta

NPres.: Não pressuposta

RT: Referência Temporal

RTD: Referência Temporal Dependente

RTI: Referência Temporal Independente

Subj: Subjuntivo

TA: Tempo do Advento

TC: Tempo Comum

TE: Tipo de Entidade

TN: Tempo do Natal

TP: Tempo da Páscoa

TQ: Tempo da Quaresma

LISTA DE ESQUEMAS

Esquema 1: Constituição dos grupos de fatores selecionados para quantificação e cruzamento dos dados.....	74
Esquema 2: Parâmetros de análise do nível Interpessoal.....	77
Esquema 3: Parâmetros de análise do nível Representacional.....	80
Esquema 4: Parâmetros de análise do nível Morfossintático.....	82
Esquema 5: Panorama geral dos parâmetros de análise <i>Systemic Coder</i>	85

LISTA DE FIGURAS

Figura 1:	Modelo geral de organização da GDF.....	45
Figura 2:	Gradação entre os diferentes níveis de atuação da oração causal a partir da correlação com as teorias de Dik (1989; 1997), Sweetser (1990) e Hengeveld e Mackenzie (2008).....	48
Figura 3:	Esquema geral da argumentação.....	60

LISTA DE QUADROS

Quadro 1:	<i>Continuum</i> de interdependência sintática (Lehman, 1988).....	36
Quadro 2:	Organização dos blocos enunciativos complexos segundo Neves (2001, <i>apud</i> Halliday 1985).....	37
Quadro 3:	Níveis hierárquicos de organização formal e semântica da GF.....	39
Quadro 4:	Camadas de estruturação hierárquica do nível Interpessoal.....	42
Quadro 5:	Camadas de estruturação hierárquica do nível Representacional...	42
Quadro 6:	Camadas de estruturação hierárquica do nível Morfossintático.....	43
Quadro 7:	Correlação entre as teorias de Prince (1981) e de Hengeveld (1996).....	54
Quadro 8:	Correlação entre os apontamentos de Neves (1999), e as teorias de Prince (1981) e Hengeveld (1996).....	55
Quadro 9:	Datas correspondentes ao início e término de cada um dos tempos do três ciclos do AL.....	72
Quadro 10:	Número de ocorrências analisadas.....	73
Quadro 11:	Funções pragmáticas e retóricas: resultados percentuais.....	86
Quadro 12:	Cruzamento de dados e diferentes correlações entre as funções pragmáticas e as retóricas.....	88
Quadro 13:	Funções semânticas: resultados percentuais.....	89
Quadro 14:	Cruzamento de dados entre as diferentes correlações entre Tipo de categoria e Referência temporal.....	90
Quadro 15:	Cruzamento de dados entre as diferentes correlações entre Tipo de categoria e Pressuposição.....	95
Quadro 16:	Cruzamento de dados entre as diferentes correlações entre Tipo de categoria e Est. Informacional.....	95
Quadro 17:	Funções morfossintáticas: resultados percentuais.....	98
Quadro 18:	Quadro 18: Cruzamento de dados e correlações entre Est. sintático, Correferência e Explicitude do sujeito.....	95

Quadro 19:	Cruzamento de dados e correlações entre Est. sintático e Modo-tempo verbal.....	100
Quadro 20:	Cruzamento de dados e correlações entre Est. sintático, Tipo de conectivo e a Ordenação.....	103
Quadro 21:	Cruzamento de dados e correlações entre Tipo de argumento, de categoria e Est. Sintático.....	105
Quadro 22:	Cruzamento de dados e correlações entre Referência temporal e Modo-tempo verbal.....	107
Quadro 23:	Cruzamento de dados e correlações entre Pressuposição, Est. inform., Tipo de conectivo e Ordenação.....	109
Quadro 24	Funções pragmáticas e retóricas: resultados percentuais.....	112
Quadro 25:	Cruzamento de dados e diferentes correlações entre as funções pragmáticas e as retóricas.....	113
Quadro 26:	Funções semânticas: resultados percentuais.....	115
Quadro 27:	Cruzamento de dados entre as diferentes correlações entre Tipo de categoria e Referência temporal.....	116
Quadro 28:	Cruzamento de dados entre as diferentes correlações entre Tipo de categoria e Pressuposição.....	118
Quadro 29:	Cruzamento de dados entre as diferentes correlações entre Tipo de categoria e Est. Inform.....	118
Quadro 30:	Funções morfossintáticas: resultados percentuais	120
Quadro 31:	Cruzamento de dados e correlações entre Est. sintático, Correferência e Explicitude do sujeito.....	121
Quadro 32:	Cruzamento de dados e correlações entre Est. sintático e Modo-tempo verbal.....	123
Quadro 33:	Cruzamento de dados e correlações entre Estat. sintático, Tipo de conectivo e Ordenação.....	125
Quadro 34:	Cruzamento de dados e correlações entre Tipo de argumento, de categoria e Estat. sintático.....	126
Quadro 35	Cruzamento de dados e correlações entre Referência temporal e Modo-tempo verbal.....	128
Quadro 36:	Cruzamento de dados e correlações entre Pressuposição, Est. inform., Tipo de conectivo e Ordenação.....	130

Quadro 37:	Funções pragmáticas e retóricas: resultados percentuais.....	132
Quadro 38:	Cruzamento de dados e diferentes correlações entre os parâmetros de análise do nível Interpessoal.....	133
Quadro 39:	Funções semânticas: resultados percentuais.....	135
Quadro 40:	Cruzamento de dados e as diferentes correlações entre Tipo de categoria e Referência temporal.....	136
Quadro 41:	Cruzamento de dados e diferentes correlações entre Tipo de categoria e Pressuposição.....	138
Quadro 42:	Cruzamento de dados e as diferentes correlações entre Tipo de categoria e Estat. Informacional.....	139
Quadro 43:	Funções morfossintáticas: resultados percentuais.....	141
Quadro 44:	Cruzamento de dados e correlações entre Estat. sintático, Correferência e Explicitude do sujeito.....	142
Quadro 45:	Cruzamento de dados e correlações entre Estat. sintático e Modo-tempo verbal.....	144
Quadro 46:	Cruzamento de dados e correlações entre Estat. sintático, Tipo de conectivo e Ordenação.....	148
Quadro 47:	Cruzamento de dados e correlações entre Tipo de argumento, de categoria e Estat. sintático.....	150
Quadro 48:	Cruzamento de dados e correlações entre Referência temporal e Modo-tempo verbal.....	152
Quadro 49:	Cruzamento de dados e correlações entre Pressuposição, Est. inform., Tipo de conectivo e Ordenação.....	155
Quadro 50:	Funções pragmáticas e retóricas: resultados percentuais.....	158
Quadro 51:	Cruzamento de dados e diferentes correlações entre os parâmetros de análise do nível Interpessoal.....	159
Quadro 52:	Funções semânticas: resultados percentuais.....	161
Quadro 53:	Cruzamento de dados entre as diferentes correlações entre Tipo de categoria e Referência temporal.....	162
Quadro 54:	Cruzamento de dados entre as diferentes correlações entre Tipo de categoria a Pressuposição.....	164

Quadro 55:	Funções morfossintáticas: resultados percentuais.....	164
Quadro 56:	Funções morfossintáticas: resultados percentuais.....	166
Quadro 57:	Cruzamento de dados e correlações entre Estat. sintático, Correferência e Explicitude do sujeito.....	167
Quadro 58:	Cruzamento de dados e correlações entre Estat. sintáticos e Modo-tempo verbal.....	169
Quadro 59:	Cruzamento de dados e correlações entre Estat. sintático, Tipo de conectivo e Ordenação.....	172
Quadro 60:	Cruzamento de dados e correlações entre Tipo de argumento, de Categoria e Estat. sintático.....	173
Quadro 61:	Cruzamento de dados e correlações entre Referência temporal e Modo-tempo verbal.....	176
Quadro 62:	Cruzamento de dados e correlações entre Pressuposição, Est. inform., Tipo de conectivo e Ordenação.....	178
Quadro 63:	Funções pragmáticas e retóricas: resultados percentuais.....	181
Quadro 64:	Cruzamento de dados e diferentes correlações entre os parâmetros do nível Interpessoal.....	183
Quadro 65:	Funções semânticas: resultados percentuais.....	185
Quadro 66:	Cruzamento de dados e diferentes correlações entre Tipo de categoria e Referência temporal.....	186
Quadro 67:	Cruzamento de dados entre as diferentes correlações entre Tipo de categoria e Pressuposição.....	189
Quadro 68:	Cruzamento de dados entre Tipo de categoria e Estat. informacional.....	190
Quadro 69:	Cruzamento de dados e correlações entre Estat. sintático, Tipo de conectivo e Ordenação.....	192
Quadro 70:	Cruzamento de dados e correlações entre Estat. sintático, Correferência e Explicitude do sujeito.....	193
Quadro 71:	Cruzamento de dados e correlações entre Estat. sintático e Modo-tempo verbal.....	196
Quadro 72:	Cruzamento de dados e correlações entre Estat. sintático, Tipo de conectivo e Ordenação.....	203

Quadro 73:	Cruzamento de dados e correlações entre Tipo de argumento, de categoria e Estat. sintático.....	205
Quadro 74:	Cruzamento de dados e correlações entre Referência temporal e Modo-tempo verbal.....	208
Quadro 75:	Cruzamento de dados e correlações entre Pressuposição, Est. inform., Tipo de conectivo e Ordenação.....	211

BARBIERI, Juliana Carla. **AS ORAÇÕES CAUSAIS E A ARGUMENTATIVIDADE EM ARTIGOS DE OPINIÃO RELIGIOSOS CATÓLICOS: UM ESTUDO SOB A PERSPECTIVA DISCURSIVO-FUNCIONAL**. Dissertação (Mestrado em Letras – Descrição Linguística) – Universidade Estadual de Maringá. Orientadora: Ana Cristina Jaeger Hintze. Maringá, 2010.

RESUMO

Este trabalho analisa os usos das orações causais em artigos de opinião religiosos católicos e toma como referencial teórico a Gramática discursivo-funcional (GDF). Esse modelo está organizado a partir da interação dos componentes conceitual (que contém as representações conceituais, bem como as formulações, precedentes à expressão linguística propriamente dita, e pode ser caracterizado como uma descrição do âmbito do discurso), contextual (que traz em si uma descrição do domínio do discurso, o que implica tanto um dado discurso precedente, quanto a situação externa em que esse discurso ocorre e de expressão (responsável pela expressão acústica ou gráfica da expressão linguística) com o componente gramatical (CG) (constituído por quatro níveis distintos (Interpessoal, Representacional, Morfossintático e Fonológico)). A organização do CG, por sua vez, prevê implicaturas dos níveis superiores em relação aos que lhes são sucedâneos, partindo da intenção comunicativa para a articulação das expressões linguísticas. Destarte, para o estudo das orações causais, a GDF viabiliza a aplicação de um conjunto de parâmetros que permite a caracterização dos aspectos discursivo-pragmáticos, semânticos e formais, segundo três níveis do componente gramatical a saber: o Interpessoal, o Representacional e o Morfossintático, respectivamente. No nível Interpessoal, distinguem-se funções retóricas, ou seja, funções que dizem respeito às estratégias comunicativas do falante como os tipos de argumentos codificados pelas orações causais; e pragmáticas, que estão associadas aos padrões disponíveis nas informações do ouvinte no momento da interação comunicativa e que, portanto, podem ser analisados em termos da presença ou não de elementos focalizadores. No nível Representacional, descrevem-se aspectos semânticos, a partir de parâmetros como tipo de categoria, referência temporal e pressuposição. Finalmente, no nível Morfossintático, pode-se avaliar tanto a ordenação, quanto as correlações modo-tempo verbais e sintáticas que a oração causal contrai com seu escopo de incidência. A proposta objetiva, primeiramente, investigar – sob a perspectiva da GDF – como as orações causais (OCs) prestam-se à função argumentativa inerente ao gênero selecionado e como o fazem em relação à tríade dogmática subjacente (a Bíblica, a Tradição e o Magistério). Ao mesmo tempo, procura-se, de modo específico: a) conjugar, na análise dos dados, aspectos de ordem pragmática, semântica e sintática; b) verificar os diferentes temas e assuntos de cada um dos tempos do ano litúrgico (AL) como fatores determinantes dos condicionamentos dessas orações e, por conseguinte, das estratégias argumentativas que representam; c) verificar maior ou menor grau de integração sintática entre as OCs e seus escopos de incidência como determinantes de maior ou menor grau de integração semântica; d) analisar, no *corpus* correspondências entre o valor de verdade da fonte/autoridade citada e o valor de verdade do argumento codificado pelas OCs; e) analisar as o suporte ou veículo de divulgação no qual circulam o *corpus* e, por extensão, as OCs são ou não fatores que co-determinam esses mesmos condicionamentos. Assim, consoante aos objetivos propostos, o estudo das ocorrências realizar-se-á a partir da descrição e correlação dos parâmetros propostos para cada um dos três níveis mencionados. Ademais, em função do modelo *top*

down, a análise toma como ponto de partida os resultados advindos do parâmetro do nível Interpessoal, denominado parâmetro determinante, a partir do qual se verificam os resultados dos níveis Representacional e Morfosintático, respectivamente, cujos parâmetros são, por seu turno, determinados. Ao final, o estudo mostra como as opções feitas pelo escritor em um nível superior (Interpessoal) co-determinam e condicionam as orações causais nos níveis subsequentes e, ao mesmo tempo, como as implicaturas desses condicionamentos interagem na realização da função argumentativa das OCs no gênero textual artigo de opinião (religioso católico). Os resultados apontam a predominância, quase absoluta, de ocorrências de argumentos de ordem bíblica (em detrimentos dos do Magistério e da Patrística); a irregularidade dos condicionamentos das OCs, independentemente do tempo do AL; e a sua adequação ao contexto de produção no qual está inserido – o meio digital *online*.

BARBIERI, Juliana Carla. **THE CAUSAL CLAUSES AND THE ARGUMENTATIVITY IN RELIGIOUS CATHOLIC ARTICLES OF OPINION: A STUDY FROM DISCOURSE-FUNCTIONAL PERSPECTIVE**. Dissertatio (Master in Letters. Linguistic Description). State University of Maringá. Supervisor: Ana Cristina Jaeger Hintze. Maringá, 2010.

ABSTRACT

This study analyzes the uses of causal clauses in religious catholic articles of opinion and takes as a theoretical reference the discourse-functional grammar (DFG). This model is organized from the interaction of conceptual components containing the conceptual representations and formulations, precedent to the linguistic expression itself and it can be characterized as a description of the discourse's scope, contextual which brings a description of the domain of discourse, implying a discourse precedent and an external situation in which this discourse takes place and expression (responsible for sound or graphic expression of linguistic expression) with the grammatical component (GC) consisting of four distinct levels: Interpersonal, Representational, Morphosyntactic and Phonological. The organization of the GC, on the other hand, provides higher levels of implication in relation to them are artificial, starting from the communicative intention to articulation of linguistic expressions. Thus, to study of causal clauses, DFG enables the application of a set of parameters that allows the characterization of discourse-pragmatic's aspects, semantic and formal, according to three levels of the grammatical component namely, the Interpersonal, the Representational and Morphosyntactic respectively. At the Interpersonal are distinguished rhetorical functions, in other words, functions that relate to the speaker's communicative strategies and the types of causal arguments encoded by the clauses, and pragmatic standards that are associated with the available information at the time of the listener's communicative interaction and, therefore, can be analyzed in terms of presence or focused elements' absence. At the Representational, we describe the semantic aspects, the parameters such as type of category, time's reference and presupposition. Finally, Morphosyntactic level, one can evaluate both ordination, as the correlation-time mode and syntactic verbal cause clause with its scope of impact. The proposal aims, firstly, to investigate - from the perspective of DFG - like causal clauses provide to the argumentative function inherent in the selected genre and how they do in relation to the triad underlying dogmatic (the Bible, Tradition and the Magisterial). Concomitantly, demand specifically: a) conjugate pragmatic, semantic and syntactic aspects in the analysis of data; b) verify the different themes and subjects as factors determining the constraints of those clauses and therefore the argumentative strategies that represent of each different time in the liturgical year; c) verify greater or lesser degree of syntactic integration between causal clauses and their scopes as determinants of incidence of greater or lesser degree of semantic integration; d) analyze the correspondence between the truth value of the source / authority cited and truth value of the argument; e) to analyze the support vehicle or disclosure in which the moving *corpus* and, by extension, the causal clauses or not they are co-factors that determine these same constraints. Thus, according to the proposed objectives, the study of the events will take place from the description and correlation of parameters proposed for each of the three levels mentioned. Moreover, depending on the model *top down*, the analysis takes as its starting point the results arising from the interpersonal level parameter, called a decisive factor, from which arise the results of Representational and

Morphosyntactic levels, respectively, whose parameters are, turn determined. Finally, the study shows how the choices made by the writer at a higher level (interpersonal) co-determine and condition the causal clauses in subsequent levels and at the same time as the implications of constraints interact in performing the function of the argumentative causal clauses in genre article of opinion (catholic religious). The results indicate the predominance almost absolute occurrences of arguments in biblical order (to the detriment of the Magisterial and Patristic), the irregularity of the constraints of causal clauses, irrespective of length of liturgical year and its appropriateness to the context in which production is inserted - digital media online.

INTRODUÇÃO

1. Considerações gerais

Das classificações tradicionais dadas às construções complexas, definidas nos manuais gramaticais como períodos compostos, talvez as menos precisas sejam aquelas que se referem às coordenativas sindéticas explicativas e às subordinadas adverbiais causais.

Com vistas a oferecer uma descrição mais exaustiva e abrangente do assunto, diversos autores funcionalistas (HALLIDAY, 1985; SWEETSER, 1990; DIK, 1989, 1997) tem estudado o processo de articulação de orações, considerando, em conjunto, os aspectos sintáticos, semânticos e pragmáticos envolvidos na produção dos enunciados.

Um dos pontos, talvez, mais importantes desses estudos seja o reconhecimento da existência de diferentes tipos de interdependência entre orações, que põe em xeque o paradigma coordenação *vs* subordinação. O critério de diferenciação, antes centrado na noção de dependência ou submissão *vs* independência, passa a ser analisado a partir de diferentes graus de interdependência e integração.

A teoria funcionalista de Dik (1989; 1997), particularmente, baseada no modelo *bottom-up* (ascendente) de níveis e camadas de organização formal e semântica da oração destaca-se por permitir verificar como o estatuto das orações tradicionalmente díspares – coordenadas explicativas e subordinadas adverbiais causais – constitui, na verdade, um único conjunto – orações causais – cuja distinção se dá por meio da camada na qual se situam e podem, portanto, funcionar tanto ao nível da predicação (estados-de-coisas, concebidos como algo que pode ocorrer em algum mundo (real ou mental)), ao da proposição (um fato possível), quanto ao da frase ou ato de fala (especificação do cenário comunicativo quanto a tempo, razão ou condição).

Esse modelo, no entanto, limita a oração como unidade máxima de análise e, conseqüentemente, exclui vários fenômenos linguísticos. Ao mesmo tempo, aponta para a necessidade de um modelo com bases discursivas, tendo em vista que os falantes não se comunicam mediante orações isoladas, mas por meio de um encadeamento de orações que, combinadas, formam um todo maior, o discurso.

Em função das limitações apontadas, Hengeveld e Mackenzie (2008) formularam um novo modelo da Gramática funcional, voltado para o discurso – a Gramática Discursivo-

Funcional – doravante GDF, cuja estrutura apresenta mecanismos capazes de descrever tanto unidades menores (interjeições e vocativos) quanto maiores que a oração (todo um período ou uma sequência discursiva).

Ao contrário da Gramática Funcional, esse modelo teórico apresenta base *top down* (descendente), ou seja, parte da interação entre o componente *conceitual* (que contém as representações conceituais, bem como as formulações, precedentes à expressão linguística propriamente dita, e pode ser caracterizado como uma descrição do âmbito do discurso), o componente *contextual* (que traz em si uma descrição do domínio do discurso, o que implica tanto um dado discurso precedente, quanto a situação externa em que esse discurso ocorre) entre o componente da *expressão* (responsável pela expressão acústica ou gráfica da expressão linguística) e o *gramatical* (CG) (constituído por quatro níveis distintos (Interpessoal, Representacional, Morfossintático e Fonológico).

A organização do Componente Gramatical (CG), por sua vez, prevê implicaturas dos níveis superiores em relação aos que lhes são sucedâneos, ou seja, parte da intenção comunicativa para a articulação das expressões linguísticas.

2. Objetivos do estudo

O objetivo do presente trabalho é o de investigar, sob a perspectiva da GDF (teoria funcionalista extremamente recente na linguística brasileira), como as OCs se prestam à função argumentativa inerente ao gênero artigo de opinião (religioso católico). Ao mesmo tempo, procura-se, de modo específico:

- a) conjugar, na análise dos dados, aspectos de ordem discursivo-pragmática, semântica e morfossintática, respectivamente;
- b) verificar os diferentes temas e assuntos de cada um dos tempos do AL como fatores determinantes dos condicionamentos dessas orações e, por conseguinte, das estratégias argumentativas que representam;
- c) verificar maior ou menor grau de integração sintática entre as OCs e seus escopos de incidência como determinantes de maior ou menor grau de integração semântica;
- d) investigar, no *corpus*, as correspondências entre o valor de verdade da fonte/autoridade citada e o valor da argumentação codificado pelas OCs;

- e) analisar influências do suporte, ou veículo de divulgação no qual circulam o *corpus* e, por extensão, as OCs como fatores que co-determinam esses mesmos condicionamentos

3. Hipóteses de trabalho

- a) a primeira hipótese, advinda das necessidades suscitadas pelos estudos preliminares, é a de que a conjugação de aspectos de ordem discursivo-pragmática, semântica e morfossintáticos podem oferecer uma descrição exaustiva para um fenômeno linguístico pouco estudado;
- b) a segunda refere-se aos diferentes temas e assuntos abordados em cada um dos tempos do AL como co-determinantes dos condicionamentos das OCs em função argumentativa;
- c) a terceira diz respeito à relação entre integração sintática e semântica. Assim, quanto maior ou menor o grau de integração semântica, maior ou menor será o grau de integração sintática;
- d) a quarta refere-se à existência de uma relação direta entre valor de verdade da fonte/autoridade citada e o valor da argumentação codificados pelas OCs;
- e) a quinta e última postula a influência do suporte ou veículo de divulgação no condicionamento dessas orações.

4. Metodologia

Para o estudo das orações adverbiais, e, conseqüentemente, das causais, a GDF viabiliza a aplicação de um conjunto de parâmetros – adotados para o presente trabalho – que permite a caracterização dos aspectos discursivo-pragmáticos, semânticos e formais, segundo três níveis do componente gramatical, a saber: o Interpessoal, o Representacional e o Morfossintático, respectivamente.

No nível Interpessoal, distinguem-se funções pragmáticas (associadas aos padrões disponíveis nas informações do ouvinte no momento da interação comunicativa e que, portanto, podem ser analisados em termos da presença ou não de elementos focalizadores), e retóricas (funções que dizem respeito às estratégias comunicativas do falante). Particularmente, com relação às orações, as funções retóricas estão associadas à função

argumentativa delas inerente e, por conseguinte, são analisadas com base no tipo de argumento por elas codificado.

No nível Representacional, descrevem-se aspectos semânticos, a partir de parâmetros como tipo de categoria, referência temporal e pressuposição. Finalmente, no nível Morfossintático, avaliam-se tanto a ordenação quanto as correlações modo-tempo verbais e sintáticas que a oração causal contrai com seu escopo de incidência (uma unidade menor, igual ou maior que a oração). A par da proposta de análise em molde *top down*, toma-se, como ponto de partida, os resultados advindos do parâmetro do nível Interpessoal, denominado parâmetro determinante, a partir do qual se verificam os resultados dos níveis Representacional e Morfossintático, respectivamente, cujos parâmetros são, por seu turno, determinados.

A interação desses parâmetros resultantes da descrição e da correlação e advindos de cada um dos três níveis de análise possibilita o exame das OCs introduzidas pelas diversas conjunções ou perífrases conjuncionais correspondentes e, ao mesmo tempo, mostra como as opções feitas pelo escritor em um nível superior (Interpessoal) co-determinam e condicionam as OCs nos níveis subsequentes. Concomitantemente, examinam-se como as implicaturas desses condicionamentos interagem na realização da função argumentativa de OCs no gênero textual selecionado como *corpus* de análise.

5. Organização da dissertação

Quanto à organização estrutural, o trabalho divide-se em três capítulos: no Capítulo I, são apresentadas as bases teóricas que, de alguma forma, contribuíram para a realização deste trabalho. A subdivisão do capítulo está organizada de forma hierárquica e bifronte: hierárquica pois parte das bases tradicionais em direção à proposta de Hengeveld e Mackenzie, na qual o trabalho está fundamentado; bifronte, porque associa o modelo da GDF aos traços característicos do discurso religioso católico, aos gêneros textuais dele imanentes, sobretudo, ao artigo de opinião e, por extensão, aos padrões gerais da argumentação e destes no discurso católico. No Capítulo II, são descritos os procedimentos metodológicos adotados para a realização do trabalho: desde a seleção e coleta do *corpus*, sua descrição e a caracterização do contexto no qual está inserido até as considerações gerais sobre os parâmetros de análise e o programa estatístico utilizado para a quantificação e cruzamento dos dados.

No Capítulo III, apresenta-se a análise das ocorrências selecionadas e os resultados a ela referentes que, por sua vez, são discutidos em termos de suas implicaturas em relação aos objetivos propostos.

Na Conclusão, apresenta-se o estudo retrospectivo do trabalho, reiterando a realização de cada uma das partes que o compõe e que, em conjunto, culminam na concretização dos objetivos previamente apresentados. Apontam-se os fatores responsáveis pelos resultados obtidos e, ao mesmo tempo, as contribuições do trabalho para a ciência linguística e, mais especificamente, para a descrição funcional do português.

CAPÍTULO I

1. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Este capítulo apresenta uma revisão dos processos de articulação de orações no paradigma tradicional, encerrados, em linhas gerais, pelas definições de coordenação e subordinação. Estas, por sua vez, são analisadas nos termos das orações explicativas e causais, respectivamente. A partir dessas considerações, o capítulo descreve algumas abordagens funcionalistas sobre o assunto: Halliday (1985), Dik (1989; 1997), Givón (1990), Sweetser (1990) e Hengeveld (1996; 1997; 1998; 2004; 2005).

Em razão do modelo teórico adotado, a Gramática Discursivo-Funcional (GDF), o capítulo destaca, sobretudo, a abordagem de Hengeveld e Mackenzie (2008), bem como as novas possibilidades que ela oferece ao estudo dos enunciados complexos e, de modo especial, das orações causais.

Ao final, essas possibilidades de análise serão associadas aos traços característicos do discurso religioso católico, à questão dogmática a ele subjacente, bem como aos gêneros textuais nele recorrentes, sobretudo ao artigo de opinião – que integra o *corpus* da presente pesquisa. Ademais, dada a natureza desse gênero, selecionado em função dos objetivos previamente apresentados (cf. introdução) – o capítulo destaca também algumas considerações sobre os padrões gerais da argumentação e destes no discurso católico. Estas consistirão em uma tentativa (em função da proposta da GDF) de se subsidiar e nortear os componentes conceitual e contextual inerentes ao objeto de pesquisa, o que permitirá entrever os procedimentos metodológicos adotados e apresentados no capítulo seguinte.

1.1 A abordagem tradicional dos processos de articulação de orações

No paradigma tradicional, o fenômeno da articulação de orações se encerra sob a perspectiva da **coordenação** e da **subordinação**¹. O critério para a diferenciação pode ser entendido a partir da noção de dependência ou submissão *vs* independência, o que evidencia que a tradição gramatical não tem estudado o assunto de maneira exaustiva e sistemática, limitando-se a uma exposição, muitas vezes, simplificada.

Analisando-se algumas gramáticas, pode-se observar que os autores utilizam critérios sem precisão de sua natureza, ou seja, ora aplicam-se os critérios sintático-semânticos, ora o semântico, ora apenas o sintático.

Cunha e Cintra (1985) e Almeida (1988), por exemplo, utilizam o primeiro critério, associando a independência sintática e semântica à natureza das orações coordenadas. Cunha e Cintra (1985, p. 578), em particular, acrescentam que essas orações “não funcionam como **“termos”** (grifo dos autores) de outra oração, nem a eles se referem: apenas, uma pode enriquecer com o seu sentido a totalidade da outra”.

Ribeiro (1919 *apud* HINTZE, 2003) adota o critério semântico e explica que “os membros de uma sentença composta estão em relação recíproca de coordenação quando relativamente, à sua força de expressão, são independentes entre si, formando proposições separadas quanto ao sentido”.

Rocha Lima (1972), Luft (1978) e Bechara (2004; 2009) pautam-se pelo critério sintático.

Rocha Lima (1972) explica que, por um lado, no processo de coordenação, existe uma independência estrutural (sintática) dos termos coordenados; por outro, existe dependência semântica, uma vez que o sentido completo do enunciado está estreitamente associado à totalidade de significações de seus termos constituintes.

Luft (1978, p. 47) mantém a dicotomia “coordenação *vs* subordinação”, como processos de estruturação sintática, mas prefere não associar a coordenação à independência e afirma que o fato de uma oração ser considerada coordenada “nada diz da natureza da oração, mas apenas a qualifica quanto ao conectivo, ao processo de ligação sintática”.

¹ Câmara Jr. (1977) apresenta dois outros processos de conexão de orações: a correlação e a justaposição. No entanto, para o presente trabalho, não adotaremos essa classificação, pois entendemos que tanto a correlação, quanto a justaposição são subclassificações que se referem à subordinação e a coordenação, respectivamente.

Bechara (2004, p. 463), por sua vez, define a coordenação como “um grupo oracional integrado por orações sintaticamente independentes que, por isso, poderiam aparecer em separado”. Em outras palavras, o autor associa a coordenação à independência, mas o faz somente em relação à sintaxe. A subordinação é vista, em linhas gerais, como o fenômeno em que uma oração tem um de seus termos representados sob a forma de outra oração.

Recentemente, o autor redefiniu os processos de subordinação e coordenação. À subordinação acrescenta que esta pode ser entendida como um fenômeno de estruturação de camadas gramaticais, por meio do qual uma determinada oração (deixando o estatuto de oração principal ou independente) pode passar a uma camada inferior e, assim, funcionar como constituinte de outra unidade, como acontece em: “A noite chegou” e “O caçador percebeu que **a noite chegou**” (BECHARA, 2009, p. 463).

De acordo com o autor, uma vez transpostas, essas unidades exercem função própria de substantivo, adjetivo ou advérbio, e teriam levado a tradição a entendê-las como uma unidade oracional, porque também apresentam um sintagma verbal, embora, para Bechara, esse fato não satisfaça as condições que caracterizam, de fato, uma oração. Além disso, destaca, com relação ao exemplo acima, que:

(...) a presença de um núcleo verbal (que a noite *chegou*) leva a tradição a ver aí também uma unidade de caráter oracional, ao lado da unidade oracional (porque também tem verbo) a que se prende, embora, isoladamente, nenhuma das duas satisfaça as demais condições que caracterizam uma oração², além da presença do verbo integrando uma relação predicativa (BECHARA, 2009, p. 463).

À coordenação, por sua vez, Bechara (2009, p. 463) assenta a consideração de que esse processo de ligação sintática diz respeito à relação de conexão entre um grupo de enunciados da mesma camada gramatical, conforme o seguinte exemplo: O caçador chegou à cidade e procurou um hotel.

² Bechara (2009) entende por “condições que caracterizam uma oração” tanto a delimitação entre duas pausas e o contorno melódico, quanto a existência de um ato completo de comunicação em cada situação de fala concreta.

1.1.1 A abordagem tradicional das OCs

Das classificações tradicionais dadas às construções complexas, definidas nos manuais gramaticais como períodos compostos, talvez as menos precisas sejam aquelas que se referem às “orações coordenadas sindéticas explicativas” e às “subordinadas adverbiais causais”.

Diante das dificuldades para se distinguir os dois tipos de orações, a abordagem tradicional adotou posturas que, muitas vezes, tiveram sua validade questionada. É o caso, por exemplo, das considerações de Cunha (1972) Cunha e Cintra (1985) e Almeida (1988) que definem as orações coordenadas explicativas conferindo à conjunção o papel preponderante para o rótulo explicação. Assim, uma oração será considerada coordenada explicativa se a conjunção for explicativa: **que**, **porque** e **pois**.

Em contrapartida, Spalding (1970) e também Cunha e Cintra (1985) e Almeida (1988) afirmam que as orações subordinadas causais são introduzidas pelas conjunções prototípicas: **porque** e **que**. Além disso, os autores as definem como equivalentes a um adjunto adverbial de causa. Note-se que a ineficiência se dá, sobretudo, em razão de o conectivo de *per se* não ser o fator determinante para distinguir as orações explicativas das causais, uma vez que alguns deles podem atuar tanto no primeiro grupo, quanto no segundo.

Luft (1978), por sua vez, observa certa proximidade entre as coordenadas explicativas e as subordinadas adverbiais causais, sobretudo quando se manifestam com o conectivo **porque**. Segundo o autor, é necessário analisar alguns traços que as distinguem: as causais são enunciadas sem pausa, podem antepor-se à respectiva principal, ao passo que as explicativas são precedidas de pausa e não podem antepor-se à oração principal, em função da impossibilidade de se explicar, justificar uma declaração, suposição ou ordem, sem antes enunciá-la.

Interessante é, pois, observar que o autor sugere, ou, ao menos intui que a distinção entre as orações coordenada explicativa e subordinada adverbial causal deve também passar pela interpretação dos diferentes sentidos nelas imanentes ou delas dedutíveis: “as causais exprimem a causa de uma realidade já comprovada, ao contrário das explicativas, que exprimem suposições, portanto, realidades ‘não-comprovadas’” (LUFT, 1978, p. 52).

Bechara (2004, p. 478), ao estudar, de modo particular, as coordenadas explicativas e as subordinadas adverbiais causais, afirma que as explicativas “representam unidades que manifestam valores de dependência interna, semelhante às orações subordinadas”, distinguindo-se destas por estarem esses valores de dependência ao nível do sentido do texto.

Ao rever essa conceituação, no entanto, o autor exclui do grupo das coordenadas as tradicionais explicativas, considerando-as como unidades de natureza adverbial que, manifestando diversos valores de sentido relacionado à causa, fazem referência anafórica ao que foi anteriormente expresso. Não obstante, com relação às subordinadas adverbiais causais, acrescenta que as relações de sentido por elas expressas podem tanto representar uma causa efetiva, quanto um motivo, ou uma razão do fato já expresso.

Embora não explicitamente, pode-se dizer que tanto Luft (1978) quanto Bechara (2004; 2009) reconhecem a insuficiência da abordagem tradicional e propõem um tratamento diferenciado das orações que a tradição consagrou sob os rótulos de **coordenada sindética explicativa** e **subordinada adverbial causal**. A perspectiva de Bechara (2004; 2009), em especial, abre caminho para abordagens mais amplas, cujas discussões, antes limitadas ao nível da sentença, passam a integrar questões ao nível do discurso.

1.1.2 As abordagens funcionalistas dos processos de articulação de orações

Em função das diferentes vertentes funcionalistas, destaca-se, para este trabalho, por conta da expressividade e contribuição aos estudos do processo de articulação de orações, os modelos funcionalistas de Halliday (1985), Dik (1989; 1997), Givón (1990), Sweetser (1990), Hengeveld (2004; 2005) e, mais recentemente, de Hengeveld e Mackenzie (2008).

Tais estudiosos são unânimes ao comungarem do mesmo postulado de que a língua (e a gramática) não pode ser descrita como um sistema autônomo, uma vez que também não pode ser entendida sem referência, conforme afirma Neves (1997, p.3), a parâmetros como “cognição e comunicação, processamento mental, interação social e cultura, mudança e variação, aquisição e evolução”. Tais aspectos implicam a análise da estrutura gramatical consoante à análise da situação comunicativa, ou seja, do propósito do evento de fala, de seus participantes e do contexto discursivo. Esses pesquisadores têm desenvolvido estudos sobre o processo de articulação de orações, considerando, em conjunto, os aspectos sintáticos, semânticos e discursivo-pragmáticos envolvidos na produção dos enunciados.

Um dos pontos, talvez, mais importantes desses estudos seja o reconhecimento da existência de diferentes tipos de dependência entre orações, o que põem em xeque o paradigma **coordenação vs subordinação**. E o critério de diferenciação, antes centrado na noção de dependência ou submissão vs independência, passa a ser analisado a partir de

diferentes graus de dependência e integração. A par desse pressuposto, Halliday (1985) defende a teoria de que as relações estabelecidas pela articulação de orações estão dispostas em um *continuum* que vai da parataxe (em que as orações são elementos livres, constituindo, pois, cada uma delas, um todo funcional), à subordinação plena (na qual predomina a noção de encaixamento, ou seja, na subordinação, uma oração constitui um dos argumentos essenciais determinados pela semântica do verbo da oração núcleo), passando pela hipotaxe (estágio intermediário em que uma oração modifica a outra, sendo que a modificante é dependente, a modificada, não).

QUADRO 1: *Continuum* de interdependência sintática (Lehman, 1988).

PARATAXE	>	HIPOTAXE	>	SUBORDINAÇÃO
- Dependência		+ Dependência		+ Dependência
- Encaixamento		- Encaixamento		+ Encaixamento

Neves (2001, p. 14) destaca, dentre as postulações de Halliday (1985), a noção de que, na organização dos blocos enunciativos complexos, conjugam-se dois eixos: o “sistema tático”, que diz respeito à interdependência entre os elementos e se resolve em parataxe (relação de elementos de igual estatuto) e hipotaxe (relação entre elementos de diferentes estatutos); e o “sistema lógico-semântico”, que se refere às relações entre os processos, via projeção (uma cláusula expande outra pela adição de um novo elemento) ou expansão (uma cláusula especifica uma decisão ou a comenta) responsáveis pela realização de diversos papéis semântico-funcionais. Atendo-se, particularmente à questão da **expansão**, pode-se observar que esta ocorre por meio de **elaboração** (quando uma oração elabora o significado da outra), **extensão** (nesse caso, uma oração amplia o significado da outra) ou, ainda, via **realce** (uma oração realça o significado da outra, qualificando-a quanto a tempo, lugar, modo, condição ou causa). Decat (2001, p. 111) explica que, para Halliday (1985), a combinação “realce + hipotaxe dá origem ao que tradicionalmente se chama de oração adverbial”.

QUADRO 2: Organização dos blocos enunciativos complexos segundo Halliday (1985, *apud* Neves 2000)

		Sistema tático		→	Interdependência
Sistema lógico-semântico	Expansão	Parataxe (continuação)			Hipotaxe (dominação)
		Elaboração =	Coordenadas assindéticas		Adjetivas explicativas
		Extensão +	Coordenadas sindéticas		Hipotáticas de adição
	Realce x	Falsas coordenadas (conclusivas, explicativas)		adverbiais (causais, consecutivas)	
	Projeção	-----			

A par dessas considerações, estão as de Givón (1990), segundo as quais, ao contrário da tradicional fronteira rígida entre coordenação e subordinação, deve-se postular a existência de um *continuum*, entendido como uma hierarquia inerente à integração das orações. Um dos aspectos mais significativos dessas considerações é o de que nenhuma oração apresenta-se totalmente independente de seu contexto oracional imediato, ou seja, independente dos aspectos pragmáticos.

Uma vez apresentada a revisão geral de algumas das abordagens funcionalistas sobre o processo de articulação de orações, dar-se-á início ao estudo dos padrões gerais da Gramática Funcional (GF) de Dik (1989; 1997), bem como das contribuições oferecidas pelo modelo para o assunto em questão.

1.1.2.1 Esboço geral do modelo da Gramática Funcional (GF)

O modelo de interação verbal proposto pela Gramática funcional (GF) de Dik (1989; 1997)³ compreende a expressão linguística como mediadora da relação que se estabelece entre falante/escritor e ouvinte/leitor. Isso significa que a relação interativa pressupõe fatores outros que o simples processo de codificação e decodificação. Por um lado, explica Neves (2002), o falante deve tencionar não apenas transmitir um conteúdo qualquer, mas principalmente, modificar a informação pragmática do ouvinte/leitor; por outro, esse mesmo ouvinte/leitor

³ Neste trabalho, a proposta de Dik (1989; 1997) ocupa um lugar de destaque, dentre as demais abordagens funcionalistas, por representar as bases sob as quais Henvegeld e Mackenzie (2008) desenvolveram a nova versão da gramática funcional, a Gramática discursivo-funcional.

deve estar disposto a receber um conteúdo, bem como ser levado à adesão que represente também o desejo de modificação de sua informação pragmática, conforme intenção do falante/escritor.

A análise da articulação de orações, dentro da GF, deve ser subsidiada, primeiramente, (i) pelas regras inerentes à interação verbal, ou seja, as de ordem pragmática, e (ii) pelas regras que regulam e determinam a constituição das estruturas lingüísticas, como as regras semânticas, sintáticas, morfológicas e fonológicas.

De acordo com o autor, cada oração deve ser descrita em termos de sua estrutura subjacente. Essa estrutura, por sua vez, é constituída por vários níveis ou camadas de organização formal e semântica, e descrita numa ordem *bottom-up* (ascendente).

Neves (1999) acrescenta que, assim entendida, a estrutura da cláusula⁴ requer, primeiramente, um predicado. O primeiro nível é, então, o do predicado, que, designando propriedades ou relações, se aplica a um determinado número de termos, referentes a entidades e que funcionam como seus argumentos, formando o segundo nível: a predicação. Esta, por sua vez, refere-se a estados-de-coisas, concebidos como algo que pode ocorrer em algum mundo (real ou mental). Pode receber operadores (π), meios gramaticais, e/ou satélites (σ)⁵, meios lexicais, que definem a localização espacial, temporal e cognitiva de um estado-de-coisas.

A predicação pode, ainda, ser construída dentro de uma estrutura de terceiro nível, a proposição, que designa um conteúdo proposicional, ou seja, um fato possível, por meio de operadores e satélites que refletem a avaliação do falante em relação ao conteúdo expresso.

Finalmente, a proposição, revestida de força ilocucionária, constitui a frase, que corresponde a um ato de fala (quarto nível). Os operadores e satélites desse nível especificam o cenário comunicativo quanto a tempo, razão ou condição do ato de fala.

Hintze (2003) explica que, em cada um dos níveis que constituem essa estrutura hierarquicamente organizada, distinguem-se operadores (meios gramaticais) e satélites (meios gramaticais) de diferentes tipos.

⁴ O termo **cláusula** é tomado para designar tanto a oração que a gramática tradicional convencionou denominar período simples (constituído pelo verbo e/ou verbo e seus argumentos) com base em um critério sintático, quanto relações de natureza mais complexa que, extrapolando o nível estrutural, se desdobram em traços semânticos, pragmáticos e discursivos.

⁵ No modelo da Gramática Funcional, as orações adverbiais são entendidas como satélites, podendo atuar no nível do predicado, da proposição, ou da ilocução. Assim, uma oração causal, por exemplo, pode exercer a função de (i) satélite predicacional de causa, (ii) satélite proposicional de causa, ou (iii) satélite ilocucionário de causa.

No nível 1 (predicado), os operadores e satélites são caracterizados como propriedades internas ao estado-de-coisas que, por sua vez, é designado pela predicação nuclear. As propriedades relevantes dizem respeito à organização temporal, interna, refletida na escolha dos tempos e na negação. Os satélites são de modo, tempo e instrumento, o que permite concluir que os operadores satélites de causa situam-se em um nível mais alto, a partir do nível 2 (predicação). Os operadores e satélites de nível 2 definem a localização espacial, temporal e cognitiva de um estado-de-coisas (podendo evidenciar a causa de um acontecimento) num mundo real ou imaginário. A maior parte dessas distinções pode ser expressa por satélites de tempo, lugar, causa⁶ ou probabilidade.

Os operadores e satélites de nível 3 (proposição) refletem a avaliação do falante e sua atitude em relação ao conteúdo da proposição expressa.

Os operadores e satélites de nível 4, chamados também de ilocucionários, modificam a forma da ilocução, especificando a maneira ou condição do ato de fala ou o cenário comunicativo como tempo, razão (encontram-se, nesse grupo, as orações tradicionalmente denominadas coordenadas explicativas).

QUADRO 3. Níveis hierárquicos de organização formal e semântica da GF

Níveis de organização	Tipo de Entidade / Variáveis correspondente	Operadores / Variáveis correspondentes	Satélites / Variáveis correspondentes
Oração	atos de fala / E_i, E_j	operadores (π_4)	satélites de ilocução (σ_4)
Proposição	fatos possíveis / X_i, X_j	operadores (π_3)	satélites de proposição (σ_3)
Predicação	estado-de-coisas / e_i, e_j	operadores (π_2)	satélites de predicação (σ_2)
Predicado	propriedade / f_i, f_j	operadores (π_1)	satélites de predicado (σ_1)

A proposta funcionalista de Dik (1989), por sua vez, destaca-se por permitir verificar como o estatuto das orações do tipo tradicionalmente chamado adverbial se diferencia do padrão de integração que ocorre às orações chamadas substantivas. Estas se relacionam ao predicado (constituem argumentos do verbo); aquelas (figuram como satélite ou

⁶ Para a presente pesquisa, adotar-se-á o termo **causa**, a par das considerações de Neves (2000) e Bechara (2009), como expressão genérica para designar um conjunto de relações que abrangem tanto a causa efetiva entre dois eventos do mundo real (ou mental) com subsequência temporal quanto a noção de razão, motivo, justificativa e explicação”.

modificadores) podem funcionar em nível da predicação, proposição, ou da frase (atos de fala).

Nesse modelo *bottom-up* (ascendente), os níveis ou camadas de organização formal e semântica tem a oração como unidade máxima de análise, o que, conseqüentemente, exclui vários fenômenos lingüísticos.

O próprio Dik (1997), no último capítulo de sua Gramática Funcional, doravante GF, apontou para a necessidade de um modelo com bases discursivas, atentando para o fato de que os falantes não se comunicam com orações isoladas, mas por um encadeamento de orações que, combinadas, formam um todo maior, o discurso. Ou ainda, conforme destaca Souza (2008, p. 4), “no processo de construção de um discurso, o falante toma muitas decisões que não afetam apenas a oração seguinte isolada, mas uma série de orações”. Essas decisões, por sua vez, podem tomar como escopo o discurso inteiro ou parte dele.

1.1.2.2 Esboço geral do modelo da Gramática discursivo-funcional (GDF)

Consoante ao pensamento de Dik (1997), autores como Hengeveld (2004; 2005) e Hengeveld e Mackenzie (2008) desenvolveram um novo modelo da gramática funcional voltado para o discurso⁷ – a Gramática discursivo-funcional – doravante GDF, cuja estrutura apresenta mecanismos capazes de descrever tanto unidades menores (interjeições e vocativos), iguais, quanto maiores que a oração (todo um período ou uma seqüência discursiva).

A GDF, ao contrário da GF, está organizada num modelo *Top down* (descendente) motivado pelo acréscimo do aspecto psicológico⁸. Assim, o referido modelo “parte da intenção comunicativa (do componente conceitual)⁹ para a articulação das expressões lingüísticas, entendendo que operações realizadas em um nível mais alto têm influência sobre níveis mais baixos” (OLIVEIRA, 2008, p. 37).

⁷ De acordo com Souza (2008, p. 2), a GDF busca analisar a relevância do discurso nas configurações gramaticais das línguas naturais, o que a distingue dos modelos teóricos que extrapolam os limites do texto (discurso), levando em consideração questões de cunho ideológico e cultural.

⁸ Dik (1997), ao justificar a necessidade de um modelo de gramática voltada para o discurso, afirma que uma gramática deve procurar descrever a língua não apenas de forma pragmaticamente adequada, mas ainda, psicologicamente, o que, para ele, implica compatibilidade entre a descrição lingüística e o que se sabe sobre os processos mentais envolvidos na articulação e interpretação dos enunciados.

⁹ Souza (2008), no entanto, ao tratar do assunto, afirma que a intenção comunicativa do falante está associada ao componente conceitual descrito na estrutura da GDF.

A representação subjacente de um enunciado, por sua vez, é descrita a partir de quatro níveis distintos de organização, a saber: o nível interpessoal (discursivo-pragmático), o representacional (semântico), o estrutural (morfossintático), e o fonológico (de expressão), respectivamente, com diferentes camadas dentro de cada um desses níveis. Assim como na GF cada uma das camadas é descrita por meio de variáveis e composta por núcleo, modificadores (antigos satélites) e operadores (lexicais ou gramaticais).

O primeiro nível, o Interpessoal, expressa as relações e intenções estabelecidas em uma situação comunicativa entre falante (*speaker*) e ouvinte (*addressee*)¹⁰. A maior unidade de análise desse nível é o *move* (movimento), doravante (M). Segundo (KROON 1995, *apud* OLIVEIRA, 2008), “o movimento pode ser definido como uma contribuição autônoma à interação”, ou seja, o M deve ser entendido, em linhas gerais, como um segmento de discurso considerado relevante. Cada M, por sua vez, pode ser constituído por um ou mais atos do discurso (A), unidade básica de análise no modelo da GDF. Cada ato se organiza em um esquema ilocucionário (ILL) formado tanto pelo falante (Ps), quanto pelo ouvinte (PA), denominados participantes (P), bem como pelo conteúdo comunicado (C), atribuídos ao falante. Este deve conter, no mínimo, um subato¹¹ que são distinguidos por Hengeveld e Mackenzie (2008) em atributivo (ST) ou referencial (SR). Enquanto o primeiro se caracteriza pela evocação de uma propriedade pelo falante, o segundo diz respeito à evocação de uma entidade.

Ademais, é importante destacar que tanto o movimento (M) quanto o ato (A) podem ser especificados por meio de modificadores (lexemas) e operadores (elementos gramaticais). No primeiro, os modificadores e operadores, geralmente, expressam a atitude do falante mediante ao Ato em questão; no segundo, porém, funcionam como mecanismos de estruturação textual, o que é recorrente, por exemplo, com as expressões **resumindo e por outro lado**, conforme explicação de Oliveira (2008). O quadro seguinte traz cada uma das camadas do nível Interpessoal com sua variável correspondente.

¹⁰ Nas palavras de Hengeveld e Mackenzie (2008, p. 46): “This is level that deals with all the formal aspects of a linguistic unit that reflect its role in the interaction between the Speaker and the Addressee”.

¹¹ Souza (2009) explica que tanto o Conteúdo Comunicado quanto o(s) subato(s) estão na mesma camada, não havendo, portanto, hierarquia entre esses constituintes.

QUADRO 4: Camadas de estruturação hierárquica do nível Interpessoal

Nível Interpessoal	Camada	Variável
	Move Ato do Discurso Falante/ouvinte Conteúdo comunicado (Subato(s))	→ (M) → (A) → (Ps) / (PA) → (C)/ (T),(R)

Esse nível funciona como ponto de partida para o segundo, o Representacional, relacionado aos traços semânticos inerentes a uma expressão lingüística¹². Dentro desse nível¹³, a camada mais alta é a do Conteúdo proposicional (p) que pode ser entendido como um fato possível expresso por meio de combinaçõ(es) oraciona(is) cuja temática seja correferente e que represente um construto mental, crença ou desejo do falante. Hengeveld e Mackenzie (2008) explicam que o conteúdo proposicional pode ser composto por um ou mais episódios (ep). Cada episódio é composto por um único ou uma série de eventos organizados em uma dada sequência. Abaixo desse nível, está a camada do estado-de-coisas (e), que pode ser qualificada quanto à noção de tempo e espaço, por meio de modificadores (os satélites adverbiais na GF) e operadores (gramaticais), assim como ocorre no nível Interpessoal.

QUADRO 5: Camadas de estruturação hierárquica do nível Representacional.

Nível Representacional	Camada	Variável
	Conteúdo proposicional Episódio Estado-de-coisas	→ (p) → (ep) → (e)

¹² Segundo Hengeveld e Mackenzie (2008, p. 128) “the Representational Level deals with the semantic aspects of a linguistic unit”.

¹³ Em função dos objetivos deste trabalho, fez-se um recorte teórico do nível Representacional, considerando, apenas, unidades maiores que, de fato, possam constituir elementos analisáveis. Assim, as camadas do **indivíduo** e da **propriedade** não são descritas, embora façam parte desse nível.

O nível morfossintático recebe as informações transmitidas pelos níveis superiores e as codifica em uma ordem linear conforme as propriedades características de uma dada expressão lingüística. Esse nível contém, primeiramente, a ordenação dos elementos de uma palavra e a estrutura da oração, de acordo com as particularidades de cada língua. Também constituem o nível morfossintático a atribuição de funções como, sujeito, complemento verbal, ou de predicado que, em conjunto, correspondem à predicação nuclear no modelo da GF de Dik (1989; 1997), bem como as relações de concordância e regência, tanto verbal, quanto nominal. Assim, nesse nível, a camada mais alta é a da oração (CI), seguida dos sintagmas diversos (Xp), e estas das palavras (Xw). Estas podem ser descritas em unidades ainda menores, como morfemas e afixos, conforme mostra o quadro abaixo:

QUADRO 6: Camadas de estruturação hierárquica do nível Morfossintático.

Nível Morfossintático	Camada	Variável
	Oração Sintagma Palavra Morfemas Afixos	→ (CI) → (Xp) → (Xw) → (X _{S1}) → (A _{ff1})

Para Oliveira (2008, p. 46) “o nível morfossintático tem um caráter transitório”, pois ele é, ao mesmo tempo, o resultado da interação entre os níveis Interpessoal e Representacional, ou seja, e a entrada do nível fonológico¹⁴, o último dentro da estrutura hierárquica da GDF. Este, por sua vez, ao receber as informações dos níveis superiores, converte-as em representações fonológicas regidas por padrões prosódicos, morfemas presos e operadores secundários fonológicos cuja função é organizar as informações dos níveis superiores para que, assim, essas mesmas informações possam ser articuladas no componente de expressão¹⁵.

¹⁴ Nas palavras de Hengeveld e Mackenzie (2008, p. 282): “the task of the Morphosyntactic Level is to take the dual input from the Interpersonal Level and the Representational Level and to merge the two into a single structural representation which will in turn be converted into a phonological construct at the next level; that finally will be input to the articulator”.

¹⁵ O componente de expressão é o responsável pela exteriorização, *de per se*, dos processos realizados nos níveis do componente gramatical por meio da interação com os componentes conceitual e contextual.

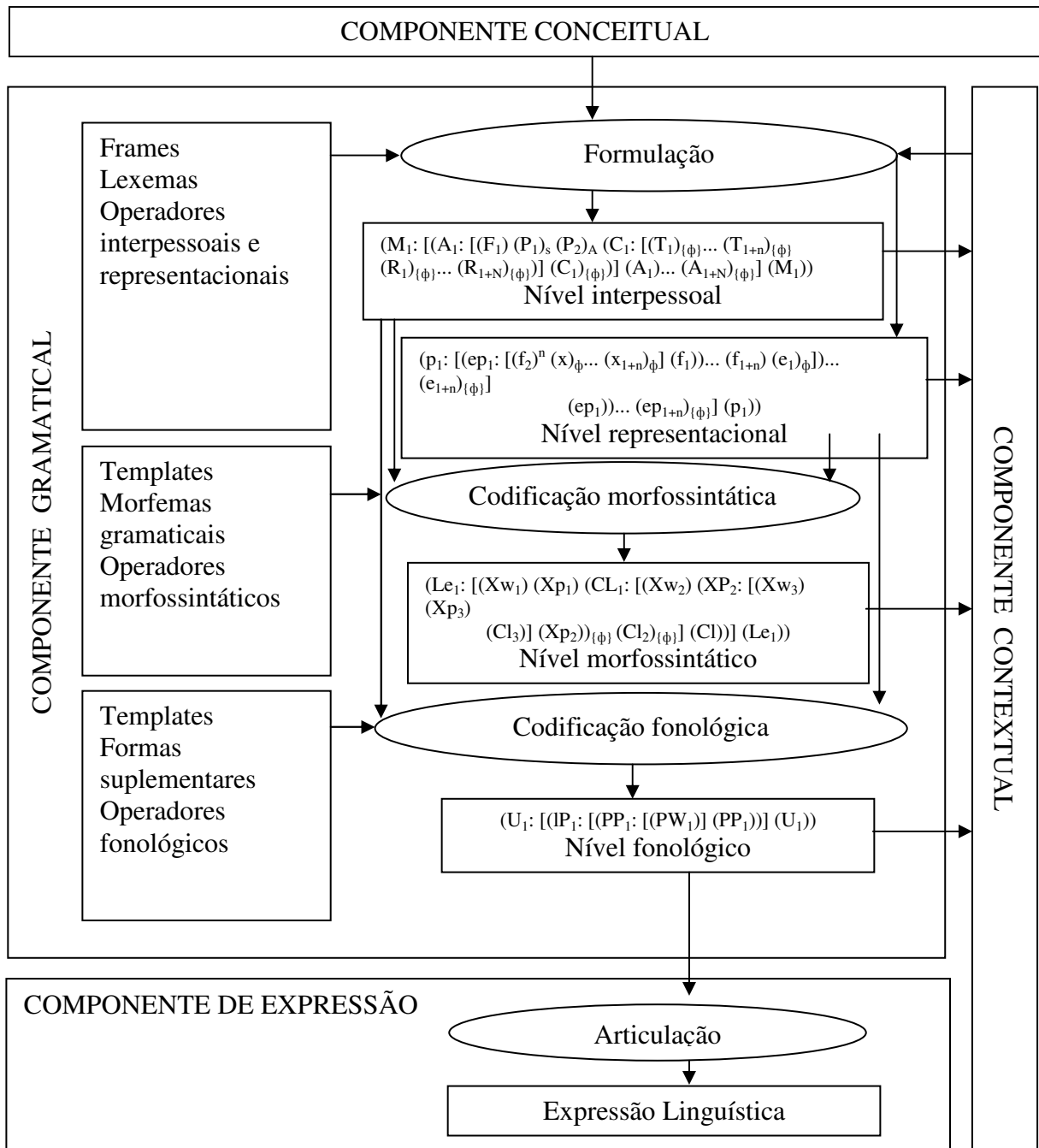
Destarte, mediante as considerações realizadas, pode-se observar que, no modelo da GDF, cada um desses níveis organiza-se de tal forma a codeterminar o que lhe é sucedâneo¹⁶. Esses níveis constituem, em conjunto, o componente gramatical que interage com os componentes conceitual, contextual e de expressão.

O componente conceitual (CConc.) contém as representações conceituais, as formulações, que são precedentes à expressão lingüística propriamente dita, e pode ser caracterizado como uma descrição do âmbito do discurso, ou seja, a situação em que esse discurso ocorre. A partir desse componente, o falante desenvolve uma dada intenção comunicativa que, *a posteriori*, é convertida em representações lingüísticas, o que aciona o componente de expressão, responsável pela expressão acústica ou gráfica da expressão lingüística. O componente contextual (CCont), por sua vez, é responsável pela alimentação do componente gramatical, pois traz em si uma descrição do domínio do discurso, o que implica tanto um dado discurso precedente, quanto a situação externa em que esse discurso ocorre.

O modelo geral de organização da teoria está representado por meio da figura da página seguinte:

¹⁶ Embora, no modelo da GDF, a expressão lingüística possa ser descrita nos quatro níveis apresentados, essa não é uma regra obrigatória. Há, por exemplo, a possibilidade de a expressão lingüística passar do nível Interpessoal diretamente para o Fonológico, como ocorre, por exemplo, com os vocativos e as interjeições.

FIGURA 1: Modelo geral de organização da GDF¹⁷



¹⁷ A figura apresenta a organização completa da GDF, com todas as variáveis que lhe são constituintes. Neste trabalho, no entanto, essas variáveis não serão apresentadas detalhadamente em função do objetivo de se trabalhar somente com as unidades maiores de cada nível.

1.1.3 As OCs nas diferentes abordagens funcionalistas

Dentre as várias vertentes do pensamento funcionalista, neste trabalho destacam-se as teorias representadas, principalmente, por Halliday (1985), Dik (1989; 1997) e Hengeveld e Mackenzie (2008). A teoria de Dik (1989; 1997), em particular, será analisada e reavaliada nos níveis da GFD, com o objetivo de se verificar as implicações que o novo modelo pode trazer ao estudo das OCs.

Muitas pesquisas de abordagem funcionalista tem analisado as orações que a tradição contrastou sob a definição de coordenadas explicativas e subordinadas adverbiais causais a par da noção de “hipotaxe de realce” (HALLIDAY, 1985 *apud* DECAT, 2001). Decat (2001) justifica essa posição explicando que, como essas orações não são claramente paratáticas, também não são casos de encaixamento (subordinação, no *continuum* proposto por Halliday (1985)).

Particularmente, no que diz respeito às causais, Halliday e Hassan (1976) observam que a junção causal pode expressar, basicamente, dois tipos de relações: a) Relação entre eventos: trata-se de uma relação entre fenômenos externos à situação de comunicação. É interpretada como uma relação entre os significados no sentido de representações de conteúdo (ou experiências) da realidade externa. Essa relação corresponderia ao domínio do conteúdo de Sweetser (1990) e ao nível da predicação de Dik (1989; 1997); b) Relação entre argumentos: a relação constituída é interna à situação comunicativa. A relação semântica se realiza entre as etapas de uma argumentação, e não entre os fenômenos de uma experiência. Realiza-se entre significados, no sentido das representações de impressões particulares do falante acerca da situação. Corresponderia aos domínios epistêmico e conversacional de Sweetser e aos níveis da proposição e da frase (atos de fala) de Dik (1989; 1997).

Ao estudar as OC(S), Neves (1999) aponta para a possibilidade de se estabelecer um paralelo entre o modelo funcionalista de Dik (1989; 1997), apresentado na seção anterior, e a proposta de Sweetser (1990) para quem as combinações oracionais do tipo adverbial não dependem da forma, como o postulam, por exemplo, Cunha (1972), Cunha e Cintra (1985) e Almeida (1988), mas de uma escolha pragmaticamente motivada entre considerar as construções como representações de unidades ao nível do conteúdo, epistêmico, ou

conversacional¹⁸. O domínio do conteúdo, explica Neves (1999, p. 463), “marca a causalidade de um evento no mundo real; o epistêmico marca a causa de uma crença ou conclusão; e o nível conversacional indica uma explicação causal do ato de fala que está sendo desempenhado”.

Postas em paralelo, as propostas de Dik (1989; 1997), Sweetser (1990), e Hengeveld e Mackenzie (2008) tem-se o seguinte resultado¹⁹:

- a predicação (estado de coisas), em correspondência com o nível de conteúdo de Sweetser, e esta com a camada da predicação ou estado-de-coisas (e) do nível Representacional;
- a proposição (fato possível), em correspondência com o nível epistêmico de Sweetser, e esta com a camada do Conteúdo proposicional (P) do nível Representacional.
- a frase (ato de fala), em correspondência com o nível conversacional, ou nível dos atos de fala de Sweetser, e esta com a camada do Ato do discurso (A) do nível Interpessoal.

Essa classificação triparte, já definida nas teorias de Dik (1989; 1997) e Sweetser (1990) é ampliada na GDF cuja unidade de análise parte do *Move* (M). Assim, a classificação das orações adverbiais e, especialmente, a das causais, pode ser feita com base em quatro, não mais três, domínios distintos que abrangem aspectos discursivo-pragmáticos, semânticos e sintáticos, hierarquicamente. A figura seguinte mostra os diferentes níveis semânticos em que podem atuar as orações causais (do maior para o menor grau de interdependência) a partir da correlação das teorias de Dik (1989; 1997), Sweetser (1990) e Hengeveld e Mackenzie (2008)²⁰. Esses diferentes graus, no entanto, são apontados na figura apenas como pontos

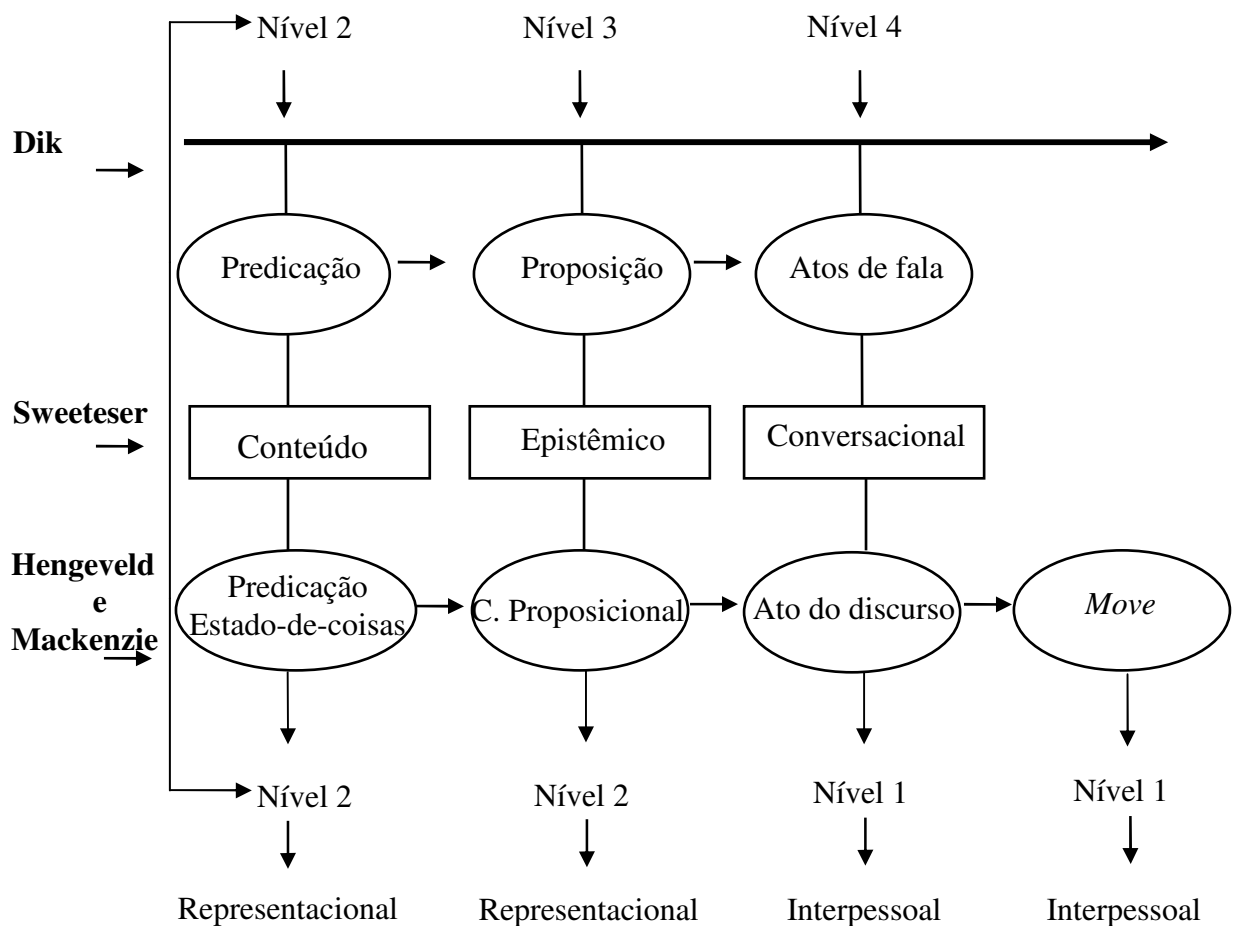
¹⁸ Os níveis de sentido propostos por Sweetser (1990) devem ser entendidos como pontos prototípicos, dispostos em um *continuum* de limites imprecisos que se interceptam num intrincado jogo de relações de sentido.

¹⁹ Esta possibilidade justifica-se pelo fato de ser recorrente entre os autores em questão (Dik e Sweetser) a menção a uma tipologia triparte, em se tratando do processo de articulação de orações.

²⁰ Em trabalhos anteriores, Hengeveld (1996; 1998) propõe a classificação semântica das adverbiais pois esta diz respeito à oração em si, e não à camada com a qual essa oração se relaciona, como sugerem Halliday (1985), ao se referir ao **tipo de relação** estabelecida pela oração causal, e Sweetser (1990), ao apresentar a distinção triparte dos domínios de sentido inerentes à **conexão causal**. Essa afirmação de Hengeveld (1996; 1998) justifica-se pelo fato de que a camada ou nível em que uma oração adverbial ocorre não é, necessariamente, o mesmo em que se realiza seu escopo de incidência. Embora seja possível contra-argumentar que, uma vez estabelecida a conexão,

prototípicos, mas devem ser entendidos como um *continuum* no qual esses mesmos graus se interceptam na construção dos sentidos.

FIGURA 2: Gradação entre os diferentes níveis de atuação da oração causal a partir da correlação com as teorias de Dik (1989; 1997), Sweetser (1990) e Hengeveld e Mackenzie (2008).²¹



Retomando a interpretação tradicional e, conseqüentemente, a noção de que a **oração subordinada adverbial causal** se resolve na conexão causa-conseqüência, ou pelo menos,

a oração causal passa a fazer parte integrante de um todo funcional, adotar-se-á a postura de Hengeveld (1996; 1998), pois que esta se mostra mais coerente, sobretudo quando associada ao *corpus* selecionado: de fato, uma oração causal que codifica um estado-de-coisas e, por conseguinte, constitui um **modificador predicacional**, assume papel de destaque ao se conectar, por exemplo, com outra porção do texto (seja ela maior, igual, ou menor que a oração) que, eventualmente, poderá codificar um Conteúdo proposicional, um Ato do discurso, ou, até mesmo, um *move*. Destarte, quanto mais alta a camada do escopo de incidência da oração causal tanto maior deverá ser a força argumentativa necessária para convalidá-la. E esta, por sua vez, pode fazê-lo atuando na camada da predicação (ou estado-de-coisa), na do conteúdo proposicional, do ato do discurso ou do *move*. Com relação ao *corpus* do presente trabalho, em particular, quanto mais inferior for o nível em que atuar a oração causal, mais alto será o valor da argumentação que ela representa.

²¹ Os níveis de organização de Hengeveld e Mackenzie (2008) foram numerados de acordo com o modelo *top down*. Assim, tanto o *Move* quanto o Ato do discurso estão no nível 1 por constituírem parte integrante do nível Interpessoal, o primeiro apresentado pela GDF; o conteúdo proposicional e a predicação (estados-de-coisas) correspondem ao nível 2, uma vez que compõem o nível Representacional.

causa-efeito entre dois eventos com subsequência temporal, a comparação das teorias funcionalistas acima apresentadas permite associá-la ao nível ou camada da predicação (estados-de-coisas) de Dik (1989; 1997) e Hengeveld e Mackenzie (2008) e também ao domínio do conteúdo de Sweetser (1990).

No entanto, observando-se ocorrências concretas da língua em uso, Neves (1999) conclui que essas orações raramente se operam entre predicações (ou conteúdos), situando-se, na maioria das vezes, numa camada superior, no mínimo, a da proposição ou do conteúdo proposicional. Assim, é necessário considerar que as relações estabelecidas pela oração causal também podem ser: a) relações marcadas por um conhecimento, julgamento ou crença do falante, atuando no nível epistêmico de Sweetser (1990) correspondente ao nível proposicional de Dik (1989; 1997) e à camada do conteúdo proposicional (P) no modelo da GDF (Hengeveld e Mackenzie (2008)); b) relações entre atos do discurso que marcam, nas palavras de Neves (2001, p. 805), “a expressão da causa que motivou esse ato lingüístico”, ou ainda, entre *Move* (M) e ato do discurso (A), conteúdo proposicional (p) ou estado-de-coisa, conforme exemplifica a ocorrência a seguir:

Preparar a festa do maior aniversariante da humanidade significa dobrar os joelhos e orar, abrir as mãos e o coração e partilhar. Assim, teremos um Natal diferente, que deixa marcas de felicidades para sempre e não somente enquanto duram as luzes, enfeites e comilanças. **Cuidado! Ficai atentos, porque não sabeis quando chegará o momento** (Mc 13,33) (BATTISTI, 2008).

Note-se que, nesse exemplo extraído do *corpus*, a OC – que constitui um estado-de-coisas – tem como escopo de incidência um *Move* (M), identificado junto à mudança de fluxo informacional (daí a ideia de **movimento**) que sinaliza.

Essa constatação, de certo modo, explica porque as construções desse último tipo são analisadas, pela tradição gramatical, no âmbito da coordenação: não se articulam simples orações, ou atos do discurso, mas porções maiores do texto. O mesmo ocorre com a denominação explicativa: na verdade, a relação causal que se estabelece entre *move* (M) e ato do discurso (A), conteúdo proposicionais (p) ou estados-de-coisas (e) não diz respeito à causa real, efetiva de um dado acontecimento, mas a uma causalidade que emana da visão dos fatos, mais compatível, portanto, com a idéia de explicação. Essas considerações apontam para a necessidade de se analisar porções maiores do discurso e, ao mesmo tempo, justificam a adoção da teoria proposta por Hengeveld e Manckenzie (2008).

Por isso, neste trabalho, a expressão da causa como motivação de um ato linguístico, antes limitada ao ato de fala ou ato do discurso²², será também estudada a par de sua ocorrência em uma camada superior, como a do movimento (M) no nível Interpessoal do componente gramatical da GDF (levando em consideração a interação deste com os componentes conceitual e contextual), uma vez que, de acordo com esse modelo, as orações adverbiais podem funcionar tanto no nível Representacional (como um conteúdo proposicional, ou predicacional (e) estado-de-coisas)), quanto no nível Interpessoal (como um ato do discurso (A), um episódio (ep), ou um movimento (M))²³.

Ademais, o termo satélite empregado na GF em referência às orações adverbiais, será substituído pelo termo **modificador**, conforme a terminologia adotada para a GDF. Conseqüentemente, essas orações, antes denominadas satélites de predicação, proposição ou ilocução, serão denominadas **modificadores discursivos** (referentes ao *move*), **ilocucionários**, **proposicionais** e **predicacionais**, em função do tipo de categoria que codificarem: *move*, ato do discurso, conteúdo proposicional ou estado-de-coisa, respectivamente.

1.1.3.1 As orações adverbiais sob a abordagem da GDF

O estudo das orações adverbiais e, por conseguinte, da OC, a par do modelo da GDF pode ser realizado por meio de um conjunto de parâmetros que permite a caracterização dos aspectos discursivo-pragmáticos, semânticos e formais, segundo os níveis Interpessoal, Representacional e Morfossintático do componente gramatical, respectivamente²⁴.

²² Neste trabalho, a camada do ato do discurso (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008) será analisada e interpretada como uma revisão do nível do ato de fala (DIK, 1989; 1997).

²³ No nível morfossintático estão as orações substantivas e adjetivas restritivas. Essa afirmação suscita a necessidade de se distinguir a dupla face inerente às possibilidades de análise advindas do modelo teórico adotado: por um lado, a proposta permite analisar a camada e, por extensão, o nível em que se encontra a OC e, **nesse sentido**, exclui-se o nível morfossintático; por outro, é possível analisar essa mesma oração a partir da parâmetros distintivos referentes aos níveis interpessoal, representacional e morfossintático. E será sob essa perspectiva que constituir-se-ão os parâmetros de análise do nível morfossintático.

²⁴ O último nível de análise, o Fonológico, não será levado em consideração, uma vez que foge aos objetivos apresentados.

1.1.3.1.1 As OCs segundo a GDF

No que diz respeito à OC²⁵, o modelo da GDF abrange, por um lado, o nível de organização formal e semântica em que a OC pode atuar e, a partir dele, conectar-se com a oração que se lhe apresenta como escopo de incidência (conforme a Gramática Funcional (GF)), como também a relação estabelecida entre a OC e unidades maiores ou menores que uma oração, mas que constituem enunciados completos e independentes no discurso, o que, conseqüentemente, ratifica a opção de se analisar a oração adverbial *in separado* conforme postula Hengeveld (1996; 1998) (cf. nota 18).

No nível Interpessoal, as orações causais podem ser analisadas tanto codificar quanto atuar sobre um ato do discurso (A), ou atuar sobre um *move* (M), acrescentando-lhes uma explicação condicionada pelos propósitos comunicativos do escritor/falante. Hengeveld e Mackenzie (2008) explicam que, nesse nível, distinguem-se funções retóricas, ou seja, funções que dizem respeito às estratégias comunicativas do falante, e pragmáticas, que estão associadas aos padrões disponíveis das informações do ouvinte no momento da interação comunicativa²⁶.

No nível Representacional, as OCs podem codificar ou atuar sobre conteúdos proposicionais ou predicacionais. É possível descrever aspectos semânticos inerentes às construções causais. Tais aspectos já foram, em linhas gerais, apresentados na seção **As abordagens funcionalistas das orações causais**, juntamente com as teorias de Dik (1989; 1997), Sweetser (1990), e mais recentemente, a de Hengeveld e Mackenzie (2008) em paralelo à gradação entre os diferentes níveis de atuação das orações causais. Dizem respeito, sobretudo ao **tipo de categoria** veiculada pela oração adverbial, ou seja, pode ser um *Move* (M), um ato do discurso (A), um conteúdo proposicional (p), ou ainda, um estado-de-coisas

²⁵ Enquanto na GF as orações adverbiais são entendidas como **satélites**, na GDF, são concebidas como **modificadores oracionais**. Hengeveld e Mackenzie (2008) justificam a necessidade de uma revisão da terminologia adotada por Dik (1989; 1997) por entenderem que essas orações são meios opcionais para se qualificar uma oração núcleo.

²⁶ The properties of interactions that follow from their strategic, purposive nature are studied in a range of disciplines that fall under the general headings of rhetoric and pragmatics. Rhetoric is fundamentally concerned with the ways in which components of a discourse are ordered towards the achievement of the speaker's purposes. For that reason, those formal aspects of linguistic units that reflect the overall structuring of discourse will be accounted for in FDG in terms of rhetorical functions. Pragmatics will here be understood as studying how speakers mould their messages in view of their expectations of the Addressee's current state of mind. (HENGEVELD e MACKENZIE, 2008, p. 46).

(e)²⁷. Além desses aspectos, no entanto, o modelo da GDF permite avaliar, como determinantes de traços semânticos, aspectos como, tipo de categoria, referência temporal, factualidade e pressuposição, designados por essas construções.

A **dependência temporal** diz respeito à dependência temporal da oração adverbial em relação ao escopo de incidência. Hengeveld (1996; 1998) distingue as orações que apresentam **Referência temporal dependente** (RTD) e as que apresentam **Referência temporal independente** (RTI).

A **factualidade** classifica as orações em factuais e não factuais, ou seja, em reais (codificam estado-de-coisas) e verdadeiras (proposição, ou fato possível); e não-reais (codificam estados-de-coisas) e não-verdadeiras (proposição, ou fato possível). Assim, devem ser consideradas factuais as orações que descrevem: a) propriedade e relação como aplicável; b) estados-de-coisas (e) como reais; c) conteúdos proposicionais (p) como verdadeiros; e e) atos do discurso ou *moves* (M) como assertivos. Caso contrário, não são factuais. Em se tratando das orações causais (OC), especificamente, esse traço ou parâmetro não apresenta relevância para fins de análise, uma vez que, independente do tipo de categoria que representa, ela é apresentada como detentora de valor de verdade e, portanto, como factual.

A noção de **pressuposição** é explicada por Hengeveld (1996; 1998) como uma visão pragmática que permite conceber o modo como o falante estrutura sua mensagem a partir do conhecimento prévio que espera do ouvinte. Oliveira (2008) explica ainda que uma oração pode ser classificada como pressuposta se o falante formula seu enunciado considerando que o ouvinte tem conhecimento de que o conteúdo da oração é real/não-real, ou verdadeiro/não-verdadeiro. Da mesma forma, a oração será classificada como não-pressuposta, se o falante produz seu enunciado considerando que o ouvinte não tem conhecimento de que o conteúdo da oração é real/não-real, ou verdadeiro/não-verdadeiro²⁸.

²⁷ As camadas que codificam o conteúdo comunicado (C) e seus subatos (T) e (R), no nível Interpessoal e, por outro lado, o episódio (ep), no nível Representacional, serão analisadas como constituintes integrantes das camadas que lhes são imediatamente superiores e, por isso, não-autônomos.

²⁸ Poder-se-ia contra-argumentar a respeito da noção de **pressuposição** adotada para o presente trabalho, tendo em vista que o falante pode supor que o ouvinte/leitor **tenha** conhecimento de que o conteúdo da oração é real/não-real, como também supor que esse mesmo ouvinte/leitor **não tenha** esse mesmo conhecimento, e que tanto no primeiro, quanto no segundo caso, tratar-se-iam de exemplos de pressuposição. No entanto, a posição que aqui se adota refere-se ao enfoque pragmático da pressuposição que entende a análise de um fenômeno linguístico em relação à interação entre os indivíduos. Assim, a **pressuposição** se distinguirá da **não-pressuposição**, uma vez que, ao supor que o ouvinte/leitor tenha conhecimento do conteúdo, o falante/escritor poderá direcionar sua argumentação de acordo com as informações pragmáticas de seu interlocutor. De outro modo, se o falante/escritor supõe que o ouvinte/leitor não conheça o conteúdo que lhe é comunicado, terá de organizar seus argumentos de forma diferente, pois que se tratará de uma informação supostamente nova, o que, consequentemente, implicará alterações significativas no condicionamento da oração adverbial.

Assim entendida, a noção de pressuposição pode ser associada às considerações de Pezatti (2003) sobre o **estatuto informacional**. A autora remete à teoria de Chafe (1980) que analisa o assunto segundo três estados possíveis de **ativação** de um determinado conceito: ativo, semi-ativo ou inativo. Segundo ele, uma informação se diz **ativa** quando está no foco de consciência do falante/escritor e este a julga, igualmente, em destaque na consciência do ouvinte/leitor. **Semi-ativa** é a informação que, embora constitua parte integrante do conhecimento do falante/escritor, não está no foco de sua consciência. Uma informação **inativa** é aquela que não estando focalizada diretamente, também não foi mencionada anteriormente no discurso, nem tampouco pode ser evocada.

A fins de análise, no entanto, o julgamento desses três estados de ativação – ativo, semi-ativo, ou inativo – pode esbarrar na dificuldade de se considerar um conceito como **foco de consciência** ou não, dada a impossibilidade de acesso aos esquemas cognitivos do falante/ouvinte. A autora destaca também a proposta de Prince (1981) para quem as entidades do modelo discursivo podem ser classificadas em três categorias distintas:

- Nova: ocorre quando o falante/escritor registra, pela primeira vez, uma entidade no discurso;
- Evocada: é a entidade que já ocorreu no discurso, pode ser textual, ou situacionalmente evocada;
- Inferível: quando o falante assume que o ouvinte pode identificar o referente pretendido, via razões lógicas ou plausíveis de outra entidade discursiva evocada ou inferível.

Para o presente estudo, adotar-se-ão a metodologia e as categorias de Prince (1981) a partir de uma terminologia mais genérica, na qual essas categorias serão descritas em termos de informação **nova**, **acessível**²⁹ ou **dada**³⁰, com vistas à verificação do papel do estatuto informacional enquanto estratégia de organização discursiva e sua implicatura com relação à

²⁹ Embora haja distinções entre informação **acessível** e **inferível**, é preciso destacar que a análise dessas distinções – pelo menos na modalidade escrita, como é o caso deste trabalho – torna-se bastante complexa, haja vista a dificuldade de se classificar o que passa ou não pelo **filtro** do autor/escritor. Neste caso, o próprio contexto motiva, *de per se*, a noção de informação **acessível**, conforme metodologia adotada. Assim, a expressão **acessível** foi empregada para designar tanto uma informação **inferível**, conforme Prince (1981), quanto aquelas informações constituintes da esfera discursiva na qual o texto está inserido.

³⁰ O termo genérico foi escolhido por ser, desde há muito, um consagrado na linguística brasileira.

pressuposição ou não-pressuposição. Assim, aliando-se a teoria de Prince (1981 *apud* Pezatti 2004) às considerações de Hengeveld (1993; 1996; 1998), é possível estabelecer as seguintes correlações:

QUADRO 7: Correlação entre as teorias de Prince (1981) e de Hengeveld (1996).

- a) Informação nova → não-pressuposição
 b) Informação dada/ acessível → pressuposição

No nível Morfossintático, é possível avaliar tanto a ordenação, quanto a correlação modo-temporal das OCs³¹.

Com relação à ordenação, Chafe (1980) e Prince (1981) associam-na ao estatuto informacional da oração, afirmando que a ordenação da OC, por exemplo, em relação à ON pode ocorrer tanto à margem esquerda (anteposição), quanto à margem direita (posposição) e pode codificar informação **dada** (uma entidade que já ocorreu no discurso, e que, por isso, pode ser textual, ou situacionalmente evocada), **acessível** (quando o falante/escritor assume que o ouvinte/leitor é capaz de identificar o referente pretendido, via razões lógicas ou plausíveis de outra entidade discursiva evocada, inferível) ou **nova** (quando o falante/escritor registra, pela primeira vez, uma entidade no discurso e esta, por sua vez, não pode ser evocada ou inferível)³².

Esse parâmetro de análise está estreitamente associado à noção de pressuposição ou não-pressuposição³³, uma vez que, se a posposição implica a codificação de uma informação nova, e a anteposição, de uma informação dada/acessível, pode-se também afirmar que a pressuposição implica anteposição e, por conseguinte, informação dada e/ou acessível; por

³¹ Dada a inter-relação entre os níveis do componente gramatical, conforme demonstra a figura 1, é possível identificar, no nível Morfossintático, traços do nível Interpessoal, que se traduzem em aspectos de cunho discursivo-pragmático, como ordenação e estatuto informacional.

³² Prince (1981) emprega os termos **Evocada**, **Inferível** e **Nova** para a distinção do estatuto informacional de uma informação. Para o presente trabalho, no entanto, adotaremos essas mesmas categorias sob uma terminologia mais difundida e acessível.

³³ Para o presente trabalho, essa afirmação será analisada em consonância às palavras de Koch (2004, p. 47) a respeito da existência de uma **retórica da pressuposição** (grifo da autora). Segundo ela, a pressuposição é um “recurso argumentativo (...) que consiste em apresentar **como se fosse pressuposto** justamente aquilo que se está querendo veicular como informação nova”, o que constitui uma manobra argumentativa.

outro lado, a não-suposição implica posposiço e informaço nova³⁴, conforme mostra o quadro abaixo:

QUADRO 8: Correlao entre os apontamentos de Neves (1999), e as teorias de Prince (1981) e Hengeveld (1996).

<p>a) Posposio → Informao nova → no-suposio b) Anteposio → Informao dada / acessvel → suposio</p>
--

A correlao modo-temporal, por sua vez, permite identificar cada uma das formas verbais que podem ocorrer nas OC(S). Esse fato, conseqentemente, pode estar associado tambm  estrutura semntica, sobretudo no que diz respeito aos diferentes nveis de organizao em que essas oraoes podem atuar.

Os parmetros de anlise dispostos em cada um dos trs nveis de anlise (Interpessoal, Representacional e Morfosinttico) permitem conjugar aspectos relevantes para o estudo das oraoes causais, uma vez que levam em considerao os traos sintticos, semnticos e discursivo-pragmticos concomitantemente. Isso significa que, de acordo com o modelo da GDF, tais parmetros devem ser considerados em conjunto, ou ainda, a partir do modo como eles interagem entre si e, por extenso, com os componentes conceitual e contextual.

1.1.3.1.2 Contribuioes da viso funcionalista para o estudo das OCs

Contrastando-se as abordagens tradicionais e os diferentes aspectos abordados pela viso funcionalista sobre o processo de articulao de oraoes, pode-se chegar, em linhas gerais,  seguintes distinoes:

- A tradio gramatical estabelece a diferenciao entre coordenao e subordinao a partir da noo de dependncia vs independncia. As abordagens funcionalistas

³⁴ A correlao estabelecida entre os apontamentos de Neves (1999) e as teorias de Prince (1981) e Hengeveld (1996), no que diz respeito ao estatuto informacional, ordenao e suposio ou no-suposio convalida-se e mostra-se pertinente em um *corpus* que contemple ocorrncias da modalidade escrita da lngua, cujo fluxo de informao pode ser determinado em funo dos elementos de pontuao, ao contrrio da modalidade falada na qual predominam aspectos de ordem prosdica como pausas e unidades entonacionais, conforme explica Chafe (1987).

(Halliday, 1985; Matthiessen e Thompson, 1988; Dik ,1989 1997; Givón, 1990; Sweetser, 1990), no entanto, embora apresentem diferentes modelos de descrição, postulam uma distinção hierárquica de dependência que apresenta diferentes níveis de integração oracional;

- As abordagens funcionalistas postulam, em conjunto, a necessidade de se analisar os processos de articulação de orações unindo-se os critérios sintáticos, semânticos e pragmático-discursivos que, por sua vez, permitem evidenciar os objetivos do falante e a sua relação com o ouvinte.
- Hengeveld (1996; 1998; 2004; 2005) e Hengeveld e Mackenzie (2008), ao reformularem a Gramática funcional (Dik, 1989; 1997), desenvolveram uma teoria capaz de analisar tanto a relação que a oração adverbial pode estabelecer com aquela que se lhe apresenta como escopo de incidência (EI) (conforme a Gramática Funcional (GF)), como também a aquela estabelecida entre a adverbial e unidades maiores ou menores que uma oração, mas que constituem enunciados completos e independentes no discurso.

1.2 As OCs e sua função argumentativa

A oração causal (OC) pode conduzir a argumentação do falante/escritor nos diferentes níveis do Componente Gramatical (CG) da GDF. Perelman e Olbrechts-Tyteca (1999, p. 299) reconhecem uma significativa variedade de **categorias de causas** basilares que podem ser expressas:

- a) a que relaciona dois acontecimentos sucessivos dados entre eles, o que o associa, diretamente a estados-de-coisas ou predicacões;
- b) a que, partindo de um acontecimento, aponta a existência de uma causa que pôde determiná-lo, estabelecendo, portanto, formas mais **frouxas** de ligação, cujo estatuto semântico pode estar relacionado a conteúdos proposicionais, atos do discurso, ou *moves*;

- c) a que, também partindo de um acontecimento, tende a evidenciar o efeito dele resultante. A categoria desse último tipo de causa assemelha-se à do primeiro tipo, diferenciando-se deste por apresentar-se anteposta a seu escopo de incidência, em um esquema argumentativo em que primeiro se evidencia a causa e, depois, o efeito.

Relacionando as considerações de Olbrechts-Tyteca (1999) ao *corpus* selecionado para análise – artigos de opinião religiosos católicos –, e, principalmente, ao modelo teórico adotado, o estudo da OC far-se-á em relação ao dogma cristão-católico, articulado em torno de três pilares: a Bíblia, a Tradição (ou Patrística: ensinamentos dos santos padres, até por volta do século IV), e o Magistério (ensino ordinário e extraordinário da Igreja emanado do Papa e do episcopado). Essa **conjunção de critérios** – que se estenderá e ampliará até o final deste capítulo – vai ao encontro da proposta da GDF, pois que assume o papel de subsidiar e, ao mesmo tempo, definir os componentes conceitual e contextual que cerceiam o *corpus*. Estes, por seu turno, serão retomados na análise e representados pelos parâmetros adotados.

Nessa perspectiva, a OC tende a conferir à argumentação a prerrogativa de que os valores nela difundidos não são passíveis de discussão, pois que se tratam de verdades incontestes, aceitas à luz da fé, alicerces e fundamentos do discurso religioso. Assim, destacam os autores, as regras do verdadeiro e do falso, do bem e do mal, do oportuno e do inoportuno e, por conseguinte, do real e do não-real, são reconhecidas sob outro ponto de vista: o dogma. Assim, é possível afirmar que os argumentos codificados pela OC podem tanto emergir de uma causal efetiva referente ao mundo real, ou da fé (subsidiada pela Bíblia, pela Tradição e pelo Magistério).

Da relação entre a argumentação e os traços característicos do discurso católico, e destes com a oração causal, emergem a relação tanto com a Gramática Funcional, quanto com o modelo Discursivo-funcional: ambos tratam a linguagem como um instrumento de interação social, investigando a maneira pela o falante usa a língua para se comunicar em seu ambiente social. Pode-se resumir os modelos de interação verbal de Dik (1997a, 1997b), Hengeveld (1997) e de Hengeveld e Mackenzie (2008), com as indicações de que, nesses modelos, a expressão linguística é função:

- Da intenção do escritor/falante;
- Da informação pragmática do escritor/falante;

- Da antecipação que ele faz da interpretação do destinatário.

Ao mesmo tempo, a interpretação do destinatário é função:

- Da expressão linguística;
- Da informação pragmática do destinatário;
- Da sua conjectura sobre a intenção comunicativa que o escritor/falante tenha tido.

Destarte, a OC pode codificar a argumentação do escritor/falante nas diferentes camadas dos níveis Interpessoal e Representacional³⁵, responsável pelos condicionamentos pragmático-discursivos e semânticos, respectivamente. Em outras palavras, isso significa que a oração é utilizada argumentativamente quando se marca a causalidade de um evento no mundo real (camada da predicação ou do estado-de-coisas (Nível Representacional)); a causa de uma crença (camada do conteúdo proposicional (Nível Representacional)); a explicação causal do discurso, ou de unidades maiores que foram desempenhadas (camadas do ato do discurso (A) e do movimento (M) do Nível Interpessoal)³⁶. Embora no primeiro caso seja mais difícil perceber a força da argumentação do falante/escritor, o fato é que mesmo discorrendo acerca de uma causa eficiente no mundo real, ele procura influenciar o comportamento do ouvinte/leitor e fazer que ele compartilhe de suas opiniões e/ou **verdades**.

1.2.1 A argumentação: especificidades do discurso religioso cristão-católico

Consoante aos objetivos deste trabalho, o estudo das abordagens funcionalistas (sobretudo, da GDF) acerca dos processos de articulação de orações e, particularmente, das causais será complementado com algumas considerações sobre os padrões gerais da argumentação e desta no contexto católico com vistas ao desenvolvimento de possibilidades de análise das implicações decorrentes do uso das OCs como recurso argumentativo. Segundo Koch (1996), a interação social por intermédio linguístico caracteriza-se, essencialmente, pela argumentatividade. A autora explica que o homem, dotado de razões e vontades, pode avaliar,

³⁵ As categorias que são descritas somente em termos ou propriedades não podem ser consideradas no processo de articulação dos enunciados complexos e, por isso, não foram citadas nesta sessão do capítulo.

³⁶ O papel argumentativo das orações causais correlaciona-se também a diversos aspectos referentes ao nível Morfossintático. No entanto, em virtude de estes aspectos serem entendidos como condicionamentos impostos pelos traços inerentes aos níveis superiores, destacamos, neste momento, a atuação dessas orações nos níveis Interpessoal e Representacional, respectivamente.

julgar e criticar, formando juízos de valor. Por outro lado, é justamente por meio do discurso (ação verbal dotada de intencionalidade) que o homem procura influenciar o comportamento do outro ou fazer com que o outro compartilhe de suas opiniões.

A argumentação é entendida por Perelman (1999)³⁷ como um conjunto de técnicas retóricas e discursivas que permite provocar ou aumentar a adesão em favor de uma determinada tese. O autor explica que toda e qualquer argumentação tem por objetivo primeiro alterar o estatuto epistemológico do ouvinte/leitor em relação às teses às quais aderem, ou simplesmente alterar a intensidade dessa adesão que, por sua vez, pode ser medida face às ações posteriores que ela tende a desencadear³⁸. Por isso, explicam Perelman e Olbrechts-Tyteca (1999) que a argumentação não tem como único objetivo a adesão puramente intelectual (ou lógica), mas à ação, no sentido de que aqueles que, de fato, foram persuadidos, passam a incorporar o discurso alheio.

Às considerações de Perelman (1999) e Perelman e Olbrechts-Tyteca (1999), Breton (2003) acrescenta que a argumentação integra tanto o domínio da ação quanto o da comunicação. Isso porque, ao entendê-la como um ato que objetiva modificar o contexto de recepção, ou ainda, as opiniões do leitor/ouvinte, o autor leva em conta o fato de que aceitar a opinião do outro acarretará conseqüências sobre o que se pensava e/ou acreditava anteriormente. Assim, esse mesmo leitor/ouvinte poderá dispor não simplesmente de **uma informação a mais**, mas de um novo ponto de vista. Dessa forma, a questão da **ação** para Breton (2003) apresenta uma perspectiva bifronte, que parte do escritor/falante em direção à do leitor/ouvinte e retorna ao ponto de partida.

A partir das considerações apresentadas, é possível distinguir três componentes básicos que interagem entre si no processo de argumentação:

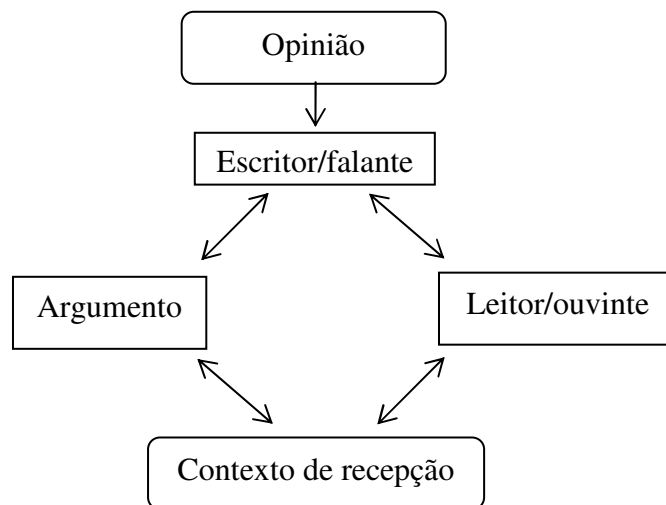
³⁷ As bases teóricas para o estudo da argumentação estão presentes em Perelman (1999) e Perelman e Olbrechts-Tyteca (1999) sobre a **Nova Retórica**. A “novidade” consiste na ruptura com alguns fundamentos de base cartesiana e positivista que tem, na evidência, a característica primordial da razão. Tal posição justifica-se sob a premissa de que, se a evidência empírica é fundamento da razão, a argumentação é reduzida, praticamente, a nada. A posição assumida pelos autores (uma retomada da retórica e da dialética gregas) implica uma noção de retórica que vai para além da visão tradicional da razão. Trata-se de uma razão **argumentativa**, melhor adaptada, portanto, às diversas áreas do pensamento nas quais as certezas das ciências exatas não respondem aos problemas suscitados pela dimensão mais ampla das relações humanas.

³⁸ Essas considerações de Perelman (1999) vão ao encontro do modelo de interação verbal proposto por Dik (1989; 1997) e que permanece, praticamente, inalterado no novo modelo apresentado por Hengeveld e Mackenzie (2008). Tal modelo, conforme apresentamos na seção **Os padrões gerais do modelo da Gramática Funcional (GF)**, põe em destaque o papel da interação comunicativa, cujas relações estabelecidas pressupõe a intenção do falante/escritor em modificar a informação pragmática do ouvinte/leitor e, por outro lado, a disposição deste para a alteração dessa mesma informação pragmática.

- a **opinião**³⁹ do falante/escritor, pré-existente ao seu emprego como argumento, propriamente dito, uma vez que se pode ter uma opinião e não procurar convencer outrem de sua validade;
- o **argumento** que consiste na opinião empregada com o intuito de convencer, ou mais, de persuadir⁴⁰;
- e o **contexto de recepção** que pode ser definido como “o conjunto de opiniões, dos valores, dos julgamentos que são partilhados por um auditório e que existem previamente ao ato da argumentação e vão desempenhar um papel na recepção do argumento”, Breton (2003, p. 29).

A figura seguinte sintetiza, em linhas gerais, o esquema da argumentação apresentados por Perelman (1999), Perelman e Olbrechts-Tyteca (1999), e Breton (2003).

FIGURA 3: Esquema geral da argumentação



A interação entre falante/escritor e ouvinte/leitor torna-se, assim, indispensável, e a ação do primeiro tende a provocar uma outra ação no segundo. Por outro lado, Perelman

³⁹ De acordo com Breton (2003), a opinião não se confunde com a fé religiosa que, por sua vez, escapa à argumentação. Tal posicionamento, no entanto, não implica a revisão do objetivo geral desta pesquisa – analisar as orações causais como recurso argumentativo – uma vez que a proposta prevê o estudo dos recursos lingüísticos (especificamente, as orações causais) que subsidiam uma dada opinião (tese) por meio da fé, ou do dogma, não constituindo, portanto, a opinião em si.

⁴⁰ Os autores são unânimes ao distinguir o ato de vencer do de persuadir, afirmando o segundo, ao contrário do primeiro, frequentemente, leva à ação o primeiro.

(1999) afirma que a argumentação será mais efetiva quanto maior for a propensão à adesão demonstrada pelo ouvinte/leitor⁴¹.

Partindo dessa noção, o autor considera importante a distinção entre **argumentação** e **demonstração**, afirmando que esta se fundamenta na lógica, enquanto a segunda apresenta bases sociológicas e, por isso, é determinada pelas instituições cuja função é a de apresentar modelos reconhecidos e legitimados para a transmissão de valores. A argumentação, nessa perspectiva, depende do que é aceito como verdadeiro, ou, ao menos, verossímil. Além disso, acrescenta que a apresentação de teses (ou afirmações) ora são subsidiadas por argumentos que advém a) de uma disciplina científica, b) de dogmas, c) de preceitos ou de regras de condutas aprovados, e d) de opiniões que foram admitidas pelo ouvinte/leitor em estágio anterior da discussão, seja ela escrita ou falada.

Das quatro categorias de teses ou argumentos previstas por Perelman (1999), três dizem respeito e são frequentemente empregados no discurso religioso católico: a) a de natureza dogmática⁴² (que inclui as verdades de fé contidas Bíblia, na Tradição e no Magistério, respectivamente); b) a que diz respeito aos preceitos e regras de condutas legitimados por uma determinada instituição social, como o é a Igreja; e c) a que se refere a opiniões admitidas como coerentes e verdadeiras pelo ouvinte/leitor.

1.2.2 O discurso religioso cristão-católico

Em linhas gerais, pode-se definir o discurso religioso e, por extensão, o católico, como aquele que estabelece uma relação com o sagrado por meio de um processo denominado por Orlandi (1996, p. 246) de “sistematização dogmática das verdades religiosas”. Esses traços distintivos, no entanto, não devem restringir o estudo desse tipo de discurso a teólogos ou religiosos. A autora (1987) destaca que, ao ser pensado em outros domínios, – como o da linguística – pode receber destes importantes contribuições, uma vez que, para ela, o discurso religioso compreende um espaço institucional.

⁴¹ Perelman (1999), Perelman e Olbrechts-Tyteca (1999) e Breton (2003) utilizam o termo **auditório** ao se referirem a ouvintes, em se tratando de um discurso oral, bem como a leitores, quando de um discurso escrito.

⁴² O Catecismo da Igreja define o dogma como “uma forma que leva o povo Cristão a uma adesão irrevogável da fé; propõe verdades contidas na Revelação ou verdades que com estas têm uma conexão necessária” (1993, p. 37).

Nessa perspectiva, o presente trabalho, antes de discorrer sobre uma **crença** e/ou **descrença** religiosa, aborda o discurso religioso (especificamente o cristão-católico⁴³) como um **objeto do conhecimento** presente na cultura ocidental.

1.2.2.1 A questão dogmática e a tríade teológico-doutrinária subjacente

O dogma cristão-católico singulariza-se pelo reconhecimento de doutrinas de fé obrigatórias. Segundo O'Donnell (1999, p. 15), a Igreja Católica define, por meio da instituição dos dogmas, “sua capacidade de proclamar a fé a todas as gerações de modo autorizado”. Essa capacidade, por sua vez, é justificada por meio da definição do dogma como verdade divinamente revelada e, portanto, obrigatória para todos os fiéis. Nesse contexto, a argumentação tem, primeiramente, a fé como motivação para conferir a um dado enunciado o valor de verdade e, ao mesmo tempo, está diretamente relacionada à importância da autoridade que o convalida. Por isso, é provável que, quanto maior a autoridade citada tanto maior seja o valor da argumentação. Hierarquicamente, a fé católica confere o valor mais alto à Bíblia, aceita como Palavra de Deus, ainda que expressa em linguagem humana.

A seguir, está a Tradição (ou Patrística), pela proximidade e continuidade que mantém com os apóstolos. Em último lugar, tem autoridade o Magistério da Igreja. Embora dispostos em uma hierarquia de valores, o Catecismo da Igreja (1993) é enfático ao afirmar que os dogmas relacionados à Sagrada Escritura, à Tradição e ao Magistério estão de tal modo interligados que interagem entre si, constituindo, em conjunto, verdades incontestes, aceitas à luz da fé.

⁴³ A escolha pelo discurso **cristão** se deve, sobretudo, ao fato de que, conforme destaca Orlandi (1987, p. 9), a “nossa civilização ocidental é predominantemente cristã”. Por outro lado, a escolha do discurso **católico** como uma subárea do discurso cristão pauta-se no número de adeptos que, hoje, corresponde, segundo o Vaticano, a 17,2% da população mundial (aproximadamente, 1,115 bilhão de pessoas). Tal número diz respeito a mais da metade do número de cristãos, estimado em cerca de 2 bilhões em todo o mundo.

1.2.2.1.1 A Bíblia

A Bíblia, ou Sagrada Escritura, é o primeiro e mais importante pilar sobre o qual se assenta a fé cristã-católica. Ela tem autoridade única para todos os pronunciamentos doutrinários subsequentes, porque, conforme destaca O'Donnell (1999, p. 17), “pertence ao evento **fundacional** da revelação, ou seja, a auto-revelação de Deus em Jesus Cristo.

Composta por 73 livros (46 do antigo testamento⁴⁴ e 27 do novo), a Bíblia é definida pelo Catecismo da Igreja Católica (1993) como fruto da inspiração divina e, portanto, um instrumento indispensável à santificação e à salvação.

A Constituição dogmática do Concílio Vaticano II, *Dei Verbum*, afirma que a Sagrada Escritura constitui um depósito da Palavra de Deus confiado à Igreja. Esses escritos foram, segundo Gomes (1985), inspirados a certos homens, por meio do Espírito Santo, com vistas à transmissão de uma mensagem verdadeiramente fiel à vontade de Deus.

Uma vez aceita como revelação divina aos homens, é tida, no âmbito cristão-católico, como verdade absoluta e incontestável, cujo conteúdo conjuga fé e história. A Constituição conciliar⁴⁵ *Sacrosanctum concilium*, por sua vez – também referente ao Concílio Vaticano II – acrescenta que a Sagrada Escritura desempenha um papel primordial na celebração litúrgica, pois fornece as leituras realizadas ao longo do Ano Litúrgico⁴⁶ e é explicada na homilia⁴⁷.

⁴⁴ Dos livros do antigo testamento fazem parte da edição católica, respectivamente: Gênesis, Êxodo, Levítico, Números, Deuteronômio, Josué, Juízes, Rute, Samuel I e II, Reis I e II, Crônicas I e II, Esdras, Neemias, Tobias, Judite, Ester, Macabeus I e II, Jó, Salmos, Provérbios, Eclesiastes, Cânticos, Eclesiástico (ou Sirac), Sabedoria, Isaías, Jeremias, Lamentações, Baruc, Ezequiel, Daniel, Oséias, Joel, Amós, Abdias, Jonas, Miquéias, Naum, Habacuc, Sofonias, Ageu, Zacarias e Malaquias. Dos livros do novo testamento: os evangelhos de Mateus, Marcos, Lucas e João, Atos dos Apóstolos, Carta aos Romanos, Coríntios I e II, Gálatas, Efésios, Filipenses, Colossenses, Tessalonicenses I e II, Timóteo I e II, Tito, Filemon, Hebreus, Hebreus, e as cartas de Tiago, Pedro I e II, João I e II, Judas e o livro de Apocalipse.

⁴⁵ A Igreja entende por **constituição dogmática** todo documento que, resultante de um concílio, e sob o aval do Papa, sistematiza os princípios (dogmas) fundamentais da fé católica; por outro lado, por **constituição conciliar** caracteriza-se por delinear os princípios que fundamentam a prática litúrgica da Igreja.

⁴⁶ A palavra **liturgia** advém do grego λειτουργία que significa **serviço** ou **trabalho público**. No contexto cristão-católico, compreende uma celebração pré-definida (a missa, por exemplo), realizada de acordo com as tradições da Igreja.

⁴⁷ A **homilia** pode ser definida, grosso modo, como o complexo de cerimônias eclesásticas da Igreja Católica. De acordo com a Constituição *Sacrosanctum Concilium*, ela “é a exposição dos mistérios sagrados e das normas da vida cristã, a partir dos textos sagrados, no decurso do ano litúrgico” (p. 35, 2008).

1.2.2.1.2 A Tradição (Patrística)

Outro pilar sobre o qual se assenta a fé cristã-católica é o da Sagrada Tradição Apostólica ou Patrística. A tradição, chamada pela Igreja de **sagrada**, pode ser entendida como tudo aquilo que ela recebeu dos apóstolos e que a eles foi confiado diretamente pelo próprio Jesus Cristo. Ou seja, além da **revelação escrita** (a Bíblia), a Igreja agrega também, como ensinamentos infalíveis, o que se convencionou denominar **revelação oral**. De acordo com o Catecismo da Igreja (1993, p. 76), a transmissão do evangelho, feita pelos apóstolos, fez-se de duas maneiras: em princípio, oralmente: “no ensino oral os Apóstolos transmitiram aqueles ensinamentos que receberam das palavras, da convivência e das obras de Cristo, ou aprenderam das sugestões do Espírito Santo”. Somente por volta do ano 20, após a morte de Jesus, a transmissão do evangelho passou também a ser feita por meio da escrita. A tarefa de transmitir o evangelho, conhecida também por **evangelização** foi, posteriormente, outorgada, segundo a constituição dogmática *Dei Verbum*, do Concílio Vaticano II, aos bispos da Igreja “para que o Evangelho sempre se conservasse inalterado e vivo na Igreja, os apóstolos deixaram como sucessores os bispos, a eles transmitindo o seu próprio encargo” (DV, 7).

O Catecismo (1993) acrescenta que a transmissão viva do evangelho é realizada pelo Espírito Santo e chamada de Tradição enquanto distinta da Sagrada Escritura, porém esteja intimamente ligada a ela. Cronologicamente, a Tradição que, também ficou conhecida como Patrística (Padres da Igreja), teve início no primeiro século da era cristã e se estendeu até por volta do século VII. O período concernente à Patrística, em particular, teve início a partir do século II com o trabalho de diversos padres que definiram e firmaram os conceitos da fé cristã-católica. Alguns desses padres tornaram-se Papas, outros bispos, diáconos, ou padres, diáconos e leigos. A Patrística conta com ensinamentos⁴⁸ deixados por cerca de trinta e três religiosos, hoje denominados **Doutores da Igreja**⁴⁹.

⁴⁸ Esses ensinamentos são constituídos, principalmente, pelos seguintes documentos, citados por Huscenot (1998): Discurso sobre os Gentios e sobre a Encarnação do Verbo, Apologia contra os arianos, Tratado dos decretos de Niceia, Tratado sobre a Trindade, A propósito dos Sínodos, Comentário dos Salmos, as catequeses (Disposições do Iluminado, A penitência, O Batismo, Os dez dogmas, A fé, A monarquia de Deus, O Pai, O Pai Todo- poderoso, Deus criador, Senhoria do Filho Único, Jesus Cristo, o Filho Único de Deus, a Encarnação, a Cruz, Ressurreição e Ascensão, A Consumação dos séculos, O Espírito Santo, e Ressurreição da carne, Igreja e vida eterna, Batismo: cerimônias preliminares, O Batismo propriamente dito, O Crisma (Confirmação do Espírito Santo), Corpo e Sangue de Cristo, A Eucaristia, As Confissões, Tratado sobre a Trindade, Tratado da Fé, Tratado para as esposas de Cristo e para as imperatrizes, Vocação dos Gentios, Encarnação: divinização do homem, O Segredo da Paixão de Cristo, Jejum e abstinência, A eucaristia, pão celeste, Na Alegria da Páscoa, Apelo à Caridade, Retrato do bispo ideal, O Triunfo da Igreja, A fonte do conhecimento, A verdade, O Livre Arbítrio, A Queda de Satanás, Sermões sobre os Santos, Homilias sobre a Anunciação, Suma sobre a

1.2.2.1.3 O Magistério

Por último, o Magistério⁵⁰ é definido pelo Catecismo da Igreja Católica (1993) como o ensino ordinário e extraordinário⁵¹ da Igreja, emanado do papa e do episcopado. Ao Magistério cabe a função de interpretar autenticamente a Palavra de Deus, por meio dos bispos (considerados sucessores de Pedro).

Embora a Igreja garanta, por um lado, a infalibilidade do Magistério com relação à fé e à moral, pois que, para ela, constitui o reflexo dos desígnios divino, por outro, afirma que este não deve ser equiparado à Sagrada Escritura, porquanto está a serviço dela. Ademais, a infalibilidade do Magistério está subdividida em várias categorias. A primeira delas diz respeito à Pontífice Romano, cuja infalibilidade foi definida no Concílio Vaticano I, em 1870. Também está revestido, sob o dogma da infalibilidade, o corpo do episcopado, quando exercem sua função em conjunto com o Papa, como ocorre, por exemplo, nos Concílios Ecumênicos. Do mesmo estatuto comungam os documentos dos Concílios, os ensinamentos relativos à Patrística, as encíclicas papais, bem como o próprio Catecismo da Igreja. Uma vez decretada a infalibilidade do Magistério, cabe a ele também a tarefa de definir os dogmas, levando o povo cristão à adesão irrevogável das verdades da fé, muitas vezes, contidas na Sagrada Escritura ou que com ela tenha determinada relação.

maravilhosa ciência divina, Itinerário do espírito para Deus, a Suma Teológica, diversas cartas e diálogos (Santíssimo Padre, substituí por bons os maus pastores, É preciso nomear bons cardeais, Fazei a verdade, Monsenhor, Deus e o próximo formam um todo, e Descrições da fé), Caminho da Perfeição, Suma da doutrina cristã, Introdução à vida devota, Tratado do amor de Deus, Respostas apologéticas, O anúncio de Jesus Cristo, Saltos e Cânticos

⁴⁹ Segundo Huscenot (1998), dentre os Doutores, dois foram Papas (Gregório Magno e Leão Magno), três, cardeais (Boaventura, Pedro Damiano e Roberto Belarmino), quinze, bispos (Afonso de Ligório, Agostinho de Hipona, Alberto Magno, Ambrósio de Milão, Anselmo de Cantuária, Atanásio de Alexandria, Basílio Magno, Cirilo de Alexandria, Cirilo de Jerusalém, Francisco de Sales, Gregório de Nazianzo, Hilário de Poitiers, Isidoro de Sevilha, João Crisóstomo e Pedro Crisólogo), nove foram padres (Antônio de Lisboa, Beda Venerável, Bernardo Claraval, Jerônimo, João da Cruz, João Damasceno, Lourenço de Brindes, Pedro Canísio e Tomás de Aquino), um, diácono (Efrém, o Sírio), duas, religiosas (Teresa de Ávila e Teresa de Lisieux), e uma, leiga (Catarina de Sena).

⁵⁰ Esse **ensino ordinário e extraordinário emanado do papa e do episcopado** representa o conjunto de ensinamentos advindos: dos concílios ecumênicos da Igreja (concílio de Nicéia, de Constantinopla, de Éfeso, de Calcedônia, de Constantinopla II, III e IV, de Latrão I, II, III, IV e V, de Lyon I e II, de Constança, de Basileia-Ferrara-Florença, de Trento, Vaticano I e Vaticano II), pelo Catecismo, pelos pronunciamentos *ex cathedra* dos papas, e pelo Código de direito canônico.

⁵¹ Por ensino “ordinário”, o Catecismo (1993) define o ensino emanado do episcopado, mas que não está imune a falhas. Por ensino “extraordinário”, no entanto, entende as conclusões a que chegam o episcopado juntamente com o Pontífice Romano concordam em emitir uma sentença definitiva sobre fé e moral aplicável a toda a Igreja.

1.3 Os gêneros textuais inerentes ao discurso religioso cristão-católico

A partir das considerações de perspectiva sócio-retórica ideológicas dos gêneros textuais desenvolvida a partir da teoria de Bakhtin (1992; 1997), a noção de **gênero textual** pode ser compreendida, de modo geral, como o uso particular do discurso em função das mais diversas situações de interação social e comunicativa. Marcuschi (2002) acrescenta que os gêneros textuais são composições funcionais, com objetivos enunciativos realizáveis na interação de aspectos de ordem histórica, social, institucional, entre outras. Ao contrário dos tipos textuais (dissertativo e narrativo, para citar alguns exemplos), os gêneros se expressam em designações diversas, de tal forma que, para o autor, constituem, *a priori*, uma lista aberta⁵². Estes, por sua vez, são resultantes e determinados por um determinado **domínio discursivo**, na terminologia bakhtiniana. Nesse afã, encontra-se o discurso religioso e, por conseguinte, os gêneros textuais dele imanentes, seja na modalidade falada ou escrita da língua. Na primeira registram-se ocorrências de gêneros como **palestras, homilias**; e na segunda, **cartas, encíclicas e artigos de opinião**.

1.3.1 O artigo de opinião (religioso cristão-católico)

O gênero **artigo de opinião** caracteriza-se tanto por traços de ordem linguístico-estruturais, quanto retórico-discursivos. Estes, por sua vez, relacionam-se ao contexto da argumentação, haja vista que o objetivo primeiro desse gênero é a persuasão, bem como a ação que dela pode originar. Sua caracterização, para tanto, perpassa a análise do **contexto de produção** e das **convenções comunicativas** a ele subjacentes, bem como o **contexto de recepção**: o primeiro é associado ao escritor, enquanto o segundo relaciona-se não apenas ao escritor, mas também ao leitor.

A argumentação disposta, por sua vez, pode tomar como aparato subsidiário, segundo Melo (2003), o conhecimento do próprio escritor, suas conclusões pessoais com relação ao

⁵² Marcuschi (2009) cita os seguintes exemplos: telefonema, sermão, carta comercial, carta pessoal, romance, bilhete, reportagem, aula expositiva, reunião de condomínio, notícia jornalística, horóscopo, receita culinária, bula de remédio, lista de compras, cardápio de restaurante, instruções de uso, inquérito policial, resenha, edital de concurso, piada, conversação espontânea, conferência, carta eletrônica, bate-papo por computador e aulas virtuais.

assunto sobre o qual é chamado a tratar, ou ainda, as **fontes legitimadas pela credibilidade documental**.

O autor, referindo-se à finalidade com que o artigo de opinião é frequentemente apresentado, emprega a expressão **artigo doutrinário** para se referir a um gênero textual que objetiva a análise de uma questão atual, sugerindo aos leitores uma forma de avaliá-la ou julgá-la. Convém destacar, no entanto, que essa análise implica para além de uma **opinião pessoal – a do articulista** – sobre um determinado fato: ela é condicionada pelos interesses do suporte de circulação e do meio social em que atua que determinam inclusive a perspectiva temática do artigo, ou seja, os temas abordados devem constituir parte integrante dos acontecimentos típicos desse meio social.

Embora não haja, até o presente momento, estudos que apresentem uma caracterização do gênero artigo de opinião especificamente no contexto católico, a análise das condições de produção (que incluem o tipo de suporte, ou veículo de comunicação) do *corpus* selecionado para esta pesquisa fornece importantes informações que dizem respeito a traços recorrentes desse gênero textual.

Assim como os artigos de opinião divulgados pela esfera jornalística, os divulgados sob o respaldo da Igreja, pela CNBB (disponíveis na plataforma digital www.cnbb.org.br), também objetivam a persuasão, bem como a ação que dela pode originar. É preciso, entretanto, fazer algumas ressalvas, no que diz respeito às convenções comunicativas a eles subjacentes, ao contexto de recepção, à questão dos julgamentos provisórios, das fontes legitimadas pela credibilidade documental, e da opinião pessoal do articulista.

As convenções comunicativas dos artigos de opinião, no contexto católico, particularmente, no da CNBB, destoam das apresentadas por Melo (2003) por distinguirem-se também das convenções típicas da esfera jornalística, norteadas por interesses distintos em função dos diferentes veículos de comunicação e públicos aos quais se destinam.

No contexto católico da CNBB, ao contrário, as convenções comunicativas devem estar em concordância com os três pilares doutrinários da Igreja – a Bíblia, a Tradição e o Magistério – uma vez que a divulgação da opinião do corpo episcopal constitui também a opinião oficial da Igreja acerca dos mais diversos assuntos, embora não isenta de falhas, posto que é parte integrante do ensino **ordinário** da Igreja.

O contexto de recepção, por sua vez, difere do jornalístico por ser este mais abrangente, se comparado ao católico. Por um lado, esse traço pode se tornar favorável aos objetivos do artigo de opinião na medida em que permite ao domínio jornalístico atingir um maior número de pessoas, o que, via de regra, não acontece com o católico. Por outro, a

existência de um contexto de recepção típico ou específico pode favorecer a adesão das opiniões apresentadas nos artigos, em razão de a pré-disposição para a adesão ser maior.

Ademais, enquanto os artigos de opinião veiculados pela esfera jornalística apresentam, por vezes, julgamentos provisórios, os da esfera católica tendem a ser permanentes, em função da uniformidade de crenças e valores. Este traço está intimamente relacionado à questão das fontes legitimadas pela credibilidade documental que, nesse contexto específico, tem como aparato os pilares doutrinários anteriormente mencionados.

Uma vez detentor das verdades da fé, a posição ocupada pela opinião pessoal do articulista também assume outras proporções. Nesse caso, além das fontes legitimadas que podem ser utilizadas como argumento de autoridade, o articulista conta com a legitimação de sua própria posição social que, igualmente, outorga-lhe autoridade⁵³.

Outro fator, no entanto, aparece como determinante dos condicionamentos do gênero artigo de opinião (religioso católico) e também o distingue dos da esfera jornalística comum: trata-se do suporte ou veículo de circulação. Particularmente, no que tange aos artigos da CNBB, estes são divulgados – exclusivamente – por meio digital, o que, segundo Marcuschi (2002), favorece a ocorrência de uma escrita mais informal, objetividade e, até mesmo, ausência de pré-sequências, dadas a menor monitoração e, ao mesmo tempo, a necessidade de fluidez e rapidez que o meio oferece e, em contrapartida, exige. Nessa perspectiva, os diversos gêneros que circulam pela *internet* – e com o artigo de opinião não é diferente – tendem a estar, segundo o autor, num verdadeiro *continuum* entre escrita e fala, conjugando traços de ambas as modalidades.

⁵³ Breton (2003) distingue duas possibilidades de ocorrência de um argumento de autoridade: na primeira, o escritor evoca uma autoridade exterior (no caso dos artigos de opinião da CNBB, essa autoridade exterior pode remeter à Bíblia, à Tradição ou ao Magistério). Na segunda, o orador apóia-se sobre sua própria autoridade.

CAPÍTULO II

2. METODOLOGIA

Este capítulo descreve, primeiramente, os procedimentos adotados para a constituição do *corpus*: artigos de opinião escritos pelos membros da CNBB (Conferência Nacional dos Bispos do Brasil) referentes ao ano litúrgico de 2008/2009. Para tanto, apresenta algumas considerações sobre a CNBB e o ano litúrgico.

À apresentação do *corpus*, bem como sua descrição e a caracterização do contexto no qual está inserido, sucedem as considerações sobre os parâmetros de análise e o programa estatístico utilizado para a quantificação e cruzamento dos dados.

2.1 Constituição, descrição e caracterização do *corpus*

O *corpus* desta pesquisa é constituído por artigos da CNBB⁵⁴ (Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, dispostos no site www.cnbb.org.br) que representam, ao mesmo tempo, parte do ensino **ordinário** do Magistério e da opinião oficial da Igreja acerca de assuntos diversos em consonância aos temas e assuntos referentes a cada um dos cinco tempos que compõe os três ciclos do ano litúrgico (Advento, Natal, Comum, Quaresma e Páscoa). Embora sejam emanados do episcopado, os artigos não estão imunes a falhas, por não terem tido sua infalibilidade decretada junto ao pontífice romano, como ocorre com os documentos, por exemplo.⁵⁵

⁵⁴ Os *corpora* selecionados para a pesquisa são constituídos unicamente por textos da modalidade escrita da língua. O estudo de ocorrências da modalidade falada, por sua vez, não se mostrou viável para o presente trabalho em função do baixo número de ocorrências: *a priori*, foram transcritas – de acordo com os parâmetros de transcrição adotados pelo projeto NURC (Projeto de estudo da norma lingüística urbana culta) – 20 (vinte) homilias, transmitidas pela TV Terceiro Milênio (Fundação Cultural Nossa Senhora de Lourdes (Canal 31 UHF e 23 NET)). Uma vez transcritas, essas homilias foram medidas em Kbytes (162 KB) e, no entanto, foram registradas apenas 17 (dezessete) ocorrências das orações causais.

⁵⁵ O estudo dos documentos da Igreja, tais como cartas, encíclicas e conclusões de conferências episcopais, foi descartado justamente em função do dogma da **infalibilidade** sob o qual estão amparados. A natureza dogmática desse tipo de texto exclui as possibilidades de análise das orações causais e os diferentes níveis de atuação apresentados na GDF que, por sua vez, refletem os diferentes estatutos epistêmicos dos argumentos que elas codificam.

2.1.1 A CNBB (Conferência Nacional dos Bispos do Brasil)

A Conferência Nacional dos Bispos do Brasil é definida no Estatuto Canônico e Regimento da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (2002) como uma instituição permanente que congrega os bispos da igreja católica do país aos quais são destinadas as funções pastorais e a promoção da dinamização do trabalho evangelizador.

2.1.2 O ano litúrgico

O Ano⁵⁶ litúrgico (AL) refere-se, de acordo com o Missal Romano (1959), ao tempo em que a Igreja celebra a redenção operada por Deus em Jesus Cristo. Trata-se, pois, de um ciclo, centrado no mistério Pascal, que tem início com a comemoração do mistério da encarnação e se encerra com a festa de **Pentecostes**⁵⁷ e a espera da vinda do Senhor. Este ciclo, por sua vez, subdivide-se em três outros ciclos, comumente denominados **Ciclo do Natal**, **Ciclo da Páscoa**, que celebra o mistério da paixão, morte e ressurreição de Jesus, culminando com sua ascensão ao céu e a vinda do Espírito Santo, e **Ciclo do Tempo Comum**, cada qual com temas e assuntos específicos.

O ciclo do Natal celebra o mistério da Encarnação do Filho de Deus e compreende os tempos do Advento e do Natal (TA e TN) propriamente ditos. O tempo do Advento, que inicia o ano litúrgico, é o momento preparatório para a comemoração do Natal e, segundo Beckhauser (2003), possui duplo sentido, pois, ao mesmo tempo em que constitui um tempo de preparação para a solenidade do Natal (no qual comemora-se a primeira vinda de Jesus entre os homens), atenta para a expectativa da segunda vinda no fim dos tempos. Para tanto, a liturgia (complexo de cerimônias eclesiais da Igreja) discorre, primeiramente, sobre a segunda vinda de Jesus Cristo, referente ao chamado fim dos tempos, para depois, tratar da

⁵⁶ O ano litúrgico não corresponde ao ano civil. Ao contrário deste, o ano litúrgico não tem data fixa para indicar início; tem-se, como referência, o primeiro domingo do Tempo do Advento ou fim, 34ª semana do Tempo Comum.

⁵⁷ O termo Pentecostes refere-se à vinda do Espírito Santo aos apóstolos. O livro dos Atos dos Apóstolos (2, 1-4) apresenta o seguinte relato “Chegando o dia de Pentecostes, estavam todos reunidos no mesmo lugar. De repente, veio do céu um ruído, como se soprasse um vento impetuoso, e encheu toda a casa onde estavam sentados. Apareceu-lhes então uma espécie de línguas de fogo, que se repartiram e pousaram sobre cada um deles. Ficaram todos cheios do Espírito Santo e começaram a falar em outras línguas, conforme o Espírito Santo concedia que lhes falassem (Bíblia Sagrada, p. 1414).

primeira vinda, ou seja, do Natal. Neste tempo, a Igreja celebra o mistério da encarnação de Cristo e chama os fiéis a refletir sobre a necessidade de tornar Cristo sempre concreto e real, de tal forma que possa ser, assim como na sua primeira vinda, **visível** às pessoas.

O ciclo da Páscoa celebra o mistério da paixão, morte e ressurreição de Cristo, e culmina com sua ascensão ao céu e a vinda do Espírito Santo (Pentecostes). É composto pelos tempos da **Quaresma (TQ)**, e **Páscoa (TP)**.

A Quaresma é o período em que a Igreja registra a exortação pela prática da caridade, do jejum, e da oração. A constituição do Concílio Vaticano II *Sacrosanctum concilium* (2008, p. 58) explica que, nesse período, o ensino emanado da Igreja, ou catequese, “deve chamar a atenção para as conseqüências sociais do pecado”, bem como sua natureza imanente. Ademais, tradicionalmente, a Igreja atribui à Quaresma duas dimensões básicas: a primeira diz respeito à sua função de preparação para a Páscoa; a segunda, à penitência (constituída, sobretudo, pelos exercícios da oração, do jejum e da caridade), ou ainda, à prática da conversão. Particularmente, no caso do Brasil, é nesse período que se inaugura a **Campanha da Fraternidade**, cuja proposta está diretamente relacionada à vida social.

O Tríduo Pascal é o centro não só da Páscoa, mas também de toda a vida da Igreja. Na liturgia, ocupa o primeiro lugar em ordem de importância, não havendo, pois, nenhuma outra celebração que se possa colocar em seu nível. É, por isso, o cume da liturgia e de todo o acontecimento da redenção. Esse período tem início na chamada quinta-feira santa, estende-se até o sábado santo, e se encerra no domingo de Páscoa. O Tempo da Páscoa (TP) sucede o Tríduo Pascal e se encerra sob a festa de Pentecostes. Caracteriza-se, principalmente, pela exortação à prática de ações que, de fato, testemunhem a vida cristã.

O terceiro e último ciclo do ano litúrgico compreende o período denominado Tempo Comum (TC) e tem duas etapas: a primeira situa-se entre o TN e o TQ; a segunda tem início com o fim do Tempo da Páscoa e perdura até o final do ano litúrgico, quando, inicia-se outro ciclo, com o Tempo do Advento. No TC, não se celebra um aspecto da fé, como é o caso do Natal (Encarnação), e da Páscoa (Redenção), mas todo o mistério de Deus, em sua plenitude. Por isso, a temática desse, que é o mais longo de todos os ciclos, é pré-definida somente em casos específicos, como por ocasião da solenidade de *Corpus Christi*⁵⁸.

O ano litúrgico compreende também um conjunto de leituras próprias que se repetem a cada três anos (em domingos e solenidades). Destarte, a cada ano, há uma sequência de leituras próprias que, por sua vez, determinam a classificação de um determinado ano em A,

⁵⁸ A solenidade de *Corpus Christi* celebra a presença real e substancial de Cristo na eucaristia.

B e C. No ano **A**, fazem-se as leituras do Evangelho de São Mateus; no ano **B**⁵⁹, as de São Marcos, e no ano **C**, as de São Lucas⁶⁰.

O *corpus* selecionados para este trabalho correspondem ao ano litúrgico que compreende o período de 20/11/2008 a 28/11/2009. O quadro abaixo indica as datas correspondentes a cada um dos cinco tempos que compõe os três ciclos desse ano litúrgico.

QUADRO 9: Datas correspondentes ao início e término de cada um dos tempos do três ciclos do ano litúrgico.

	Ciclos	Tempos	Período correspondente
Ano Litúrgico	Natal	Tempo do Advento (TA)	20/11 a 24/12/08
		Tempo do Natal (TN)	24/12/08 a 11/01/09
	Páscoa	Tempo da Quaresma (TQ)	25/02 a 09/04/09
		Tríduo Pascal	09/04 a 11/04/2009
		Tempo da Páscoa (TP)	12/04 a 31/05/2009
	Tempo Comum	Tempo Comum I e II (TC)	12/01 a 24/02 / 01/06 a 28/11/09

2.2 Procedimentos de seleção do *corpus*

Foram selecionados 261 (duzentos e sessenta e um) artigos referentes ao ano litúrgico 2008/2009, totalizando 446 (quatrocentas e quarenta e seis) ocorrências⁶¹ de OCs introduzidas por **conjunções** ou **perífrases conjuncionais** diversas⁶², conforme indica o quadro abaixo:

⁵⁹ O *corpus* selecionado para a análise dizem respeito ao ano litúrgico B e corresponde o período que vai de 20 de novembro de 2008 a 28 de novembro de 2009.

⁶⁰ Embora, a classificação do ano litúrgico em A, B e C tenha como critério basilar as leituras do Novo Testamento, a Igreja realiza também, concomitantemente a estas, leituras do Antigo Testamento, sobretudo daquelas que se correlacionam com as do Novo.

QUADRO 10: Número de ocorrências analisadas.

	Ciclos	Tempos	Número de Artigos	Número de Ocorrências
Ano Litúrgico	Natal	Tempo do Advento	21	32
		Tempo do Natal	8	18
	Páscoa	Tempo da Quaresma	53	88
		Tríduo Pascal Tempo da Páscoa	38	68
	Tempo Comum	Tempo Comum I e II	145	240

2.2.1 Parâmetros de análise

Consoante aos objetivos e ao modelo teórico-metodológico do presente trabalho (a GDF), os parâmetros de análise adotados para o estudo das orações causais⁶³ serão considerados apenas em relação aos três primeiros níveis do componente gramatical: o **Interpessoal**, por viabilizar a análise das orações causais quanto às funções pragmáticas e retóricas, o **Representacional**, especialmente, em razão das várias possibilidades de descrição e caracterização da estrutura semântica interna dessas orações, e o **Morfossintático** que permite analisar diversos aspectos de ordem estrutural que, por sua vez, são co-determinados pelos níveis aos quais sucede.

Para tanto, a análise organizar-se-á a partir de dois grupos de fatores. O primeiro deles, denominado **Grupo de Fatores Invariáveis (GFI)** refere-se a cada um dos cinco tempos que compõem os ciclos do ano litúrgico (Advento, Natal, Quaresma, Páscoa, e Tempo Comum I e

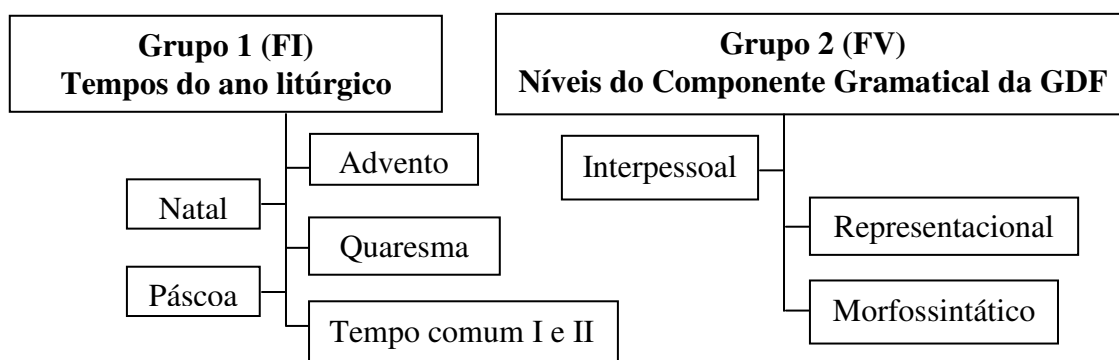
⁶¹ Para a constituição do *corpus* foram excluídas todas as ocorrências de orações causais que, embora fossem introduzidas por conjunções ou perífrases conjuncionais (objeto de análise deste trabalho) não desempenham a função de mecanismo argumentativo. Foram excluídas ocorrências que funcionam como comentário e/ou digressão feita pelo escritor, como ocorre em: Para quem sonhava com a eliminação das funções do estado, **pois o mercado global regula tudo**, o Papa adverte: “Razões de sabedoria e prudência sugerem que não se proclame depressa demais o fim do Estado”. Por outro lado, as ocorrências selecionadas não dizem respeito somente às orações causais em sua forma canônica, ou seja, aquelas que, introduzidas por um conectivo, são constituídas pelo verbo e seus argumentos. Além destas, constituem o *corpus* de análise as orações causais que tem um ou mais termos expressos em forma de oração (as substantivas e as adjetivas restritivas).

⁶² As ocorrências selecionadas são introduzidas, principalmente, pelos conectivos apresentados no Esquema 3 que diz respeito aos parâmetros de análise adotados para o nível Morfossintático: **tanto mais que, por causa que, pois, porque, porquanto, uma vez que, como, já que e pois que**.

⁶³ Dentre as orações causais selecionadas para a análise, estão também as que apresentam um de seus termos expressos em forma de oração (objeto direto, objeto indireto, adjunto adnominal, complemento nominal, aposto, sujeito ou predicativo).

II). O segundo, **Grupo de Fatores Variáveis (GFV)**, diz respeito aos parâmetros de análise propriamente ditos. Este, por sua vez, será dividido em três subgrupos, conforme os níveis de organização que compõem o componente gramatical da GDF, exceto o fonológico. Cada um desses subgrupos será constituído pelos diversos parâmetros de análise aplicados às orações causais. A figura da página seguinte indica a constituição de cada um dos grupos, o GFI, e o GFV:

ESQUEMA 1: Constituição dos grupos de fatores selecionados para quantificação e cruzamento dos dados.



As categorias do Grupo 1 (FI) serão cruzadas com cada uma das categorias do Grupo 2 (FV), e os respectivos parâmetros de análise que lhes são constituintes, referentes aos níveis de organização do componente gramatical da GDF.

Destarte, a análise das ocorrências será organizada em três fases ou etapas: na primeira delas, denominada **etapa primária**, serão descritos, cruzados e correlacionados os resultados referentes aos diversos parâmetros de análise adotados para cada um dos níveis do CG de cada um dos tempos do AL em separado. Assim, inicialmente, analisar-se-ão os resultados do nível Interpessoal, e, *a posteriori*, dos níveis Representacional e Morfossintático a partir da correlação entre **parâmetros de análise determinantes e determinados**.

Na segunda etapa, denominada **etapa secundária**, serão descritos, cruzados e correlacionados os resultados referentes aos três níveis também de cada um dos tempos do AL: assim, os resultados do nível Interpessoal serão correlacionados aos do nível Representacional e estes aos do Morfossintático. Esse procedimento, uma vez relacionado ao modelo teórico da GDF, disposto na seção 1.1.2.2, será realizado também sob a perspectiva *top down*, ou seja, os parâmetros de análise do nível superior, tomados como **determinantes**, serão analisados em relação aos do nível inferior, **determinados**.

Finalmente, na **etapa terciária**, far-se-á uma análise comparativa dos resultados nos diferentes tempos do AL cuja função será a de apresentar as diferenças e/ou semelhanças entre os tempos litúrgicos.

O cruzamento dos dois grupos de variáveis, por sua vez, gerará o resultado percentual da caracterização das ocorrências das OCs como recurso argumentativo em artigos de opinião da CNBB.

2.2.1.1 Parâmetros de análise do nível Interpessoal

No nível Interpessoal, serão analisadas as funções pragmáticas e retóricas, já previstas por Hengeveld e Mackenzie (2008). Com relação particularmente às funções pragmáticas, analisar-se-á, nas orações causais, a presença ou não de elementos focalizadores, por se tratarem, segundo Koch (1996), de elementos linguísticos característicos da argumentação. Esses elementos podem ser⁶⁴:

- **anafóricos**: isto, isso;
- **inclusivos**: inclusive, até, mesmo, até mesmo, também;
- **restritivos**: somente, só, apenas;
- **verificadores**: exatamente, justamente, sobretudo;
- **afirmativos**: evidentemente, reconhecidamente, realmente, certamente;
- **intensificadores**: principalmente, mais;
- **delimitadores**: somente, simplesmente, pura e simplesmente;
- **marcadores discursivos**⁶⁵: digamos;
- **outros**.

⁶⁴ A apresentação dos elementos focalizadores discriminados (anafóricos, inclusivos, restritivos, verificadores, afirmativos, intensificadores, delimitadores e marcadores discursivos) é sucedida, respectivamente, por **exemplos possíveis**, como os exemplificados acima. Tal fato não descarta, porém, a possibilidade de análise de outras ocorrências que, eventualmente, podem ser identificadas no *corpus* da presente pesquisa.

⁶⁵ A linha que separa o **marcador discursivo** do **modalizador** é, por vezes, tênue. Além disso, uma análise minuciosa como essa extrapola os limites dos objetivos deste trabalho. Por isso, adota-se a expressão **Marcador discursivo** de modo genérico, podendo também esta designar modalização.

Quanto às funções retóricas, analisar-se-á o estatuto dos argumentos codificados pela OCs, a partir de algumas das categorias adotadas por Breton (2003)⁶⁶.

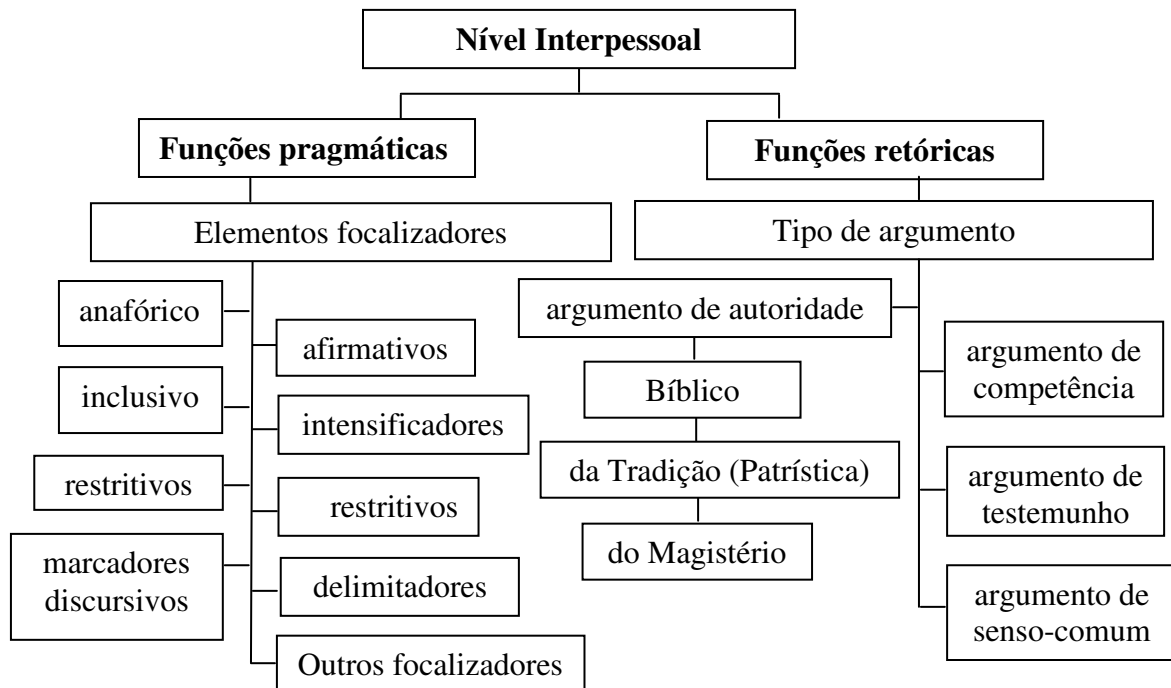
- **argumento de autoridade** (dogmático: **Bíblico**, da **Tradição**, do **Magistério**): esse argumento implica a recorrência do escritor a uma autoridade que lhe é, ao mesmo tempo, exterior e superior;
- **argumento de competência**: esse argumento fundamenta-se na existência de uma competência técnica, moral ou profissional. Na análise das ocorrências selecionadas, essa competência será avaliada tanto nos domínios dos saberes específicos do corpo episcopal, como nos domínios referentes às verdades da fé⁶⁷ e nos de natureza empírica, constituídos por citações de fatos históricos, sociais e/ou científicos;
- **argumento de testemunho**: relativo à autoridade segura, incorporada pelo escritor, como quem esteve presente em um determinado acontecimento;
- **argumento de senso-comum**: normalmente, possui pouca força argumentativa em razão de apresentar uma opinião comumente aceita, ou ainda, um ponto de vista atenuado. No caso das ocorrências analisadas, porém, o argumento do senso-comum pode ganhar força em razão da posição de autoridade assumida por quem o enuncia, no caso, o corpo do episcopado brasileiro.

O esquema a seguir apresenta os parâmetros de análise adotados no nível Interpessoal, referentes às funções pragmáticas e retóricas respectivamente.

⁶⁶ O autor define também os argumentos de experiência, e de pressupostos comuns. O primeiro refere-se a uma prática efetiva no domínio em que o autor se exprime; o segundo, diz respeito na avaliação, por parte do escritor, de um valor comum sobre o qual assentará seu argumento. Essas categorias, no entanto, serão desconsideradas por não serem recorrentes no *corpus*.

⁶⁷ Por **domínios referentes às verdades de fé**, entenderemos os argumentos que, codificados nas orações causais, não constituem **citação direta**, nem **indireta** de qualquer uma dos três pilares que sustentam a fé cristã-católica, mas se fundamentam nesses mesmos pilares.

ESQUEMA 2: Parâmetros de análise do nível Interpessoal



2.2.1.2 Parâmetros de análise do nível Representacional

No nível Representacional, avaliar-se-ão as funções semânticas da oração adverbial causal. Hengeveld (1996; 1998) propõe que a constituição interna de uma oração (adverbial) deve ser avaliada a partir de cinco parâmetros, dos quais o primeiro será considerado **determinante** em relação aos demais, ou seja, os **determinados**⁶⁸:

- **Tipo de categoria codificada pela OC:** esse parâmetro diz respeito às quatro categorias de orações já previstas por Dik (1989; 1997) e Hengeveld (1993; 1996; 1998) e será analisado em correlação com o **tipo de categoria codificado pelo escopo de incidência (EI)** :

⁶⁸ Esse método de análise justifica-se pela existência de implicaturas entre a correlação do tipo de categoria codificada pela OC e seu EI e os demais parâmetros adotados. Assim, por exemplo, as diferentes correlações referentes ao tipo de categoria podem implicar dependência temporal ou não, pressuposição ou não, bem como com o estatuto informacional da OC, e não o contrário.

- a primeira designa uma propriedade ou relação, constituindo, pois, o predicado e, por essa razão, não será considerada como critério de análise;
- a segunda refere-se a um **estado-de-coisas** que pode ser avaliado em termos de sua factualidade no mundo real (ou mental). Em função do *corpus* analisado, serão considerados estados-de-coisas também os argumentos de autoridade, principalmente, no que diz respeito aos de ordem dogmática⁶⁹, uma vez que, em função do contexto situacional em que estão circunscritas (o do dogma e da fé), as OCs codificam fatos aceitos como reais⁷⁰;
- a terceira codifica um **conteúdo proposicional**, avaliado, em termos de sua veracidade como um fato possível;
- por fim, a quarta categoria diz respeito a um ato de fala, ou **ato do discurso**, muitas vezes, avaliado em termos da especificação do cenário comunicativo que lhe é de domínio.

O modelo da GDF, no entanto, acrescenta uma quinta categoria às já previstas pela GF. Trata-se do *move* (M)⁷¹. Assim, uma OC poderá ter também como EI uma categoria referente a um **movimento discursivo** que, por sua vez, pode ser avaliado como uma contribuição autônoma à interação, pois que constitui, em linhas gerais, um segmento do discurso considerado relevante. Neste trabalho, em especial, a identificação dessa categoria será feita a partir de alguns critérios a saber: a noção *move* (M) implicará, necessariamente, a de mudança de fluxo informacional, conforme Chafe (1980) e estará associada, no decorrer das análises, às diversas **intenções** do

⁶⁹ É preciso salientar que entenderemos por estados-de-coisa, ou, nas palavras de Hengeveld e Mackenzie (2008) por **modificadores predicacionais**, as orações causais que codificarem argumentos de ordem dogmática, seja via citação direta – citação ou cópia literal do texto fonte –, ou citação indireta, na qual o autor do texto faz uma paráfrase do original, mantendo-se, todavia, fiel à idéia apresentada no texto base.

⁷⁰ A postura adotada subsidia-se também nas palavras de Eliade (1991, p. 36) para quem o contexto religioso “é o **espaço real** (grifo do autor) por excelência” pois que relata manifestações sagradas, ou melhor, transcendentais que, *in loco*, passam a designar a verdadeira realidade.

⁷¹ Tanto o *Move* (M), quanto o Ato do discurso (A) fazem parte do nível Interpessoal (cf. 2.1.2.2), no entanto, como essas camadas serão descritas em termos semânticos, isto é, em termos do tipo de categoria codificada pelo EI e pela OC, essas camadas constituirão parte integrante dos parâmetros de análise do nível Representacional, distintivo por sua natureza semântica.

escritor nos diferentes Tempos do AL, como, por exemplo, a **advertência**, a **exortação à reflexão**, muito comum no TA e no TQ, cujas temáticas abordam a primeira e a segunda vinda de Cristo, respectivamente, e nos TC I e II, cuja exortação está relacionada à imitação de Cristo em seus atos. Além disso, o *move* (M) pode indicar também uma **exortação à esperança**, traços característicos do TN e do TP que têm como cerce a celebração da redenção dos homens por meio da morte e ressurreição de Jesus⁷².

- **Dependência temporal:** uma oração pode apresentar referência temporal (RTD) dependente ou não-dependente (RTI) em relação a seu escopo de incidência (EI). No caso das orações causais, particularmente, é possível que esse parâmetro se aplique, com mais frequência, às orações que codifiquem estados-de-coisas e/ou a ele estejam conectadas, posto que, as demais categorias de categoria (conteúdo proposicional, ato do discurso, ou *move*) tendem, via de regra, a apresentar uma referência temporal não-dependente⁷³;
- **Pressuposição:** uma oração causal será considerada **pressuposta** se o escritor apresentá-la como parte constituinte das informações pragmáticas do leitor, caso contrário, será classificada como **não-pressuposta**;

A esses quatro parâmetros, acrescentar-se-á um quinto que prevê a análise do estatuto informacional da oração causal, segundo a teoria de Prince (1981), apresentada na sessão **As OCs segundo a GDF**. A adoção desse critério justifica-se pela relação de implicatura que este contrai com o parâmetro **pressuposição**.

- **Estatuto informacional:** a informação codificada na oração causal será considerada **nova** quando apresentada pela primeira vez no discurso, ou também quando não-pressuposta; **acessível** desde que, embora não registrada

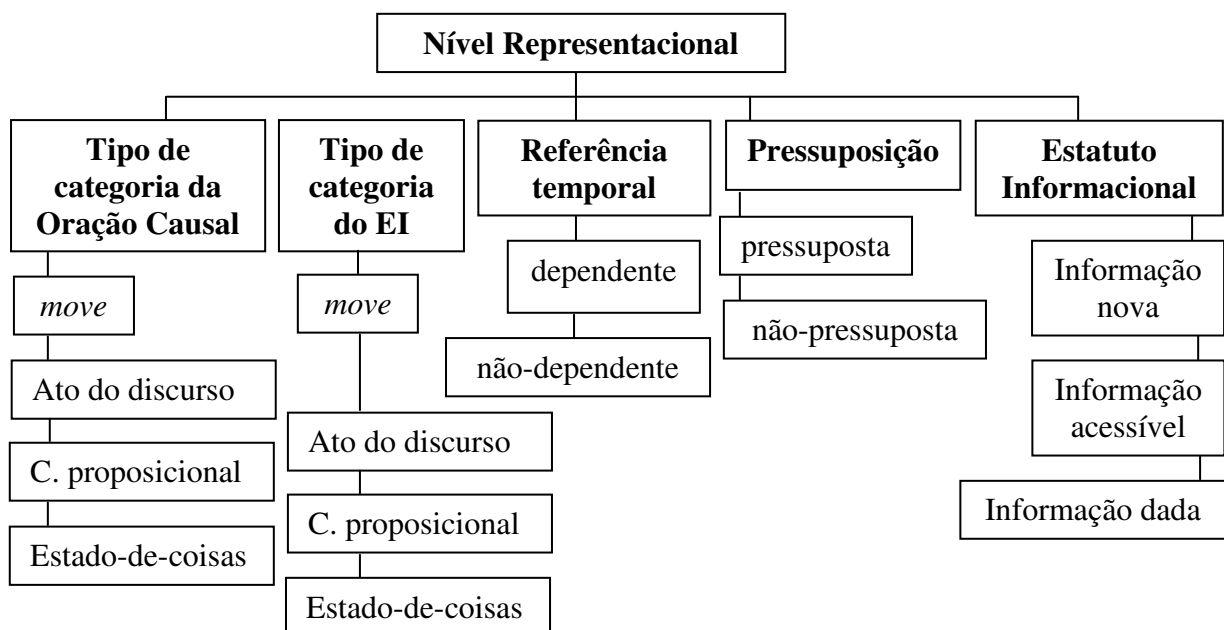
⁷² As **intenções** comunicativas do escritor listadas acima são alguns dados observáveis em momento precedente à análise. Tratam-se apenas de possibilidades observadas no *corpus*, mas é preciso salientar que não se pode generalizar.

⁷³ A noção de referência temporal dependente (RTD) ou independente (RTI) adotada para o presente trabalho não implicará, necessariamente, a correferência entre os tempo-modo verbais da oração causal (OC) e os tempo-modo verbais do escopo de incidência (EI), como, por exemplo (indicativo presente > indicativo presente). Antes, esse parâmetro de análise assumirá a função de verificar se os tempo-modo verbais da oração causal são **condicionados** ou não pelos tempo-modo verbais do (EI), o que, conseqüentemente, evidenciará a presença ou a ausência de implicaturas de ordem semântica entre ambos.

anteriormente no corpo do texto, o autor pressupõe seu conhecimento via razões lógicas ou plausíveis; e **dada**, caso sua ocorrência já tenha sido registrada no discurso ou possa ser evocada no contexto interacional, o que também implica pressuposição.

O esquema a seguir apresenta os parâmetros de análise adotados no nível Representacional, referentes às funções semânticas.

ESQUEMA 3: Parâmetros de análise do nível Representacional



2.2.1.3 Parâmetros de análise do nível Morfossintático

No nível Morfossintático, serão analisados os aspectos que dizem respeito à natureza **formal** das orações causais. Além dos critérios apresentados na sessão **As OCs segundo a GDF** (ordenação e a correlação modo-temporal), os parâmetros adotados para este trabalho incluem também critérios já previstos pela GF. Assim, nesse nível, serão analisados os seguintes fatores, dos quais, assim como no nível Representacional, o primeiro será considerado **determinante** e os demais, **determinados**⁷⁴.

⁷⁴ Assim como no nível Representacional, no Morfossintático existem implicaturas quanto aos parâmetros de análise adotados. Destarte, nesse nível ocorre que a correlação do ES do EI e a OC pode determinar o

- **Estatuto sintático dos EIs e das OCs:** esse critério será aplicado com vistas à distinção das diferentes porções do texto com as quais a oração causal pode conectar-se. Essas **porções do texto** que funcionam como escopos de incidência (EI) podem ser: orações complexas ou feixes de orações complexas⁷⁵, oração(s)⁷⁶ (paratática(s), hipotática(s), ou nuclear(es), sintagma(s) ou até mesmo palavra(s);
- **Correferência do Sujeito:** trata-se da referência ao mesmo elemento textual (sujeito do EI ao qual a oração causal pode ou não estar relacionada). Assim, esse fator será analisado em termos de correferencialidade e não-correferencialidade, salvo casos em que houver impossibilidade de sua verificação (Ø);
- **Explicitude do sujeito das OCs:** diz respeito às seguintes possibilidades de se expressar o sujeito (explicitude): a) por meio de pronomes + desinência verbal; b) SN pleno; ou c) sujeito oracional. Por outro lado, a ausência de expressão do sujeito pode ser realizada: a) com verbo impessoal; b) desinência verbal;
- **Modo-tempo verbais dos EIs:** considerar-se-á, além, dos três modos verbais tradicionalmente definidos (indicativo, subjuntivo e imperativo), bem como os tempos e formas que lhes são constitutivos, outras possibilidades e formas verbais, como as nominais (gerúndio, particípio e infinitivo), dada a possibilidade de a oração causal ter como escopo de incidência uma oração reduzida. Ademais, considerar-se-á também formas que são, comumente, definidas de **locuções**, exceto em casos que não seja possível sua verificação⁷⁷;
- **Modo-tempo verbais das OCs:** a análise desse parâmetro far-se-á de forma análoga ao precedente;

condicionamento dos demais parâmetros (correferência e explicitude ou não do sujeito, os tempos-modos verbais tanto do EI e da OC, além do tipo de conectivo) e não o contrário.

⁷⁵ A noção de **orações complexas** aqui adotada será a do conjunto formado por orações paratáticas, hipotáticas e encaixadas (aliadas às respectivas nucleares, ou matrizes, em se tratando das encaixadas).

⁷⁶ Dentre os vários tipos de **orações**, excluimos dos parâmetros de análise, as encaixadas, pelo fato de constituírem termos essenciais expandidos de outra oração (a nuclear).

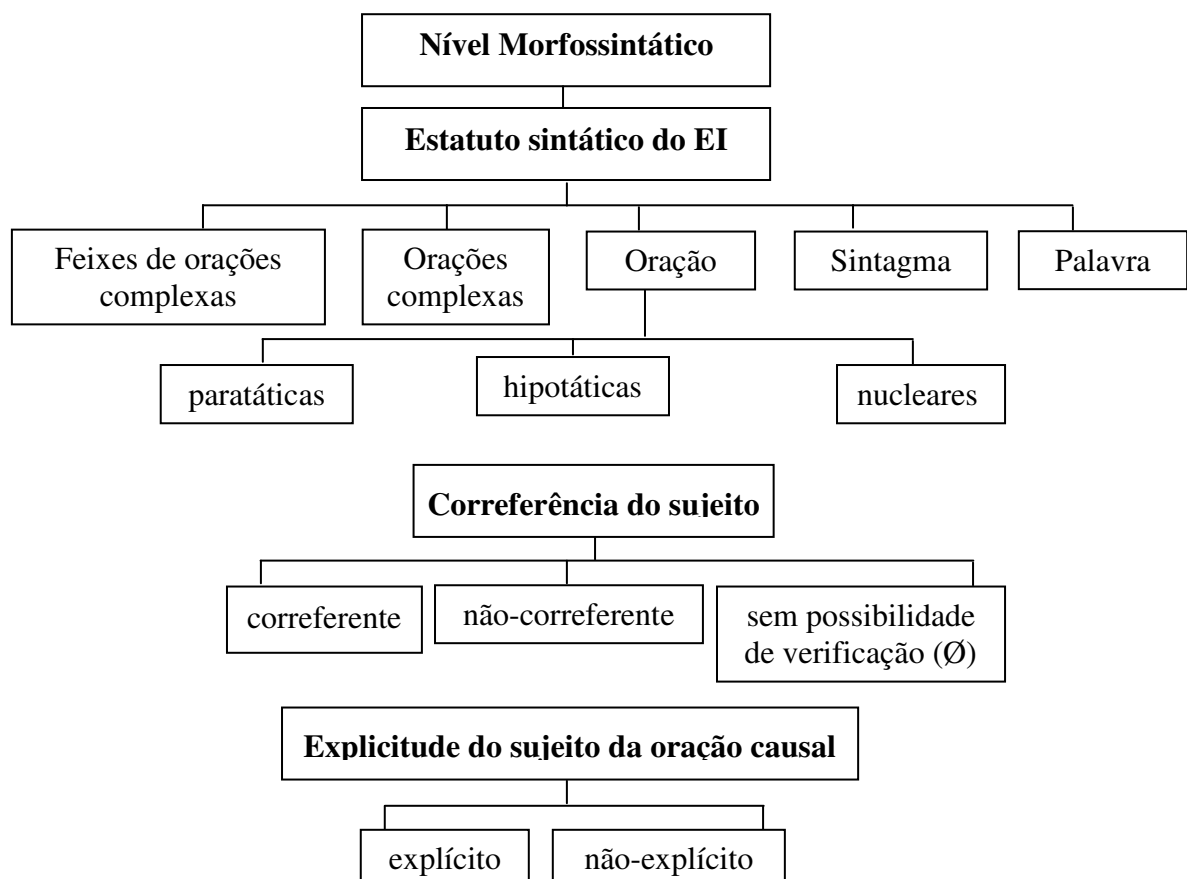
⁷⁷ No caso de ocorrências que codifiquem **orações complexas**, considerar-se-ão os tempo-modo verbais da oração nuclear ou matriz (em se tratando das orações encaixadas).

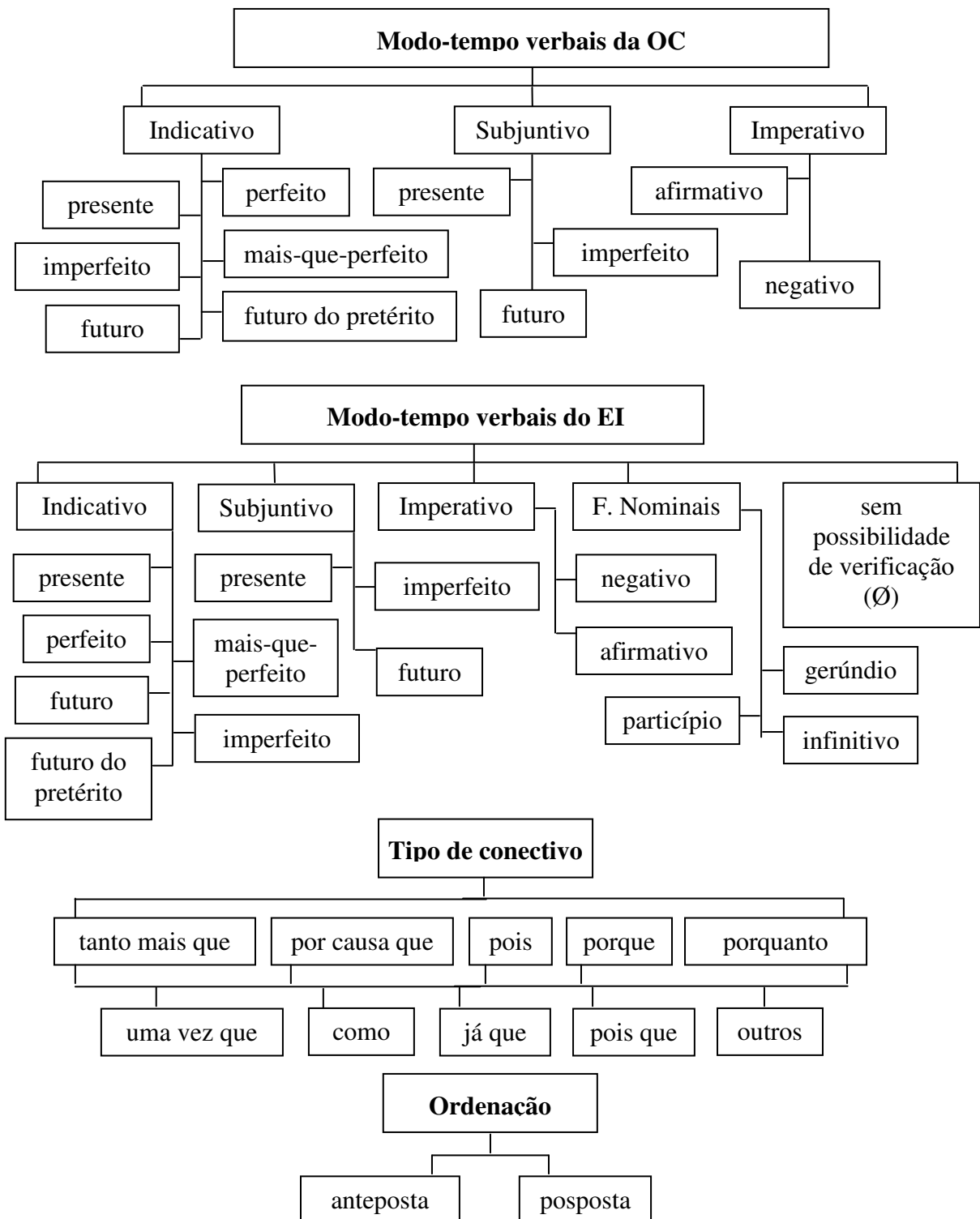
- **Tipo de conectivo:** porque, pois, como, pois que, tanto mais que, por causa que, porquanto, já que, e uma vez que.;
- **Ordenação:** esse parâmetro diz respeito à posição da oração causal em relação a seu EI. Neste trabalho, considerar-se-á o padrão de ordenação, já estabelecido pela GF. Assim, as orações causais serão distinguidas em **antepostas** ou **pospostas**.

Nesse nível, o conjunto de parâmetros de análise está relacionado diretamente ao tipo de integração sintática. Destarte, tomados em conjunto, ele assumirá o papel de permitir a verificação de uma das hipóteses deste trabalho (cf. introdução) que consiste no fato de que o maior ou menor grau de integração entre a oração causal e seu escopo de incidência pode implicar também maior ou menor integração semântica.

O esquema da página seguinte apresenta os parâmetros de análise adotados no nível Morfossintático:

ESQUEMA 4: Parâmetros de análise do nível Morfossintático





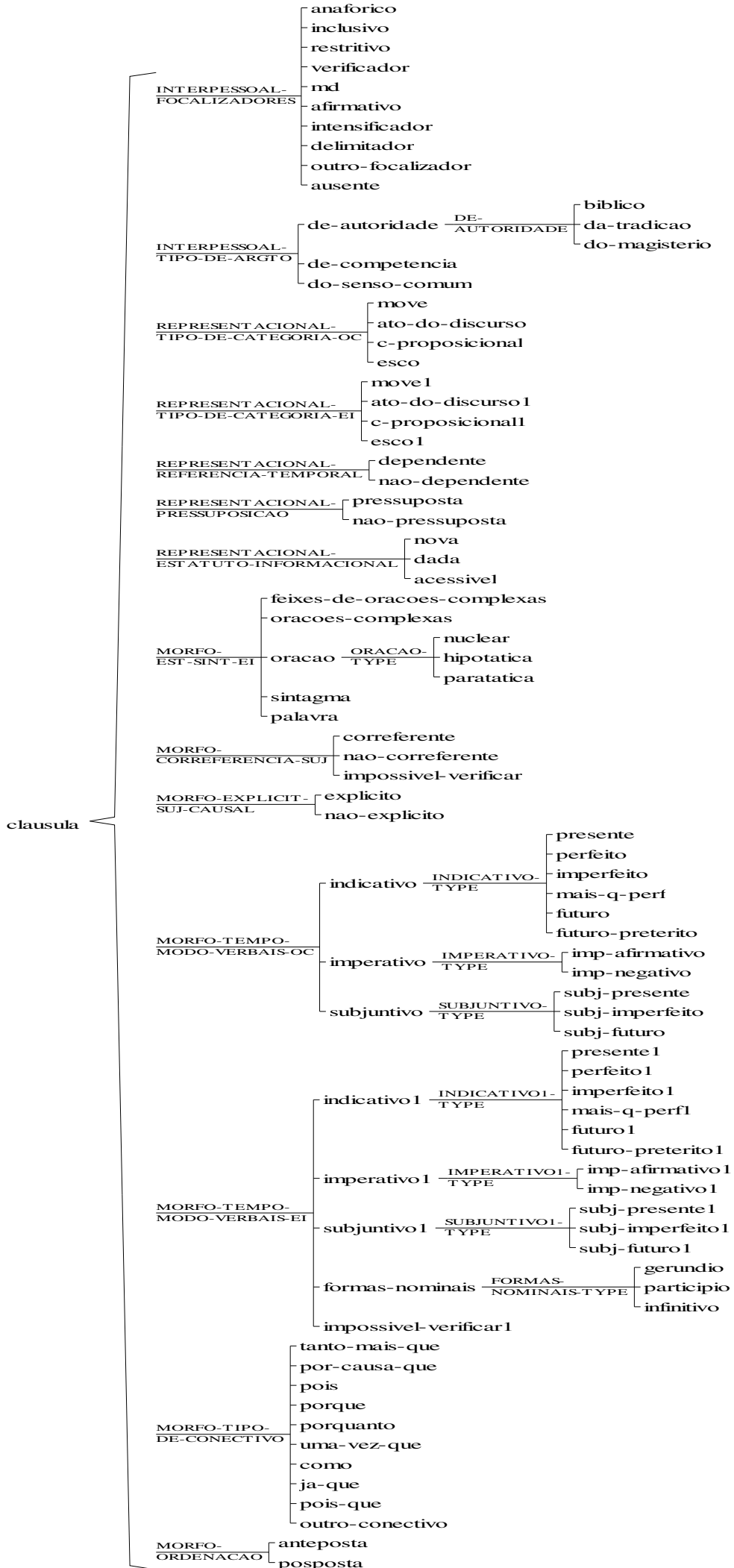
2.2.1.4 Utilização do programa estatístico *Systemic Coder*

Para a quantificação dos dados, utilizou-se o programa estatístico *Systemic Coder*, versão 4.5, desenvolvido por Mick O'Donnel. O programa viabilizou a codificação e quantificação de dados de natureza linguística, por meio da criação de redes sistêmicas hierárquicas de parâmetros de análise, conforme os esquemas que foram elaborados para os níveis Interpessoal, Representacional e Morfossintático, respectivamente. Para tanto, foi preciso, primeiramente, realizar a segmentação dos dados para, depois, selecionar os traços pertinentes à análise. No caso deste trabalho, em especial, ora selecionou-se a oração causal, ora, seu escopo de incidência.

Uma vez realizado o processo de quantificação, o programa gerou o resultado percentual referente a todos os parâmetros de análise aplicados às OCs em cada um dos tempos do AL, bem como o cruzamento desses mesmos dados que, por sua vez, realizou-se nas três fases da análise, sobretudo na última na qual comparou-se os resultados do GFI em relação aos do GFV.⁷⁸

O esquema 5, apresentado a seguir, foi o utilizado no programa estatístico:

⁷⁸ É importante destacar que o programa estatísticos *Systemic Coder* constitui uma importante ferramenta para a análise, mas, suas funções, em termos de resultados, limitar-se-ão aos de caráter descritivo e comparativo. As correlações entre cada um dos resultados e suas implicaturas serão feitas manualmente. Assim, cada um dos dados será correlacionado a outro nas três fases de análise de modo que todas as ocorrências sejam, de fato, analisadas exaustivamente.



CAPÍTULO III

3. APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

Conforme procedimentos metodológicos apresentados, a análise dos dados far-se-á a partir da correlação entre o grupo de Fatores Invariáveis (FI) e o grupo de Fatores Variáveis (FV) e seguirá a ordem cronológica dos tempos do ano litúrgico: primeiramente, serão apresentados os resultados (etapas primária e secundária) referentes ao Tempo do Advento (TA), seguidos dos do Natal (TN), da Quaresma (TQ), da Páscoa (TP) e do Tempo Comum (TC), respectivamente.

3.1 Ocorrências referentes ao Tempo do Advento

3.1.1 Nível Interpessoal

A análise das 32 (trinta e duas) ocorrências do TA referentes às funções pragmáticas e retóricas evidencia a ausência de elementos focalizadores, e a predominância de argumentos de competência, de autoridade (bíblico), e de senso comum, respectivamente, conforme indica detalhadamente o quadro seguinte:

QUADRO 11: Funções pragmáticas e retóricas: resultados percentuais

Nível Interpessoal			Nº de O (%)
Funções pragmáticas Elemento Focalizador	Anafóricos		3 (9%)
	Verificadores		1 (3%)
	Ausente		28 (88%)
Funções retóricas Tipo de Argumento	Autoridade	Bíblico	11 (34%)
	Competência		12 (38%)
	Senso comum		9 (28%)

A ausência de elementos focalizadores pode estar associada à natureza mesma desse discurso religioso. Por ser católico e, por extensão, **universal**, os argumentos codificados pelas OCs são apresentados como universalmente válidos. Os elementos focalizadores, por sua vez, parecem estar na contra-mão dos objetivos desse discurso, uma vez que a apresentação de verdades absolutas não contempla a **verdade do outro** (o que determinaria o emprego desses elementos), mas tão somente a da tradição.

Por um lado, a predominância de argumentos de competência indica a escolha de argumentos fundamentados tanto em conhecimentos específicos do corpo episcopal, nos referentes às verdades da fé, quanto por fatos históricos sociais e/ou científicos (cf. seção 2.2.1.1). A escolha de argumentos de autoridade (bíblico), por sua vez, implica o uso de argumentos de valor máximo dentro da tríade dogmática do contexto cristão-católico para a codificação das orações causais e, portanto, irrevogáveis à luz da fé. Por outro lado, os de senso comum ganham força argumentativa em razão da autoridade assumida por quem os enuncia, ou seja, um membro do episcopado brasileiro.

3.1.1.1 Cruzamento dos dados e correlações primárias

Os dados apresentados na quadro 1 (resultados percentuais) foram, um a um, cruzados e correlacionados. Assim, por exemplo, na primeira ocorrência, obteve-se o seguinte resultado: **Elemento focalizador ausente + argumento de autoridade (bíblico)**. O resultado total desses cruzamentos e correlações confirmam que a ausência de focalizadores está, nas ocorrências analisadas, relacionada à natureza mesma do discurso religioso (cristão-católico). Por outro lado, verifica-se que os argumentos de natureza bíblica não co-ocorrem com elementos focalizadores, o que concorre ainda mais para a confirmação de que os argumentos sustentados pela tríade dogmática cristã católica são apresentados como verdades absolutas e, por isso, incontestes. Conforme indica o quadro a seguir:

QUADRO 12: Cruzamento de dados e diferentes correlações entre as funções pragmáticas e as retóricas

Diferentes correlações entre presença/ausência de Focalizador e Tipo de argumento			
			Nº de O (%)
Anafórico	+	Competência	2 (6%)
Ausente	>	Autoridade (Bíblico)	12 (38%)
Ausente	>	Competência	9 (28%)
Ausente	>	Senso comum	8 (25%)
Verificador	+	Competência	1 (3 %)

As cinco diferentes correlações apresentadas no quadro estão indicadas nos exemplos a seguir:

- (1) [**Anafórico + competência**] Para os que vivem a vida da Igreja, atos – como este da coroação da imagem do dia da festa – são eloquentes. **Eloquentes, porque proclamam nossa fé na divindade de Cristo**⁷⁹ (VIEIRA, 2008);
- (2) [**Ausente + autoridade (bíblico)**] Neste Natal queremos anunciar, sem ambigüidades, a grandeza do homem, revelada por Jesus. E isso provém de seu conhecimento, **porque Ele “sabia o que havia no coração do homem (Jo 2, 25)** (OPPERMAN, 2008.)
- (3) [**Ausente + competência**] Penso que uma festa religiosa como esta, aqui comentada, nos ajuda a viver a nossa fé em nosso Deus, que nos enviou seu Filho feito homem para nos instruir e salvar. **Pois este Filho, na hora suprema da morte, no-la deu por Mãe** (VIEIRA, 2008);
- (4) [**Ausente + senso comum**] Existem referências, espaços concretos de viver, em comum, a felicidade que buscamos. **Pois esses se constituem espaços onde construimos efetivamente a felicidade partilhada, co-dividida** (PAGOTTO, 2008);
- (5) [**Verificador + competência**] Embora, em outros tempos eu tivesse tido, por uns breves momentos, opiniões contrárias às da Santa Mãe Igreja, estou convencido da perfeita pertinência dessa práxis eclesial. **Antes de tudo, porque a recomendação veio de Jesus, o Mestre, que sempre tinha posições de ideais arrojados** (OPPERMAN, 2008);

⁷⁹ O trecho em negrito diz respeito ao objeto de análise quando da necessidade da apresentação de trechos maiores que contextualizem o exemplo apresentado. Caso contrário, quando o exemplo for todo ele objetivo de análise, não haverá destaque.

3.1.2 Nível Representacional

No que diz respeito às funções semânticas, as OCs não codificam *moves* (M), situando-se, pois, em camadas⁸⁰ inferiores: a do estado-de-coisas (e), Atos do discurso (A) e Conteúdos proposicionais (p). Consequentemente, essas orações funcionam como modificadores predicacionais, ilocucionários e proposicionais, respectivamente. Em contrapartida, os EIs codificam, em primeiro lugar, Atos do discurso, seguidos de *moves* (M), estados-de-coisas (e) e Conteúdos proposicionais (p). O que implica as funções de modificadores ilocucionários, discursivos, predicacionais e proposicionais.

Particularmente, no que diz respeito ao *move* (M), este indica, nas ocorrências analisadas, referentes ao TA, uma mudança abrupta de fluxo informacional e, ao mesmo tempo, introduz uma exortação à primeira vinda de Cristo, celebrada no Tempo subsequente.

Com relação à Referência temporal, a maioria das 32 (trinta e duas) ocorrências analisadas apresenta referência temporal não dependente. Quanto à pressuposição, todas as ocorrências são não-pressupostas e, portanto, codificam informação nova, conforme descreve o quadro abaixo:

QUADRO 13: funções semânticas: resultados percentuais

Nível Representacional		Nº de O (%)
Tipo de categoria da OC	Ato	10 (31%)
	C. Prop.	9 (28%)
	Esco	13 (41%)
Tipo de categoria do EI	<i>Move</i>	11 (34%)
	Ato	12 (38%)
	C. Prop.	3 (9%)
	Esco	6 (19%)
Referência temporal	Dep.	11 (34%)
	Não dep.	21 (66%)
Pressuposição	NPres.	32 (100%)
Estatuto informacional	Nova	32 (100%)

⁸⁰ Embora a GDF possibilite uma análise que verifique, por exemplo, se em uma dada ocorrência, codificada numa determinada camada, apresenta um único tipo de entidade ou mais (um único ato do discurso (A) ou mais, por exemplo, neste trabalho, as ocorrências analisadas no nível Representacional e, portanto, em termos semânticos, serão descritas apenas no que diz respeito à camada na qual estão situadas. Destarte, quando um termo referente a uma determinada camada for empregado no plural, significa que este registra-se em mais de uma ocorrência, ou, de outro modo, é recorrente tanto à margem esquerda, quanto à direita.

3.1.2.1 Cruzamento dos dados e correlações primárias

Assim como na análise das ocorrências no nível Interpessoal, no nível Representacional, os dados apresentados no quadro 13 (resultados percentuais) foram cruzados, um a um, e correlacionados. Assim, por exemplo, na primeira ocorrência, obteve-se o seguinte resultado: **estado-de-coisas (e) + estado-de-coisas (e) + dependente + não-pressuposta + informação nova**. O resultado total desses cruzamentos e correlações está disposto nos quadros 14, 15 e 16:

3.1.2.1.1 Referência temporal

QUADRO 14: Cruzamento de dados entre as diferentes correlações entre Tipos de categoria e Referência temporal

Tipo de categoria do EI / Tipo de categoria da OC		Referência temporal		
		Nº de O (%)		Nº de O (%)
Ato	Ato	6 (19 %)	RTD RTI	3 (50%) 3 (50%)
Ato	Esco	1 (3 %)	RTI	1 (100%)
Ato	C. Prop.	4 (12 %)	RTD RTI	2 (50%) 2 (50%)
C. Prop.	C. Prop.	2 (6 %)	RTD	2 (100%)
C. Prop.	Esco	2 (6 %)	RTI	2 (100%)
Esco	Esco	6 (19%)	RTD	6 (100%)
<i>Move</i>	Ato	4 (12 %)	RTI	4 (100%)
<i>Move</i>	Esco	4 (12 %)	RTD RTI	1 (25%) 3 (75%)
<i>Move</i>	C. Prop.	3 (9%)	RTI	3 (100%)

Conforme indica o quadro, a análise das 32 (trinta e duas) ocorrências registra 8 (oito) diferentes correlações entre o tipo de categoria do EI e da OC, dentre as quais predominam as

que codificam tanto à margem direita, quanto à esquerda⁸¹, Atos do discurso (A) e estados-de-coisas (e). Quanto à Referência temporal, a tabela aponta a maior frequência de referências temporais não-dependentes.

A seguir, exemplifica-se cada uma das correlações do tipo de categoria do EI e da OC e suas implicaturas para referência temporal.

- (6) [Ato + ato + RTD] Muitos perdem o gosto de viver e por aquilo que fazem, **porque não cuidam de si mesmos** (BATTISTI, 2009).
- (7) [Ato + ato + RTI] O Papa Eugênio se queixou ao seu professor Bernardo de Claraval de que não conseguia mais rezar devido ao trabalho, de que era infeliz por causa de muitos afazeres. Seu professor não reagiu com compaixão. Ao contrário, passou-lhe uma bela lição, embora ele fosse o Papa. Ele mesmo era culpado por trabalhar tanto, por achar que devia ajudar a todos os pedintes, que devia interferir em todos os assuntos. **Exatamente por ocupar uma posição de alta responsabilidade, era necessário cuidar de si mesmo. Pois se não cuidar de si mesmo, seu cuidado com os outros, não trará bênção** (BATTISTI, 2008).
- (8) [Ato + esco + RTI] O amor de Deus é incondicional, gratuito, sem medidas. Deixemo-nos amar. **Aceitemos ser amados, pois Deus se agrada dos que “confiam esperando no seu amor”**, diz o salmista (BRANDES, 2008).
- (9) [Ato + c. prop. + RTD] Para os que vivem a vida da Igreja, atos – como este da coroação da imagem do dia da festa – são eloquentes. Eloquentes, **porque proclamam nossa fé na divindade de Cristo** (VIERIRA, 2008);
- (10) [Ato + c. prop. + RTI] Embora, em outros tempos eu tivesse tido, por uns breves momentos, opiniões contrárias às da Santa Mãe Igreja, estou convencido da perfeita pertinência dessa práxis eclesial. Antes de tudo, **porque a recomendação veio de Jesus, o Mestre, que sempre tinha posições de ideais arrojados** (OPPERMAN, 2008);
- (11) [C. prop. + c. prop. + RTD] O amor de Deus estará sempre presente, **pois Deus é amor que nos ama em primeiro lugar** (PAGOTTO, 2008);
- (12) [C. prop. + esco + RTI] O Natal, festa do amor de Deus, provoca glória nos céus, paz na terra, alegria universal, **porque nasceu o Salvador e seu reino não terá fim** (BRANDES, 2008).

⁸¹ Por **margem esquerda**, entendemos o EI; e por **margem direita** as OCs. Essa denominação será utilizada apenas quando a posposição for um traço inerente a todas as OCs analisadas em um tempo do ano litúrgico.

- (13) [Esco + esco + RTD] O propósito de Jesus é claro: “Vigiai”. **“Porque não sabeis quando o patrão de casa voltará** (AGNELO, 2008);
- (14) [Move + ato + RTI] Tenhamos sempre em vista a pessoa e a coletividade, eu e os outros, nós e os demais. Não podemos perder essa bússola, que aponta para o norte dos ideais, dos projetos de cidadania, da conquista do bem coletivo, da inclusão social. Deus está presente nessa busca. Ninguém está sozinho. O amor de Deus estará sempre presente, pois Deus é Amor que nos ama em primeiro lugar. **Não queiramos tudo nas mãos, inclusive possuir o afeto de todos, pois, um dia nos decepcionamos** (PAGOTTO, 2008);
- (15) [Move + esco + RTD] Preparar a festa do maior aniversariante da humanidade significa dobrar os joelhos e orar, abrir as mãos e o coração e partilhar. Assim, teremos um Natal diferente, que deixa marcas de felicidades para sempre e não somente enquanto duram as luzes, enfeites e comilanças. **Cuidado! Ficai atentos, porque não sabeis quando chegará o momento** (Mc 13,33) (BATTISTI, 2008);
- (16) [Move + esco + RTI] Quando eu era coroinha, sempre achei lindo o convite do padre na Missa, em latim: “Sursum corda”! (Corações ao alto!). É o convite para o povo a caminho. É proibido desanimar! **Faço o meu convite da liturgia: Levantai vossa cabeça e olhai, “pois a vossa redenção se aproxima”** (OPPERMANN, 2008);
- (17) [Move + c. prop. + RTI] Quem não gostaria de ver sua mãe cercada de carinho e respeito? Seria diferente com Jesus? **Penso que uma festa religiosa como esta, aqui comentada, nos ajuda a viver a nossa fé em nosso Deus, que nos enviou seu Filho feito homem para nos instruir e salvar. Pois este Filho, na hora suprema da morte, no-la deu por Mãe** (VIEIRA, 2008);

Os exemplos (6) e (7) representam as ocorrências da correlação entre Atos do discurso (A), ou seja, tanto o EI, quanto a OC apresentam uma avaliação do escritor acerca do contexto comunicativo que lhe é de domínio. Estas, por sua vez, não implicam, necessariamente, referência temporal dependente e, na mesma proporção, não-dependente, haja vista a regularidade de ocorrências.

O exemplo (8) apresenta a única ocorrência da correlação entre a camada do Ato do discurso (A) e a do estado-de-coisas (e), pois que se trata de uma avaliação do escritor à margem esquerda – codificada pelo EI – e de um argumento que constitui uma citação indireta de um excerto bíblico, não havendo entre elas referência temporal dependente.

Os exemplos (9) e (10) representam as ocorrências da correlação entre as camadas do Ato do discurso (A) e do Conteúdo proposicional (p): essas ocorrências relacionam a avaliação do escritor ao seu conhecimento no âmbito dos saberes específicos das verdades da

fé. Assim como nos exemplos (6) e (7), tais correlações não implicam referência temporal dependente e, igualmente, não-dependente em função da igualdade de ocorrências.

O exemplo (11) apresenta a única ocorrência da correlação entre Conteúdos proposicionais (p): tanto o EI, quanto a OC codificam conhecimentos específicos a respeito das verdades da fé vinculadas à esfera cristã-católica. Ademais, essa ocorrência apresenta referência temporal dependente que pode estar associada ao fato de estar relacionando orações que codificam o mesmo tipo de entidade, ou seja, conteúdos proposicionais (p).

O exemplo (12) representa as ocorrências da correlação entre as camadas do Conteúdo proposicional (p) e do estado-de-coisas (e), respectivamente. À margem esquerda – no EI – codifica-se um conhecimento do escritor; à margem direita – OC – codifica-se um argumento de autoridade (bíblico), via citação indireta. De forma análoga ao exemplo (8), não há, no exemplo em questão, referência temporal dependente.

O exemplo (13) representa as 6 (seis) ocorrências da correlação entre estados-de-coisas (e), pois tanto a informação codificada à margem esquerda quanto à direita constituem citações bíblicas, o que impede de classificá-las, por exemplo, como um conteúdo proposicional (p), como, de fato, parece ser a análise mais exata. Da mesma forma, em todas essas ocorrências, tem-se citações de excertos bíblicos seja de forma direta ou indireta tanto nos EIs quanto nas OCs, o que, conseqüentemente, implica em referência temporal dependente.

O exemplo (14) representa as ocorrências entre as camadas do *Move* (M) e do Ato do discurso (A). Poder-se-ia contra-argumentar, por exemplo, que se tratam de dois atos do discurso. No entanto, ocorre que, para fins de análise, foram consideradas as estruturas maiores e, portanto, o *move* (M). Sobretudo, porque, nesses casos, a margem esquerda não indica apenas **um segmento do discurso considerado relevante** (cf. seção 2.2.1.2), mas também uma mudança no fluxo de informação, nos termos de Chafe (1980) que corresponde à exortação do escritor. Tais fatos concorrem para a ratificação da definição mesma do termo *move*, ou seja, um movimento discursivo e, ao mesmo tempo, pode justificar a ausência de referência temporal dependente.

Os exemplos (15) e (16) representam as ocorrências da correlação entre a camada do *Move* (M) e do estado-de-coisas (e). Mais uma vez, a margem esquerda ou EI codifica um segmento do discurso que é considerado relevante (constituída por dois atos do discurso que, em conjunto, formam o *Move* (M) e, ao mesmo tempo, constituem uma mudança no fluxo de informação relacionada à exortação do escritor à primeira vinda de Cristo, e implica também um número maior de referências temporais não-dependentes.

Finalmente, os exemplos (17) representa as 4 (quatro ocorrências) da correlação entre as camadas do *Move* (M) e do Conteúdo proposicional (p). Assim como nos exemplos, (14), (15) e (15), o (M) também assinala mudança no fluxo de informação e relaciona-se diretamente à predominância de referências temporais não-dependentes.

Levando em consideração o parâmetro de análise determinante – a correlação entre o tipo de categoria codificada pelos EIs e pelas OCs – a análise das 32 (trinta e duas) ocorrências no nível Representacional revela, primeiramente, um traço que pode ser uma tendência geral do *corpus* analisado: a camada das OCs é, via de regra, inferior à dos seus EIs. Tal tendência pode ser entendida como uma estratégia argumentativa, pois quanto mais alta a camada do EI, maior será a preocupação do escritor em empregar argumentos que o convalidem, ou melhor, jusfiquem. Isso justifica o fato de as orações causais estarem, predominantemente, em camadas inferiores às do EI, sobretudo no que diz respeito às do Conteúdo proposicional, e do estado-de-coisas, que conferem à OC o estatuto de modificador predicacional, cujo valor de verdade é incontestado.

3.1.2.1.2 Pressuposição

No que diz respeito à pressuposição, a análise registra que, independentemente do parâmetro de análise determinante, as OCs são não-pressupostas e, conseqüentemente, codificam informações novas, conforme indicam os quadros 15 e 16.

QUADRO 15: Cruzamento de dados entre as diferentes correlações entre Tipos de categoria e Pressuposição

Tipo de categoria do EI / Tipo de categoria da OC		Pressuposição		
		Nº de O (%)		Nº de O (%)
Ato	Ato	6 (19 %)	NPres.	6 (100%)
Ato	Esco	1 (3 %)	NPres.	1 (100%)
Ato	C. Prop.	4 (12 %)	NPres.	4 (100%)
C. Prop.	C. Prop.	2 (6 %)	NPres.	2 (100%)
C. Prop.	Esco	2 (6%)	NPres.	2 (100%)
Esco	Esco	6 (19%)	NPres.	6 (100%)
Move	Ato	4 (12 %)	NPres	4 (100%)
Move	Esco	4 (12 %)	NPres.	4 (100%)
Move	C. Prop.	3 (9%)	NPres.	3 (100%)

3.1.2.1.3 Estatuto informacional

QUADRO 16: Cruzamento de dados entre as correlações entre Tipos de categoria e o Est. Informacional

Tipo de categoria do EI / Tipo de categoria da OC		Estatuto informacional		
		Nº de O (%)		Nº de O (%)
Ato	Ato	6 (19 %)	Nova	6 (100%)
Ato	Esco	1 (3 %)	Nova	3 (100%)
Ato	C. Prop.	4 (12 %)	Nova	4 (100%)
C. Prop.	C. Prop.	2 (6 %)	Nova	2 (100%)
C. Prop.	Esco	2 (6 %)	Nova	2 (100%)
Esco	Esco	6 (19%)	Nova	6 (100%)
Move	Ato	4 (12 %)	Nova	3 (100%)
Move	Esco	4 (12 %)	Nova	4 (100%)
Move	C. Prop.	3 (9%)	Nova	3 (100%)

Não obstante às informações apresentadas no quadro, é preciso destacar que esses resultados estão diretamente relacionados às considerações de Koch (2004) a respeito da retórica da pressuposição (cf. nota 30), que consiste em apresentar como não-pressuposto o que se objetiva veicular como novo. Em outras palavras, pode-se dizer que a pressuposição e, por conseguinte, a predominância absoluta de informação nova representa uma estratégia argumentativa de apresentar como novo algo que já é de conhecimento comum (dado) ou, ao menos acessível.

3.1.3 Nível Morfossintático

No que diz respeito aos traços estruturais, as OCs analisadas têm como EI, primeiramente, feixes de orações complexas, seguidos de orações complexas, orações nucleares, oração hipotática, e palavra, respectivamente. Esses primeiros resultados implicam, em sua maioria, a não-correferencialidade e, por conseguinte, a explicitude do sujeito.

Com relação aos tempo-modo verbais do EI, a análise registra predominância do modo indicativo, com 22 (vinte e duas) ocorrências, seguido do modo imperativo, com 9 (nove) ocorrências, dentre as 32 (trinta e duas) que correspondem ao total. Por outro lado, quanto aos modo-tempo verbais da OC, a análise também indica a predominância do modo indicativo sobre o imperativo, com 30 (trinta) ocorrências no primeiro, e duas, no segundo. Não há registros do modo subjuntivo, nem de formas nominais seja com relação ao EI ou à OC.

Quanto ao parâmetro tipo de conectivo, a análise registra a ocorrência de apenas dois deles: pois, com 14 (catorze), e porque, com 18 (dezoito) ocorrências.

Finalmente, o último parâmetro, que diz respeito à ordenação, indica a predominância absoluta pela posposição, ou seja, em todas as ocorrências analisadas, a OC figura à margem direita. Esses resultados, referentes a cada um dos parâmetros de análise propostos, estão sistematizados e detalhados no quadro abaixo em número de ocorrência e porcentagem correspondente.

QUADRO 17: funções morfossintáticas: resultados percentuais

Nível Morfossintático			Nº de O (%)
Estatuto sintático	Feixes de O comp.		11 (34%)
	O comp.		9 (28%)
	Oração	Nuclear Hipotática	10 (32%) 1 (3%)
	Palavra		1 (3%)
Correferência	Corref.		11 (44%)
	NCorref.		21 (66%)
Explicitude	Exp.		21 (66%)
	NExp.		11 (44%)
Modo-tempo verbal do EI	Indicativo	Presente	18 (56%)
		Perfeito	1 (3%)
Imperfeito		1 (3%)	
Futuro		2 (6%)	
Imperativo	Afirmativo	7 (23%)	
	Negativo	2 (6%)	
	Impossível Verificar		1 (3%)
Tempo-modo verbal da OC	Indicativo	Presente	19 (60%)
		Perfeito	8 (25%)
		Imperfeito	1 (3%)
		Futuro	1 (3%)
	Futuro do Pretérito	1 (3%)	
Imperativo	Afirmativo	2 (6%)	
Tipo de conectivo	Pois		14 (44%)
	Porque		18 (56%)
Ordenação	Posposta		32 (100%)

3.1.3.1 Cruzamento dos dados e correlações primárias

Assim como na análise das ocorrências nos níveis Interpessoal e Representacional, no nível Morfossintático, os dados apresentados no quadro 17 (resultados percentuais) foram cruzados, um a um, e correlacionados. Assim, por exemplo, na primeira ocorrência, obteve-se o seguinte resultado: **orações complexas + suj. correferente + não explícito + imperativo negativo + imperativo afirmativo + porque + posposta.**

O resultado total desses cruzamentos e correlações está disposto nos quadros 18, 19 e 20:

3.1.3.1.1 Correferência e explicitude do sujeito

A análise das 32 (trinta e duas) ocorrências registra 4 (quatro) diferentes estatutos sintáticos dos EIs das OCs (cf. tabela 8), dentre os quais predominam as com feixes de orações complexas (conjunto formado mais de uma oração complexa), seguidas de orações nucleares, orações complexas (entendidas como aquelas formadas por orações paratáticas, hipotáticas ou encaixadas, aliadas às respectivas nucleares ou matrizes) e uma oração hipotática.

Dessa primeira constatação resulta o parâmetro de análise determinante, ES do EI em relação à OC que, por sua vez relaciona-se à correferencialidade, bem como à explicitude do sujeito. O quadro indica a predominância da não-correferencialidade com 21 (vinte e uma) ocorrências que correspondem a 66% do total, e, por conseguinte, da explicitude do sujeito que soma 18 (dezoito) ocorrências, ou 57% do total.

QUADRO 18: Cruzamento de dados e correlações entre Est. sintático, Correferência e Explicitude do sujeito

Estatuto sintático		Correferência do sujeito		Explicitude do sujeito	
	Nº de O (%)		Nº de O (%)		Nº de O (%)
Feixes de O Comp.	10 (32%)	Corref.	3 (32%)	NExp.	3 (100%)
		NCorref.	7 (68%)	Exp. NExp.	5 (70%) 2 (30%)
Oração N	11 (34%)	Corref.	2 (27%)	NExp.	2 (100%)
		NCorref.	9 (73%)	Exp.	9 (100%)
Oração H	1 (2%)	NCorref.	1 (100%)	Exp.	1 (100%)
O Comp.	10 (32%)	Corref.	6 (60%)	Exp. NExp.	1 (10%) 5 (90%)
		NCorref.	4 (40%)	Exp. NExp.	2 (50%) 2 (50%)

A seguir exemplifica-se cada um dos estatutos sintáticos dos EIs em relação às OCs e suas implicaturas para com a correferencialidade e explicitude do sujeito.

- (18) **[Feixes de O. Comp. + OC + Corref. + NExp.]** Temos sempre em vista a pessoa e a coletividade, eu e os outros, nós e os demais. Não podemos perder essa bússola, que aponta para o norte dos ideais, dos projetos de cidadania, do bem coletivo, da inclusão social, Deus está presente nessa busca. Ninguém está

sozinho. O amor de Deus estará sempre presente, pois Deus é Amor que nos ama em primeiro lugar. **Não queiramos tudo nas mãos, inclusive possuir o afeto de todos, pois um dia nos decepcionamos** (PAGOTTO, 2008);

- (19) [**O. Feixes de O. Comp. + OC + NCorref. + Exp.**] Penso que uma festa religiosa como esta, aqui comentada, nos ajuda a viver a nossa fé em nosso Deus, que nos enviou seu Filho feito homem para nos instruir e salvar. Pois este Filho, na hora suprema da morte, no-la deu por Mãe (VIEIRA, 2008);
- (20) [**O. Nuclear + OC + Corref. + NExp.**] Preparar a festa do maior aniversariante da humanidade significa dobrar os joelhos e orar, abrir as mãos e o coração e partilhar. Assim, teremos um Natal diferente, que deixa marcas de felicidades para sempre e não somente enquanto duram as luzes, enfeites e comilanças. **Cuidado! Ficai atentos, porque não sabeis quando chegará o momento** (Mc 13,33) (BATTISTI, 2008);
- (21) [**O. Nuclear + OC + NCorref. + Exp.**] A liturgia cristã é significado de festa, porque Deus está conosco (WESTRUPP, 2008);
- (22) [**O. Hipotática + OC + NCorref. + Exp.**] Cada um de nós tem a sua história e o seu jeito de entender e buscar a felicidade. **Contudo insistimos: Feliz Natal! Porque Natal deveria ser feliz para todos** (CONTI, 2008);
- (23) [**O. Nuclear + OC + Corref. + Exp.**] Existem **referências, espaços concretos de viver em comum a felicidade que buscamos**. Pois **esses** se constituem espaços onde construímos efetivamente a felicidade partilhada, co-dividida (PAGOTTO, 2008);
- (24) [**O. Nuclear + OC + NCorref. + Exp.**] O amor de Deus estará sempre presente, **pois Deus é Amor que nos ama em primeiro lugar**. (PAGOTTO, 2008);
- (25) [**O. Comp. + OC + Corref. + NExp.**] Muitos perdem o gosto de viver e por aquilo que fazem, porque não cuidam de si mesmos (BATTISTI, 2009);
- (26) [**O. Comp. + OC + NCorref. + Exp.**] O amor de Deus é incondicional, gratuito, sem medidas. Deixemo-nos amar. **Aceitemos ser amados, pois Deus se agrada dos que “confiam esperando no seu amor”**, diz o salmista (BRANDES, 2008);
- (27) [**O. Comp. + OC + NCorref. + NExp.**] Tanto nas falas das duas chefes de Estado como nas vozes de pessoas do povo ouvi expressões de gratidão pela ação decisiva do Papa João Paulo II: **“agradeça ao Papa, porque não deixou a guerra acontecer!”** (SCHERER, 2008);

Em linhas gerais, as implicaturas advindas das 4 (quatro) diferentes correlações do ES do EI e da OC com a correferencialidade e a explicitude do sujeito levam à duas conclusões: por um lado, nas ocorrências em que os sujeitos do EI são correferentes com os da OC, a tendência é a da não-explicitude destes. Por outro, a não-correferencialidade implica explicitude.

3.1.3.1.2 Modo-tempo verbais

O quadro 19 apresenta 6 (seis) diferentes correlações entre os modo-tempo verbais do EI e da OC, no que diz respeito aos Feixes de orações complexas; 4 (quatro), às Orações nucleares; 1 (uma), à Oração hipotática; e 3 (quatro), às Orações complexas, conforme pode-se observar nos dados apresentados a seguir:

QUADRO 19: Cruzamento de dados e correlações entre Est. sintático e Modo-tempo verbal

Estatuto Sintático		Modo-tempo verbais do EI	Modo-tempo verbais da OC	
	Nº de O (%)			Nº de O (%)
Feixes de O Comp.	11 (34%)	Ind. futuro Ind. imperfeito Ind. presente Ind. presente Imp. negativo Ind. presente	Ind. presente Ind. futuro Ind. imperfeito Ind. presente Ind. presente Ind. perfeito	2 (18%) 1 (9%) 1 (9%) 5 (46%) 1 (9%) 2 (18%)
Oração N	11 (34%)	Ind. futuro Ind. presente Ind. presente Imp. afirmativo	Imp. presente Ind. perfeito Ind. presente Ind. presente	1 (9%) 2 (18%) 6 (54%) 2 (18%)
Oração H	1 (3%)	Ind. presente	Ind. Fut. Do pret.	1 (100%)
O Comp.	9 (29%)	Ind. presente Ind. presente Imp. Afirmativo	Ind. perfeito Ind. presente Ind. presente	1 (11%) 2 (22%) 6 (67%)

A seguir, exemplifica-se cada uma das correlações do ES do EI em relação aos modo-tempo verbais do EI e da OC.

- (28) [**Feixes de O. Comp. + OC + ind. futuro + ind. presente**] A coroa do Advento que nos **acompanhará** nos quatro domingos que antecedem o Natal e que abrem o ano litúrgico será um belo sinal em nossas Igrejas e também em nossas casas, pois nos **ajuda** a estarmos também nós na expectativa d’Aquele que abriu os céus (VELOSO, 2008);
- (29) [**Feixes de O. Comp. + OC + ind. imperfeito + ind. futuro**] Exatamente por ocupar uma posição de alta responsabilidade, **era** necessário para o Papa cuidar de si mesmo. Pois, se não cuidar de si mesmo, seu cuidado com os outros não **trará** bênçãos. (BATTISTI, 2008);
- (30) [**Feixes de O. Comp. + OC + ind. presente + ind. imperfeito**] Neste Natal **queremos** anunciar sem ambigüidades, a grandeza do homem, revelada por Jesus. E isso provém de seu conhecimento, porque ele “**sabia** o que havia no homem” (Jo 2, 25) (OPPERMANN, 2008);
- (31) [**Feixes de O. Comp. + OC + ind. presente + ind. presente**] **Existem** referências, espaços concretos de viver em comum a felicidade que buscamos. Pois esses se **constituem** espaços onde construímos efetivamente a felicidade partilhada, co-dividida (PAGOTTO, 2008);
- (32) [**Feixes de O. Comp. + OC + imp. Negativo + ind. presente**] Tenhamos sempre em vista a pessoa e a coletividade, eu e os outros, nós e os demais. Não podemos perder essa bússola, que aponta para o norte dos ideais, dos projetos de cidadania, do bem coletivo, da inclusão social, Deus está presente nessa busca. Ninguém está sozinho. O amor de Deus está sempre presente, pois Deus é Amor que nos ama em primeiro lugar. **Não queiramos** tudo nas mãos, inclusive possuir o afeto de todos, pois um dia nos **decepcionamos** (PAGOTTO, 2008);
- (33) [**Feixes de O. Comp. + OC + ind. presente + ind. perfeito**] Todos **conhecemos** a situação de calamidade pública resultante das enchentes e deslizamentos que assolaram nosso Estado, graças, muito também, aos meios de comunicação social. Aliás, esse **é** um lado da grande missão que lhe cabe: informar objetivamente e ajudar a formar uma consciência de cidadania solidária. Pois essa situação de calamidade **fez** brotar uma onda de solidariedade em todo o nosso Estado (BERGMANN, 2008);
- (34) [**O. nuclear + OC + ind. futuro + ind. presente**] O amor de Deus **estará** sempre presente, pois Deus é Amor que nos ama em primeiro lugar. (PAGOTTO, 2008);
- (35) [**O. nuclear + OC + ind. presente + ind. perfeito**] A fé **revigora** os nossos laços espirituais entre os familiares, entre vizinhos, entre amigos, entre todos os

povos da terra. Porque, naquele que nasceu por nós, sua Luz de vida e Verdade nos **foi** dada (PAGOTTO, 2008);

- (36) [**O. Nuclear + OC + ind. presente + ind. presente**] Para os que vivem a vida da Igreja, atos – como este da coroação da imagem do dia da festa – **são** eloqüentes. Eloqüentes, porque **proclamam** nossa fé na divindade de Cristo (VIERIRA, 2008).
- (37) [**O. Nuclear + OC + imp. afirm.+ ind. presente**] Preparar a festa do maior aniversariante da humanidade significa dobrar os joelhos e orar, abrir as mãos e o coração e partilhar. Assim, teremos um Natal diferente, que deixa marcas de felicidades para sempre e não somente enquanto duram as luzes, enfeites e comilanças. Cuidado! **Ficai** atentos, porque não **sabeis** quando chegará o momento (Mc 13,33) (BATTISTI, 2008);
- (38) [**O Comp. + OC + ind. presente + ind. perfeito**] Embora, em outros tempos eu tivesse tido, por uns breves momentos, opiniões contrárias às da Santa Mãe Igreja, **estou** convencido da perfeita pertinência dessa práxis eclesial. Antes de tudo, porque a recomendação **veio** de Jesus, o Mestre, que sempre tinha posições de ideais arrojados (OPPERMAN, 2008);
- (39) [**O Comp. + OC + ind. presente + ind. presente**] Muitos **perdem** o gosto de viver e por aquilo que fazem, porque não **cuidam** de si mesmos (BATTISTI, 2009);
- (40) [**O Comp. + OC + imp. afirm. + ind. presente**] Assim, como nos diz São Paulo na Epístola deste domingo, tornaremos firmes, nos crentes, o testemunho de Cristo e os incitaremos a estarem vigilantes, aguardando aquEle que vem ao nosso encontro. “**Acautelai-vos e vigiai**, porque não **sabeis** quando chegará o momento” (Mc 13,33);

Os dados apresentados no quadro 19, juntamente com os exemplos que lhes são próprios indicam a preferência, independentemente do estatuto sintático do EI da OC, primeiramente, pelo modo indicativo e, no que diz respeito ao tempo verbal, pelo presente. Ademais, observa-se a ausência absoluta de ocorrências no modo subjuntivo, bem como de formas nominais do verbo, normalmente, associadas à orações adverbiais reduzidas.

3.1.3.1.3 Tipo de conectivo e Ordenação

Com relação ao tipo de conectivo, o quadro 20 indica o emprego de apenas 2 (dois) dos 10 (dez) conectivos possíveis (cf. capítulo II): **porque** e **pois**, respectivamente. Quanto à ordenação, a análise das ocorrências discriminadas no quadro indica a predominância absoluta da posposição da OC em relação ao EI, conforme se observar nos dados abaixo discriminados:

QUADRO 20: Cruzamento de dados e correlações entre Est. sintático, Tipo de conectivo e Ordenação

Estatuto sintático		Tipo de conectivo		Ordenação	
	Nº de O (%)		Nº de O (%)		Nº de O (%)
Feixes de O Comp.	11 (34%)	pois porque	8 (73%) 3 (17%)	Posposta	11 (100%)
Oração N	11 (34%)	pois porque	2 (18%) 9 (82%)	Posposta	11 (100%)
Oração H	1 (3%)	porque	1 (100%)	Posposta	1 (100%)
O Comp.	9 (29%)	pois porque	3 (33%) 6 (77%)	Posposta	9 (100%)

A seguir exemplifica-se cada um dos tipos de conectivos empregados em relação à ordenação:

(41)[**Porque**] Neste Natal queremos anunciar sem ambigüidades, a grandeza do homem, revelada por Jesus. E isso provém de seu conhecimento, **porque** ele “sabia o que havia no homem” (Jo 2, 25) (OPPERMAN, 2008);

(42)[**Pois**] O amor de Deus estará sempre presente, **pois** Deus é Amor que nos ama em primeiro lugar. (PAGOTTO, 2008);

3.1.3.2 Cruzamento de dados entre os diferentes níveis do CG: correlações secundárias

Consoante aos procedimentos de análise, dispostos na seção 2.2, as correlações secundárias serão realizadas sob a perspectiva *top down*, ou seja, os parâmetros de análise do nível superior serão correlacionados ao do nível que lhe é imediatamente sucedâneo e, assim, sucessivamente. Em outras palavras: os parâmetros de análise do nível interpessoal serão

correlacionados, primeiramente aos do nível representacional, e, depois, aos do nível morfossintático. No entanto, essas correlações poderão realizar-se também entre os dois primeiros, ou os dois últimos níveis apenas, dependendo das possibilidades e implicaturas que a análise viabilizar. Essas, por sua vez, excluirão, automaticamente, parâmetros de análise cuja correlação já tenha sido exaustiva em relação à parâmetros outros do próprio nível, como é o caso da correferencialidade e da explicitude do sujeito.

3.1.3.2.1 Tipo de argumento, de categoria e Estatuto sintático

A primeira das correlações secundárias diz respeito ao tipo de argumento codificado pela OC (parâmetro determinante) em relação ao parâmetros tipo de categoria, tanto do EI, quanto da OC, e estatuto sintático do EI. Assim, por exemplo, na primeira ocorrência analisada, obteve-se o seguinte resultado: **argumento de autoridade (bíblico) + estado-de-coisas + estado-de-coisas + orações complexas.**

Os dados analisados estão correlacionados e dispostos no quadro seguinte:

QUADRO 21: Cruzamento de dados e correlações entre Tipo de argumento, de Categoria e Est. sintático

Tipo de argumento		Tipos de categoria		Estatuto sintático		
	Nº de O (%)			Nº de O (%)		Nº de O (%)
Autoridade (bíblico)	11 (34%)	Ato	Esco	1 (9%)	O. Comp.	1 (100%)
		C. prop	Esco	2 (18%)	O Nuclear	2 (100%)
		Esco	Esco	6 (55%)	O. Comp O. Nuclear	5 (83%) 1 (17%)
		<i>Move</i>	Esco	2 (18%)	Feixe de O O. Nuclear	1 (50%) 1 (50%)
Competência	12 (38%)	Ato	Ato	1 (9%)	O. Comp.	1 (100%)
		Ato	C. prop.	5 (44%)	Feixe de O O. Comp. O. Nuclear	1 (26%) 1 (26%) 3 (58%)
		C. prop.	C. prop.	1 (9%)	O. Nuclear	1 (100%)
		<i>Move</i>	Esco	2 (16%)	Feixe de O O. Comp.	1 (50%) 1 (50%)
		<i>Move</i>	C. prop.	3 (22%)	Feixe de O.	4 (100%)
Senso comum	9 (28%)	Ato	Ato	5 (55%)	Feixe de O O. Comp. O. Nuclear	1 (20%) 2 (40%) 2 (40%)
		<i>Move</i>	ato	4 (45%)	Feixe de O O. Hipotática O. Nuclear	2 (50%) 1 (25%) 1 (25%)

No que diz respeito ao argumento de autoridade (bíblico) (parâmetro determinante), o quadro 21 registra 4 (quatro) diferentes correlações entre tipos de categoria. Dentre essas correlações predominam a ocorrência entre estado-de-coisas tanto à margem direita quanto esquerda, e da codificação desta, ou seja, do EI, em forma de orações complexas.

Quanto ao argumento de competência, o quadro também indica 5 (cinco) diferentes correlações entre tipos de categoria. Não obstante, duas delas se destacam: as correlações entre atos do discurso (A) e conteúdos proposicionais (p), e as entre *Moves* (M) e conteúdos proposicionais (p), à margem esquerda e direita, respectivamente. Enquanto a primeira correlação codifica-se, predominantemente, em orações nucleares, a segunda registra-se, absolutamente, em formas de feixes de orações complexas.

O argumento de senso comum, por sua vez, relaciona-se com apenas 2 (duas) correlações, dentre as quais destaca-se a entre *Move* (M) e ato do discurso (A), também expressa, predominantemente, em termos de feixes de orações complexas.

O resultado dessas primeiras correlações indicadas pelo quadro 21 aponta para as seguintes conclusões:

- a) os argumentos de autoridade (bíblico), aceitos como verdades incontestes e, por isso, considerados neste trabalho, como estados-de-coisas, correlacionam, predominantemente com estados-de-coisas, estruturados por orações complexas;
- b) os argumentos de competência codificam conteúdos proposicionais (p) na maioria das ocorrências analisadas – 9 (nove) dentre um total de 12 (doze) ocorrências. Estas, por sua vês, estruturam-se, na maioria dos casos, como feixes de orações complexas, totalizando 6 (seis) ocorrências;
- c) os argumentos de senso comum tanto codificam quanto, correlacionam-se, predominantemente atos do discurso (A), cuja estrutura expressa-se, em sua maioria, ora como orações nucleares, ora como feixes de orações complexas;
- d) ademais, é importante destacar que o *move* (M) é expresso orações nucleares, complexas e por feixes de orações complexas, e – em todas as ocorrências analisadas, independente do ES do EI – está associado à mudança no fluxo de informação e, na grande maioria das ocorrência, associa-se ao objetivo do autor/escritor de exortar o público leitor a respeito da primeira vinda de Cristo.

3.1.3.2.2 Tipo de categoria, Referência temporal e Modo-tempo verbal

A segunda correlação concerne ao tipo de categoria (parâmetro determinante), referência temporal e modo-tempo verbais do EI e da OC. Destarte, a primeira correlação, por exemplo, apresenta o seguinte resultado: **estado-de-coisas (e) + estado-de-coisas (e) + RTD + imperativo negativo + imperativo afirmativo**. A partir do parâmetro de análise determinante (tipos de entidade do EI e da OC), os dados estão dispostos no quadro a seguir:

QUADRO 22: Cruzamento de dados e correlações entre Referência temporal e Modo-tempo verbal

Tipo de Categoria do EI e da OC			Referência temporal		Tempo-modo verbais do EI e da OC		
		Nº de O (%)		Nº de O (%)			Nº de O (%)
Ato	Ato	6 (19%)	RTD	3 (50%)	Ind. presente	Ind. presente	3 (100%)
			RTI	3 (50%)	Ind. imperf. Ind. perfeito Imp. Afirm.	Ind. futuro Imp. afirm. Ind. presente	1 (33%) 1 (33%) 1 (33%)
Ato	C. prop.	5 (12%)	RTD	2 (40%)	Ind. presente	Ind. presente	2 (100%)
			RTI	3 (60%)	Ind. presente	Ind. perfeito	3 (100%)
Ato	Esco	1 (3%)	RTI	1 (100%)	Imp. Afirm.	Ind. presente	1 (100%)
C.prop.	C. prop.	1 (3%)	RTD	1 (100%)	Ind. futuro	Ind. perfeito	1 (100%)
C.prop.	Esco	2 (6%)	RTD	1 (50%)	Ind. presente	Ind. presente	1 (100%)
			RTI	1 (50%)	Ind. presente	Ind. perfeito	1 (100%)
Esco	Esco	6 (19%)	RTI	6 (100%)	Ind. presente	Ind. perfeito	1 (15%)
					Imp. Afirm.	Ind. perfeito	1 (15%)
					Imp. Afirm.	Ind. presente	4 (70%)
Move	Ato	4 (12%)	RTI	4 (100%)	Ind. presente	Ind. fut. pret.	1 (25%)
					Ind. presente	Ind. perfeito	1 (25%)
					Ind. presente	Ind. presente	1 (25%)
					Imp. Neg.	Ind. presente	1 (25%)
Move	C. prop.	3 (12%)	RTD	1 (25%)	Ind. presente	Ind. presente	1 (100%)
			RTI	2 (75%)	Ind. futuro Ind. presente	Ind. presente Ind. perfeito	1 (50%) 1 (50%)
Move	Esco	4 (12%)	RTD	1 (25%)	Imp. Afirm.	Ind. presente	1 (100%)
			RTI	3 (75%)	Impossível Ind. presente Ind. presente	Ind. perfeito Ind. imperf. Ind. presente	1 (33%) 1 (33%) 1 (33%)

No que diz respeito ao parâmetro determinante (tipo de categoria do EI e da OC) em relação à referência temporal, o quadro 22 indica regularidade, na primeira correlação – ato do discurso (A) e ato do discurso (A) – uma vez que das 6 (seis) ocorrências analisadas, 3 (três) são apresentadas RTD e 3 (três), RTI. As primeiras registram uma única correlação modo-temporal; as segundas, por sua vez, apresentam 3 (três) diferentes correlações.

Entre Ato do discurso (A) e conteúdo proposicional (p), a análise indica a predominância da RTI, pois das 5 (cinco) ocorrências, 2 (duas) apresentam RTD, e 3 (três) RTI. Tanto estas, quanto aquelas apresentam uma correlação modo-temporal específica. A terceira correlação determinante – ato do discurso (A) e estado de coisas (e) apresenta uma única ocorrência, cuja referência temporal é independente. A quarta correlação – conteúdo proposicional (p) e conteúdo proposicional (p) também apresenta uma única ocorrência, cuja referência temporal, ao contrário, é dependente. A quinta correlação – conteúdo proposicional

(p) e estado-de-coisas (e) apresenta 2 (duas) ocorrências, uma com referência temporal dependente, e outra, não. Essa disparidade verifica-se também na correlação modo-temporal, que é distinta para cada uma delas.

A correlação estado-de-coisas e estado-de-coisas apresenta 6 (seis) ocorrências, cujas referências temporais são todas elas independentes e as correlações modo-temporais, por sua vez, variam em três formas distintas. Entre *move* (M) e ato do discurso (A) registram-se 4 (quatro) ocorrências, cujas referências temporais, estabelecidas a partir do conjunto modo-tempo verbal do EI e da OC, são independentes. Entre *moves* (M) e conteúdo proposicionais (p), as 3 (três) ocorrências registradas também ocorrem, predominantemente, com referência temporal independente, haja vista que, das 3 (três) ocorrências analisadas, 2 (duas) apresentam esse tipo de referência temporal. O mesmo acontece com a última correlação *move* (M) e estado-de-coisas: das 4 (quatro) ocorrências, 3 (três) apresentam referência temporal independente. Os resultados advindos dessas segundas correlações – referentes aos níveis Representacional e Morfossintático – evidenciam que:

- a) a referência temporal dependente está associada, preferencialmente à correlação modo-temporal **indicativo presente + indicativo presente**;
- b) quanto mais alta a camada ou tipo de categoria do EI, mais recorrentes e variadas são as correlações modo-temporais cuja referência temporal é não-dependente, uma vez que a maioria encontra-se entre atos do discurso (A) ou *moves* (M).

3.1.3.2.3 Pressuposição, Estatuto informacional, Tipo de Conectivo e Ordenação

A terceira e última correlação diz respeito à pressuposição (parâmetro determinante), face ao estatuto informacional, ao tipo de conectivo e à ordenação. A primeira correlação, por sua vez, apresenta o seguinte resultado: **não-pressuposta + nova + porque + posposta**.

Ademais, os dados apresentados no quadro 23, a seguir, indicam a não-pressuposição absoluta das ocorrências analisadas, o que, por conseguinte, implica a codificação de informação nova, conforme indicação da seção 3.1.2.1.3. Estes resultados, por sua vez, embora sejam co-determinantes entre si, não são interferem no emprego dos conectivos, tendo

em vista que ocorrem tanto com **porque**, quanto com **pois**. O contrário, porém, ocorre com o parâmetro ordenação, estreitamente associado e determinado pelos que lhes antecedem: assim, a não-suposição implica a codificação de informação nova que, por sua vez, implica a posposição. No quadro seguinte, discrimina-se, um a um os dados devidamente cruzados e correlacionados a partir do parâmetro determinante (a suposição):

QUADRO 23: Cruzamento de dados e correlações entre Suposição, Est. Inform., Tipo de conectivo e Ordenação.

Suposição		Estatuto informacional		Tipo de conectivo		Ordenação	
	Nº de O (%)		Nº de O (%)		Nº de O (%)		Nº de O (%)
NPres	32 (100%)	Nova	32 (100%)	Porque Pois	19 (60%) 14 (40%)	Posposta	32 (100%)

3.1.4 Resultados gerais dos condicionamentos das OCs em relação à argumentatividade

- A preferência por argumentos de competência codificados nas OCs, predominantemente, por meio de conteúdos proposicionais (p) relaciona-se com a segunda categoria de causa apontada por Perelman e Olbrechts-Tyteca (1999) (cf. seção 1.2) de acordo com a qual o escritor, partindo de um acontecimento ou de uma afirmação, aponta a existência de uma causa que pode determiná-la. Esta, por sua vez, relaciona-se ao conhecimento enciclopédico do escritor. No que diz respeito às ocorrências analisadas, em especial, esse conhecimento enciclopédico – que pode também ser considerado uma competência técnica ou profissional – cerceia o âmbito religioso cristão-católico, o que advém tanto do contexto mesmo em que os artigos são produzidos, quanto da posição/função social de seus autores (a de membros do corpo episcopal brasileiro);

- a ausência de elementos focalizadores sinaliza, um traço inerente a esse tipo de discurso que se torna ainda mais evidente em se tratando de argumentos de natureza bíblica, amparado sob o dogma da infalibilidade e universalidade.
- os argumentos de autoridade nas OCs – segundo maior número de ocorrências e codificados por meio de estados-de-coisas (e) – ocorre apenas com os de ordem bíblica, posto que argumentos provenientes do Tradição ou do Magistério não foram encontrados nas ocorrências analisadas;
- os argumentos de senso comum, por sua vez, tem como tipo de categoria atos de fala (A), o que evidencia uma forma de ligação mais frouxa entre as OCs e seus EIs. Nesses casos, a força argumentativa, embora presente, via de regra, uma opinião comumente aceita, tende a convalidar-se e a assumir valor de verdade em função da autoridade inerente ao autor/escritor;
- quanto maior é autoridade citada, tanto maior constitui o valor de verdade do argumentos codificados pelas OCs, o que confirma uma das hipóteses iniciais;
- os resultados obtidos apontam também para a constatação de que o maior ou menor grau de integração sintática constitui reflexo de maior ou menor grau de integração semântica;
- esses primeiros resultados refletem-se na referência temporal e nos modo-tempo verbais tanto dos EIs quanto das OCs: de modo geral, a análise indica a tendência à referência temporal dependente e a modo-tempos verbais equivalentes quando os tipos de categoria codificados pelas OCs e pelos EIs também o é;
- como todas as OCs são não-supostas e, por conseguinte, novas e pospostas, a análise indica que o conectivo não é, nas ocorrências analisadas, um fator determinado;
- com relação às influências do suporte ou veículo de divulgação nos condicionamentos das OCs, importa ressaltar que a ocorrência de *moves* (M)

como EIs sugere uma escrita mais informal, bem como a ausência de pré-sequências, tendo em vista a mudança de fluxo informacional à qual estão associados.

3.2. Ocorrências referentes ao Tempo do Natal

3.2.1. Nível Interpessoal

A análise⁸² das 18 (dezoito) ocorrências do TN no que concerne às funções pragmáticas e retóricas, por um lado, evidencia, que a maioria delas não apresenta elementos focalizadores, assim como ocorre na análise das ocorrências do TA. Novamente, a ausência desses elementos pode ser justificada face à natureza desse discurso, cujo valor dos argumentos – em maior parte dogmáticos – é apresentado de forma absoluta e universal. Por outro lado, indica a predominância de argumentos de competência, seguidos dos de senso comum, e dos de autoridade (bíblico), respectivamente.

Os dados registrados estão indicados detalhadamente no quadro a seguir:

QUADRO 24: Funções pragmáticas e retóricas: resultados percentuais

Nível Interpessoal			Nº de O (%)
Funções pragmáticas Elementos Focalizadores	Afirmativos		1 (6%)
	Verificadores		3 (12%)
	Ausente		14 (78%)
Funções retóricas Tipo de Argumento	Autoridade	Bíblico	4 (22%)
	Competência		8 (45%)
	Senso comum		6 (33%)

A predominância de argumentos de competência, assim como indica a análise realizada com as ocorrências do TA, indica a escolha de argumentos cuja sustentação se dá tanto por meio de conhecimentos específicos referentes ao corpo episcopal (e, por isso, técnico ou profissional), nos referentes às verdades de fé, quanto a fatos históricos, sociais e/ou científicos (já citados nas seções 2.2.1.1 e 3.1.1). A escolha de argumentos, em segundo lugar, de senso comum indica que o autor/escritor, embora utilize uma opinião universalmente aceita, busca a sustentação que lhe é devida por meio de sua autoridade advinda da posição

⁸² As explicações das análises serão mais sucintas nos tempos que sucedem ao do Advento, o primeiro deles. Nos demais tempos, a começar pelo do natal, a objetividade das explicações será uma constante, haja vista a possibilidade de redundância ao se repetir informações já apresentadas em outro momento da análise.

social no âmbito cristão-católico. E, finalmente, a escolha dos argumentos de autoridade (bíblico), que constitui, nesse contexto, um mecanismo **infallível** de argumentação confere às OCs um valor de verdade irrevogável que, por conseguinte, tende a estender-se também a seu EI.

3.2.1.1. Cruzamento dos dados e correlações primárias

Os dados apresentados no quadro 24 (resultados percentuais) foram, conforme procedimentos adotados, cruzados e correlacionados um a um. Assim, por exemplo, na primeira ocorrência, obteve-se o seguinte resultado: **Elemento focalizador ausente + argumento de senso comum**. Mais uma vez, verificou-se a predominância da ausência de elementos focalizadores, fato este que vai ao encontro dos dados referentes ao TA e, ao mesmo tempo, concorre para a confirmação de que a ausência desses elementos pode estar associada à natureza mesma desse tipo de discurso, cuja verdade, uma vez tida como universal, não abre espaço para a **verdade do outro**.

QUADRO 25: Cruzamento de dados e diferentes correlações entre as funções pragmáticas e as retóricas

Diferentes correlações entre presença/ausência de Focalizador e Tipo de argumento			Nº de O (%)
Modalizador epistêmico	>	competência	1 (5%)
Ausente	>	Autoridade (Bíblico)	4 (23%)
Ausente	>	Competência	4 (23%)
Ausente	>	Senso comum	5 (27%)
Verificador	>	Competência	4 (23%)

A seguir, exemplificam-se as também 5 (cinco) correlações apresentadas na tabela:

- (43) [**Modalizador epistêmico + competência**] Os pastores acorreram ao local, aos lhes terem sido anunciado pela coorte angélica: “Hoje vos nasceu na Cidade de Davi um Salvador, que é o Cristo Senhor” (Lc 2,11). E na sua humildade creram no que ouviram, constataram e saíram anunciando a maravilha que viram: José, Maria e o Recém-nascido. Mas, que maravilha? A grandeza da obra de Deus, **pois naquele local, por certo, a santidade que dali se exalava era mais intensa e inebriante do que a aparência paupérrima daquele cenário** (VELOSO, 2009);

- (44) [**Ausente + autoridade (bíblico)**] O profeta Isaías olhou para o futuro e, cheio de esperança, sentenciou: “O povo que andava na escuridão viu uma grande luz; pra os que habitavam na sombra da morte, uma luz resplandecer.” Por quê? Ele mesmo responde: “**Porque nasceu para nós um menino**⁸³” (Is 9, 1-5) (BOHN, 2009);
- (45) [**Ausente + competência**] A disparidade entre ricos e pobres tornou-se mais evidente, mesmo nas nações economicamente mais desenvolvidas. Trata-se de um problema que se impõe à consciência da humanidade, **uma vez que as condições em que se encontra um grande número de pessoas são tais que ofendem a dignidade natural** (AZEVEDO, 2009);
- (46) [**Ausente + senso comum**] E quantas vezes nos distanciamos dos Sacramentos, principalmente da Sagrada Eucaristia, e não damos ouvido ao chamado que nos vem do Santo Tabernáculo: “Vinde a mim, vós todos que estais aflitos sob o fardo, e eu vos aliviarei” (Mt 11,28). Não ouvimos **porque o mundo nos atrai** (VELOSO, 2009);
- (47) [**Verificador + competência**] Os pastores, marginalizados e depreciados pelos “bons”, oprimidos e explorados pelos ricos, são os escolhidos de Deus para conhecer por primeiro que o Messias havia nascido. A eles, antes de todos os outros, é dada a boa notícia que faz daquela noite uma noite de alegria. Aos pastores, **exatamente, porque nada possuíam** (RODRIGUES, 2009);

3.2.2 Nível Representacional

Com relação às funções semânticas, as OCs, assim como nas ocorrências do TA, não codificam *Moves* (M) e, por isso, situam-se nas camadas inferiores: a do conteúdo proposicional (p), ato do discurso (A) e estado-de-coisas (e) respectivamente. Por conseguinte, essas orações funcionam como modificadores proposicionais, ilocucionários e predicacionais. Por outro lado, os EI codificam, em primeiro lugar, por conteúdos proposicionais (p), seguidos por *Moves* (M) e atos do discurso (A) e estados-de-coisas (e). O que implica as funções de modificadores proposicionais, discursivos, ilocucionários e predicacionais.

Com relação à Referência temporal, a maioria das 18 (dezoito) ocorrências apresenta, assim como nas ocorrências do TA, referência temporal não-dependente. Quanto à

⁸³ Essa ocorrência foi selecionada e analisada sob o rótulo de OC. No entanto, há que se fazer uma ressalva, pois o comportamento sintático dessa oração está num *continuum* entre adverbial e substantiva.

pressuposição, todas as OCs são não-pressupostas, com 14 (quatorze). Essas ocorrências, por conseguinte, codificam informações novas.

QUADRO 26: Funções semânticas: resultados percentuais

Nível Representacional		Nº de O (%)
Tipo de categoria da OC	Ato	6 (33%)
	C. Prop.	8 (45%)
	Esco	4 (22%)
Tipo de categoria do EI	<i>Move</i>	5 (28%)
	Ato	5 (28%)
	C. Prop.	6 (33%)
	Esco	2 (11%)
Referência temporal	Dep.	8 (44%)
	Não dep.	10 (56%)
Pressuposição	NPres.	18 (100%)
Estatuto informacional	Nova	18 (100%)

3.2.2.1. Cruzamento dos dados e correlações primárias

No nível Representacional, os dados apresentados no quadro 26 (resultados descritivos) foram cruzados um a um e correlacionados. Assim, por exemplo, na primeira ocorrência, obteve-se o seguinte resultado: **ato do discurso (A) + ato do discurso (A) + não-dependente + não-pressuposta + informação nova**. O resultado total desses cruzamentos e correlações está disposto nos quadros 27, 28 e 29:

3.2.2.1.1 Referência temporal

QUADRO 27: Cruzamento de dados entre diferentes correlações entre Tipo de categoria e Referência temporal

Tipo de categoria do EI / Tipo de categorias da OC Nº de O (%)			Referência temporal / Nº de O (%)	
Ato	Ato	3 (17%)	RTD RTI	2 (67%) 1 (33%)
Ato	Esco	2 (12%)	RTI	2 (100%)
C. prop.	C. prop.	8 (44%)	RTD RTI	5 (62%) 3 (38%)
Esco	Esco	1 (6%)	RTD	1 (100%)
Esco	Ato	1 (6%)	RTI	1 (100%)
<i>Move</i>	Ato	2 (12%)	RTD RTI	1 (50%) 1 (50%)
<i>Move</i>	Esco	1 (6%)	RTI	1 (100%)

Conforme indicações do quadro 27, a análise das 18 (dezoito) ocorrências registra 7 diferentes correlações entre o tipo de categoria do EI e da OC, dentre as quais predominam as que codificam tanto à margem direita quanto à esquerda, primeiramente, conteúdos proposicionais (p) e, em seguida, atos do discurso (A). No que diz respeito à Referência temporal, há regularidade em relação à dependência, visto que 50% das ocorrências apresentam referência temporal dependente, e 50%, não. A seguir, exemplifica-se cada uma das correlações do tipo de categoria do EI e da OC e suas implicaturas para a referência temporal:

- (48) **[Ato + ato + RTD]** E quantas vezes nos distanciamos dos sacramentos, principalmente da Sagrada Eucaristia, e não damos ouvido ao chamado que nos vem do Santo Tabernáculo: “Vinde a mim, vós todos que estais aflitos sob o fardo, e eu vos aliviarei” (Mt 11,28). **Não ouvimos porque o mundo nos atrai** (VELOSO, 2009);
- (49) **[Ato + ato + RTI]** A posse de Prefeitos, vice-Prefeitos e Vereadores traz para o centro do tablado as mulheres e homens públicos de nossos Municípios. **Eles são pessoas muito próximas de nós, pois receberam a incumbência de resolverem os problemas, os planos e os sonhos das pessoas** (OPPERMANN, 2009);
- (50) **[Ato + esco + RTI]** Natal é festa de vitória sobre o mal, sobre injustiças, violências, desavenças e guerras, **umas vez que “Toda bota que marchava**

com e a farda que se suja de sangue, vão para a fogueira, alimento das chamuscas” (Is 9, 4) (MOREIRA, 2009);

- (51) [C. prop. + C. prop. + RTD] Os pastores, marginalizados e depreciados pelos “bons”, oprimidos e explorados pelos ricos, são os escolhidos de Deus para conhecer por primeiro que o Messias havia nascido. **A eles, antes de todos os outros, é dada a boa notícia que faz daquela noite uma noite de alegria. Aos pastores, exatamente, porque nada possuíam** (RODRIGUES, 2009);
- (52) [C. prop. + C. prop. + RTI] Os pastores acorreram ao local, aos lhes terem sido anunciado pela coorte angélica: “Hoje vos nasceu na Cidade de Davi um Salvador, que é o Cristo Senhor” (Lc 2,11). **E na sua humildade creram no que ouviram, constataram e saíram anunciando a maravilha que viram: José, Maria e o Recém-nascido. Mas, que maravilha? A grandeza da obra de Deus, pois naquele local, por certo, a santidade que dali se exalava era mais intensa e inebriante do que a aparência paupérrima daquele cenário** (VELOSO, 2009);
- (53) [Esco + esco + RTD] O profeta Isaías olhou para o futuro e, cheio de esperança, sentenciou: “O povo que andava na escuridão viu uma grande luz; pra os que habitavam na sombra da morte, **uma luz resplandeceu.**” Por quê? Ele mesmo responde: **“Porque nasceu para nós um menino”** (Is 9, 1-5) (BOHN, 2009);
- (54) [Esco + esco + RTI] Os magos buscavam a verdade que sua ciência, só, era incapaz de lhes oferecer. **Descobriram que a verdade é humilde, viram-na e a adoraram na pequenez de uma criança, pois “o Verbo se fez carne e habitou entre nós** (VELOSO, 2009);
- (55) [Esco + ato + RTI] Existem as pobrezaas que são conseqüências das carências materiais. Também, existem pobrezaas que são conseqüência dos fenômenos da marginalização, da pobreza relacional, moral e espiritual. **Há muita gente pobre porque é interiormente desorientada** (AZEVEDO, 2009);
- (56) [Move + ato + RTD] *Depois* de tantas legislaturas e tantos trabalhos efetuados em nossas cidades, o que acontece conosco que o abismo social é tão grande e as necessidades de uma vida mais justa e com direito à saúde, educação com qualidade, habitação digna, emprego e salário, lazer e busca do transcendente ainda estão longe de acontecer? O que impede que as coisas aconteçam? **Não é bom fazer comparações, pois a história e a cultura são outras** (TEMPESTA, 2009);
- (57) [Move + ato + RTI] Muitos estarão respondendo no seu interior e pensando em seu coração sobre a corrupção, interesses pessoais, desvios, egoísmos e coisas parecidas. Sim, é verdade tanto aqui como também em outros lugares, mas para isso existe o Poder Judiciário. Aliás, eu iria mais longe: isso demonstra o tipo de educação formal e informal que fomos recebendo no

decorrer de nossas vidas, e aonde tudo isso nos conduziu. **Muitos aprenderam a andar por esses caminhos e descobriram que “deu certo”, pois, impunes, continuam da mesma maneira** (TEMPESTA, 2009);

3.2.2.1.2 Pressuposição

No que diz respeito à pressuposição, a análise das 18 (dezoito) ocorrências registra a predominância absoluta da não-pressuposição e, portanto, da codificação de informações novas, conforme indicam os quadros 28 e 29.

QUADRO 28: Cruzamento de dados entre as diferentes correlações entre Tipo de categoria e Pressuposição

Tipo de categoria do EI / Tipo de categoria da OC Nº de O (%)			Pressuposição Nº de O (%)	
Ato	Ato	3 (17%)	NPres	3 (100%)
Ato	Esco	2 (12%)	NPres	2 (100%)
C. prop.	C. prop.	8 (44%)	NPres	4 (100%)
Esco	Esco	2 (12%)	NPres	2 (100%)
Esco	Ato	1 (6%)	NPres	1 (100%)
<i>Move</i>	Ato	2 (12%)	NPres	2 (100%)

3.2.2.1.3 Estatuto informacional

QUADRO 29: Cruzamento de dados entre as correlações entre Tipo de categoria e Est. Infom.

Tipo de categoria do EI / Tipo de categoria da OC Nº de O (%)			Estatuto informacional Nº de O (%)	
Ato	Ato	3 (17%)	Nova	3 (100%)
Ato	Esco	2 (12%)	Nova	2 (100%)
C. prop.	C. prop.	8 (44%)	Nova	8 (100%)
Esco	Esco	2 (6%)	Nova	2 (100%)
Esco	Ato	1 (6%)	Nova	1 (100%)
<i>Move</i>	Ato	2 (12%)	Nova	2 (100%)

A seguir, exemplifica-se as ocorrências da não-suposição, associadas à codificação de informações novas, respectivamente:

- (58) **[Não-suposta + nova]** A posse de Prefeitos, vice-Prefeitos e Vereadores traz para o centro do tablado as mulheres e homens públicos de nossos Municípios. Eles são pessoas muito próximas de nós, **pois receberam a incumbência de resolverem os problemas, os planos e os sonhos das pessoas** (OPPERMANN, 2009);

Assim como destacado ao término das análises referentes ao nível Representacional no TA, as informações apresentadas nos quadros 28 e 29 e as considerações feitas a respeito estão *pari passu* às de Koch (2004). Por isso, as ocorrências classificadas como não-supostas e, por conseguinte, responsáveis pela codificação de informação nova, foram assim consideradas pelo fato de constituírem uma estratégia argumentativa: o autor/escritor tende a apresentar como novo, mesmo as informações que já é de conhecimento do leitor e, portanto, algo **dado** ou **acessível**, conforme registro das ocorrências. É o que se observa em (58), um exemplo de que a OC, classificada como não-suposta e responsável pela codificação de informação nova, apresenta um dado acessíveis, pois que pode ser, facilmente, recuperada.

3.2.3 Nível Morfossintático

Com relação aos traços estruturais, as OCs analisadas tem como EIs, predominantemente, orações nucleares, seguidas de feixes de orações complexas e orações complexas. Esses resultados, por sua vez, não implicam correferência ou não-correferência do sujeito, dada a regularidade de ocorrências: 50% são correferentes, e 50%, não-correferentes. No entanto, essa regularidade não se reflete no que diz respeito à explicitude ou não do sujeito, uma vez que, a maioria das OCs analisadas apresenta sujeito explícito. Tal fato pode estar relacionado à necessidade de o autor/escritor reiterar, na OC, o sujeito do EI em virtude, talvez, de sua extensão que, por conseguinte, pode ocasionar perda de referência.

Quanto aos modo-tempo verbais dos EIs, a análise registra absoluta predominância do modo indicativo, exceto as 3 (três) ocorrências não analisadas, dada a impossibilidade de se

identificar o tempo-modo verbal predominantes, sobretudo em feixes de orações complexas. As OCs, por sua vez, apresentam também a predominância absoluta do modo indicativo.

No que concerne ao tipo de conectivo, a análise registra a ocorrência de apenas 3 (três), dentre as 10 (dez) possibilidades apresentadas (cf. seção 2.2.1.3). Em primeiro lugar está a conjunção **porque**, com 50% do total; em segundo, o conectivo **pois**, com 38%, seguido da perífrase conjuncional **uma vez que**, que corresponde a 12%.

O último dos parâmetros, relativo à ordenação, apresenta a predominância absoluta da posposição, com 100% das ocorrências.

Esses resultados, referentes a cada um dos parâmetros de análise propostos, estão sistematizados e detalhados no quadro abaixo:

QUADRO 30: Funções morfossintáticas: resultados percentuais

Nível Morfossintático			Nº de O (%)
Estatuto sintático	Feixes de O comp.		4 (22%)
	O comp.		6 (33%)
	Oração	Nuclear	8 (45%)
Correferência	Corref.		9 (50%)
	NCorref.		9 (50%)
Explicitude	Exp.		13 (72%)
	NExp.		5 (28%)
Modo-tempo verbais do EI	Indicativo	Presente	8 (45%)
		Perfeito	7 (38%)
	Impossível verificar		3 (17%)
Tempo-modo verbais da OC	Indicativo	Presente	7 (38%)
		Perfeito	4 (23%)
		Imperfeito	6 (33%)
		Mais-que-perfeito	1 (6%)
Tipo de conectivo	pois		7 (38%)
	porque		9 (50%)
	uma vez que		2 (12%)
Ordenação	Posposta		18 (100%)

3.2.3.1. Cruzamento dos dados e correlações primárias

Os dados apresentados no quadro 30 (resultados percentuais) foram cruzados, um a um, e correlacionados. Assim, a título de exemplificação, na primeira ocorrência, obteve-se o seguinte resultado: **orações complexas + suj. correferente + não-explicito + indicativo presente + indicativo perfeito + pois + posposta**. O resultado total desses cruzamentos e correlações está disposto nos quadros 31, 32 e 33.

3.2.3.1.1 Correferência e Explicitude do sujeito

A análise das 18 (dezoito) ocorrências registra 3 (três) diferentes estatutos sintáticos do EIs das OCs, dentre os quais predominam os expressos por orações nucleares, orações complexas e feixes de orações complexas, respectivamente. Dessa primeira correlação advém o parâmetro de análise determinante, ES do EIs em relação às OCs (cf. seção 3.1.3.1.1). Este, por sua vez, remete à correferencialidade, bem como à explicitude do sujeito. O quadro abaixo indica regularidade tanto em relação ao primeiro parâmetro quanto ao segundo, pois 50% das ocorrências apresentam sujeitos correferentes e não-explicitos, e 50%, o contrário: sujeitos não-correferentes e, por isso, explícitos.

QUADRO 31: Cruzamento de dados e correlações entre Est. sintático, Correferência e Explicitude sujeito

Estatuto sintático		Correferência		Explicitude	
	Nº de O (%)		Nº de O (%)		Nº de O (%)
Feixes de O Comp.	4 (22%)	Corref.	1 (16%)	NExp.	1 (100%)
		NCorref.	3 (84%)	Exp.	3 (100%)
Oração N	8 (44%)	Corref.	5 (62%)	NExp.	5 (100%)
		NCorref.	3 (38%)	Exp.	3 (100%)
O Comp.	6 (34%)	Corref.	3 (50%)	NExp.	3 (100%)
		NCorref.	3 (50%)	Exp.	3 (100%)

A seguir exemplifica-se cada um dos estatutos sintáticos dos EIs em relação às OCs e suas implicaturas para com a correferencialidade e explicitude do sujeito:

- (59) [**Feixe de O. Comp. + OC + Corref + NExp.**] **Muitos** estarão respondendo no seu interior e pensando em seu coração sobre a corrupção, interesses pessoais, desvios, egoísmos e coisas parecidas. Sim, é verdade tanto aqui como também em outros lugares, mas para isso existe o Poder Judiciário. Aliás, eu iria mais longe: isso demonstra o tipo de educação formal e informal que fomos recebendo no decorrer de nossas vidas, e aonde tudo isso nos conduziu. **Muitos** aprenderam a andar por esses caminhos e descobriram que “deu certo”, pois, **impunes, continuam** da mesma maneira (TEMPESTA, 2009);
- (60) [**Feixe de O. Comp. + OC + NCorref + Exp.**] **Os magos** buscavam a verdade que sua ciência, só, era incapaz de lhes oferecer. Descobriram que a verdade é humilde, viram-na e a adoraram na pequenez de uma criança, pois “**o Verbo** se fez carne e habitou entre nós (VELOSO, 2009);
- (61) [**O. Nuclear. + OC + Corref + NExp.**] **Os pastores**, marginalizados e depreciados pelos “bons”, oprimidos e explorados pelos ricos, são os escolhidos de Deus para conhecer por primeiro que o Messias havia nascido. A eles, antes de todos os outros, é dada a boa notícia que faz daquela noite uma noite de alegria. Aos pastores, exatamente, porque nada **possuíam** (RODRIGUES, 2009);
- (62) [**O. Nuclear. + OC + NCorref. + Exp.**] **Natal** é festa de vitória sobre o mal, sobre injustiças, violências, desavenças e guerras, umas vez que “**Toda bota** que marchava com e a farda que se suja de sangue, vão para a fogueira, alimento das chamas” (Is 9, 4) (MOREIRA, 2009);
- (63) [**O. Comp. + OC + Corref. + NExp.**] A posse de Prefeitos, vice-Prefeitos e Vereadores traz para o centro do tablado as mulheres e homens públicos de nossos Municípios. **Eles** são pessoas muito próximas de nós, pois **receberam** a incumbência de resolverem os problemas, os planos e os sonhos das pessoas (OPPERMANN, 2009);
- (64) [**O. Comp. + OC + Corref. + NExp.**] **O profeta Isaías** olhou para o futuro e, cheio de esperança, sentenciou: “O povo que andava na escuridão viu uma grande luz; pra os que habitavam na sombra da morte, uma luz resplandeceu.” Por quê? Ele mesmo responde: “Porque nasceu para nós **um menino**” (Is 9, 1-5) (BOHN, 2009);

3.2.3.1.2 Modo-tempo verbais

O quadro 32 apresenta as 3 (três) diferentes correlações entre os modo-tempo verbais do EI e da OC, no que concerne aos Feixes de orações complexas; 3 (três) à Orações nucleares; e às 4 (quatro) referentes as Orações complexas, conforme indicam os dados apresentados na página seguinte:

QUADRO 32: Cruzamento de dados e correlações entre Estat. sintático e Modo-tempo verbal

Estatuto sintático do EI		Modo-tempo verbal do EI	Modo-tempo verbal da OC	
	Nº de O (%)			Nº de O (%)
Feixes de O Comp.	4 (22%)	Ind. presente Ind. perfeito Ind. perfeito	Ind. presente Ind. presente Ind. perfeito	1 (25%) 2 (50%) 1 (25%)
Oração N	8 (44%)	Ind. presente Ind. presente Ind. presente	Ind. imperfeito Ind. perfeito Ind. presente	4 (50%) 1 (12%) 3 (38%)
O Comp.	6 (34%)	Impossível verificar Ind. perfeito Ind. presente	Ind. perfeito Ind. mais que perf. Ind. perfeito	2 (33%) 1 (17%) 3 (50%)

A seguir, exemplifica-se cada uma das correlações do ES do EI em relação aos modo-tempo verbais do EI e da OC.

- (65) **[Feixes de O. Comp. + OC + ind. presente + ind. presente]** O Santo Padre o Papa Bento XVI **acentua** que, neste contexto, combater a pobreza implica uma atenta análise do fenômeno complexo da globalização. Esta análise **tem** grande importância metodológica porque **convida** a pôr em prática o resultado das pesquisas dos sociólogos e economistas (AZEVEDO, 2009);
- (66) **[Feixes de O. Comp. + OC + ind. perfeito + ind. presente]** Muitos estão respondendo no seu interior e pensando em seu coração sobre a corrupção, interesses pessoais, desvios, egoísmos e coisas parecidas. Sim, é verdade tanto aqui como também em outros lugares, mas para isso existe o Poder Judiciário. Aliás, isso demonstra o tipo de educação formal e informal que recebemos no decorrer de nossas vidas, e aonde tudo isso nos conduziu. Muitos **aprenderam** a andar por esses caminhos e descobriram que “deu certo”, pois, impunes, continuam da mesma maneira (TEMPESTA, 2009);

- (67) [**Feixes de O. Comp. + OC + ind. perfeito + ind. perfeito**] Os magos buscavam a verdade que sua ciência, só, **era** incapaz de lhes oferecer. **Descobriram** que a verdade é humilde, viram-na e a adoraram na pequenez de uma criança, pois “o Verbo se **fez** carne e habitou entre nós (VELOSO, 2009);
- (68) [**O. nuclear + OC + ind. presente + ind. imperfeito**] Os pastores, marginalizados e depreciados pelos “bons”, oprimidos e explorados pelos ricos, **são** os escolhidos de Deus para conhecer por primeiro que o Messias havia nascido. A eles, antes de todos os outros, **é** dada a boa notícia que faz daquela noite uma noite de alegria. Aos pastores, exatamente, porque nada **possuíam** (RODRIGUES, 2009);
- (69) [**O. nuclear + OC + ind. presente + ind. perfeito**] O Natal é festa de libertação para o povo, pois “a canga que lhe pesava ao pescoço, a vara que lhes batia nos ombros, o chicote dos capatazes, tudo **quebraste** como naquele dia de Madiã”(Is.9,3) (MOREIRA, 2009);
- (70) [**O. nuclear + OC + ind. presente + ind. presente**] Depois de tantas legislaturas e tantos trabalhos efetuados em nossas cidades, o que acontece conosco que o abismo social é tão grande e as necessidades de uma vida mais justa e com direito à saúde, educação com qualidade, habitação digna, emprego e salário, lazer e busca do transcendente ainda estão longe de acontecer? O que impede que as coisas aconteçam? Não **é** bom fazer comparações, pois a história e a cultura **são** outras (TEMPESTA, 2009);
- (71) [**O. Comp. + OC + impossível verificar + ind. perfeito**] O profeta Isaías **olhou** para o futuro e, cheio de esperança, **sentenciou**: “O povo que **andava** na escuridão viu uma grande luz; para os que habitavam na sombra da morte, uma luz **resplandeceu**.” Por quê? Ele mesmo **responde**: “Porque **nasceu** para nós um menino” (Is 9, 1-5) (BOHN, 2009);
- (72) [**O. Comp. + OC + ind. perfeito + ind. mais que perfeito**] Quando o coração de Cristo foi trespassado pelo soldado, **foi** o seu coração de mãe que se rasgou em lancinante dor, pois Cristo já **havia expirado** (RODRIGUES, 2009);
- (73) [**O. Comp. + OC + ind. presente + ind. perfeito**] A posse de Prefeitos, vice-Prefeitos e Vereadores **traz** para o centro do tablado as mulheres e homens públicos de nossos Municípios. Eles **são** pessoas muito próximas de nós, pois **receberam** a incumbência de resolverem os problemas, os planos e os sonhos das pessoas (OPPERMANN, 2009);

3.2.3.1.3 Tipo de conectivo e Ordenação

No que diz respeito ao tipo de conectivo, o quadro 33 indica o emprego de 3 (três), dentre os 10 (dez) possibilidades apresentadas: porque, pois e uma vez que, respectivamente. Quanto à ordenação, a análise indica a predominância absoluta da posposição. Essas constatações estão abaixo discriminadas:

QUADRO 33: Cruzamento de dados e correlações entre Estat. sintático, Tipo de conectivo e Ordenação

Estatuto sintático do EI		Tipo de conectivo		Ordenação	
	Nº de O (%)		Nº de O (%)		Nº de O (%)
Feixes de O Comp.	6 (34%)	pois porque	3 (50%) 2 (34%)	Posposta	6 (100%)
Oração N	8 (44%)	pois porque uma vez que	3 (38%) 4 (50%) 2 (34%)	Posposta	8 (100%)
O Comp.	4 (22%)	pois porque	2 (50%) 2 (50%)	Posposta	4 (100%)

A seguir exemplifica-se cada um dos tipos de conectivos empregados em relação à ordenação por ordem de ocorrência.

- (74) **[Porque]** O Santo Padre o Papa Bento XVI acentua que, neste contexto, combater a pobreza implica uma atenta análise do fenômeno complexo da globalização. Esta análise tem grande importância metodológica **porque** convida a pôr em prática o resultado das pesquisas dos sociólogos e economistas (AZEVEDO, 2009);
- (75) **[Pois]** Os magos buscavam a verdade que sua ciência, só, **era** incapaz de lhes oferecer. Descobriram que a verdade é humilde, viram-na e a adoraram na pequenez de uma criança, **pois** “o Verbo se fez carne e habitou entre nós (VELOSO, 2009);
- (76) **[Uma vez que]** A disparidade entre ricos e pobres tornou-se mais evidente, mesmo nas nações economicamente mais desenvolvidas. Trata-se de um problema que se impõe à consciência da humanidade, **uma vez que** as condições em que se encontra um grande número de pessoas são tais que ofendem a dignidade natural (AZEVEDO, 2009);

3.2.3.2 Cruzamento de dados entre os diferentes níveis do CG: correlações secundárias

De acordo com a análise realizada das ocorrências do TA, o cruzamento de dados entre os diferentes níveis do CG abrangerá três diferentes correlações a partir do primeiro parâmetro apresentado em cada uma delas, e adotado como fator **determinante**: a primeira delas constituir-se-á dos seguintes parâmetros: tipo de argumento codificado pela OC, Tipo de categoria do EI e da OC e o estatuto sintático (ES) do EI; a segunda constituir-se-á dos parâmetros: tipo de entidade referência temporal e tempo-modo verbais dos EIs e das OCs; e, a terceira, da pressuposição, estatuto informacional, tipo de conectivo e ordenação.

3.2.3.2.1 Tipo de argumento, de categoria e Estatuto sintático

Na primeira ocorrência analisada, obteve-se o seguinte resultado: **argumento de senso comum + ato do discurso (A) + ato do discurso (A) + orações complexas**, conforme dados apontados no quadro seguinte:

QUADRO 34: Cruzamento de dados e correlações entre Tipo de argumento, de categoria e Estat. sintático

Tipo de argumento		Tipo de categoria do EI e da OC			Estatuto sintático	
	Nº de O (%)			Nº de O (%)		Nº de O (%)
Autoridade (bíblico)	4 (22%)	Ato	Esco	2 (50%)	O. Nuclear	2 (100%)
		Esco	Esco	2 (25%)	O. Comp.	1 (100%)
Competência	8 (45%)	C. prop.	C. prop.	8 (100%)	O. Comp.	3 (37%)
Senso comum	6 (33%)				O. Nuclear	5 (63%)
		Ato	Ato	3 (50%)	O. Comp.	3 (100%)
		Esco	Ato	1 (17%)	O. Nuclear	1 (100%)
		<i>Move</i>	Ato	2 (33%)	O. Nuclear	1 (50%)
					Feixe de O	1 (50%)

No que diz respeito ao argumento de autoridade (bíblico), o quadro 34 registra 3 (três) diferentes correlações entre tipos de categoria. Dentre essas correlações predominam as ocorrências entre Atos do discurso (A), à margem esquerda, e estados-de-coisas (e), à direita, cuja codificação do EI é feita por meio de orações nucleares.

Quanto ao argumento de competência, o quadro indica 2 (duas) diferentes correlações entre tipos de categoria, das quais se destaca a entre Conteúdos proposicionais (p), tanto à margem esquerda, quanto à direita. Particularmente, nestes casos, a margem esquerda pode codificar a OC e não o EI, conforme resultados da análise das ocorrências do TA, posto que do total de 8 (oito) ocorrências desse tipo de argumento nas OCs, 4 (quatro) são antepostas. Com relação ao ES, essas ocorrências são expressas, predominantemente, em forma de orações nucleares. O argumento de senso comum, por seu turno, apresenta 3 (três) correlações, enquanto os de autoridade (bíblico), 2 (duas), com diferentes tipos de categoria. A maioria, por sua vez, ocorre entre Conteúdos proposicionais (p), à esquerda, expresso ora por meio de uma oração nuclear, ora, por orações complexas, e também Conteúdos proposicionais (p), à direita. O resultado dessas correlações aponta para as seguintes conclusões:

- a) diferentemente do TA, os argumentos de autoridade (bíblico) – considerados neste trabalho como estados-de-coisas (e) – correlacionam-se, igualmente, com Atos do discurso (A) e estados-de-coisas, estruturados por orações nucleares;
- b) os argumentos de competência, por sua vez, apresentaram os mesmos condicionamentos do TA, pois que codificam, na maioria das vezes, Conteúdos proposicionais (p), diferenciando-se das ocorrências registradas no primeiro dos tempos do AL, por serem elas expressas, em grande parte, por orações nucleares;
- c) quanto aos argumentos de senso comum, estes, assim como no TA, tanto codificam, quanto correlacionam-se, predominantemente, com Atos do discurso (A). No entanto, ao contrário do TA, o EI dessas ocorrências é expresso, em todos os casos, por orações complexas;
- d) o *Move* (M) é expresso tanto por orações complexas, quanto por feixe delas e implica também – em todas as ocorrências analisadas – mudança de fluxo informacional e está, ainda que indiretamente, associado à ideia da exortação à esperança da redenção do homem por meio de Jesus como solução aos problemas do mundo caótico.

3.2.3.2.2 Tipo de categoria, Referência temporal e Modo-tempo verbais

Na primeira ocorrência realizada, obteve-se o seguinte resultado: **Ato do discurso (a) + ato do discurso (A) + não dependente + ind. presente + ind. perfeito**. Os dados, a partir do parâmetro determinante (tipos de categoria), estão discriminados no quadro 35 a seguir:

QUADRO 35: Cruzamento de dados e correlações entre Referência temporal e Modo-tempo verbais

Tipo de categoria do EI e da OC			Referência temporal		Tempo-modo verbal do EI e da OC		Nº de O (%)
		Nº de O (%)		Nº de O (%)			Nº de O (%)
Ato	Ato	3 (17%)	RTD	2 (67%)	Ind. presente	Ind. presente	2 (100%)
			RTI	1 (33%)	Ind. presente	Ind. perfeito	1 (100%)
Ato	Esco	2 (12%)	RTI	2 (100%)	Ind. presente	Ind. imperf.	2 (100%)
C.prop.	C. prop.	6 (34%)	RTD	4 (67%)	Ind. presente	Ind. imperf.	2 (50%)
			RTI	2 (33%)	Ind. presente	Ind. prfeito	2 (50%)
Esco	Ato	1 (6%)	RTI	1 (100%)	Impossível	Ind. perfeito	1 (100%)
Esco	Esco	1 (6%)	RTD	1 (100%)	Ind. presente	Ind. presente	1 (100%)
Move	Ato	2 (12%)	RTD	1 (50%)	Ind. presente	Ind. presente	1 (100%)
			RTI	1 (50%)	Impossível	Ind. presente	1 (100%)
Move	C. prop.	2 (12%)	RTD	1 (50%)	Ind. presente	Ind. presente	1 (100%)
			RTI	1 (50%)	Impossível	Ind. presente	1 (100%)
Move	Esco	1 (6%)	RTI	1 (100%)	Impossível	Ind. perfeito	1 (100%)

Com relação ao parâmetro determinante (tipo de categoria dos EIs e das OCs) em relação à referência temporal, o quadro 35 indica a preferência, na primeira correlação – ato do discurso (A) e ato do discurso (A) – por referências temporais dependentes: 2 (duas) das 3 (três) ocorrências registradas. Essas, por sua vez, apresentam uma única correlação modo-temporal.

As 2 (duas) ocorrências da correlação seguinte – Ato do discurso (A) e estado-de-coisas (e) apresentam referência temporal não-dependente e também uma única correlação modo-temporal.

A terceira correlação – Conteúdo proposicional (p) e conteúdo proposicional (p) – indica a preferência por referências temporais dependentes: 4 (quatro) dos 6 (seis) registros. Estes apresentam 2 (duas) diferentes correlações modo-temporais.

Na sequência, a correlação Estado-de-coisas (e) e ato do discurso (A) apresenta uma única ocorrência, cuja referência temporal é independente. A seguir, entre Estado-de-coisas (e) e estado-de-coisas (e), a tabela também indica uma única ocorrência, mas a referência temporal é dependente.

Entre *Moves* (M) e atos do discurso (A), as 2 (duas) ocorrências registradas apresentam disparidade quanto à referência temporal, posto que uma delas é dependente, e a outra, independente. Tanto a primeira, quanto a segunda possuem uma correlação modo-temporal específica. O mesmo ocorre entre *Moves* (M) e conteúdos proposicionais (p): das 2 (duas) ocorrências registradas, uma apresenta referência temporal dependente, e a outra, não. Da mesma forma, cada qual é codificada por meio da correlação modo-temporal que lhe é própria. Ao final, a última correlação – *Moves* (M) e estado-de-coisas (e) apresenta uma única ocorrência e referência temporal não-dependente. Os resultados dessas segundas correlações indicam que:

- a) a referência temporal dependente está associada, preferencialmente, às correlações entre tipos de categoria pertencentes à mesma camada (Ato do discurso (A) e ato do discurso (A), Estado-de-coisas (e) e estado-de-coisas (e), e assim por diante) e também ao modo-temporal **indicativo presente + indicativo presente**, conforme já havia demonstrado a análise do TA;
- b) quanto mais alta a camada ou tipo de categoria do EI, mais variadas são as correlações modo-temporais cuja referência temporal é, na maioria das vezes, independente, uma vez que a maioria encontra-se entre atos do discurso (A) ou *moves* (M), de forma semelhante à registrada na análise do TA.

3.2.3.2.3 Pressuposição, Estatuto informacional, Tipo de conectivo e Ordenação

A primeira correlação apresenta o seguinte resultado: **não pressuposta + nova + pois + posposta**, conforme indica a tabela seguinte por meio da apresentação dos dados:

QUADRO 36: Cruzamento de dados e correlações entre Pressuposição, Est. Inform., Tipo de conectivo e Ordenação

Pressuposição		Estatuto informacional		Tipo de conectivo		Ordenação	
	Nº de O (%)		Nº de O (%)		Nº de O (%)		Nº de O (%)
NPres	14 (78%)	Nova	18 (100%)	Porque	9 (50%)	Posposta	18 (100%)
				Pois	7 (50%)		
				Uma vez que	2 (14%)		

Conforme indica o quadro 36, as ocorrências são, em sua maioria (14 ocorrências ou 77% do total), não-pressupostas, o que implica a codificação de informação nova. As outras 4 (quatro) são pressupostas e, por conseguinte, acessíveis, ou seja, aquela que pode ser reconhecida pelo leitor via razões lógicas ou plausíveis.

3.2.4 Resultados gerais dos condicionamentos das OCs em relação à argumentatividade

- os resultados gerais dos condicionamentos das OCs em relação à argumentatividade apontam para a ausência de elementos focalizadores, sobretudo, quando da codificação de argumento de natureza bíblica, dada a impossibilidade, neste contexto, de se por em dúvida o maior dos alicerces da tríade dogmática cristã-católica;
- com relação aos tipos de argumento, os resultados evidenciam apontam a preferência por argumentos de competência, codificados via conteúdos proposicionais (p), assim como os resultados relativos ao TA (cf. seção 3.1.4);
- os argumentos de senso comum nas OCs representam o segundo maior número de ocorrências e são codificados, em absoluto, por atos do discurso (A);

- os argumentos de autoridade, cuja codificação se dá via estado-de-coisas (e), ao contrário das ocorrências do TA, são os menos empregados, apesar de sua força argumentativa. Ademais, é importante destacar que, mais uma vez, os argumentos de autoridade referem-se somente aos de natureza bíblica, pois não houve registros de argumentos provenientes da Patrística ou do Magistério;
- assim como na análise dos dados do TA, no TN, o valor de verdade dos argumentos codificados pelas OCs está associado à autoridade/fonte que lhe serve de subsídio;
- o maior ou menor grau de integração sintática entre as OCs e seus EIs implica maior ou menor grau de integração semântica, de forma análoga às conclusões referentes aos dados do TA;
- esses resultados, por sua vez, não apontam co-determinação direta quanto ao tipo de referência temporal, dada a regularidade de referências temporais dependentes e independentes; por outro lado, quanto aos modo-tempo verbais dos EIs e das OCs, a análise indica, assim como no TA, que estes são equivalentes à medida que os tipos de categoria codificados também o são;
- com relação à pressuposição, ao estatuto informacional, e à ordenação, a análise indica a preferência pela posposição, registrada com os conectivos **pois**, **porque** e **uma vez que**, respectivamente; com relação à anteposição, esta está relacionada – em todos os casos analisados – à conjunção **porque**, e não à conjunção **como**, prototipicamente empregada em OCs antepostas;
- e, finalmente, assim como apontam os resultados referentes ao TA, a ocorrência de *Moves* (M), associada à mudança de fluxo informacional, aponta para um traço geral do artigo religioso (cristão-católico) divulgado na plataforma *online*, que diz respeito à ausência de pré-sequências lineares.

3.3. Ocorrências referentes ao Tempo da Quaresma

3.3.1. Nível Interpessoal

A análise das 88 (oitenta e oito) ocorrências do TQ com relação às funções pragmáticas e retóricas, por um lado, evidencia que a maioria delas não apresenta elementos focalizadores, assim como demonstraram as análises dos TA e TN. Tal fato concorre para a comprovação da hipótese já levantada: a de que a ausência de elementos focalizadores seja uma constante no discurso religioso católico (pelo menos no que diz respeito aos artigos de opinião da CNBB), pois estariam associados a uma certa **relatividade** da verdade proposta, o que vai de encontro com as intenções e propostas desse tipo de discurso. Por outro lado, mais uma vez predominam os argumentos de competência, seguidos dos de senso comum, e dos de autoridade (bíblica e do magistério, respectivamente).

Esses dados estão detalhados, no quadro a seguir:

QUADRO 37: Funções pragmáticas e retóricas: resultados percentuais

Nível Interpessoal			Nº de O (%)
Funções pragmáticas Elementos Focalizadores	Anafóricos		2 (2%)
	Ausente		86 (98%)
Funções retóricas Tipo de Argumento	Autoridade	Bíblico	17 (20%)
	Competência		40 (45%)
	Senso comum		31 (35%)

A escala de ocorrências dos diferentes tipos de argumentos vai ao encontro da indicada na análise do TN, diferenciando-se desta por ser a discrepância mais significativa no que diz respeito ao emprego do argumento de autoridade (bíblica), cujo número de ocorrências representa, por um lado, um pouco mais de 50% dos de senso comum e, por outro, 42% do número total de argumentos de competência. Destarte, mais uma vez, as ocorrências analisadas, embora abordem temas e assuntos distintos por pertencerem a diferentes tempos do AL, apontam a mesma estratégia argumentativa: em primeiro lugar, o emprego de argumentos de competência, subsidiados por saberes específicos do corpo

episcopal, pelos referentes às verdades de fé ou não; em segundo, a utilização de argumentos de senso comum, cuja força argumentativa advém, sobretudo, da posição de autoridade que o autor/escritor ocupa no âmbito cristão-católico; e, em poucos casos, a recorrência a argumentos de autoridade (bíblico).

3.3.1.1. Cruzamento dos dados e correlações primárias

Os dados apresentados na quadro 37 (resultados percentuais) foram, conforme procedimentos adotados, cruzados e correlacionados um a um. Assim, por exemplo, na primeira ocorrência, obteve-se o seguinte resultado: **Elemento focalizador ausente + argumento de competência.**

Dos tempos do AL analisados, este é o que registra maior predominância de ausência de elementos focalizadores. Esta, por sua vez, pode ser reflexo do tema central deste tempo de exortação à esperança na segunda vinda de Cristo da qual não há dúvida, nem sugestões, pois que se configura um fato real e, portanto, uma verdade inconteste.

QUADRO 38: Cruzamento de dados e diferentes correlações entre os parâmetros de análise do nível Interpessoal

Diferentes correlações entre presença/ausência de Focalizador e Tipos de argumento			
			Nº de O (%)
Ausente	>	Autoridade (Bíblico)	19 (20%)
Ausente	>	Competência	38 (42%)
Ausente	>	Senso comum	30 (32%)
Inclusivo	+	Competência	1 (2%)

A seguir, exemplificam-se as 4 (quatro) diferentes correlações apresentadas no quadro:

- (77) **[Ausente + autoridade (Bíblico)]** Que a Páscoa nos encontre alegres, solidários, harmoniosos e justos. **Pois “a paz é fruto da justiça”** (Is 32, 17) (BOHN, 2009);
- (78) **[Ausente + competência]** Marcos põe em relevo a traição de Pedro. Esta insistência é significativa, **porque Marcos era uma espécie de secretário de Pedro** (AGNELO, 2009);

- (79) **[Ausente + senso comum]** A Igreja não apela para argumentos religiosos, e sim científicos, para defender a vida. Outros se escandalizaram, mesmo não católicos, **porque “devem”** (OPPERMANN, 2009);
- (80) **[Inclusivo + competência]** Nossa pastoral carcerária é frágil. Nossas fazendas de recuperação de drogados e de outros dependentes químicos são apenas simbólicas, embora algumas sejam modelares. A prevenção é difícil, **inclusive, porque envolve grandes somas de dinheiro** (BOHN, 2009);

3.3.2 Nível Representacional

Com relação às funções semânticas, as OCs, assim como ocorre nos TA e TN, não codificam *Moves* (M), situando-se em camadas inferiores: a do conteúdo proposicional (p), do ato do discurso (A) e a do estado-de-coisas (e), respectivamente, da mesma forma que os resultados apontados pela análise do TN. Tais dados indicam que essas orações funcionam como modificadores proposicionais, ilocucionários e predicacionais. Os EIs, por seu turno, codificam, primeiramente, atos do discurso (A), seguidos de *Moves* (M) e conteúdos proposicionais (p) e estados-de-coisas (e), cujo número de ocorrências é o mesmo. Isso atribui às OCs as funções de modificadores ilocucionários, discursivos e, de modo equivalente, proposicionais e predicacionais. Sobre a referência temporal, os dados sinalizam a preferência pela referência temporal dependente, com 60% do total. Quanto à pressuposição, assim como demonstra a análise do TN, a maioria das OCs (98%) são não-pressupostas e, portanto, codificam informações novas; os 2% de orações pressupostas dizem respeito à informação acessível.

QUADRO 39: Funções semânticas: resultados percentuais

Nível Representacional		
		Nº de O (%)
Tipo de categoria da OC	Ato	30 (34%)
	C. Prop	39 (44%)
	Esco	19 (22%)
Tipo de categoria do EI	<i>Move</i>	26 (30%)
	Ato	40 (46%)
	C. Prop.	11 (12%)
	Esco	11 (12%)
Referência temporal	Dep.	53 (60%)
	Não dep.	35 (40%)
Pressuposição	Pres.	2 (2%)
	NPres.	86 (98%)
Estatuto informacional	Nova	86 (98%)
	Acessível	2 (2%)

3.3.2.1 Cruzamento dos dados e correlações primárias

No nível Representacional, os dados do quadro 39 (resultados percentuais), uma vez cruzados, um a um, e correlacionados, apresentaram a seguinte ocorrência a título de exemplificação: **ato do discurso (A) + conteúdo proposicional (p) + não-dependente + não-pressuposta + nova**. O resultado total dessas correlações está disposto nos quadros 40, 41 e 42:

3.3.2.1.1 Referência temporal

QUADRO 40: Cruzamento de dados e as diferentes correlações entre Tipo de categoria e Referência temporal

Tipo de categoria do EI / Tipo de categoria da OC Nº de O (%)			Referência temporal Nº de O (%)	
Ato	Ato	21 (22%)	RTD RTI	15 (75%) 6 (25%)
Ato	C. prop.	17 (19%)	RTD RTI	15 (88%) 2 (12%)
Ato	Esco	3 (4%)	RTD RTI	1 (33%) 2 (77%)
C. prop.	Ato	2 (3%)	RTD	2 (100%)
C. prop.	C. prop.	8 (9%)	RTD	8 (100%)
C. prop.	Esco	1 (2%)	RTI	1 (100%)
Esco	Esco	9 (10%)	RTI	9 (100%)
Esco	C. prop.	2 (3%)	RTI	2 (100%)
<i>Move</i>	Ato	7 (8%)	RTI	7 (100%)
<i>Move</i>	C. prop.	12 (14%)	RTI	12 (100%)
<i>Move</i>	Esco	6 (7%)	RTI	6 (100%)

Os dados indicados no quadro 40 mostram que as 88 (oitenta e oito) ocorrências analisadas apresentam 11 (onze) diferentes correlações entre o tipo de categoria do EI e da OC. Dentre estas, destacam-se, sobretudo, as que codificam, à margem direita e esquerda, atos do discurso (A), seguidas das correlações: ato do discurso (A) e conteúdo proposicional (p) e *move* (M) e conteúdo proposicional (p). Com relação à Referência temporal, a tabela indica a predominância de RTI, com 47 ocorrências, ou 53% do total. Na sequência, exemplifica-se cada uma das correlações do tipo de categoria dos EIs e das OCs e suas implicaturas para a referência temporal:

- (81) [Ato + ato + RTD] Importante agora que os índios vivam unidos, orientados pelos valores tradicionais que se aproximam muito dos valores da ética cristã. Nas comunidades indígenas não há pobres, **porque a partilha é a lei que os orienta** (MONGIANO, 2009);
- (82) [Ato + ato + RTI] Os dez mandamentos são simples e claros, **porque não foram compilados por uma comissão de espertos** (AGNELO, 2009);

- (83) [Ato + C. prop. + RTD] É importante definir uma política pública de segurança, **pois a criminalidade organiza-se e sofisticase a cada dia** (PAGOTTO, 2009);
- (84) [Ato + C. prop. + RTI] Marcos põe em relevo a traição de Pedro. Esta insistência é significativa, **porque Marcos era uma espécie de secretário de Pedro** (AGNELO, 2009);
- (85) [Ato + Esco + RTD] Nossa sugestão é a aplicação de um programa de políticas de prevenção à violência e à criminalidade, sobretudo para a juventude, **pois o narcotráfico e o crime organizado alistam centenas de adolescentes e jovens para esse submundo** (PAGOTTO, 2009);
- (86) [Ato + esco + RTI] Que a Páscoa nos encontre alegres, solidários, harmoniosos e justos. **Pois “a paz é fruto da justiça”** (BOHN, 2009);
- (87) [C. prop. + ato + RTD] Em Jesus, nós descobrimos que segurança pública é mudança de critérios, **pois a reconciliação é caminho para a paz** (BATTISTI, 2009);
- (88) [C. prop. + c. prop. + RTD] Cristo é a nossa paz. Jesus disse: “Deixo-vos a paz, dou-vos a minha paz. Não é à maneira do mundo que eu a dou. Não se perturbe, nem se atemorize o vosso coração” (Jo 14, 7). **Ele dá a todos a paz porque ele se dá por todos** (AGNELO, 2009);
- (89) [C. prop. + esco + RTI] É preciso jejuar, **pois não só de pão vive o homem** (Mt 4, 4) (BRANDES, 2009);
- (90) [Esco + esco + RTD] O Anjo disse: “José, filho de Davi, não temas receber contigo, Maria, tua esposa, **pois o que nela se gerou é obra do Espírito Santo** (Mt 1, 20) (BOHN, 2009);
- (91) [Move + ato + RTI] O espírito que a Igreja deseja neste tempo é de verdadeira conversão onde o jejum, a oração e a esmola sejam sinais de uma mudança interior – de uma verdadeira conversão – e não apenas de formalidades a serem cumpridas. Ainda sobre este assunto é bom lembrar que a abstinência (não comer carne) é somente para os maiores de catorze anos, e o jejum está restrito aos maiores de 18 anos, até os sessenta anos começados. **O Canon 1252 do Código de Direito Canônico lembra também que o clima não pode ser apenas formal, mas que é preciso ter um coração aberto, pois aconselha tanto aos pastores como aos pais que eduquem os filhos que não estão “obrigados” à lei do jejum e da abstinência, em razão da pouca idade** (TEMPESTA, 2009);
- (92) [Move + c. prop. + RTI] Entre nós, apesar de estarmos vivemos numa época de positivismo (sem a lógica da metafísica), e estarmos voltados para os

fenômenos “científicos, existe uma ampla camada da população que acredita em forças mágicas e misteriosas. E, é claro, desacredita no resultado do esforço pessoal, e muito menos se abre para os auxílios da graça do Pai Celeste. É um apelo para entregar-se ao irracional, e desculpar-se da falta de ideal. **É crer em forças ocultas. É adorar deuses falsos, porque admite que existem realidades que escapam ao poder de Deus** (OPPERMANN, 2009);

- (93) [*Move* + *esco* + RTI] Confiar a própria causa a Deus é seguir o exemplo do Mestre: “Ofereci as costas para me baterem e as faces para me arrancarem a barba...” **Mas o Senhor Deus é meu auxiliador, por isso não me deixei abater o ânimo, conservei o rosto impassível como pedra, “porque sei que não sairei humilhado”** (Is 50, 6-7) (MOURA, 2009);

3.3.2.1.2 Pressuposição

Com relação à pressuposição, a análise das 88 (oitenta e oito) ocorrências registra apenas 2 (duas) OCs pressupostas e, ao mesmo tempo, acessíveis que, por sua vez, relacionam-se às correlações: ato do discurso (A) e conteúdo proposicional (p) e estado-de-coisas (e) e estado-de-coisas (e). As demais ocorrências são não-presupostas e, por conseguinte, codificam informações novas, conforme indicam os quadros 41 e 42:

QUADRO 41: Cruzamento de dados e diferentes correlações entre Tipo de categoria e Pressuposição

Tipo de categoria do EI / Tipo de categoria da OC		Pressuposição		
		Nº de O (%)		Nº de O (%)
Ato	Ato	21 (22%)	NPres.	21 (100%)
Ato	C. prop.	17 (19%)	Pres. NPres.	1 (6%) 16 (94%)
Ato	Esco	3 (4%)	NPres.	3 (100%)
C. prop.	Ato	2 (3%)	NPres.	2 (100%)
C. prop.	C. prop.	8 (9%)	NPres.	8 (100%)
C. prop.	Esco	1 (2%)	NPres.	1 (100%)
Esco	Esco	9 (10%)	Pres. NPres.	1 (11%) 8 (89%)
Esco	C. prop.	2 (3%)	NPres.	2 (100%)
<i>Move</i>	Ato	7 (8%)	NPres.	7 (100%)
<i>Move</i>	C. prop.	12 (14%)	NPres.	12 (100%)
<i>Move</i>	Esco	6 (7%)	NPres.	6 (100%)

3.3.2.1.3 Estatuto informacional

QUADRO 42: Cruzamento de dados e as diferentes correlações entre Tipo de categoria e Estat. Informacional

Tipo de categoria do EI / Tipo de categoria da OC		Estatuto Informacional		
		Nº de O (%)		Nº de O (%)
Ato	Ato	21 (22%)	Nova	21 (100%)
Ato	C. prop.	17 (19%)	Nova Acessível	11 (94%) 1 (6%)
Ato	Esco	3 (4%)	Nova	3 (100%)
C. prop.	Ato	2 (3%)	Nova	2 (100%)
C. prop.	C. prop.	8 (9%)	Nova	8 (100%)
C. prop.	Esco	1 (2%)	Nova	1 (100%)
Esco	Esco	9 (10%)	Nova Acessível	8 (89%) 1 (11%)
Esco	C. prop.	2 (3%)	Nova	2 (100%)
<i>Move</i>	Ato	7 (8%)	Nova	7 (100%)
<i>Move</i>	C. prop.	12 (14%)	Nova	12 (100%)
<i>Move</i>	Esco	6 (7%)	Nova	6 (100%)

Exemplifica-se, a seguir, os casos de pressuposição > codificação de informação acessível; e não-pressuposição > informação nova.

- (94) **[Pres. + Inform. acessível]** Ao descrever o destino moral daqueles que desconhecem a Deus e sua lei, assim se exprime São Paulo: “E, **porque não aprovaram alcançar a Deus pelo conhecimento**, Deus os entregou ao seu reprovado modo de pensar (RODRIGUES, 2009);
- (95) **[NPres. + Inform. acessível]** Cristo é a nossa paz. Jesus disse: “Deixo-vos a paz, dou-vos a minha paz. Não é à maneira do mundo que eu a dou. Não se perturbe, nem se atemorize o vosso coração” (Jo 14, 7). **Ele dá a todos a paz porque ele se dá por todos** (AGNELO, 2009);

O exemplo (98) aponta um caso de anteposição e de codificação de informação acessível, uma vez que esta, embora não seja recorrente no corpo do texto, pode ser inferida por meio de razões plausíveis, e, por que não dizer, lógicas, no contexto cristão-católico, sobretudo por se tratar de uma referência a um texto bíblico.

O exemplo (99), por sua vez, representa um dos casos de posposição e, teoricamente, de codificação de informação nova. No entanto, é possível afirmar que a informação

apresentada pela OC pode também ser inferida por meio de razões plausíveis, pois que, embora não se trate de uma recorrência explícita ao texto bíblico, como no exemplo anterior, configura-se como uma informação, relativamente, cristalizada nos discursos religiosos católicos. Tal fato vai ao encontro da teoria de Koch (2004) a respeito da estratégia argumentativa de se apresentar como novo algo que não o é necessariamente.

3.3.3. Nível Morfossintático

No nível Morfossintático, as OCs analisadas tem como EI, primeiramente, orações nucleares, seguidas de feixes de orações complexas e orações complexas, hipotáticas e de um sintagma. Tais resultados, por seu turno, concorrem para a predominância de sujeitos não-correferentes, que representam 77% do total, sobretudo pelo fato de que, embora o número de OCs ligadas à orações nucleares seja maior, este não ultrapassa o número correspondente aos EIs expressos por Feixes de orações complexas, orações complexas e sintagmas que, em conjunto, totalizam 55% do total. Por conseguinte, a não-correferencialidade implica a explicitude do sujeito, registrada em 64% dos casos, fato este que já registrados tanto no TA como no TN.

No que tange aos modo-tempo verbais dos EIs, a análise indica, mais uma vez, a predominância do modo indicativo sobre os imperativo e subjuntivo, respectivamente e, por outro lado, do tempo presente em relação aos demais.

Com relação ao tipo de conectivo, novamente, **porque** e **pois** representam a maioria das ocorrências, seguidos apenas, por uma única ocorrência de **como** que, por sua vez, é empregada em 1 (um) dos 2 (dois) casos de anteposição encontrados.

QUADRO 43: Funções morfossintáticas: resultados percentuais

Nível Morfossintático			Nº de O (%)
Estatuto sintático	Feixe de O Comp.		22 (26%)
	O Comp.		22 (25%)
	Oração	Nuclear	41 (47%)
		Hipotática	2 (2%)
Sintagma		1 (1%)	
Correferência	Corref.		20 (23%)
	NCorref.		68 (77%)
Explicitude	Exp.		56 (64%)
	NExp.		32 (36%)
Tempo-modo verbal do EI	Indicativo	Presente	50 (58%)
		Perfeito	11 (12%)
		Futuro	4 (5%)
		Futuro do Pretérito	3 (3%)
Imperativo	Afirmativo	3 (3%)	
	Negativo	1 (1%)	
Subjuntivo	Presente	3 (3%)	
Impossível verificar		13 (15%)	
Tempo-modo verbal da OC	Indicativo	Presente	62 (70%)
		Perfeito	12 (14%)
		Imperfeito	3 (3%)
		Futuro	7 (8%)
		Futuro do Pretérito	4 (5%)
Tipo de conectivo	Pois		42 (48%)
	Porque		45 (51%)
	Como		1 (1%)
Ordenação	Anteposta		2 (4%)
	Posposta		86 (96%)

3.3.3.1. Cruzamento dos dados e correlações primárias

Uma vez cruzados e correlacionados, um a um, os dados da quadro 43 apresentam, como primeira correlação geral, o seguinte resultado: **orações complexas + não-correferente + explícito + indicativo presente + indicativo imperfeito + porque + posposta**. O resultado total desses cruzamentos e correlações está disposto nos quadros 44, 45 e 46.

3.3.3.1.1. Correferência e Explicitude do sujeito

A análise das 88 (oitenta e oito) ocorrências registra, *a priori*, 5 (cinco) diferentes estatutos sintáticos dos EIs e das OCs, dentre os quais predominam, em ordem de preferência, os expressos por Orações nucleares, seguidos dos de Feixe de orações complexas, orações complexas, hipotáticas e sintagmas. A partir dessa primeira correlação, que resulta no parâmetro de análise determinante (ES dos EIs em relação as OCs) advém a segunda, relacionada à correferencialidade e, por conseguinte, à explicitude ou não do sujeito. O quadro abaixo indica a predominância da não-correferência, com 77% e, consequentemente, da explicitude do sujeito, com 67% do total. Aliás, a co-determinação da não-correferência em relação à explicitude vai ao encontro dos resultados obtidos no TA.

QUADRO 44: Cruzamento de dados e correlações entre Estat. sintático, Correferência e Explicitude do sujeito

Estatuto sintático		Correferência		Explicitude	
	Nº de O (%)		Nº de O (%)		Nº de O (%)
Feixes de O Comp.	22 (25%)	Corref.	4 (18%)	Exp. NExp.	1 (25%) 3 (75%)
		NCorref.	18 (82%)	Exp. NExp.	13 (72%) 5 (28%)
Oração N	41 (47%)	Corref.	14 (34%)	Exp. NExp.	5 (36%) 9 (64%)
		NCorref.	27 (66%)	Exp.	27 (100%)
Oração H	2 (2%)	NCorref.	2 (100%)	Exp. NExp.	1 (50%) 1 (50%)
Sintagma	1 (1%)	NCorref.	1 (100%)	NExp.	1 (100%)
O Comp.	22 (25%)	Corref.	2 (9%)	Exp.	2 (100%)
		NCorref.	20 (91%)	Exp. NExp.	11 (58%) 8 (42%)

A seguir, exemplifica-se cada um dos estatutos sintáticos dos EIs em relação às OCs e suas implicaturas para a correferencialidade e explicitude do sujeito:

- (96) **[Feixes de O. Comp. + OC + Corref. + Exp.]** São as posturas e as atitudes que as pessoas tomam diante do conflito que podem ter conseqüências desastrosas para todos os que nele estão envolvidos, e para a sociedade em

geral, pois são **estas posturas** que podem gerar violência e insegurança social (FÉLIX, 2009);

- (97) **[Feixes de O. Comp. + OC + Corref. + NExp.]** O Canon 1252 do Código de Direito Canônico lembra também que o clima não pode ser apenas formal, mas que é preciso ter um coração aberto, pois aconselha tanto aos pastores como aos pais que eduquem os filhos que não estão “obrigados” à lei do jejum e da abstinência, em razão da pouca idade (TEMPESTA, 2009);
- (98) **[Feixes de O. Comp. + OC + NCorref. + Exp.]** É dever do Estado proteger as pessoas e garantir a defesa e o respeito à sua vida. Não se pode privatizar esta responsabilidade! Da parte do Estado seria uma atitude cínica **descarregar na conta da mulher, ou de outra pessoa, uma responsabilidade tão grande!** E seria muito arriscado, pois quem levaria sempre a pior seriam **os doentes** (SCHERER, 2009);
- (99) **[Feixes de O. Comp. + OC + NCorref. + NExp.]** **A nossa pátria**, portanto, é nos céus. É e não será, porque **somos** já cidadãos do céu (AGNELO, 2009);
- (100) **[O. nuclear + OC + Corref. + Exp.]** **Cristo** é a nossa paz. Jesus disse: “Deixo-vos a paz, dou-vos a minha paz. Não é à maneira do mundo que eu a dou. Não se perturbe, nem se atemorize o vosso coração” (Jo 14, 7). **Ele** dá a todos a paz porque ele se dá por todos (AGNELO, 2009);
- (101) **[O. nuclear + OC + Corref. + NExp.]** **Os dez mandamentos** são simples e claros, porque não **foram** compilados por uma comissão de espertos (AGNELO, 2009);
- (102) **[O. nuclear + OC + NCorref. + Exp.]** **Quaresma** é tempo de reflexão, porque **o cristão** é alguém que pensa (MOURA, 2009);
- (103) **[O. hipotática + OC + NCorref. + Exp.]** Em Cristo nos tornamos criaturas novas, pois **nossa vida encontra** a base para a segurança e a certeza de que ele nos ajuda a superar nossos limites, pois **Ele** ressuscitou (MOURA, 2009);
- (104) **[O. hipotática + OC + NCorref. + NExp.]** Se não se tomar cuidado, em todos os níveis do poder – nacional, estadual, municipal – os governantes se tornam insensíveis às verdadeiras e reais necessidades da população. Os casos são reais e fáceis de cons Municipalidade, o Estado e a Nação para cobrar deles a necessária presença no encaminhamento das soluções dos problemas que afligem o povo. Embora seja mais fácil **perceber as falhas na cidade**, porque **estamos** mais próximos dos problemas dela⁸⁴ – como asfalto, assistência, saúde etc (KRIEGER, 2009);

⁸⁴ Esta oração está também em uma espécie de *continuum* entre explicação e comentário.

- (105) **[Sintagma + OC + NCorref. + NExp.]** Por que um ano catequético? Porque precisamos aprofundar nossa fé e crescer no seguimento de Jesus Cristo (TEMPESTA, 2009);
- (106) **[O. Comp. + OC + Corref. + Exp.]** **O anjo do Senhor** vem para proteger dando plena segurança pois **ele** vai à frente como os profetas (BATTISTI, 2009);
- (107) **[O. Comp. + OC + NCorref. + Exp.]** **Precisamos** melhorar nossas atitudes diante dos conflitos em casa e na rua. Precisamos superar nossos medos, com a ajuda de Deus e dos irmãos, pois **o medo** nos leva a buscar soluções no consumo (FÉLIX, 2009);
- (108) **[O. Comp. + OC + NCorref. + nExp.]** **O Fruto, o resultado último da Quaresma** deve ser a nossa conversão. Mas só tem sentido este movimento, de nossa parte, porque **sabemos** que Deus não nos faltará com sua graça (KELLER, 2009);

3.3.3.1.2. Modo-tempo verbais

O quadro 42 apresenta 5 (cinco) diferentes correlações modo-tempo verbais quando o estatuto sintático do EI é expresso por Feixes de orações complexas; 9 (nove), quando diz respeito à orações nucleares; 2 (duas) às orações hipotáticas, 1 (uma) ao sintagma, e 10 (dez), quando as OCs relacionam-se com orações complexas.

QUADRO 45: Cruzamento de dados e correlações entre Estat. sintático e Modo-tempo verbal

Estatuto sintático		Modo-tempo verbais do EI	Modo-tempo verbais da OC	
	Nº de O (%)			Nº de O (%)
Feixes de O Comp.	22 (25%)	Ind. Fut. do Pret.	Ind. Fut. do Pret.	1 (4%)
		Ind. perfeito	Ind. presente	2 (8%)
		Ind. presente	Ind. presente	8 (36%)
		Impossível verificar	Ind. perfeito	1 (4%)
		Impossível verificar	Ind. presente	10 (45%)

Oração N	41 (47%)	Imp. afirmativo	Ind. perfeito	1 (2%)
		Ind. futuro	Ind. futuro	1 (2%)
		Ind. perfeito	Ind. imperfeito	2 (4%)
		Ind. perfeito	Ind. perfeito	3 (7%)
		Ind. presente	Ind. futuro	1 (2%)
		Ind. presente	Ind. imperfeito	1 (2%)
		Ind. presente	Ind. perfeito	2 (5%)
		Ind. presente	Ind. presente	29 (71%)
		Subj. presente	Ind. presente	1 (2%)
Oração H	2 (2%)	Ind. presente	Ind. perfeito	1 (50%)
		Subj. presente	Ind. presente	1 (50%)
Sintagma	1 (1%)	Impossível verificar	Ind. presente	1 (100%)
O Comp.	22 (25%)	Ind. fut. do pret.	Ind. presente	1 (5%)
		Ind. perfeito	Ind. fut. do pret.	2 (10%)
		Ind. presente	Ind. presente	19 (85%)

A seguir, exemplifica-se cada uma das correlações dos ESs dos EIs em relação aos modo-tempo verbais dos EIs e das OCs.

- (109) **[Feixes de O. Comp. + OC + Ind. fut. do pret. + Ind. fut. do pret.]** É dever do Estado proteger as pessoas e garantir a defesa e o respeito à sua vida. Não se pode privatizar esta responsabilidade! Da parte do Estado **seria** uma atitude cínica descarregar na conta da mulher, ou de outra pessoa, uma responsabilidade tão grande! E **seria** muito arriscado, pois quem **levaria** sempre a pior seriam **os doentes** (SCHERER, 2009);
- (110) **[Feixes de O. Comp. + OC + Ind. perfeito + Ind. presente]** O Anjo disse: “José, filho de Davi, não temas receber contigo, Maria, tua esposa, pois o que nela se gerou **é** obra do Espírito Santo (Mt 1, 20) (BOHN, 2009);
- (111) **[Feixes de O. Comp. + OC + Ind. presente + Ind. presente]** É bastante generalizada a associação que muitas pessoas fazem entre pobreza e violência. **Trata-se** de um ponto de vista equivocado e, profundamente, injusto porque pessoas, comunidades, regiões e nações pobres **são** vistas e tidas como causa da violência social;
- (112) **[Feixes de O. Comp. + OC + Imp. verificar + Ind. perfeito]** São Bernardo observou que José do Egito, vendido como escravo por seus irmãos invejosos e que se tornou administrador da casa do faraó, é protótipo de José de Nazaré. Pois este **tornou-se** guardião do próprio Filho Incarnado de Deus e de sua santíssima Mãe (BOHN, 2009);
- (113) **[Feixes de O. Comp. + OC + Imp. verificar + Ind. presente]** Os nossos temíveis perseguidores se apresentam como “corajosos”; e atacando-nos impiedosamente querem “demonstrar a hipocrisia da Igreja”... Mas esses

mesmos destemidos amantes da verdade jamais pronunciam uma palavra contra os judeus, contra os muçulmanos, contra os líderes espíritas, contra as igrejas evangélicas e outros grupos. Será que eles não cometem faltas? Ou será que, por terem medo de suas reações, só falam mal dos católicos, porque estes se **comportam** como Jesus “manso cordeiro levado ao matadouro” (Is 53,7) (OPPERMANN, 2009);

- (114) [**O. nuclear + OC + Imp. afirmativo. + ind. presente**] “Daí graças ao Senhor porque ele **é** bom ; eterno é seu amor por nós” Sl 106,1 (MAIMONE, 2009);
- (115) [**O. nuclear + OC + Ind. futuro + Ind. futuro**] As eleições no Brasil estão se depurando dos vícios históricos, para se tornarem cada vez mais livres e limpas. Vamos dar um passo a mais. Em continuação a essa lei citada, queremos que os candidatos a um cargo eletivo, que já estejam condenados em primeira instância, sejam impedidos de se candidatar. Quais são os benefícios dessa nova lei? Haverá uma depuração das falsas acusações, nascidas da inveja e das vingancinhas. Nenhum candidato honesto **será** barrado, pois o poder judiciário **terá** a capacidade de selecionar os casos verdadeiros, dos falsos (OPPERMANN, 2009);
- (116) [**O. nuclear + OC + Ind. perfeito + ind. imperfeito**] No dia 18 de fevereiro de 2009, essa unidade com o Colégio Episcopal **manifestou-se** de forma especial pois, em resposta a uma explícita manifestação do Bispo de Roma e nosso Papa, Dom José **passava** a ser o novo Bispo de Blumenau (KRIEGER, 2009);
- (117) [**O. nuclear + OC + Ind. perfeito + ind. perfeito**] Aqui no Brasil a Igreja **adquiriu** direito de cidadania, pois de muitas maneiras ela **colaborou** para a definição da própria identidade nacional (VALENTINI, 2009);
- (118) [**O. nuclear + OC + Ind. presente + ind. futuro**] “Felizes os que **procuram** a paz, porque se **chamarão** filhos de Deus” (Mt 5, 9) (BOHN, 2009);
- (119) [**O. nuclear + OC + Ind. presente + ind. imperfeito**] Marcos põe em relevo a traição de Pedro. Esta insistência **é** significativa, porque Marcos **era** uma espécie de secretário de Pedro (AGNELO, 2009);
- (120) [**O. nuclear + OC + Ind. presente + ind. perfeito**] Os dez mandamentos **são** simples e claros, porque não **foram** compilados por uma comissão de espertos (AGNELO, 2009);
- (121) [**O. nuclear + OC + Ind. presente + ind. presente**] Cristo **é** a nossa paz. Jesus disse: “Deixo-vos a paz, dou-vos a minha paz. Não **é** à maneira do mundo que eu a dou. Não se perturbe, nem se atemorize o vosso coração” (Jo 14, 7). Ele **dá** a todos a paz porque ele se **dá** por todos (AGNELO, 2009);

- (122) [**O. nuclear + OC + Subj. presente + ind. presente**] Que a Páscoa nos **encontre** alegres, solidários, harmoniosos e justos. Pois “a paz **é** fruto da justiça” (BOHN, 2009);
- (123) [**O. hipotática + OC + Ind. presente + ind. perfeito**] Em Cristo nos **tornamos** criaturas novas, pois nossa vida encontra a base para a segurança e a certeza de que ele nos ajuda a superar nossos limites, pois Ele **ressuscitou** (MOURA, 2009);
- (124) [**O. hipotática + OC + Subj. presente + ind. presente**] Se não se tomar cuidado, em todos os níveis do poder – nacional, estadual, municipal – os governantes se tornam insensíveis às verdadeiras e reais necessidades da população. Os casos são reais e fáceis de cons. Municipalidade, o Estado e a Nação para cobrar deles a necessária presença no encaminhamento das soluções dos problemas que afligem o povo. Embora **seja** mais fácil perceber as falhas na cidade, porque **estamos** mais próximos dos problemas dela – como asfalto, assistência, saúde etc (KRIEGER, 2009);
- (125) [**Sintagma + OC + Impossível verificar + ind. presente**] Por que um ano catequético? Porque **precisamos** aprofundar nossa fé e crescer no seguimento de Jesus Cristo (TEMPESTA, 2009);
- (126) [**O Comp. + OC + Ind. Fut. do pret. + ind. presente**] Se sofrimentos e decepções não fizessem parte de nossa existência, ainda assim, inquieto e insatisfeito **continuará** nosso coração, porque as alegrias dessa vida, mesmo as mais intensas, **são** todas elas insuficientes diante da profundidade de nosso desejo (RODRIGUES, 2009);
- (127) [**O Comp. + OC + Ind. perfeito + ind. fut. do pret.**] Na entrevista, o prelado afirmara que o Holocausto nazista teria exterminado 300.000 judeus, ao invés de 6.000.000, como sempre se acreditou. Suas palavras **levaram** uma multidão de judeus – e até mesmo de católicos e evangélicos – a protestar contra o Papa, pois, suspendendo a excomunhão, ele **estaria** acobertando as palavras de um bispo (RIZZARDO, 2009);
- (128) [**O Comp. + OC + Ind. presente + ind. presente**] **Precisamos** melhorar nossas atitudes diante dos conflitos em casa e na rua. **Precisamos** superar nossos medos, com a ajuda de Deus e dos irmãos, pois o medo nos **leva** a buscar soluções no consumo (FÉLIX, 2009);

3.3.3.1.3 Tipo de conectivo e Ordenação

No que se refere ao tipo de conectivo, a tabela 33 indica o emprego de apenas 3 (três) dentre os possíveis: **porque**, **pois** e **como**, respectivamente. Quanto a ordenação, as OCs analisadas encontram-se, em sua maioria, pospostas, com 96% do total. Estas, por sua vez, ocorrem com os conectivos **porque** e **pois**; enquanto os 4% de orações antepostas são registrados ora com **como**, ora com **porque**, fato este que vai ao encontro dos resultados obtidos em relação ao tipo de conectivo empregado nos casos de anteposição encontrados no TN, nos quais a conjunção **porque** foi empregada em todas as orações antepostas. Esses apontamentos estão abaixo discriminados.

QUADRO 46: Cruzamento de dados e correlações entre Estat. sintático, Tipo de conectivo e Ordenação

Estatuto sintático do EI		Tipo de conectivo		Ordenação	
	Nº de O (%)		Nº de O (%)		Nº de O (%)
Feixes de O Comp.	22 (25%)	pois porque	9 (40%) 13 (60%)	Posposta	22 (100%)
Oração N	41 (47%)	pois porque como	18 (43%) 22 (54%) 1 (2%)	Anteposta	2 (4%)
				Posposta	39 (96%)
Oração H	2 (2%)	pois porque	1 (50%) 1 (50%)	Posposta	2 (100%)
Sintagma	2 (2%)	porque	2 (100%)	Posposta	2 (100%)
O Comp.	21 (24%)	pois porque	11 (52%) 10 (48%)	Posposta	21 (100%)

A seguir, apresenta-se cada um dos 3 (três) conectivos empregados em relação à ordenação:

- (129) [**Anteposta + como**] O POVO, jornal que quer informar e formar os seus leitores, recorreu a mim para escrever um artigo sobre a questão que remexeu no espírito dos brasileiros, especialmente dos católicos, e **como** muito se falou e se escreveu, limitei-me a abordá-la de forma sucinta (DUARTE, 2009);
- (130) [**Anteposta + porque**] Ao descrever o destino moral daqueles que desconhecem a Deus e sua lei, assim se exprime São Paulo: “E **porque** não

aprovaram alcançar a Deus pelo conhecimento, Deus os entregou ao seu reprovado modo de pensar (RODRIGUES, 2009);

- (131) **[Posposta + porque]** Cristo é a nossa paz. Jesus disse: “Deixo-vos a paz, dou-vos a minha paz. Não é à maneira do mundo que eu a dou. Não se perturbe, nem se atemorize o vosso coração” (Jo 14, 7). Ele dá a todos a paz **porque** ele se dá por todos (AGNELO, 2009);
- (132) **[Posposta + pois]** No dia 18 de fevereiro de 2009, essa unidade com o Colégio Episcopal manifestou-se de forma especial pois, em resposta a uma explícita manifestação do Bispo de Roma e nosso Papa, Dom José passava a ser o novo Bispo de Blumenau (KRIEGER, 2009);

3.3.3.2 Cruzamento de dados entre os diferentes níveis do CG: correlações secundárias

Assim como realizado nas análises do TA e do TN, o cruzamento de dados entre os diferentes níveis do CG constará de 3 (três) diferentes correlações, a partir do primeiro parâmetro de cada uma, adotado como fator **determinante**. Assim, novamente, seguir-se-á também a mesma ordem de apresentação dessas correlações: a primeira diz respeito ao tipo de argumento (fator determinante) em relação do tipo de categoria do escopo de incidência (EI) e da oração causal (OC), bem como ao estatuto sintático (ES) do EI; a segunda toma o tipo de referência temporal como parâmetro determinante dos tempo-modo verbais dos EIs e das OCs; e, ao final, a terceira, partindo do parâmetro **pressuposição**, relaciona-o com o estatuto informacional, o tipo de conectivo empregado e a ordenação.

3.3.3.2.1 Tipo de argumento, de categoria e Estatuto sintático

Na primeira ocorrência analisada, obteve-se o seguinte resultado: **argumento de competência + ato do discurso + conteúdo proposicional + orações complexas**, conforme indicam os dados apresentados no quadro a seguir:

QUADRO 47: Cruzamento de dados e correlações entre Tipo de argumento, de categoria e Estat. sintático

Tipo de argumento		Tipo de categoria do EI e da OC			Estatuto Sintático	
	Nº de O (%)			Nº de O (%)		Nº de O (%)
Autoridade (bíblico)	17 (20%)	Ato	Esco	2 (12%)	O. Nuclear	2 (100%)
		C. prop.	Esco	1 (100%)	O. Nuclear	1 (100%)
		Esco	Esco	9 (53%)	O. Nuclear O.Comp.	2 (22%) 5 (88%)
		<i>Move</i>	Esco	5 (29%)	Feixe de O O. Comp. O. Nuclear	3 (60%) 1 (20%) 1 (20%)
Competência	40 (45%)	Ato	C. prop.	16 (42%)	Feixe de O O. Comp. O. Hipotática O. Nuclear Sintagma	1 (7%) 4 (26%) 1 (7%) 9 (53%) 1 (7%)
		Ato	Esco	1 (2%)	O. Nuclear	1 (100%)
		C. prop.	C. prop.	8 (20%)	Feixes de O O Nuclear O Hipotática O. Comp	1 (12%) 5 (64%) 1 (12%) 1 (12%)
		Esco	C. prop.	2 (4%)	Feixe de O O. Nuclear	1 (50%) 1 (50%)
		<i>Move</i>	C. prop.	12 (30%)	Feixe de O O. Comp.	10 (83%) 2 (17%)
		<i>Move</i>	Esco	1 (2%)	Feixe de O	1 (100%)
Senso comum	31 (35%)	Ato	Ato	20 (65%)	O. Comp. O. Nuclear	9 (45%) 11 (55%)
		Ato	C. prop.	1 (3%)	O. Nuclear	1 (100%)
		C. prop.	Ato	2 (6%)	O. Nuclear	2 (100%)
		<i>Move</i>	Ato	8 (26%)	Feixe de O O. Comp.	6 (75%) 2 (25%)

O quadro 47 registra, primeiramente, que o argumento de autoridade (bíblico) apresenta 4 (quatro) diferentes correlações entre o tipo de entidade dos EIs e das OCs. Dentre essas correlações, predominam as entre estados-de-coisas (e), tanto à margem esquerda (EI)⁸⁵ – cuja codificação se dá, na maioria dos casos, por meio de orações complexas – quanto à esquerda (OC); e, em segundo lugar, as entre *Moves* (M) – expressos, na maioria dos casos,

⁸⁵ Nesses casos, em especial, a margem esquerda pode codificar também OC, posto que entre todas as ocorrências da correlação estado-de-coisa (e) > estado-de-coisas (e), uma é anteposta.

por feixes de orações complexas – e estados-de-coisas, estes à margem direita, e aqueles à esquerda.

Com relação ao argumento de competência, este ocorre, preferencialmente, entre Atos do discurso (A) e conteúdos proposicionais (p), e Atos do discurso (A) e *moves* (M). Na primeira correlação, o EI é registrado, na maioria das ocorrências por meio de orações nucleares; na segunda, o EI é expresso, predominantemente, via feixes de orações complexas.

Finalmente, os argumentos de senso comum ocorrem, em sua maioria, com as correlações: Ato do discurso (A) e ato do discurso (A), cuja codificação dos EIs ocorre, predominantemente, com orações nucleares; e *Move* (M) e ato do discurso (A), cujos EIs são expressos, na maioria dos casos, por feixes de orações complexas. O resultado dessas correlações aponta para as seguintes conclusões:

- a) o argumento de autoridade (bíblico), a exemplo dos dados resultantes da análise do TA, tanto codificam quanto correlacionam-se, predominantemente, com estados-de-coisas (e), e, ao mesmo tempo, os EIs que lhes são correspondentes são expressos por orações complexas;
- b) os argumentos de competência, por seu turno, codificam, majoritariamente, conteúdos proposicionais (p), assim como indicam os resultados dos TA e TN, com 95% do total;
- c) os de senso comum, a exemplo do que ocorre nos TA e TN, apresentam-se, em sua maioria, tanto codificando quanto relacionando-se a atos do discurso (A), são expressos, ora por meio de orações nucleares, ora de orações complexas;
- d) dentre os tempos do ano litúrgico até agora analisados, este é o que apresenta mais diversidade de estatutos sintáticos que codificam *moves* (M): feixes de orações complexas, orações complexas e oração nuclear. No entanto, a predominância por estruturas sintáticas mais extensas e, por isso, complexas ainda é uma constante no que diz respeito a mais alta das camadas do CG. De fato, essa característica pode estar associada à mudança de fluxo de informação, frequentemente a ela associada. Além disso, mais uma vez, a temática abordada em cada Tempo do AL, posto que a maioria das ocorrências de *moves* (M) apresenta uma exortação à esperança na segunda vinda de Cristo

que, por seu turno, aparece como solução para os problemas de um mundo caótico.

3.3.3.2.2 Tipo de categoria, Referência temporal e Modo-tempo verbais

QUADRO 48: Cruzamento de dados e correlações entre Referência temporal e Modo-tempo verbal

Tipo de categoria do EI e da OC		Nº de O (%)	Referência temporal		Modo-tempo verbais do EI e da OC		Nº de O (%)
				Nº de O (%)			
Ato	Ato	21 (22%)	RTD	15 (75%)	Ind. futuro Ind. presente Ind. presente	Ind. futuro Ind. perfeito Ind. presente	1 (7%) 1 (7%) 13 (87%)
			RTI	6 (25%)	Ind. presente Ind. presente Ind. perfeito Ind. fut. pret Ind. presente	Ind. futuro Ind. perfeito Ind. presente Ind. presente Ind. fut. pret	1 (17%) 1 (17%) 1 (17%) 1 (17%) 2 (32%)
Ato	C. prop.	17 (19%)	RTD	15 (88%)	Ind. futuro Ind. presente Ind. perfeito Sub. presente	Ind. futuro Ind. presente Ind. perfeito Ind. presente	1 (7%) 10 (66%) 3 (20%) 1 (7%)
			RTI	2 (12%)	Ind. presente Impossível	Ind. imperfeito Ind. presente	1 (50%) 1 (50%)
Ato	Esco	3 (4%)	RTD	1 (33%)	Ind. presente	Ind. presente	1 (100%)
			RTI	2 (77%)	Sub. presente	Ind. presente	2 (100%)
C. prop.	Ato	2 (3%)	RTD	2 (100%)	Ind. presente	Ind. presente	2 (100%)
C. prop.	C. prop.	8 (9%)	RTD	8 (100%)	Ind. presente Ind. perfeito Ind. perfeito Ind. perfeito	Ind. presente Ind. perfeito Ind. imperfeito Ind. fut. pret.	5 (62%) 1 (12%) 1 (12%) 1 (12%)
C. prop.	Esco	1 (2%)	RTI	1 (100%)	Ind. presente	Ind. presente	1 (12%)
Esco	Esco	9 (10%)	RTI	9 (100%)	Ind. futuro	Ind. futuro	1 (11%)
					Ind. imperfeito	Ind. perfeito	1 (11%)
					Ind. perfeito	Ind. presente	1 (11%)
					Ind. perfeito	Ind. perfeito	1 (11%)
					Ind. perfeito	Ind. imperfeito	1 (11%)
					Ind. presente	Ind. presente	1 (11%)
					Ind. presente	Ind. perfeito	1 (11%)
					Ind. presente Imp. afirm.	Ind. futuro Ind. presente	1 (11%) 1 (11%)
Esco	C. prop.	2 (3%)	RTI	2 (100%)	Ind. futuro	Ind. presente	2 (100%)

<i>Move</i>	Ato	7 (8%)	RTI	7 (100%)	Impossível Ind. presente Ind. fut. pret.	Ind. presente Ind. presente Ind. presente	3 (43%) 3 (43%) 1 (14%)
<i>Move</i>	C. prop.	12 (14%)	RTI	12 (100%)	Impossível Ind. presente Ind. presente	Ind. presente Ind. perfeito Ind. presente	4 (34%) 1 (8%) 7 (58%)
<i>Move</i>	Esco	6 (7%)	RTI	6 (100%)	Ind. perfeito Ind. presente Imp. afirm. Impossível Impossível Impossível	Ind. presente Ind. presente Ind. perfeito Ind. perfeito Ind. imperfeito Ind. presente	1 (17%) 1 (17%) 1 (17%) 1 (17%) 1 (17%) 1 (17%)

No que concerne ao parâmetro determinante (tipo de categoria do EI e da OC) em relação à referência temporal, o quadro 48 mostra que, na primeira correlação – Ato do discurso (A) e ato do discurso (A) – há preferência por referências temporais dependentes, que correspondem a 15 (quinze) ocorrências ou 75% do total de 21 (vinte e uma). Estas, por sua vez, apresentam 3 (três) distintas correlações modo-temporais. Na correlação seguinte – Ato do discurso (A) e Conteúdo proposicional (p) – a referência temporal dependente também é maioria, com 15 ocorrências, o que significa 88% do total. Dentre estas, o quadro indica o registro de 4 (quatro) diferentes correlações modo-temporais. Entre Atos do discurso (A) e estados-de-coisas (e), ao contrário, verifica-se um maior número de referências temporais não-dependentes: 2 (duas), das 3 (três) analisadas.

A correlação Conteúdo proposicional (p) e ato do discurso (A), por sua vez, aparece, nos *corpora*, 2 (duas) vezes, apresentando referência temporal dependente e uma única correlação modo-temporal. Na sequência, a correlação Conteúdo proposicional (p) e conteúdo proposicional (p) apresenta, em absoluto, referência temporal dependente, pois que, em todas as 8 (oito) ocorrências verifica-se co-determinação entre os modo-tempo verbais dos EIs em relação aos das OCs. Estes, por seu turno, registram 4 (quatro) diferentes correlações modo-temporais. De modo contrário, a única ocorrência da correlação Conteúdo proposicional (p) e estado-de-coisas (e) apresenta referência temporal não-dependente.

As 9 (nove) ocorrências da correlação Estados-de-coisas (e) e estados-de-coisas (e) apresentam, unanimemente, referência temporal independente e, ao mesmo tempo, o maior número de correlações já encontrado: uma para cada ocorrência, ou seja, 9 (nove) ao total. Entre Estados-de-coisas (e) e conteúdos proposicionais (p), as 2 (duas) ocorrências analisadas apresentam referência temporal não-dependente e uma única correlação modo-temporal.

As correlações *Move* (M) e ato do discurso (A) e *Moves* (M) e Conteúdos proposicionais (p) apresentam 2 (duas) ocorrências cada, para as quais a referência temporal não é fator co-referente, uma vez que, em ambas as correlações, uma ocorrência possui referência temporal dependente, e a outra, não e, por conseguinte, distintas correlações modo-temporais. E, finalmente, entre *Move* (M) e estado-de-coisa (e), a única ocorrência registrada apresenta referência temporal não-dependente. Os resultados dessas segundas correlações indicam que:

- a) Assim como nas análises dos TA e TN, a referência temporal dependente associa-se, via de regra, às correlações cujos tipos de entidade pertencem à mesma camada, bem como à correlação modo-temporal **indicativo presente e indicativo presente;**
- b) a correlação estados-de-coisas (e) e estados-de-coisas (e) mostra-se como uma exceção bastante significativa no que diz respeito ao primeiro apontamento que vem, ao longo, das análises, se constituindo numa constante. Embora os tipos de entidade pertençam à mesma camada, todas as ocorrências apresentam referência temporal não-dependente e também uma correlação modo-temporal distinta para cada uma delas. Tal fato justifica-se porque, na maioria das vezes, ocorre a reprodução, seja ela literal ou parafraseada de textos bíblicos que, por sua vez, independem dos modo-tempo verbais com os quais se relacionam, tendo em vista que se tratam de textos prontos e, até mesmo, cristalizados no esquema cognitivo do autor/escritor e/ou leitor não apenas em termos de conteúdo, mas também de estrutura sintática.
- c) também de forma análoga às análises já realizadas, mais uma vez, verifica-se que, quanto mais alto o tipo de categoria do EI, mais variadas são as correlações modo-temporais que, por isso, tendem a apresentar referência temporal não-dependente;

3.3.3.2.3 Pressuposição, Estatuto informacional, Tipo de conectivo e Ordenação

A primeira correlação, feita a partir do parâmetro determinante (pressuposição), apresenta o seguinte resultado: **não-pressuposta + nova + porque + posposta**. Conforme indica o quadro seguinte:

QUADRO 49: Cruzamento de dados e correlações entre Pressuposição, Est. Inform., Tipo de conectivo e Ordenação

Pressuposição		Estatuto informacional		Tipo de conectivo		Ordenação	
	Nº de O (%)		Nº de O (%)		Nº de O (%)		Nº de O (%)
Pres	2 (2%)	Acessível	2 (100%)	Porque	1 (50%)	anteposta	2 (100%)
				Como	1 (50%)		
NPres	86 (98%)	Nova	86 (100%)	Porque	44 (50%)	Posposta	86 (100%)
				Pois	42 (48%)		

Conforme indica o quadro 49, a maioria das ocorrências é não-pressuposta e, portanto, codifica informação nova, totalizando 86 ocorrências, ou 96% delas. As outras 2 (duas) ocorrências são pressupostas, o que implica a classificações como OCs cujas informações são acessíveis ao leitor. Ao mesmo tempo, estas ocorrências, devido à anteposição, registram-se ora com o conectivo **porque**, ora com o **como**, prototipicamente empregado nesses casos.

3.3.4 Resultados gerais dos condicionamentos das OCs em relação à argumentatividade

- uma vez mais, a ausência, quase absoluta, de elementos focalizadores está associada às intenções comunicativas inerentes aos objetivos e intenções imanentes a esse tipo de discurso e de gênero: a afirmação de que os argumentos nele sustentados não são passíveis de avaliação ou confirmação.

Essa constatação parece ainda mais evidente ao se considerar os argumentos bíblicos, cuja ocorrência parece dispensar, ou melhor, inviabilizar o emprego de elementos focalizadores;

- além disso, de forma análoga à registrada nas análises do TA e do TN, as ocorrências do TQ apontam, primeiramente, para a preferência por argumentos de competência, codificados, na maioria dos casos, por conteúdos proposicionais (p);
- os argumentos de senso comum representam, mais uma vez, o segundo maior número de ocorrências e são codificados, majoritariamente, por meio de atos de fala (A);
- consoante aos resultados do TN, os argumentos de autoridade são os menos empregados, não obstante à força argumentativa que lhes são iminentes. Estes apontamentos, por sua vez, também vão ao encontro tanto dos resultados obtidos nas análises do TA, quanto do TN, pois que o registro de argumentos de autoridade limitam-se aos de ordem bíblica, em detrimento dos advindos da Patrística ou do Magistério;
- mais uma vez, a análise indica, assim como nos TA e TN, que quanto maior a autoridade citada tanto maior é o valor de verdade dos argumentos codificados pelas OCs;
- no que diz respeito à integração sintática em relação à semântica, novamente, a análise comprova que a integração sintática reflete a integração semântica existente entre os EIs e as OCs;
- esses primeiros resultados, por sua vez, ao contrário do que ocorre no TN, co-determinam a preferência por referências temporais não-dependentes; ao mesmo tempo, no que diz respeito aos modo-tempo verbais dos EIs e das OCs, a análise indica uma grande variedade de correlações, ainda que os tipos de entidades a elas relacionados sejam os mesmos (Ato do discurso (A) e ato do

discurso (A), por exemplo), o que vai de encontro aos resultados obtidos anteriormente;

- em relação à pressuposição, ao estatuto informacional, e à ordenação, a análise indica a preferência pela posposição, registrada com os conectivos **porque** e **pois**, assim como no TA. A anteposição, por sua vez, ocorre ora com o conectivo **como**, ora com **porque**. Tal fato, aliado aos já registrados, apontam para a tendência de se empregar, em casos de anteposição da OC ao seu respectivo EI, o conectivo **porque**, tradicionalmente associado à posposição.
- e, finalmente, mais uma vez a ocorrência de *Moves* (M) codificados pelos Eis aponta para a generalização da mudança de fluxo informacional como uma constante no *corpus* em estudo.

3.4. Ocorrências referentes ao Tempo da Páscoa

3.4.1 Nível Interpessoal

A análise das 68 (sessenta e oito) ocorrências do TP com relação às funções pragmáticas e retóricas evidencia, por um lado, a ausência de elementos focalizadores (o que parece constituir uma constante no *corpus*) e, por outro, a predominância de argumentos de competência, seguidos dos de senso comum, de autoridade (bíblico) e de autoridade (do magistério). Os dados registrados estão apresentados detalhadamente (em número de ocorrência e porcentagem correspondente) no quadro abaixo:

QUADRO 50: Funções pragmáticas e retóricas: resultados percentuais

Nível Interpessoal			Nº de O (%)
Funções pragmáticas Elementos Focalizador	Anafóricos		1 (1%)
	Restritivos		2 (3%)
	Verificadores		1 (1%)
	Ausente		64 (95%)
Funções retóricas Tipo de Argumento	Autoridade	Bíblico	10 (15%)
		Do Magistério	1 (1%)
	Competência		34 (50%)
Senso comum		23 (34%)	

A predominância de argumentos de competência vai ao encontro dos resultados referentes 3 (três) tempos do AL já analisados, pois implica a escolha de argumentos subsidiados por conhecimentos diversos, sejam eles especificamente relativos ao corpo episcopal, aos das verdades de fé, ou não, quando ocorre a recorrência à fatos históricos, sociais e/ou científicos.

A escolha dos argumentos de senso comum – em segundo lugar, na ordem de preferência – deixa entrever que a força argumentativa ancora-se na posição de autoridade de quem os emite.

Ao final, o baixo índice de ocorrências que codificam argumentos de autoridade (bíblico) e, mais ainda, os de autoridade (do magistério) apontam a tendência geral de não optar por argumentos incontestes, cuja função é a de conferir às OCs um valor de verdade

irrevogável, em prol de argumentos subsidiados por conhecimentos diversos ou juízos de valor (do autor/escritor) acerca do assunto sobre o qual se discorre.

3.4.1.1 Cruzamento dos dados e correlações primárias

Os dados apresentados no quadro 50 (resultados percentuais) foram cruzados e correlacionados um a um. Assim, por exemplo, na primeira ocorrência, obteve-se o seguinte resultado: **Elemento focalizador ausente + argumento de competência.**

A ausência, quase absoluta, de elementos focalizadores sinaliza, assim como verificou-se no TA, TN e TQ, as intenções subjacentes a um discurso tido como **universal**, cujo valor de verdade, embora aceito à luz da fé, não pode ser contestado.

QUADRO 51: Cruzamento de dados e diferentes correlações entre os parâmetros de análise do nível Interpessoal

Diferentes correlações entre presença/ausência de Focalizador e Tipo de argumento			
			Nº de O (%)
Anafórico	+	Competência	1 (2%)
Ausente	>	Autoridade (Bíblico)	9 (13%)
Ausente	>	Competência	34 (48%)
Ausente	>	Senso comum	22 (32%)
Restritivo	+	Competência	1 (2%)
Verificador	+	Autoridade (magistério)	1 (2%)

A seguir, exemplificam-se as 6 (seis) diferentes correlações apresentadas no quadro 51:

- (133) **[Anafórico + competência]** A consideração da religião tem implicações que se referem à alimentação moral indispensável para o equilíbrio de processos e regulação adequada das relações humanas. **Isto porque a religiosidade diz respeito à dignidade humana** (AZEVEDO, 2009);
- (134) **[Ausente + autoridade (bíblico)]** O projeto é: Jesus veio para nos salvar, como irmão e amigo, porque **“amigo é aquele que dá a vida pelo amigo” (Jo 15, 13)** (AGNELO, 2009);

- (135) [**Ausente + competência**] A cura de um pobre homem com uma deficiência física levou um grupo religioso a tomar a decisão de matá-lo, **pois os milagres evidentes que fazia atraíam a atenção do povo sobre ele** (SCHERER, 2009);
- (136) [**Ausente + senso comum**] As diversas igrejas e comunidades eclesiais não se consideram realidades isoladas e distintas, estranhas umas às outras, **porque o amor vai além das diferenças** (BIASIN, 2009);
- (137) [**Restritivo + competência**] Logo no início da pregação do Evangelho, Jesus teve que enfrentar a fúria dos seus concidadãos de Nazaré, que o expulsaram da cidade e queriam jogá-lo num precipício (Lc 4,23-30), **só porque não fez o milagre que queriam ver** (SCHERER, 2009);
- (138) [**Verificador + autoridade (do magistério)**] Com efeito, também a Bíblia é “carne”, “letra”, porque se exprime em línguas particulares, As suas páginas são frequentemente manchadas de sangue e de violência, Precisamente porque no centro da Revelação está a palavra divina que adquiriu um rosto (DCE 1)⁸⁶ (VELOSO, 2009);

3.4.2. Nível Representacional

No que diz respeito às funções semânticas, as OCs, da mesma forma que nos TA, TN e TQ, não codificam *Moves* (M) e, por isso, situam-se em camadas inferiores: a do conteúdo proposicional (p), do ato do discurso (A) e do estado-de-coisas (e), por ordem de preferência. Ao mesmo tempo, essas orações funcionam como modificadores proposicionais, ilocucionários e predicacionais, respectivamente. Os EIs, por sua vez, codificam, em primeiro lugar atos do discurso (A), seguidos de conteúdos proposicionais (p), *moves* (M) e estados-de-coisas. Por conseguinte, assumem a função de modificadores ilocucionários, proposicionais, discursivos e predicacionais.

Quanto à Referência temporal, a maioria das 68 (sessenta e oito) ocorrências apresenta referência temporal dependente, com 57% do total. Com relação à pressuposição, a tabela indica a predominância absoluta de OCs não-pressupostas que, por sua vez, implica a codificação de informações novas.

⁸⁶ A sigla DCE designa uma encíclica do papa Bento XVI denominada *Deus Caritas est*.

QUADRO 52: Funções semânticas: resultados percentuais

Nível Representacional		
		Nº de O (%)
Tipo de categoria da OC	Ato	23 (34%)
	C. Prop.	29 (43%)
	Esco	16 (23%)
Tipo de categoria do EI	Ato	40 (59%)
	C. Prop.	19 (28%)
	Esco	9 (13%)
Referência temporal	Dep.	39 (57%)
	Não dep.	29 (43%)
Pressuposição	NPres.	68 (100%)
Estatuto informacional	Nova	68 (100%)

3.4.2.1. Cruzamento dos dados e correlações primárias

No nível Representacional, os dados apresentados no quadro 52 (resultados percentuais) foram cruzados um a um e correlacionados. Assim, a título de exemplificação, na primeira ocorrência, obteve-se o seguinte resultado: **conteúdo proposicional (p) + conteúdo proposicional (p) + não dependente + não pressuposta + nova**. O resultado total desses cruzamentos está disposto nos quadros 53, 54 e 55:

3.4.2.1.1 Referência temporal

QUADRO 53: Cruzamento de dados entre as diferentes correlações entre Tipo de categoria e Referência temporal

Tipo de categoria do EI / Tipo de categoria da OC Nº de O (%)			Referência temporal / Nº de O (%)	
Ato	Ato	25 (17%)	RTD	11 (39%)
			RTI	14 (61%)
Ato	C. prop.	10 (15%)	RTD	7 (70%)
			RTI	3 (30%)
Ato	Esco	2 (3%)	RTI	2 (100%)
C. prop.	Ato	4 (5%)	RTD	2 (50%)
			RTI	2 (50%)
C. prop.	C. prop.	12 (17%)	RTD	10 (82%)
			RTI	2 (18%)
C. prop.	Esco	4 (5%)	RTD	1 (25%)
			RTI	3 (75%)
Esco	Esco	7 (11%)	RTD	5 (71%)
			RTI	2 (29%)
Esco	C. prop.	2 (3%)	RTD	2 (100%)
<i>Move</i>	Esco	3 (4%)	RTI	3 (100%)

Conforme indicações do quadro 53, a análise registra 9 (nove) diferentes correlações entre os tipos de categoria dos EIs e das OCs, dentre as quais predominam as que codificam as entre atos do discurso (A) tanto, à margem esquerda, quanto à direita com 28 ocorrências, o que corresponde a 32% do total. Ao contrário dos outros Tempos do AL, porém, a análise das ocorrências do TP não indicam a relação da OC com *Move* (M). Quanto à Referência temporal, o quadro indica também a preferência por referências temporais dependentes: totalizam 37 ocorrências, ou 54% do total.

Exemplifica-se, a seguir, cada uma dessas correlações referentes aos tipos de categoria dos EIs e das OCs e suas implicaturas para a referência temporal:

- (139) [Ato + ato + RTD] O bem merece manchetes na imprensa, **porque é construtivo, difusivo, positivo, atraente** (BRANDES, 2009);
- (140) [Ato + c. prop. + RTI] A atividade de Jesus pode ser sintetizada nestas duas palavras: Ele formou discípulos, que se transformaram em missionários. Nesta dupla dimensão, podemos identificar ainda hoje a tarefa da Igreja. **Ela também precisa formar discípulos para transformá-los em missionários. Pois aí**

está o tema central desta assembléia: a formação dos presbíteros (VALENTINI, 2009);

- (141) [**Ato + esco + RTI**] Revesti-vos todos de humildade no relacionamento materno, **“porque Deus resiste aos Soberbos” (1Pd. 5,5)** (VELOSO, 2009);
- (142) [**C. prop. + ato + RTD**] As diversas igrejas e comunidades eclesiais não se consideram realidades isoladas e distintas, estranhas umas às outras, **porque o amor vai além das diferenças** (BIASIN, 2009);
- (143) [**C. prop. + ato + RTD**] A redenção de Cristo não justifica a pessoa e assim o homem continua pecador. Não há pois justificação interior. **O que há é a predestinação tanto para o céu, como para o inferno, porque Deus quer assim** (VIEIRA, 2009);
- (144) [**Esco + esco + RTD**] Jesus foi vítima da uma violência inaudita. De fato, esta o acompanhou durante toda a sua vida. Seu nascimento, em Belém, foi num lugar inusitado, num abrigo para animais, **pois a hospedaria da cidade não abriu as portas para seus pais, José e Maria** (SCHERER, 2009);
- (145) [**Esco + esco + RTI**] O grande cientista dessa área, Edward Green, afirmou que o Papa estava certo nas suas afirmações. **Pois a Uganda e também a Nigéria, desenvolveram programas, dentro das recomendações dos métodos naturais** (OPPERMANN, 2009);
- (146) [**Esco + c. prop. + RTD**] Logo no início da pregação do Evangelho, Jesus teve que enfrentar a fúria dos seus concidadãos de Nazaré, que o expulsaram da cidade e queriam jogá-lo num precipício (Lc 4,23-30), **só porque não fez o milagre que queriam ver** (SCHERER, 2009);
- (147) [**Move + esco + RTI**] O império de nosso Senhor e de seu Cristo estabeleceu-se sobre o mundo, e Ele reinará pelos séculos dos séculos. Graças te damos, Senhor, Deus Dominador, que és e que eras, **porque “assumiste a plenitude do teu poder real”** (Ap 11,15.17)

3.4.2.1.2 Pressuposição

Com relação à pressuposição, a análise registra a predominância absoluta de OCs não-pressupostas e, por isso, associadas, à informação nova, conforme indicam os quadros 54 e 55 a seguir:

QUADRO 54: Cruzamento de dados entre as diferentes correlações entre Tipo de categoria e Pressuposição

Tipo de Categoria do EI / Tipo de Categoria da OC		Pressuposição		
		Nº de O (%)		Nº de O (%)
Ato	Ato	25 (41%)	NPres.	28 (100%)
Ato	C. prop.	10 (15%)	NPres.	10 (100%)
Ato	Esco	2 (3%)	NPres.	2 (100%)
C. prop.	Ato	4 (5%)	NPres.	4 (100%)
C. prop.	C. prop.	11 (16%)	NPres.	11 (100%)
C. prop.	Esco	4 (5%)	NPres.	4 (100%)
Esco	Esco	7 (11%)	NPres.	7 (100%)
Esco	C. prop.	2 (3%)	NPres.	2 (100%)
<i>Move</i>	esco	3 (4%)	NPres.	3 (100%)

3.4.2.1.3 Estatuto Informacional

QUADRO 55: Cruzamento de dados entre as diferentes correlações entre Tipo de categoria e Estat. informacional

Tipo de categoria do EI / Tipo de categoria da OC		Estatuto informacional		
		Nº de O (%)		Nº de O (%)
Ato	Ato	28 (41%)	Nova	28 (100%)
Ato	C. prop.	10 (15%)	Nova	10 (100%)
Ato	Esco	2 (3%)	Nova	2 (100%)
C. prop.	Ato	4 (5%)	Nova	4 (100%)
C. prop.	C. prop.	11 (16%)	Nova	11 (100%)
C. prop.	Esco	4 (5%)	Nova	4 (100%)
Esco	Esco	7 (11%)	Nova	7(100%)
Esco	C. prop.	2 (3%)	Nova	2 (100%)

Mais uma vez, na esteira dos resultados dos TA, TN e TQ, a não-pressuposição associada a de informação nova ocorre, na maioria dos casos, como uma estratégia argumentativa: enuncia-se como novo algo que já é dado ou, ao menos, acessível, conforme indica o exemplo abaixo:

- (147) A cura de um pobre homem com uma deficiência física levou um grupo religioso a tomar a decisão de matá-lo, **pois os milagres evidentes que fazia atraíam a atenção do povo sobre ele** (SCHERER, 2009);

Neste exemplo, a OC, embora apresente-se posposta de modo a codificar algo novo, remete a uma informação acessível e, de certa forma, bastante recorrente no contexto cristão-católico.

3.4.3. Nível Morfossintático

No que concerne aos traços estruturais, as OCs analisadas tem como EIs, predominantemente, orações nucleares, seguidas de orações complexas, feixes de orações complexas e de uma oração hipotática. Esses resultados, por seu turno, implicam a predominância da não-correferencialidade do sujeito, com 46 ocorrências, o que corresponde a 68% do total, e, ao mesmo tempo, da explicitude deste com 38 ocorrências ou 56% do total.

Quanto aos modo-tempo verbais dos EIs, a maioria deles apresenta-se no indicativo, em detrimento do modo imperativo, e do presente, em relação aos demais tempos, salvo ocorrências cuja análise não foi possível, pois associam-se a feixes de orações complexas que, via de regra, apresentam mais de um modo-tempo verbal. Quanto aos modos-tempos verbais das OCs, todos encontram-se no modo indicativo, cuja predominância se dá com o tempo presente em relação aos demais.

Os conectivos empregados são apenas dois: **porque** e **pois**, respectivamente. Este resultado vai ao encontro dos obtidos nas análises dos TA, TN e TQ, nos quais esses conectivos apresentam-se majoritariamente. Ademais, assim como nos TA e TN, todas as ocorrências são pospostas. Esses resultados, referentes a cada um dos parâmetros de análise propostos, estão sistematizados e detalhados no quadro abaixo:

QUADRO 56: Funções morfossintáticas: resultados percentuais

Nível Morfossintático			Nº de O (%)
Estatuto Sintático	Feixe de O Comp.		12 (18%)
	O Comp.		27 (40%)
	Oração	Nuclear Hipotática	28 (41%) 1 (1%)
Correferência	Corref.		21 (31%)
	NCorref.		46 (68%)
	Impossível verificar		1 (1%)
Explicitude	Exp.		38 (56%)
	NExp.		30 (44%)
Tempo-modo verbal do EI	Indicativo	Presente	38 (56%)
		Perfeito	9 (13%)
		Imperfeito	4 (6%)
Futuro		5 (7%)	
Imperativo	Afirmativo	2 (3%)	
	Impossível verificar	10 (15%)	
Tempo-modo verbal da OC	Indicativo	Presente	50 (74%)
		Perfeito	7 (10%)
		Imperfeito	6 (9%)
		Futuro	3 (4%)
		Futuro do Pretérito	2 (3%)
Tipo de conectivo	Pois		23 (34%)
	Porque		45 (66%)
Ordenação	Posposta		68 (100%)

3.4.3.1 Cruzamento dos dados e correlações primárias

Os dados apresentados no quadro 56 (resultados percentuais) foram cruzados, um a um, e correlacionados. Assim, por exemplo, a primeira ocorrência apresentou o seguinte resultado: **oração hipotática + não-correferente + explícito + indicativo futuro + indicativo presente + pois + posposta**. O resultado total desses cruzamentos e correlações está disposto nos quadros 57, 58 e 59.

3.4.3.1.1 Correferência e Explicitude do sujeito

A análise das 68 (sessenta e oito) ocorrências registra 4 (quatro) diferentes estatutos sintáticos dos EIs das OCs dentre os quais predominam os expressos por orações nucleares, seguidas de orações complexas, feixes de orações complexas e uma oração hipotática. Essas diferentes correlações que constituem o parâmetro de análise determinante – ES do EI em relação à OC – implica a correferencialidade e a explicitude ou não do sujeito. O quadro abaixo indica a predominância da não-correferência com 48 (quarenta e sete) ocorrências, ou 69% do total e, por extensão, da explicitude do sujeito com 42 (quarenta e duas) ocorrências que correspondem a 62% do total.

QUADRO 57: Cruzamento de dados e correlações entre Estat. sintático, Correferência e Explicitude do sujeito

Estatuto sintático		Correferência		Explicitude	
	Nº de O (%)		Nº de O (%)		Nº de O (%)
Feixes de O Comp.	12 (18%)	NCorref.	12 (100%)	Exp.	10 (83%)
				NExp.	2 (17%)
Oração N	28 (41%)	Corref.	15 (54%)	NExp.	15 (100%)
		NCorref.	13 (46%)	Exp.	9 (69%)
				NExp.	4 (31%)
Oração H	1 (1%)	NCorref.	1 (100%)	Exp.	1 (100%)
O Comp.	27 (40%)	Corref.	5 (19%)	NExp.	5 (100%)
		NCorref.	22 (81%)	Exp.	21 (96%)

Exemplifica-se, na sequência, cada um dos EIs em relação às OCs e suas implicaturas para a correferencialidade e explicitude do sujeito:

- (148) **[Feixes de O + NCorref. + Exp.] O cristão** que vive em si a ressurreição do Senhor chega a ter, sobre si e sobre as pessoas que o circundam, um olhar diverso, original, que em vão **procuraremos** em outras concepções de vida. **Esta** é uma visão rica de valores, dignificante, enobrecida pelo saber que somos todos irmãos porque filhos do único Pai celeste (AGNELO, 2009);
- (149) **[Feixes de O + NCorref. + NExp.] O Criador** envolveu tudo em véus de mistério e o ser humano sente necessidade de levantar os invólucros dessa realidade escondida, porque são provas da presença de um Ser sumamente inteligente (OPPERMANN, 2009);

- (150) [**O nuclear + Corref. + NExp.**] **Jesus** é o bom Pastor Porque **ofereceu** a sua vida por todos (SCHEID, 2009);
- (151) [**O nuclear + NCorref. + Exp.**] **Jesus** foi vítima da uma violência inaudita. De fato, esta o acompanhou durante toda a sua vida. **Seu nascimento**, em Belém, foi num lugar inusitado, num abrigo para animais, pois **a hospedaria da cidade** não abriu as portas para seus pais, José e Maria (SCHERER, 2009);
- (152) [**O nuclear + NCorref. + NExp.**] Infelizmente, neste momento, muitos se levantam com questionamentos acerca do belo relato do Gênesis sobre a criação. Lamento a maneira como o fazem, porque não estão abertos à compreensão, ao ensinamento que a Igreja nos apresenta com muito fundamento, inclusive científico. **Lamento** porque **preferem** a frieza de um processo supostamente natural, um evolucionismo barato, uma transmutação física apenas (VELOSO, 2009);
- (153) [**O hipotática + NCorref. + Exp.**] Ao final de nossa vida biológica, haverá uma separação entre a alma (espiritual) e o corpo (material). Mas será **uma situação transitória**, pois **nada** pode destruir a nossa pessoa, a nossa identidade, preservada na alma imortal. (SCHEID, 2009);
- (154) [**O Comp + Corref. + NExp.**] Logo no início da pregação do Evangelho, **Jesus** teve que enfrentar a fúria dos seus concidadãos de Nazaré, que o expulsaram da cidade e queriam jogá-lo num precipício (Lc 4,23-30), só porque não **fez** o milagre que queriam ver (SCHERER, 2009);
- (155) [**O Comp + NCorref. + Exp.**] **O projeto** é: **Jesus** veio para nos salvar, como irmão e amigo, porque “**amigo** é aquele que dá a vida pelo amigo” (Jo 15, 13) (AGNELO, 2009);

3.4.3.1.2 Modo-tempo verbais

A análise indica 5 (cinco) diferentes correlações modo-tempo verbais quando o EI é expresso por meio de Feixes de orações complexas, 8 (oito) quando se trata de orações nucleares, 1 (uma), de oração hipotática, e também 5 (cinco), quando de orações complexas, conforme indicam os dados apresentados no quadro abaixo:

QUADRO 58: Cruzamento de dados e correlações entre Estat. sintático e Modo-tempo verbal

Estatuto sintático		Modo-tempo verbal do EI	Modo-tempo verbal da OC	
	Nº de O (%)			Nº de O (%)
Feixes de O Comp.	12 (18%)	Ind. presente Ind. presente Ind. perfeito Impossível verificar Ind. futuro Ind. presente	Ind. fut. do pret. Ind. imperfeito Ind. perfeito Ind. presente Ind. presente Ind. presente	1 (8%) 1 (8%) 1 (8%) 6 (52%) 1 (8%) 2 (16%)
Oração N	28 (41%)	Imp. afirmativo Ind. futuro Ind. perfeito Ind. perfeito Ind. presente Ind. presente Ind. presente Ind. presente	Ind. presente Ind. presente Ind. perfeito Ind. presente Ind. Fut. do Pret. Ind. futuro Ind. perfeito Ind. presente	3 (11%) 1 (4%) 2 (7%) 2 (7%) 1 (4%) 1 (4%) 3 (11%) 15 (52%)
Oração H	1 (1%)	Ind. futuro	Ind. presente	1 (100%)
O Comp.	27 (40%)	Ind. futuro Ind. futuro Ind. imperfeito Ind. perfeito Ind. presente	Ind. futuro Ind. presente Ind. imperfeito Ind. perfeito Ind. presente	1 (4%) 1 (4%) 2 (8%) 2 (8%) 21 (76%)

Exemplifica-se, a seguir, cada uma das correlações dos ESs dos EIs em relação aos modo-tempo verbais do EI e da OC.

- (156) **[Feixes de O. + presente + fut. do pretérito]** O nosso Dom Hélder tivera a coragem, a ousadia, cometera aos olhos dos detentores do poder o atrevimento inconcebível, a imperdoável loucura, o crime nefando de lesa-pátria de denunciar em Paris a prática de torturas, de atentados contra a liberdade e a democracia no país que é o nosso Brasil, a nossa Pátria estremecida, e o fizera perante uma multidão de milhares de pessoas que passariam a notícia a todos os países. Exige certamente muito esforço, grande discernimento, apurado critério, inteira isenção de ânimo, coragem e honestidade a toda prova, paciência e perseverança a realização desta idéia. Mas uma coisa é certa: realizada, ela nos dará a imagem perfeita, uma foto a corpo inteiro de Dom Hélder com resultados previsíveis, será um exemplo ideal capaz de empolgar a nossa juventude e a uma glória autêntica não só para Fortaleza, sua cidade e berço, para o Recife, ou para o Rio de Janeiro mas para todo o Brasil e quiçá para a América latina, sem esquecer também que para a Igreja católica como tal. Porque esse estudo **apontaria** ao mundo o cidadão universal que ele era (CRUZ, 2009);

- (157) [**Feixes de O. + presente + imperfeito**] Não bastasse tudo que aqui comentamos, **devemos** lembrar ao distraído eleitor que o Senado pagou mais de seis milhões a seus funcionários no mês de janeiro, sem trabalharem, pois **estavam** em recesso (VIEIRA, 2009);
- (158) [**Feixes de O. + perfeito + perfeito**] Logo no início da pregação do Evangelho, Jesus **teve** que enfrentar a fúria dos seus concidadãos de Nazaré, que o expulsaram da cidade e queriam jogá-lo num precipício (Lc 4,23-30), só porque não **fez** o milagre que queriam ver (SCHERER, 2009);
- (159) [**Feixes de O. + imperfeito + presente**] Nós **sabemos**, o seu projeto **é** a resposta de Deus aos pessimistas e aos sem coragem. **É** o projeto sobre o homem que Deus elaborou e Jesus nos revelou: o Reino de Deus. Algo que começa a realizar-se aqui e agora, **está** presente já, mas ainda não se completou, pois ele se **prolonga** fora do tempo e do espaço, no mistério de Deus (AGNELO, 2009);
- (160) [**Feixes de O. + futuro + presente**] Escrever ou falar sobre dom Hélder Câmara **será** fácil ou difícil em decorrência do ponto de partida ou do ângulo de visão de quem pretenda assumir essa tarefa. **Será** fácil, porque, independente de quanto já se escreveu ou já se disse, ainda **resta** muito que dizer ou escrever. Difícil, porque a vida, a pessoa, a própria personalidade, os gestos e atitudes de Dom Hélder, os seus ideais e, sobretudo, as suas intuições se **projetam** para além dos nossos tempos e até das realizações (CRUZ, 2009);
- (161) [**Feixes de O. + presente + presente**] Todos aqueles que sofrem, que padecem pelos mais diversos males, se **fortalecem** ao olhar para o Cristo, sofredor mas também glorioso, porque a cruz **é** o símbolo da vitória final (SCHEID, 2009);
- (162) [**O. nuclear + imp. afirm. + presente**] **Revesti-vos** todos de humildade no relacionamento materno, “porque Deus **resiste** aos Soberbos” (1Pd. 5,5) (VELOSO, 2009);
- (163) [**O. nuclear + perfeito + perfeito**] Jesus foi vítima da uma violência inaudita. De fato, esta o acompanhou durante toda a sua vida. Seu nascimento, em Belém, **foi** num lugar inusitado, num abrigo para animais, pois a hospedaria da cidade não **abriu** as portas para seus pais, José e Maria (SCHERER, 2009);
- (164) [**O. nuclear + perfeito. + presente**] Maria orienta a Cristo e nos convida a viver cada palavra sua. Torna-se destarte o ícone de quem anuncia a Palavra. Ela não a **anunciou** com a boca, pois não **é** um apóstolo enviado a proclamar a Palavra (VELOSO, 2009);
- (165) [**O. nuclear + presente + futuro do pret.**] Sabemos que no dia da manifestação do Senhor, o veremos como **é**, no esplendor de sua glória: a glória que sobre a terra ele escondeu na humilhação do servo e que somente

por poucos instantes revelou aos discípulos na transfiguração sobre o monte Tabor. Glória que hoje não nos é plenamente desvelada porque não a **poderíamos** sustentar;

- (166) [**O. nuclear + presente + perfeito**] A Páscoa celebra a glória de Jesus, que é seu atributo próprio, enquanto Deus eterno e homem glorificado. A criação lhe **dá** glória, através do brilho da beleza e do eco da verdade, presentes em todos os seres, porque **foram** recebidos de seu Autor (SCHEID, 2009);
- (167) [**O. nuclear + presente + presente**] A tradição cristã muitas vezes estabeleceu um paralelo entre a Palavra divina que se faz carne e a mesma Palavra que se faz livro. Com efeito, também a Bíblia é “carne”, “letra”, porque se **exprime** em línguas particulares (VELOSO, 2009);
- (168) [**O. hipotática + futuro + presente**] Ao final de nossa vida biológica, haverá uma separação entre a alma (espiritual) e o corpo (material). Mas **será** uma situação transitória, pois nada **pode** destruir a nossa pessoa, a nossa identidade, preservada na alma imortal. (SCHEID, 2009);
- (169) [**O. Comp. + futuro + futuro**] Na Igreja em que estamos **haveremos** de nos salvar, pela promessa do Divino Redentor, pois “as portas do inferno não **prevalecerão** contra ela” (Mt 16,18) (SCHEID, 2009);
- (170) [**O. Comp. + futuro + presente**] Alegro-me por escutar a voz do Senhor a nos dizer nos Atos dos Apóstolos: “a multidão dos fiéis era um só coração e uma só alma”. Mesmo que as interpretações exegéticas possam colocar este texto mais como anúncio do futuro do que talvez uma realidade da época, é, no entanto, Palavra de Deus para nós. É uma direção que espero que sigamos: a da unidade! Muitas vezes **falaremos** sobre esse assunto que é fundamental em nossa vida eclesial, pois disso **depende** a fé (TEMPESTA, 2009);
- (171) [**O. Comp. + imperfeito + imperfeito**] Saulo, antes de ser Paulo, **queria** acabar com “esse caminho” pois **pensava** saber tudo sobre Deus (SCHERER, 2009);
- (172) [**O. Comp. + perfeito + perfeito**] O grande cientista dessa área, Edward Green, afirmou que o Papa estava certo nas suas afirmações. Pois a Uganda e também a Nigéria, **desenvolveram** programas, dentro das recomendações dos métodos naturais (OPPERMANN, 2009);
- (173) [**O. Comp. + presente + presente**] O projeto **é**: Jesus veio para nos salvar, como irmão e amigo, porque “amigo **é** aquele que dá a vida pelo amigo” (Jo 15, 13) (AGNELO, 2009);

3.4.3.1.3 Tipo de conectivo e Ordenação

Sobre o tipo de conectivo, as análises registram o emprego de apenas 2 (dois), dentre as possibilidades apresentadas: **porque**, e **pois**, respectivamente. Essa predominância aponta para uma regularidade no *corpus*, uma vez que vai ao encontro dos resultados obtidos nos TA, TN e TQ. No que tange a ordenação, todas as OCs são pospostas aos EIs correspondentes, de forma análoga ao registrado nos TA e TN.

QUADRO 59: Cruzamento de dados e correlações entre Estat. sintático, Tipo de conectivo e Ordenação

Estatuto sintático		Tipo de conectivo		Ordenação	
	Nº de O (%)		Nº de O (%)		Nº de O (%)
Feixes de O Comp.	12 (18%)	pois porque	3 (25%) 9 (75%)	Posposta	12 (100%)
Oração N	28 (41%)	pois porque	6 (12%) 22 (78%)	Posposta	28 (100%)
Oração H	1 (1%)	pois	1 (100%)	Posposta	1 (100%)
O Comp.	27 (40%)	pois porque	12 (44%) 15 (66%)	Posposta	27 (100%)

A seguir, exemplifica-se cada um dos dois conectivos empregados por ordem de preferência:

- (174) **[Porque]** O Criador envolveu tudo em véus de mistério e o ser humano sente necessidade de levantar os invólucros dessa realidade escondida, **porque** são provas da presença de um Ser sumamente inteligente (OPPERMANN, 2009);
- (175) **[Pois]** A atividade de Jesus pode ser sintetizada nestas duas palavras: Ele formou discípulos, que se transformaram em missionários. Nesta dupla dimensão, podemos identificar ainda hoje a tarefa da Igreja. **Ela também precisa formar discípulos para transformá-los em missionários. Pois aí está o tema central desta assembléia: a formação dos presbíteros** (VALENTINI, 2009);

3.4.3.2 Cruzamento de dados entre os diferentes níveis do CG: correlações secundárias

Assim como realizado nas análises do TA, TN e TQ, o cruzamento de dados entre os diferentes níveis do CG constará de 3 (três) diferentes correlações, a partir do parâmetro de análise **determinante**. Assim, novamente, seguir-se-á também a mesma ordem de apresentação dessas correlações: a primeira diz respeito ao tipo de argumento (fator determinante) em relação do tipo de entidade do escopo de incidência (EI) e da oração causal (OC), bem como ao estatuto sintático (ES) do EI; a segunda toma o tipo de referência temporal como parâmetro determinante dos modo-tempo verbais do EIs e das OCs; e, ao final, a terceira, partindo do parâmetro **pressuposição**, relaciona-o ao estatuto informacional, ao tipo de conectivo empregado e à ordenação.

3.4.3.2.1 Tipos de argumento, de categoria e Estatuto sintático

Na primeira ocorrência analisada, obteve-se o seguinte resultado: **argumento de competência + conteúdo proposicional (p) + conteúdo proposicional (p) + oração hipotática**, conforme os dados apresentados no quadro a seguir:

QUADRO 60: Cruzamento de dados e correlações entre Tipo de argumento, de categoria e Estat. sintático

Tipo de argumento		Tipo de categoria do EI e da OC			Estatuto sintático	
	Nº de O (%)			Nº de O (%)		Nº de O (%)
Autoridade (bíblico)	10 (15%)	Ato	Esco	4 (40%)	O. Comp. O. Nuclear	1 (50%) 1 (50%)
		C. Prop.	Esco	2 (20%)	O. Comp.	1 (100%)
		Esco	Esco	4 (40%)	O. Comp. O. Nuclear	1 (25%) 3 (75%)
Autoridade (magistério)	1 (1%)	C. prop.	Esco	1 (100%)	O. Nuclear	1 (100%)
Competência	34 (50%)	Ato	C. prop.	15 (45%)	Feixes de O O. Comp. O. Nuclear	7 (47%) 3 (20%) 5 (33%)

		C. prop.	C. prop.	12 (34%)	Feixe de O O. Comp. O. Hipotática O. Nuclear	7 (59%) 3 (25%) 1 (8%) 1 (8%)
		C. prop.	Esco	1 (3%)	O. Comp.	1 (100%)
		Esco	C. prop.	2 (6%)	O. Nuclear O. Comp.	1 (50%) 1 (50%)
		Esco	Esco	3 (9%)	O. Nuclear	3 (100%)
		Ato	Esco	1 (3%)	Feixes de O	1 (100%)
Senso comum	23 (34%)	Ato	Ato	16 (83%)	Feixes de O O. Comp. O. Nuclear	9 (47%) 3 (27%) 7 (37%)
		C. prop.	Ato	4 (17%)	Feixes de O O. Comp. O. Nuclear	1 (25%) 1 (25%) 2 (50%)
		<i>Move</i>	esco	3 (13%)	Feixes de O O. Comp.	2 (75%) 1 (25%)

Com relação ao argumento de autoridade (bíblico), o quadro 60 indica 3 (três) diferentes correlações entre os tipos de categoria, o que difere dos resultados das análises do TA e do TQ. As correlações predominantes, por sua vez, dizem respeito às estabelecidas entre estados-de-coisas (e) e entre atos do discurso (A) e estados-de-coisas (e), com 80% do total, cuja codificação dos respectivos EIs se dá, predominantemente, por meio de orações nucleares. Por outro lado, a única ocorrência do argumento de autoridade (do magistério) apresenta a correlação conteúdo proposicional (p) e estado-de-coisas (e), cujo EI é expresso via orações complexas.

Quanto aos argumentos de competência, estes ocorrem, na maioria dos casos, entre atos do discurso (A) e conteúdos proposicionais (p), à margem esquerda e direita, respectivamente, que somam 45% das ocorrências. A primeira correlação tem como EI feixes de orações complexas em sua maioria; a segunda, por seu turno, orações nucleares.

Os argumentos de senso comum ocorrem, primeiramente, por meio da correlação entres atos de fala (A), com 83% do total, e feixes de oração como predominante com relação ao estatuto sintático do EI.

O resultado dessas primeiras correlações apontam para as seguintes conclusões:

- a) o argumento de autoridade (bíblico), diferentemente dos dados resultantes da análise do TA e TQ, tanto codificam, quanto correlacionam-se, predominantemente, com estados-de-coisas (e) ou codificam estados-de-coisas

e relacionam-se a atos do discurso (A) diferenciando-se destes pois os EIs que lhes são correspondentes são expressos por orações nucleares;

- b) o argumento de autoridade (do magistério) - única ocorrência encontrada – já implica algumas sinalizações referentes aos resultados gerais da análise: a predominância, quase absoluta dos argumentos de autoridade (bíblico) em detrimento dos advindos do magistério ou da patrística;
- c) os argumentos de competência, por seu turno, codificam, majoritariamente, conteúdos proposicionais (p), assim como indicam os resultados dos TA, TN e TQ;
- d) os de senso comum, a exemplo do que ocorre nos TA, TN e TQ apresentam-se, em sua maioria, tanto codificando, quanto relacionando-se a atos do discurso (A), são expressos, ora por meio de orações nucleares, ora de orações complexas, ou ainda, por feixes delas;
- e) com relação ao *Move*, consoante aos resultados obtidos por meio das análises já realizadas, este relaciona-se, quase de forma absoluta, à estruturas sintáticas mais extensas e, por isso, complexas, pois 2 (duas) das 3 (três) ocorrências registradas dizem respeito a feixes de orações complexas. Por outro lado, esse fato corrobora para a confirmação de que essa característica está associada à mudança de fluxo de informação, frequentemente, expressa por feixes de orações complexas e associada à intenção do autor/escritor em relação à exortação à esperança da segunda vinda de Cristo.

3.4.3.2.2 Tipo de categoria, Referência temporal e Modo-tempo verbais

A partir da análise da primeira ocorrência da segunda correlação entre os resultados dos diferentes níveis do CG, obteve-se o seguinte resultado: **argumento de competência + conteúdo proposicional (p) + conteúdo proposicional (p) + não-dependente + ind. futuro + ind. presente.**

QUADRO 61: Cruzamento de dados e correlações entre Referência temporal e Modo-tempo verbal

Tipo de categoria do EI e da OC		Referência temporal		Tempo-modo verbais do EI e da OC			Nº de O (%)
		Nº de O (%)		Nº de O (%)			Nº de O (%)
Ato	Ato	16 (23%)	RTD	19 (100%)	Ind. futuro Ind. presente	Ind. presente Ind. presente	1 (9%) 10 (91%)
Ato	C. prop.	16 (23%)	RTD	10 (70%)	Ind. presente Ind. presente	Ind. fut. pret. Ind. presente	1 (14%) 6 (86%)
			RTI	6 (30%)	Ind. presente Impossível	Ind. presente Ind. presente	2 (67%) 1 (13%)
Ato	Esco	5 (7%)	RTI	5 (100%)	Imp. afirm Ind. fut.	Ind. presente Ind. fut.	1 (50%) 1 (50%)
C. prop.	Ato	4 (5%)	RTD	2 (50%)	Ind. presente	Ind. presente	2 (100%)
			RTI	2 (50%)	Ind. futuro Ind. presente	Ind. presente Ind. presente	1 (50%) 1 (50%)
C. prop.	C. prop.	11 (16%)	RTD	9 (82%)	Ind. imperfeito Ind. perfeito Ind. perfeito Ind. presente	Ind. imperfeito Ind. imperfeito Ind. presente Ind. presente	2 (22%) 2 (22%) 1 (11%) 4 (44%)
			RTI	2 (18%)	Impossível Ind. futuro	Ind. presente Ind. presente	1 (50%) 1 (50%)
C. prop.	Esco	4 (5%)	RTD	1 (25%)	Ind. presente	Ind. presente	1 (100%)
			RTI	3 (75%)	Ind. futuro Ind. perfeito	Ind. futuro Ind. presente	1 (33%) 2 (77%)
Esco	Esco	7 (11%)	RTD	5 (71%)	Imp. afirm Ind. presente Ind. perfeito Ind. presente Ind. presente	Ind. presente Ind. futuro Ind. perfeito Ind. perfeito Ind. presente	1 (20%) 1 (20%) 1 (20%) 1 (20%) 1 (20%)
			RTI	2 (29%)	Ind. imperfeito Ind. perfeito	Ind. perfeito Ind. presente	1 (50%) 1 (50%)
Esco	C. prop.	2 (3%)	RTD	2 (100%)	Ind. presente Ind. presente	Ind. futuro Ind. presente	1 (50%) 1 (50%)
Move	esco	3 (4%)	RTI	3 (100%)	Impossível	Ind. imperfeito	1 (33%)
					Ind. presente	Ind. perfeito	1 (33%)
					Ind. presente	Ind. presente	1 (33%)

Quanto ao parâmetro determinante (tipo de categoria do EI e da OC) em relação à referência temporal, o quadro 61 mostra que, na primeira correlação – Ato do discurso (A) e ato do discurso (A) – há predominância absoluta de referências temporais dependentes que, por seu turno, são expressas por 2 (duas) diferentes correlações modo-temporais. Na sequência, entre Atos do discurso (A) e conteúdos proposicionais (p), verifica-se a também predominância de referências temporais dependentes que, embora não absoluta, corresponde a

70% do total e são expressas por 2 (duas) diferentes correlações modo-temporais. Entre Atos do discurso (A) e estados-de-coisas (e), o quadro indica a predominância absoluta da referência temporal não-dependente e, por conseguinte, assim como nas demais, 2 (duas) diferentes correlações modo-temporais.

A correlação seguinte – Conteúdos proposicionais (p) e atos do discurso (A) – apresenta regularidade no que tange à referência temporal, pois 50% delas são dependentes, e 50%, não-dependentes. As primeiras são expressas por 1 (uma) única correlação modo-temporal, as segundas, por 2 (duas). Entre Conteúdos proposicionais (p) e conteúdos proposicionais (p), o quadro indica a predominância, quase absoluta, de referências temporais dependentes, expressas via 4 (quatro) diferentes correlações modo-temporais, com 82% do total. O contrário, no entanto, ocorre entre Conteúdos proposicionais (p) e estados-de-coisas (e), cuja referência temporal é, predominantemente, não-dependente, totalizando 75% das ocorrências que, por sua vez, são expressa por meio de 2 (duas) correlações modo-temporais.

A correlação Estado-de-coisas (e) e estados-de-coisas (e) apresenta, na maioria das ocorrências, referência temporal dependente, com 71% do total, e é expressa por 5 (cinco) diferentes correlações modo-temporais. Entre Estados-de-coisa (e) e conteúdos proposicionais (p) a referência temporal é dependente nos 2 (duas) ocorrências que, por conseguinte, expressam-se também por meio de 2 (duas) diferentes correlações modo-temporais.

A última correlação determinante – *Move* (M) e estados-de-coisas (e) apresentam, em todos os casos, referência temporal não-dependente, expressa por meio de 3 (três) três diferentes correlações modo-temporais

- a) A referência temporal dependente tende a estar associada às correlações cujos tipos de entidade pertencem à mesma camada e também, à mesma correlação modo-temporal, sobretudo quando se trata do modo-tempo **indicativo presente**. Esses resultados vão ao encontro dos obtidos nos TA, TN e TQ e, por isso, acenam para uma possível constante no condicionamento das OCs quanto aos tipos de entidade, associados à referência temporal e às correlações modo-temporais;
- b) no que diz respeito às correlações entre estados-de-coisas (e), ou com estes, é preciso fazer uma ressalva, pois estes, em sua maioria, codificam, à margem direita, expressões já cristalizadas, referentes, muitas vezes, a citações diretas, ou indiretas, de textos bíblicos e, por isso, independem do modo-tempo verbal

expresso pelo escopo de incidência que lhe é próprio e vai ao encontro dos resultados obtidos anteriormente e tidos como uma tendência a ser, possivelmente, confirmada. Particularmente, nas ocorrências do TP, no entanto, a predominância de referências temporais dependentes estão associadas à estados-de-coisas (e) que codificam informações que destoam do contexto religioso (cristão-católico) e, por isso, não implicam, necessariamente, citações, sejam ela diretas ou indiretas. Conseqüentemente, os modo-tempo verbais do EI tende a determinar os das orações causais;

- c) ademais, mais uma vez, os resultados apontam para a tendência de se registrar um maior número de correlações modo-temporais em se tratando de camadas superiores, embora as entre estados-de-coisas (e) constituem exceção pela diversidade de correlações que – nas ocorrências deste tempo do AL em particular – são bastante variadas.

3.4.3.2.3 Pressuposição, Estatuto informacional, Tipo de conectivo e Ordenação

A primeira correlação, feita a partir do parâmetro determinante (pressuposição), apresenta o seguinte resultado: **não-pressuposta + nova + porque + posposta**. Conforme indica o quadro seguinte:

QUADRO 62: Cruzamento de dados e correlações entre Pressuposição, Est. Inform., Tipo de conectivo e Ordenação

Pressuposição		Estatuto informacional		Tipo de conectivo		Ordenação	
	Nº de O (%)		Nº de O (%)		Nº de O (%)		Nº de O (%)
NPres	68 (100%)	Nova	68 (100%)	Porque	45 (66%)	Posposta	68 (100%)
				Pois	42 (48%)		

Conforme dados apresentados pelo quadro 52, a não-suposição absoluta de todas as OCs analisadas corresponde à codificação **apresentada** como nova, expressa, primeiramente pela conjunção **porque** e, em segundo lugar, pelo conectivo **pois**, que, por conseguinte, implica a posposição também absoluta dessas ocorrências.

3.4.4. Resultados gerais dos condicionamentos das OCs em relação à argumentatividade

- em conformidade com os resultados encontrados nas análises dos outros tempos do AL, no TP predomina a ausência de elementos focalizares, principalmente, quando se trata de um argumento de autoridade (bíblico), o que evidencia a natureza incontestável desse tipo de argumento;
- de forma análoga à registrada nas análises do TA, TN e TQ, as ocorrências do TP apontam para a preferência por argumentos de competência, codificados, na maioria dos casos, por conteúdos proposicionais (p);
- os argumentos de senso comum representam, mais uma vez, o segundo maior número de ocorrências e são codificados, na maioria das vezes, por meio de atos do discurso (A);
- consoante aos resultados do TA, TN e TQ, os argumentos de autoridade são os menos empregados, não obstante à força argumentativa que lhe é imanente. Estes apontamentos, por sua vez, também vão ao encontro tanto dos resultados obtidos anteriormente, pois o registro de argumentos de autoridade, embora não se limite aos de ordem bíblica, representam a grande maioria deles, em detrimento dos advindos da Magistério, com apenas uma ocorrência, e da Patrícia, fonte ainda não registrada;
- assim como no TA, TN e TQ, a maior autoridade citada está diretamente associada ao valor dos argumentos codificados pelas OCs;

- além disso, o maior ou menor grau de integração sintática está também relacionado ao maior ou menor grau de integração semântica;
- esses primeiros resultados, por sua vez, a par do que ocorre no TN, co-determinam a preferência por referências temporais dependentes; ao mesmo tempo, no que diz respeito aos modo-tempo verbais dos EIs e das OCs, a análise indica uma variedade significativa de correlações, ainda que os tipos de entidades a elas relacionados sejam os mesmos (Ato do discurso (A) e ato do discurso (A), por exemplo)), o que também vai de encontro aos resultados obtidos anteriormente;
- em relação à pressuposição, ao estatuto informacional, e à ordenação, a análise indica a predominância absoluta da posposição, registrada com os conectivos **porque** e **pois**, assim como nos TA e TQ;
- Assim como nos TA, TN e TQ, a ocorrência de *Moves* (M) também está associada à mudança - muitas vezes abrupta - de fluxo informacional que, embora seja própria da modalidade falada, constitui, ao que tudo indica, uma característica do gênero artigo de opinião religioso (cristão-católico) divulgado em plataforma digital.

3.5. Ocorrências referentes aos Tempos Comum I e II

3.5.1. Nível Interpessoal

No nível Interpessoal, a análise das 240 (duzentos e quarenta) ocorrências com relação às funções pragmáticas e retóricas, ao contrário dos resultados obtidos nos TA, TN, TQ e TP, evidenciam, *a priori*, uma frequência, relativamente, significativa, se comparada aos resultados anteriores, do emprego de elementos focalizados, que, em conjunto, correspondem a 9% do total. Esse percentual – embora também seja relativamente pequeno – pode estar associado, aos diferentes assuntos abordados nesse tempo do AL, cujo fio condutor está na exortação à imitação de Cristo em seus atos. Além disso, a análise registra maior diversidade dentre os tipos de elementos focalizadores, até então, restritos aos anafóricos, e aos marcadores discursivos no TA, aos afirmativos e verificadores no TN, aos anafórico no TQ – única modalidade de elemento focalizador encontrada; e aos anafóricos, restritivos e verificadores no TP. No tocante aos tipos de argumento, por outro lado, os resultados obtidos são semelhantes aos anteriores: em primeiro lugar, evidencia-se a predominância de argumentos de competência, com, seguidos dos de senso comum e, por último, os de autoridade (bíblica, e em poucos casos, do magistério). Esses resultados estão detalhados (em número de ocorrência e porcentagem correspondente) no quadro abaixo:

QUADRO 63: Funções pragmáticas e retóricas: resultados percentuais

Nível Interpessoal			Nº de O (%)
Funções pragmáticas Elementos Focalizador	Anafóricos		4 (2%)
	Afirmativos		3 (1%)
	Delimitadores		2 (1.5%)
	Inclusivos		4 (2%)
	Marcadores discursivos		6 (3%)
	Verificadores		3 (1%)
	Ausente		218 (91%)
Funções retóricas Tipo de Argumento	Autoridade	Bíblico	36 (15%)
		Da Tradição	3 (1%)
		Do Magistério	8 (4%)
	Competência		138 (57%)
Senso comum		55 (23%)	

A predominância de argumentos de competência confirma os resultados advindos das análises referentes as demais tempos do AL e, ao mesmo tempo, a escolha de argumentos subsidiados por conhecimentos diversos.

A escolha dos argumentos de senso comum – também em segundo na ordem de preferência – deixa entrever que a força argumentativa ancora-se na posição de autoridade de quem os emite.

Ao final, o baixo índice de ocorrências que codificam argumentos de autoridade (bíblico) e, mais ainda, os de autoridade (do magistério, e da patrística) significam não apenas uma tendência geral, paulatinamente, comprovada, mas um traço característico e próprio do discurso religioso católico (em se tratando do gênero artigo de opinião) de não se optar por argumentos incontestes em prol de argumentos subsidiados por conhecimentos diversos ou juízos de valor (do autor/escritor) acerca do assunto sobre o qual se discorre.

3.5.1.1. Cruzamento dos dados e correlações primárias

Os dados apresentados no quadro 63 (resultados percentuais) foram cruzados e correlacionados um a um. Assim, por exemplo, na primeira ocorrência, obteve-se o seguinte resultado: **Elemento focalizador ausente + argumento de autoridade (bíblico)**.

A ausência de elementos focalizadores, mais uma vez, é predominante, o comprova a preferência por estruturas linguísticas quase **axiomáticas**, pois a **verdade** é apresentada de modo a não deixar entrever quaisquer impressões subjetivas do autor/escritor. Além disso, há que se observar que os argumentos de autoridade (bíblico), assim como ocorre nos demais tempos do AL, não co-ocorrem com elementos focalizadores. De fato, como constitui o mais alto pilar da tríade dogmática subjacente ao dogma cristão-católico, a codificação de um argumento de natureza bíblica dispensa qualquer ocorrência de elemento focalizador.

QUADRO 64: Cruzamento de dados e diferentes correlações entre os parâmetros do nível Interpessoal

Diferentes correlações entre presença/ausência de Focalizadores e Tipos de argumento			
			Nº de O (%)
Afirmativo	+	Competência	3 (1%)
Anafórico	+	Competência	4 (2%)
Ausente	>	Autoridade (Bíblico)	41 (18%)
Ausente	>	Autoridade (Magistério)	8 (3%)
Ausente	>	Competência	121 (50,6%)
Ausente	>	Senso comum	50 (21%)
Inclusivo	>	Competência	4 (2%)
Marcador discursivo	+	Competência	3 (1%)
Marcador discursivo	+	Senso comum	3 (1%)
Verificador	+	Autoridade (Patrística)	1 (0,4%)

As 10 (dez) diferentes correlações apresentadas no quadro 64, são exemplificadas a seguir:

- (176) **[Afirmativo + competência]** Concluídos os trabalhos e reaberta ao público no dia 11 de julho, a igreja foi devolvida às suas funções religiosas, culturais e sociais logo em seguida, às 8h00 da manhã do domingo, dia 12 de julho; Na mesma ocasião, ela foi erigida canonicamente em Oratório público, com o nome ampliado, para melhor explicitar sua identidade: Igreja de N.Sra da Boa Morte (ou da Dormição da Bemaventurada Virgem Maria). **Sim, porque a “boa morte”, no caso, é a de Maria, Mãe de Jesus** (SCHERER, 2009);
- (177) **[Anafórico + competência]** Unidos a Cristo, aprofundaremos na contemplação de sua divindade e outra coisa não desejaremos, senão viver unidos a Ele, “sem murmurações nem críticas, a fim de serdes irrepreensíveis e inocentes, filhos de Deus íntegros no meio de uma sociedade depravada e maliciosa, onde brilhais como luzeiros no mundo, a ostentar a palavra da vida” (Fl 2,15-16). **Tudo isso porque “somos cidadãos dos céus”** (TEMPESTA, 2009);
- (178) **[Ausente + autoridade (bíblico)]** A Igreja é a comunidade de fé reunida em torno de Cristo, “autor e consumidor de nossa fé”. As ovelhas estão bem com seu pastor verdadeiro, **pois sabem que nada lhes faltará** (cf Sl 22) (SCHERER, 2009);
- (179) **[Ausente + autoridade (magistério)]** “O homem contemporâneo escuta com melhor boa vontade as testemunhas do que os mestres ou então escuta os mestres, **porque eles são testemunhas**” (Paulo VI) (VIEIRA, 2009);
- (180) **[Ausente + competência]** Paulo descobre a “loucura” de cruz: verdade e sabedoria, **porque envolve Deus mesmo** (AGNELO, 2009);

- (181) [**Ausente + senso comum**] Na sociedade de consumo, a pessoa idosa é considerada uma mala sem alça da qual é preciso se livrar. Não raro a pessoa idosa é considerada como carta fora do baralho **porque não é produtiva** (PAGOTTO, 2009);
- (182) [**Inclusivo + competência**] Não sei se estou simplificando as coisas ao afirmar que, na teoria, todos nos posicionamos a favor dos índios, até mesmo **porque os vemos sofrer os mesmos desequilíbrios e tensões que atingem o comum dos mortais** (RIZZARDO, 2009);
- (183) [**Marcador discursivo + competência**] Celebramos essa realidade da subida de Maria, viva em corpo e alma, para junto de Deus. Nós a proclamamos feliz, **porque, de fato, ela cumpriu a missão que lhe foi confiada** (MOURA, 2009);
- (184) [**Marcador discursivo⁸⁷ + senso comum**] Na noite de 26 de agosto, em sessão extraordinária, a Câmara dos Deputados ratificou o Acordo entre o Brasil e a Santa Sé sobre o estatuto jurídico da Igreja Católica em nosso país. No contexto pluralista do Brasil atual, isso é bem compreensível, **pois a matéria, de certa forma, era nova na opinião pública** (SCHERER, 2009);
- (185) [**Verificador + autoridade (patrística)**] Com efeito, diz o papa: "A área econômica não é nem eticamente neutra nem de natureza desumana e antissocial. Pertence à atividade humana; e, precisamente **porque é humana, deve ser eticamente estruturada e institucionalizada**"⁸⁸ (ROCHA, 2009);

3.5.2. Nível Representacional

Consoante aos resultados advindos dos TA, TN, TQ e TP, as OCs não codificam *Moves* (M), situando-se, predominantemente, na camada do conteúdo proposicional (p), estados-de-coisas (e) e atos do discurso (A), respectivamente. Por conseguinte, esse **estatuto semântico** confere a essas orações a função de modificadores proposicionais, predicacionais e ilocucionários. Por outro lado, no que diz respeito aos EIs, estes codificam, em primeiro lugar, atos do discurso (A), seguidos de conteúdos proposicionais (p), *Moves* (M) e estados-de-

⁸⁷ As expressões **de fato** e **de certa forma**, classificadas como marcadores discursivos apresentam um valor mais epistêmico/modalizador, pois são elementos que segmentam o tipo de relação estabelecida entre as unidades oracionais. Optamos, no entanto, por classificá-las como **modalizadores** tendo em vista que, a análise do aspecto **modalização** extrapola, e muito, os objetivos deste trabalho.

⁸⁸ Encíclica *Caritas in veritate*, de Bento XVI.

coisas (e). Tal fato implica o funcionamento dos EIs como modificadores ilocucionários, proposicionais, discursivos e predicacionais, respectivamente.

Com relação à Referência temporal, a maioria das 240 (duzentos e quarenta) ocorrências apresenta referência temporal dependente, como no TP, com 55% do total. Quanto à pressuposição, mais uma vez, se confirma a preferência quase absoluta pela não-pressuposição e, conseqüentemente, pela codificação de informações novas, conforme indica o quadro abaixo:

QUADRO 65: Funções semânticas: resultados percentuais

Nível Representacional		Nº de O (%)
Tipo de categoria da OC	Ato	52 (22%)
	C. Prop.	122 (51%)
	Esco	66 (27%)
Tipo de categoria do EI	<i>Move</i>	41 (17%)
	Ato	106 (44%)
	C. Prop.	61 (25%)
	Esco	32 (14%)
Referência temporal	Dep.	132 (55%)
	Não dep.	108 (45%)
Pressuposição	Pres.	3 (2%)
	NPres.	237 (98%)
Estatuto informacional	Nova	237 (98%)
	Dada	3 (2%)

3.5.2.1. Cruzamento dos dados e correlações primárias

Os dados do quadro 65 (que dizem respeito aos resultados percentuais) foram cruzados e correlacionados. Dessa forma, na primeira correlação, obteve-se, por exemplo, o seguinte resultado: **conteúdo proposicional (p) + conteúdo proposicional (p) + não dependente + não pressuposta + nova**. O resultado total desses cruzamentos está disposto nos quadros 66, 67 e 68.

3.5.2.1.1 Referência temporal

QUADRO 66: Cruzamento de dados e diferentes correlações entre Tipo de categoria e Referência temporal

Tipo de categoria do EI / Tipo de categoria da OC		Referência temporal		
		Nº de O (%)	Nº de O (%)	
Ato	Ato	40 (15%)	RTD RTI	33 (80%) 8 (20%)
Ato	C. prop.	55 (20%)	RTD RTI	45 (82%) 10 (18%)
Ato	Esco	12 (5%)	RTI	12 (100%)
C. prop.	C. prop.	54 (20%)	RTD RTI	45 (92%) 9 (8%)
C. prop.	Esco	11 (6%)	RTI	11 (100%)
Esco	Esco	27 (10%)	RTI	27 (100%)
Esco	C. prop.	5 (4%)	RTD RTI	3 (60%) 2 (40%)
<i>Move</i>	Ato	8 (5%)	RTD RTI	2 (25%) 6 (75%)
<i>Move</i>	C. prop.	18 (8%)	RTD RTI	5 (17%) 13 (73%)
<i>Move</i>	Esco	14 (7%)	RTI	14 (100%)

O quadro 66 apresenta 10 (dez) diferentes correlações entre os tipos de categoria dos EIs e das OCs, dentre as quais predominam, em primeiro lugar, as entre atos do discurso (A) e conteúdos proposicionais (p), com 20% do total, seguidos das entre conteúdos proposicionais (p) tanto à margem esquerda, quanto à direita, com 17%, e das entre atos do discurso (A), também tanto à margem esquerda, quanto à direita, com 15%. Quanto à referência temporal, essas primeiras correlações – que por isso constituem o parâmetro determinante de análise – implicam a preferência por referências temporais dependentes, assim como registrado nas ocorrências do TP.

Abaixo, exemplifica-se cada uma das correlações referentes ao tipo de categoria dos EIs e das OCs e suas implicaturas no que diz respeito à referência temporal:

- (186) [Ato + ato + RTD] A oração é, antes de tudo, terapêutica, **porque pacifica a vida, os pensamentos e os afetos** (PAGOTTO, 2009);

- (187) [Ato + ato + RTI] Quem não reza está numa situação muito desconfortável e até incômoda, **porque irá buscar alívio e sedativo no álcool, farras, drogas** (BRANDES, 2009);
- (188) [Ato + c. prop. + RTD] Não é mais preciso pensar no templo de Jerusalém, pois, na pessoa de Cristo, temos agora o “lugar” de encontro com Deus (AGNELO, 2009);
- (189) [Ato + c. prop. + RTI] A quem cabe a educação sexual? Educar a sexualidade é, necessariamente, educar na castidade. **Esta é um enorme benefício para a juventude, porque promove a energia espiritual** (AGNELO, 2009);
- (190) [Ato + esco + RTI] Penso em não me colocar acima do comum dos mortais ao afirmar que conheço bastante as limitações e fraquezas que envolvem a vida dos presbíteros, **pois sou um deles há mais de 40 anos** (SCHERER, 2009);
- (191) [C. prop + c. prop + RTD] Os povos pagãos tornaram-se os primeiros chamados, **porque a fé dos magos deu início à fé de todos os povos** (AGNELO, 2009);
- (192) [C. prop + c. prop + RTI] Jesus quis ser batizado por João. Ele, o Filho de Deus, veio com as naturezas divina e humana, para nos dar o direito de sermos tratados também como filhos de Deus, **uma vez que não temos a natureza divina** (MOURA, 2009);
- (193) [C. prop + esco + RTI] Na carta aos Filipenses (2, 20), o Apóstolo fala de Timóteo: “A nenhum outro tenho tão unido a mim, que com sincero afeto se interessa por vós”. E na 2ª carta aos Coríntios (8, 16ss) agradece a Deus “que colocou no coração de Tito a mesma solicitude por vós”. A preocupação que transparece do coração de Paulo nestas cartas aos dois colaboradores é pela ortodoxia do ensino, pois começavam a aparecer nas comunidades algumas esquisitices, como proibir o matrimônio, abster-se de certos alimentos, e outras, **pois são pessoas de “consciência cauterizada”, que ensinavam o erro** (1º Tim 4, 1-3) (SCHERER, 2009);
- (194) [Esco + esco + RTI] Paulo sofreu na pele as angústias e contrariedades na execução de sua missão. Encontrou oposições e percebeu seus limites de pessoa humana. Porém, não desanimou. Tudo enfrentou por causa de Cristo, confiando nele. Sublimou seus impulsos com a fé na certeza dada pelo Mestre: “Basta-te a minha graça. **Pois é na fraqueza que a força se manifesta**” (2 Cor 12, 9) (MOURA, 2009)
- (195) [Esco + c. prop. + RTD] Pelas recentes informações, o índice de natalidade no Brasil atinge hoje 1.7 por casal, sinalizando, portanto, uma tendência à diminuição da população que só não se concretiza agora, **porque o fato vem**

acompanhado de uma rápida ascensão da média de vida da população (VALENTINI, 2009);

- (196) [**Esco + c. prop. + RTI**] “Muitos discípulos o abandonaram e não mais andavam com Ele” (Jo 6, 66), **porque a Sua palavra era “insuportável” aos ouvidos e incompreensível à razão humana** (WESTRUPP, 2009);
- (197) [**Move + ato + RTD**] A Terra grita juntamente com os povos, de modo especial os pobres, e todas as espécies de seres vivos. Para nossas Comunidades Eclesiais de Base, portadoras do sonho de Jesus de Nazaré, nosso irmão e Senhor, este grito ecoa mais como um desafio que chama para a ação, que desaloja, questiona e aguça a criatividade, **pois**, não obstante os aspectos cinzentos da realidade – o mal que parece tomar conta de tudo –, **a vida insiste em brotar como um dom de Deus, alento e esperança na caminhada** (GRECHI, 2009);
- (198) [**Move + ato + RTI**] Se quisermos ser conseqüentes com nosso discurso sobre a ecologia e a missão, devemos enraizá-lo na história de nosso povo, **pois é neste chão que as alternativas e ações em favor do resgate do equilíbrio da vida são gestadas** (GRECHI, 2009);
- (199) [**Move + c. prop. + RTD**] Falar de São João Batista Vianey é evocar a figura de um sacerdote excepcionalmente mortificado que, por amor de Deus e pela conversão dos pecadores, privava-se de alimento e sono, impunha-se penitências e, sobretudo, levava a renúncia de si mesmo a um grau heróico. Se é certo que comumente não é pedido a todos os fiéis que sigam este caminho, a Divina Providência dispôs que nunca falem almas, que, levados pelo Espírito Santo, não hesitem em caminhar-se por estas vias, **porque tais homens operam com este exemplo o regresso de muitos, milagres de conversão ao bom caminho e à prática da vida cristã!** (VELOSO, 2009);
- (200) [**Move + c. prop. + RTI**] Porque Jesus foi batizado? Na realidade estamos diante do mistério de Deus. **Mas o mistério vive também em nós, porque com o batismo seguimos o mesmo itinerário espiritual percorrido por Cristo** (AGNELO, 2009);
- (201) [**Move + esco + RTD**] "Deus está aqui. Está aqui como no primeiro dia. Está aqui entre nós como no dia da sua morte. Eternamente está aqui entre nós exatamente como no primeiro dia. Pela eternidade, todos os dias. Está aqui entre nós em todos os dias da sua eternidade. O seu corpo, o seu mesmo corpo, pende da mesma cruz; os seus olhos, os seus mesmos olhos, tremem com as mesmas lágrimas; seu sangue, o seu mesmo sangue, jorra das mesmas chagas; o seu coração, o seu mesmo coração, sangra com o mesmo amor. O mesmo sacrifício faz escorrer o mesmo sangue. **Uma paróquia brilha com esplendor eterno. Mas todas as paróquias brilham eternamente porque em todas as paróquias há o Corpo de Jesus Cristo** (AGNELO, 2009);

- (202) [*Move* + *esco* + *RTI*] A transformação de situações sociais, há tempo relegadas, preteridas, empurradas com o corpo mole de gestores despreparados e ineficientes, deve ser encarada como missão e tarefa inadiável, com a participação da sociedade. Nem milagre, nem mágica, **pois diz a Palavra: “não se achará no meio de ti quem consulte o espírito adivinhador, nem mágico (Dt. 18 9-13) (AGNELO, 2009).**

3.5.2.1.2 Pressuposição

Com relação à pressuposição, a análise confirma os resultados dos TA, TN, TQ e TP que indicam a predominância da não-pressuposição e, por conseguinte, de informação nova: das 240 (duzentos e quarenta) ocorrências analisadas, apenas 2 (duas) são pressupostas, o que, nestes casos, em especial, implica a codificação de informação dada. Tais ocorrências, por seu turno, correspondem a menos de 1% do total, conforme indicam os quadros 67 e 68 a seguir:

QUADRO 67: Cruzamento de dados entre as diferentes correlações entre Tipo de categoria e Pressuposição

Tipo de categoria do EI / Tipo de categoria da OC		Pressuposição		
		Nº de O (%)		Nº de O (%)
Ato	Ato	40 (15%)	Pres. NPres.	1 (2%) 39 (98%)
Ato	C. prop.	55 (20%)	Pres. NPres.	1 (2%) 54 (98%)
Ato	Esco	12 (5%)	NPres.	12 (100%)
C. prop.	C. prop.	54 (20%)	NPres.	54 (100%)
C. prop.	Esco	11 (6%)	NPres.	11 (100%)
Esco	Esco	27 (10%)	NPres.	27 (100%)
Esco	C. prop.	5 (4%)	NPres.	5 (100%)
<i>Move</i>	Ato	8 (5%)	NPres.	8 (100%)
<i>Move</i>	C. prop.	18 (8%)	NPres.	18 (100%)
<i>Move</i>	Esco	14 (7%)	NPres.	14 (100%)

3.5.2.1.2 Estatuto informacional

QUADRO 68: Cruzamento de dados entre as diferentes correlações entre Tipo de categoria e Estat. informacional

Tipo de categoria do EI / Tipo de categoria da OC		Estatuto informacional		
		Nº de O (%)		Nº de O (%)
Ato	Ato	40 (15%)	Nova Dada	39 (98%) 1 (2%)
Ato	C. prop.	55 (20%)	Nova Dada	54 (98%) 1 (2%)
Ato	Esco	12 (5%)	Nova	12 (100%)
C. prop.	C. prop.	54 (20%)	Nova	54 (100%)
C. prop.	Esco	11 (6%)	Nova	11 (100%)
Esco	Esco	27 (10%)	Nova	26 (100%)
Esco	C. prop.	5 (4%)	Nova	5 (100%)
<i>Move</i>	Ato	8 (5%)	Nova	8 (100%)
<i>Move</i>	C. prop.	18 (8%)	Nova	18 (100%)
<i>Move</i>	Esco	14 (7%)	Nova	14 (100%)

Ademais, a análise também confirma o fato de a posposição estar associada a uma estratégia argumentativa, pois, na maioria das ocorrências, codifica informação acessível. Na sequência, exemplificam-se os casos de anteposição e posposição, respectivamente:

- (203) Com efeito, diz o papa: "A área econômica não é nem eticamente neutra nem de natureza desumana e antissocial. Pertence à atividade humana; e, precisamente **porque é humana, deve ser eticamente estruturada e institucionalizada**"⁸⁹ (ROCHA, 2009);
- (204) Jesus quis ser batizado por João. Ele, o Filho de Deus, veio com as naturezas divina e humana, para nos dar o direito de sermos tratados também como filhos de Deus, **uma vez que não temos a natureza divina** (MOURA, 2009);

No exemplo 213, a anteposição faz referência direta à expressão anterior **atividade humana**, o que comprova que a informação codificada pela oração causal é dada. Em 214,

⁸⁹ Encíclica *Caritas in veritate*, de Bento XVI.

por outro lado, observa-se que a oração causal apresenta uma informação acessível, pois que, embora não registrada no corpo do texto, é de conhecimento comum e consenso geral.

3.5.3 Nível Morfossintático

Primeiramente, a análise indica que as OCs têm como EIs, predominantemente, orações nucleares, seguidas de orações complexas, feixes de orações complexas, orações hipotáticas e sintagmas. Estes, por conseguinte, relacionam-se à preferência pela não-correferencialidade do sujeito, assim como registrado nos TA, TQ e TP, com 171 ocorrências, o que corresponde a 71% do total. E também, de forma análoga a esses tempos do AL, a não-correferencialidade está associada diretamente à explicitude do sujeito, com 133 (cento e trinta e três) ocorrências, ou 55% do total.

Com relação aos modo-tempo verbais dos EIs, a análise das ocorrências do TC também confirmam os resultados dos TA, TN, TQ e TP: estes estão, predominantemente, conjugados no modo indicativo (sobretudo no tempo presente) seguidos dos modos imperativo, subjuntivo e das formas nominais, excetuando-se os casos cuja análise inviabiliza-se em razão do estatuto sintático do EI corresponder a feixes de orações complexas que, via de regra, apresentam mais de um modo-tempo verbal. Por outro lado, os modo-tempo verbais das OCs, a exemplo do que ocorre nos TN, TQ e TP, dizem respeito somente ao modo indicativo, com exceção das duas únicas ocorrências registradas no modo imperativo, referentes ao TA.

No que tange ao tipo de conectivo, o TC apresenta semelhanças e diferenças em relação aos demais tempos do AL: semelhanças, pois, mais uma vez, a análise indica que a maioria das OCs são introduzidas pelos conectivos **porque** e **pois**, respectivamente; diferenças, por apresentar uma variedade significativa de conectivos, se comparada à de outros tempos como o TP, por exemplo, no qual registra-se, apenas, o emprego de **porque** e **pois**.

Com relação à ordenação, a análise indica, assim, como no TQ, a predominância, quase absoluta, da posposição, com 3 (três) ocorrências ou 2% do total. Se comparado aos resultados dos demais tempos do AL, os dados advindos das análises do TC confirmam a tendência geral de a OC apresentar-se à margem direita do EI que lhe é referente.

QUADRO 69: Cruzamento de dados e correlações entre Estat. sintáticos, Tipo de conectivo e a Ordenação

Nível Morfossintático			Nº de O (%)
Estatuto sintático	Feixes de O comp.		33 (14%)
	O comp.		96 (40%)
	Oração	Nuclear	99 (41%)
Hipotática		7 (4%)	
Sintagma		5 (3%)	
Correferência	Corref.		69 (29%)
	NCorref.		171 (71%)
Explicitude	Exp.		133 (55%)
	NExp.		107 (45%)
Modo-tempo verbal do EI	Indicativo	Presente	166 (66%)
		Perfeito	22 (9%)
		Imperfeito	8 (4%)
		Futuro	5 (3%)
		Futuro do Pretérito	3 (2%)
Imperativo	Afirmativo	5 (3%)	
Subjuntivo	Presente	2 (1%)	
Formas Nominais	Gerúndio	3 (2%)	
Impossível Verificar		26 (10%)	
Modo-tempo verbal da OC	Indicativo	Presente	177 (73%)
		Perfeito	30 (12%)
		Imperfeito	18 (8%)
		Futuro	9 (4%)
		Futuro do Pretérito	6 (3%)
Tipo de conectivo	Pois		87 (37%)
	Porque		142 (59%)
	Porquanto		2 (1%)
	Uma vez que		4 (2%)
	Como		2 (1%)
Ordenação	Anteposta		3 (2%)
	Posposta		237 (98%)

3.5.3.1 Cruzamento dos dados e correlações primárias

Os dados apresentados no quadro 69 (resultados percentuais), cruzados, um a um, e correlacionados, apresentam o seguinte resultado: **oração nuclear + correferente + não**

explícito + indicativo presente + indicativo presente + porque + posposta. O resultado total desses cruzamentos e correlações está disposto nos quadros 68, 69 e 70.

3.5.3.1.1 Correferência e explicitude do sujeito

A análise das 240 (duzentos e quarenta) ocorrências representa 5 (cinco) diferentes estatutos sintáticos dos EIs das OCs dentre os quais predominam os expressos por orações nucleares, seguidas de orações complexas, feixes de orações complexas e orações hipotáticas e sintagmas (cf. seção 3.5.3). Essas correlações implicam, por sua vez, a correferencialidade, bem como a explicitude ou não do sujeito da OC. A tabela a seguir indica a preferência pela não-correferencialidade, com 176 (cento e setenta e seis) ocorrências ou 72% do total e, por conseguinte, por sua explicitude, com 123 (cento e vinte e três) ocorrências, o que totaliza 53%.

QUADRO 70: Cruzamento de dados e correlações entre Estat. sintáticos, Correferência e Explicitude do sujeito

Estatuto sintático		Correferência		Explicitude	
	Nº de O (%)		Nº de O (%)		Nº de O (%)
Feixes de O Comp.	33 (14%)	Corref.	5 (15%)	NExp.	5 (100%)
		NCorref.	28 (85%)	Exp. NExp.	18 (67%) 9 (33%)
Oração N	99 (41%)	Corref.	33 (34%)	Exp. NExp.	5 (15%) 28 (85%)
		NCorref.	67 (66%)	Exp. NExp.	54 (80%) 13 (20%)
Oração H	7 (4%)	Corref.	5 (71%)	Exp. NExp.	1 (20%) 4 (80%)
		NCorref.	2 (29%)	NExp.	2 (100%)
Sintagma	5 (3%)	NCorref.	5 (100%)	Exp.	5 (100%)
O Comp.	96 (40%)	Corref.	26 (27%)	Exp.	1 (4%)
				NExp.	25 (96%)
		NCorref.	70 (73%)	Exp.	39 (56%)
				NExp.	21 (44%)

A seguir, exemplifica-se cada um dos EIs em relação às OCs e suas implicaturas para a correferencialidade e explicitude do sujeito:

- (205) [Feixes de O + Corref + NExp.] É evidente que a caridade não é praticada somente nos meios religiosos. Há também pessoas que, tocadas por um edificante senso de humanismo, agindo de forma silenciosa e oculta, se **dedicam** à causa de seus semelhantes, qualquer que seja o gênero de suas necessidades, uma vez que **são** movidas pelo desejo de fazer-lhes o bem (FRANÇA, 2009);
- (206) [Feixes de O + NCorref + Exp.] A formação dos valores humanos e cristãos da família: vivemos no mundo da globalização onde tudo se vê pelo prisma da economia, do possuir e do conseguir. E quanto mais se tem, mais insatisfeito se está quando não se consegue mais. Lança-se um produto e o que parecia uma conquista, já não será mais, porque logo depois começam outros lançamentos que são apontados como também necessários e atuais (AGNELO, 2009);
- (207) [Feixes de O + NCorref + NExp.] Jesus quis ser batizado por João. **Ele**, o Filho de Deus, veio com as naturezas divina e humana, para nos dar o direito de sermos tratados também como filhos de Deus, uma vez que não **temos** a natureza divina (MOURA, 2009);
- (208) [O nuclear + Corref + Exp.] Tenho um conhecimento razoável das teorias de exegetas, mas ainda acredito que a razão de tanta semelhança entre textos de autores diferentes tem explicação melhor que a teoria de cópias de pedaços entre os diversos autores. **Os relatos** são parecidos porque **todos** se referem aos mesmos fatos e discursos (KRAPP, 2009);
- (209) [O nuclear + Corref + NExp.] **As ovelhas** estão bem com seu pastor verdadeiro, pois **sabem** que nada lhes faltará (cf Sl 22) (SCHERER, 2009);
- (210) [O nuclear + NCorref + Exp.] **Os povos pagãos** tornaram-se os primeiros chamados, porque **a fé dos magos** deu início à fé de todos os povos (AGNELO, 2009);
- (211) [O nuclear + NCorref + NExp.] O apego nos impele à posse dos outros, das coisas e de nós mesmos. **Isso** gera muito sofrimento, porque **precisamos** defender nossos apegos (BRANDES, 2009);
- (212) [O hipotática + Corref + Exp.] O profeta Jeremias recorda a presença do Senhor no meio povo que fala: “Voltem filhos rebeldes, pois **eu** sou o Senhor e posso pegar um de cada cidade e dois de cada clã para levar a Sião. Pois aí **eu** vou lhes dar pastores de acordo com meu coração, (Jer.3,15) (BATTISTI, 2009);

- (213) [**O hipotática + Corref + NExp.**] O amor de amizade é um grau elevado de amor, embora o amor-ágape seja o amor em sua máxima expressão, porque é doação de si (BRANDES, 2009);
- (214) [**O hipotática + NCorref + NExp.**] Aconteceu, porém que, tão logo a Igreja começou a propagar-se, começaram a aparecer os hereges, seguindo doutrinas diversas daquela que tinha sido recebida dos Apóstolos, mas tomando o nome de cristãos, pois também criam em Cristo e d’Ele se diziam discípulos (VELOSO, 2009);
- (215) [**Sintagma + NCorref + Exp.**] A transformação de situações sociais, há tempo relegadas, preteridas, empurradas com o corpo mole de gestores despreparados e ineficientes, deve ser encarada como missão e tarefa inadiável, com a participação da sociedade. Nem milagre, nem mágica, pois diz **a Palavra**: “não tentarás o Senhor teu Deus” (PAGOTTO, 2009);
- (216) [**O Comp + Corref + Exp.**] Escolhido entre os homens, o sacerdote é constituído para o bem dos homens nas coisas que se referem a Deus. Sua função é oferecer dons e sacrifícios pelos pecados. Desse modo, **ele** é capaz de ter compaixão por aqueles que ignoram e erram, porque também **ele** está cercado de fraqueza (RIZZARDO, 2009);
- (217) [**O Comp + Corref + NExp.**] Não **somos** os melhores, mas **podemos** ser os maiores no reino de Deus, porque **acreditamos** e vivemos no amor e por amor (BATTISTI, 2009);
- (218) [**O Comp + NCorref + Exp.**] O uso das células colhidas de embriões humanos, mesmo que fossem utilizadas para fins terapêuticos, não pode ser aceita, **porque não é ético destruir vidas humanas, mesmo em suas formas embrionárias** (BATTISTI, 2009);
- (219) [**O Comp + NCorref + NExp.**] Porque **Jesus** foi batizado? Na realidade estamos diante do mistério de Deus. Mas **o mistério** vive também em nós, porque com o batismo **seguimos** o mesmo itinerário espiritual percorrido por Cristo (AGNELO, 2009);

3.5.3.1.2 Modo-tempo verbais

A análise indica 9 (nove) diferentes correlações modo-tempo verbais quando o EI é expresso por meio de Feixes de orações complexas, 12 (doze) quando se trata de orações

nucleares, 3 (três) com relação às orações hipotáticas, 2 (duas), aos sintagmas, e 14 (quatorze), às orações complexas, conforme indica o quadro abaixo:

QUADRO 71: Cruzamento de dados e correlações entre Estat. sintáticos e Modo-tempo verbais

Estatuto sintático		Modo-tempo verbal do EI	Modo-tempo verbal da OC	
	Nº de O (%)			Nº de O (%)
Feixes de O Comp.	33 (14%)	Ind. futuro	Ind. presente	1 (3%)
		Ind. fut. do pret.	Ind. presente	1 (3%)
		Ind. perfeito	Ind. imperfeito	1 (3%)
		Ind. perfeito	Ind. presente	1 (3%)
		Ind. presente	Ind. futuro	2 (6%)
		Ind. presente	Ind. fut. do pret.	1 (3%)
		Ind. presente	Ind. imperfeito	1 (3%)
		Ind. presente	Ind. perfeito	3 (9%)
		Ind. presente	Ind. presente	22 (64%)
Oração N	99 (41%)	Imp. afirmativo	Ind. presente	1 (1%)
		Ind. futuro	Ind. presente	1 (1%)
		Ind. imperfeito	Ind. imperfeito	2 (2%)
		Ind. perfeito	Ind. imperfeito	3 (3%)
		Ind. perfeito	Ind. perfeito	3 (3%)
		Ind. perfeito	presente	3 (3%)
		Ind. presente	Ind. futuro	2 (2%)
		Ind. presente	Ind. fut. do pret.	1 (1%)
		Ind. presente	Ind. imperfeito	2 (2%)
		Ind. presente	Ind. perfeito	9 (9%)
		Ind. presente	Ind. presente	71 (72%)
		Subj. presente	Ind. presente	1 (1%)
Oração H	7 (4%)	Formas Nom. Gerúnd.	Ind. imperfeito	1 (14%)
		Ind. presente	Ind. futuro	1 (14%)
		Ind. presente	Ind. presente	5 (72%)
Sintagma	5 (3%)	Impossível verificar	Ind. futuro	2 (40%)
		Impossível verificar	Ind. fut. do pret.	3 (60%)

O Comp.	96 (40%)	Ind. imperfeito	Ind. fut. do pret.	1 (1%)
		Ind. presente	Ind. perfeito	1 (1%)
		Ind. futuro	Ind. futuro	2 (2%)
		Ind. futuro	Ind. presente	1 (1%)
		Ind. fut. do pret.	Ind. perfeito	1 (1%)
		Ind. fut. do pret.	Ind. presente	1 (1%)
		Ind. imperfeito	Ind. presente	4 (4%)
		Ind. perfeito	Ind. imperfeito	6 (6%)
		Ind. perfeito	Ind. perfeito	1 (1%)
		Ind. perfeito	Ind. presente	3 (3%)
		Ind. presente	Ind. futuro	1 (1%)
		Ind. presente	Ind. imperfeito	2 (2%)
		Ind. presente	Ind. presente	74 (74%)
		Imp. afirmativo	Ind. presente	2 (2%)

Na sequência, exemplifica-se cada uma das correlações dos ESs dos EIs em relação aos modo-tempo verbais dos EIs e das OCs.

- (220) **[Feixes de O + ind. presente + perfeito]** A Igreja nos oferece sete obras que chamamos de “Misericórdia” que nos ajudam a viver e a ser misericordiosos na prática do dia a dia. Passo a elencar as sete obras de Misericórdia. Sete, porque em seu significado bíblico significa “sem limites”, “sem um número limitado”: “Rogar a Deus pelos vivos e pelos mortos é profundamente bíblico, rogar, pedir, orar, pois **foi** uma prática muito freqüente na vida de Jesus (BATTISTI, 2009)
- (221) **[Feixes de O + impossível + presente]** Na carta a Timóteo São Paulo afirma: “Deus quer que todos os homens se salvem” (1 Tim 2,4). Para continuar a conversa, queremos afastar, para bem longe, aquela idéia da predestinação. Essa é uma idéia idiota (desculpem a força da expressão), pela qual alguém poderia achar que é inútil trabalhar pela salvação eterna, pois Deus já **sabe** de antemão se vamos nos perder ou salvar (OPPERMANN, 2009);
- (222) **[Feixes de O + futuro + presente]** A formação dos valores humanos e cristãos da família: vivemos no mundo da globalização onde tudo se vê pelo prisma da economia, do possuir e do conseguir. E quanto mais se tem, mais insatisfeito se está quando não se consegue mais. Lança-se um produto e o que parecia uma conquista, já não **será** mais, porque logo depois **começam** outros lançamentos que são apontados como também necessários e atuais (AGNELO, 2009);
- (223) **[Feixes de O + fut. do pret. + presente]** Vendo que o povo queria proclamá-lo rei, Jesus foi rápido nas providências. Embarcou os discípulos, despediu as multidões, e subiu ao monte, para rezar e retemperar sua decisão de continuar

coerente com sua missão. A mesma prontidão de espírito **deveria** presidir a todos que lidam com a religiosidade do povo. Pois a religiosidade, por sua força de motivação popular, se **presta** muito facilmente a explorações, sobretudo de ordem financeira (VALENTINI, 2009);

- (224) **[Feixes de O + perfeito + imperfeito]** O esforço diário de colocar a Palavra de Deus na vida é o fundamento sólido da obra e da salvação. Por isso o Senhor prossegue dizendo: Todo aquele que ouve a Palavra e a põe em prática será semelhante a um homem prudente que construiu sua casa sobre a rocha firme. **Caiu** a chuva, **transbordaram** os rios, **sopraram** os ventos e **investiram** contra aquela casa, mas ela não **desabou**, porque **estava** edificada sobre a rocha.(Mt.7,24-25) (MOREIRA, 2009);
- (225) **[Feixes de O + perfeito + presente]** Pela urgente necessidade de apóstolos para Uberaba, quando da já distante minha vinda para cá, **determinei** então que se cantasse o “Enviai, Senhor, muitos operários para a vossa messe”, em todas as Missas após a comunhão, prática que não **foi** supressa até hoje, pois é ordem de próprio Jesus no Evangelho (VIEIRA, 2009);
- (226) **[Feixes de O + presente + futuro]** Não se faz mais a memória dos acontecimentos que Deus nos proporciona em nossa caminhada. Por isso, vemos multidões de pessoas que lotam os lugares de lazer e compras, que são os novos templos de adoração do homem, que vagam enganados por estímulos de compras de coisas, muitas vezes, supérfluas, que lhe deixam um vazio imenso, uma vez que seu vazio existencial não será preenchido com coisas materiais (TEMPESTA, 2009);
- (227) **[Feixes de O + presente + fut. do pret.]** Por que é tão difícil reconhecer que as pessoas podem mudar, inclusive para melhor? De onde nos **vem** tanta desconfiança? A resposta é simples. Primeiro porque se admitirmos a mudança do outro, que agora se apresenta diferente de como o tínhamos rotulado, **deveríamos** reconhecer que erramos (CONTI, 2009);
- (228) **[Feixes de O + presente + imperfeito]** Os próprios Direitos Humanos **tem** sua origem nas páginas do Evangelho - e ó curiosidade - às vezes são usados contra a própria Igreja, cujos filhos se esquecem desses valores perenes. **É** a vontade do divino Mestre que se cumpre, pois Ele **queria** que sua Igreja fosse sal da terra (OPPERMANN, 2009);
- (229) **[Feixes de O + presente + perfeito]** Escolhido entre os homens, o sacerdote é constituído para o bem dos homens nas coisas que se referem a Deus. Sua função é oferecer dons e sacrifícios pelos pecados. Desse modo, **ele** é capaz de ter compaixão por aqueles que ignoram e erram, porque também **ele** está cercado de fraqueza (RIZZARDO, 2009);
- (230) **[Feixes de O + presente + presente]** "Deus está aqui. Está aqui como no primeiro dia. Está aqui entre nós como no dia da sua morte. Eternamente está

aqui entre nós exatamente como no primeiro dia. Pela eternidade, todos os dias. Está aqui entre nós em todos os dias da sua eternidade. O seu corpo, o seu mesmo corpo, pende da mesma cruz; os seus olhos, os seus mesmos olhos, tremem com as mesmas lágrimas; seu sangue, o seu mesmo sangue, jorra das mesmas chagas; o seu coração, o seu mesmo coração, sangra com o mesmo amor. O mesmo sacrifício faz escorrer o mesmo sangue. Uma paróquia **brilha** com esplendor eterno. Mas todas as paróquias **brilham** eternamente porque em todas as paróquias **há** o Corpo de Jesus Cristo (AGNELO, 2009);

- (231) [**O. nuclear + imp. afirm. + presente**] Jesus perdoou os seus matadores: “Pai, **perdoai-lhes** porque não **sabem** o que fazem.” (VIEIRA, 2009);
- (232) [**O. nuclear + futuro + presente**] Colocar-me-ei sem medidas em tuas mãos com uma infinita confiança, pois tu és meu Pai (VELOSO, 2009);
- (233) [**O. nuclear + imperfeito + imperfeito**] Outrora, o domingo de manhã **ganhava** vida, pois a maioria **frequentava** sua comunidade religiosa para a missa, ou para o culto (OPPERMANN, 2009);
- (234) [**O. nuclear + perfeito + imperfeito**] “Quem é que traz uma lâmpada para colocá-la debaixo de um caixote, ou debaixo da cama? Ao contrário, não coloca num candeeiro? (MT. 4,21). A luz **brilhou** na escuridão porque as trevas **queriam** ser mais fortes (BATTISTI, 2009);
- (235) [**O. nuclear + perfeito + perfeito**] Os povos pagãos **tornaram-se os** primeiros chamados, porque a fé dos magos **deu** início à fé de todos os povos (AGNELO, 2009);
- (236) [**O. nuclear + perfeito + presente**] O mercado **levou** à crise econômica mundial. Pois, a dinâmica do mercado **absolutiza** o lucro, a eficácia, a produtividade (PAGOTTO, 2009);
- (237) [**O. nuclear + presente + futuro**] Quem não reza **está** numa situação muito desconfortável e até incômoda, porque **irá** buscar alívio e sedativo no álcool, farras, drogas (BRANDES, 2009);
- (238) [**O. nuclear + presente + fut. do pret.**] **Há** certo clamor das “comunidades do futuro”, porque a Igreja **estaria** se afastando das pessoas (BOHN, 2009);
- (239) [**O. nuclear + presente + imperfeito**] Na noite de 26 de agosto, em sessão extraordinária, a Câmara dos deputados ratificou o acordo entre o Brasil e a Santa Sé sobre o estatuto jurídico da Igreja católica em nosso país. No contexto pluritista do Brasil atual, isso **é** bem compreensível, pois a matéria, de certa forma, **era** nova na opinião pública (SCHERER, 2009);

- (240) [**O. nuclear + presente + perfeito**] O autor da Carta aos Hebreus mostra que as promessas de Deus, feitas ao seu povo por meio dos patriarcas e dos profetas, realizaram-se plenamente em Cristo, “grande sacerdote” da nova e eterna Aliança. **É** Ele o verdadeiro mediador entre Deus e os homens, pois **veio** da parte de Deus (SCHERER, 2009);
- (241) [**O. nuclear + presente + presente**] Em Pentecostes, vivemos na Liturgia o envio do Espírito Santo sobre os apóstolos e a Igreja, para que ela fosse capaz de cumprir a missão recebida de Jesus. **Falo** de “Mistérios”, pois assim a Igreja **gosta** de chamar as realidades sublimes e infinitamente ricas de significado que ela celebra na Liturgia ao longo do ano (SCHERER, 2009);
- (242) [**O. nuclear + subj. presente. + presente**] Em ação de graças, agradeço todas as manifestações de amizade e de oração de todos os meus amigos, antigos diocesanos e fiéis em geral que nos últimos dias rezaram, quando passei nove dias, na companhia mais íntima de Nosso Senhor na Santa Casa de Juiz de Fora. Deus lhe **pague** muito, porque com a graça de Deus, **estou** totalmente recuperado (VELOSO, 2009);
- (243) [**O. hipotática + gerúndio. + imperfeito**] Aconteceu, porém, que tão logo a Igreja começou a propagar-se, começaram a aparecer os hereges, seguindo doutrinas diversas daquela que tinha sido recebida dos apóstolos, mas **tomando** o nome de cristãos, pois também **criam** em Cristo e dEle se diziam discípulos (VELOSO, 2009);
- (244) [**O. hipotática + presente + futuro**] O profeta Jeremias recorda a presença do senhor no meio do povo e fala: “Voltem filhos rebeldes, pois eu sou o senhor e posso pegar um de cada cidade e dois de cada clã para levar a Sião. Pois, aí eu **vou** lhes **dar** pastores de acordo com o meu coração (Jer. 3,15) (BATTISTI, 2009);
- (245) [**O. hipotática + presente + presente**] Para a Igreja – instruída pelo Evangelho – a caridade é tudo, porque, como **ensina** São João (cf. 1Jo 4, 8.16), Deus **é** caridade (BOHN, 2009);
- (246) [**Sintagma + impossível + futuro**] A transformação de situações sociais, há tempo relegadas, preteridas, empurradas com o corpo mole de gestores despreparados e ineficientes, deve ser encarada como missão e tarefa inadiável, com a participação da sociedade. Nem milagre, nem mágica, pois diz **a** Palavra: “não **tentarás** o Senhor teu Deus” (PAGOTTO, 2009);
- (247) [**Sintagma + impossível + fut. do pret.**] Não são poucos os agricultores que desejam vender suas terras, até mesmo pela crise que afeta a agricultura nestes últimos anos. Se isso realmente acontecesse, todos sairiam ganhando: os produtores rurais, porque **trabalhariam** em paz, e os índios, porque **findaria** seu perambular pelos municípios do Estado (RIZZARDO, 2009);

- (248) [**O. Comp. + imperfeito + fut. do pret.**] Intrigado, perguntei a um cidadão como ele imaginava a Suíça daí a 50 anos. Percebendo a intenção da pergunta, como resposta simplesmente me fez uma ressalva. Disse ele que, antes de perguntar como será a Suíça, **era** preciso perguntar de quem seria a Suíça daqui a 50 anos. Pois, pelo visto, **faltariam** herdeiros para tanta riqueza que o país ostentava (VALENTINI, 2009);
- (249) [**O. Comp. + presente + perfeito**] **Precisamos** ter familiaridade com as Escrituras Sagradas, por isso apeguemo-nos a elas, pois tudo **foi escrito** para nossa instrução e esperança (BRANDES, 2009);
- (250) [**O. Comp. + futuro + futuro**] Esta semana, tentando prevenir-se contra dificuldades na rolagem da dívida, o Governo acrescentou mais um remendo na colcha de retalhos dos regulamentos da política econômica. Falta ainda a aprovação do Congresso. Se a proposta de mexida na poupança for aprovada, o Banco Central **vai alegar** que este ano não pode diminuir os juros porque as mudanças só **vão entrar** em vigor no ano que vem (KRAPF, 2009);
- (251) [**O. Comp. + futuro + presente**] Cristo **será** glorificado no meu corpo (tenho toda a certeza disto), quer pela minha vida, quer pela minha morte, pois para mim o viver **é** Cristo, e o morrer, lucro (TEMPESTA, 2009);
- (252) [**O. Comp. + fut. do pret. + perfeito**] Uma leitura superficial dos acontecimentos de Rio Brilhante poderia levar a crer que a justiça foi feita porque a propriedade voltou aos seus donos (RIZZARDO, 2009);
- (253) [**O. Comp. + fut. do pret. presente**] Agora, muitos **poderiam** se perguntar por que celebrar o Círio no Rio de Janeiro. Primeiro, porque, a cada ano, a imagem peregrina **visita** um estado (TEMPESTA);
- (254) [**O. Comp. + imperfeito + presente**] Todos temos dificuldade para assimilar as palavras de Jesus em nossa vida. Justamente, porque pensavam em categorias “carnais” (SCHERER, 2009);
- (255) [**O. Comp. + perfeito + imperfeito**] Jerônimo **foi** à Palestina, onde estudou hebraico e a interpretação da Bíblia. Inspirado por Deus, **traduziu** todos os livros da Bíblia para o latim, cuja tradução denominou-se “Vulgata”, pois o latim **era** a língua falada na época universalmente (PAGOTTO, 2009);
- (256) [**O. Comp. + perfeito + perfeito**] Constantino venceu e deu total liberdade aos cristãos, até então perseguidos pelo Império Romano. Com este fato histórico, a Cruz de Cristo, antes venerada com respeito, **passou** a ser símbolo de vitória, pois do lenho da cruz **partiu** a salvação do mundo (VELOSO, 2009);
- (257) [**O. Comp. + perfeito + presente**] Jesus **quis** ser batizado por João. Ele, o Filho de Deus, **veio** com as naturezas divina e humana, para nos dar o

direito de sermos tratados também como filhos de Deus, uma vez que não **temos** a natureza divina (MOURA, 2009);

- (258) [**O. Comp. + presente + futuro**] Com Maria, a virgem de Nazaré que abraça o Seu Filho, o Cristo Redentor, **queremos** consagrar a nossa Arquidiocese, cidade e Estado, porque a quem Maria pede pelo Filho **será atendido** (SCHERER, 2009);
- (259) [**O. Comp. + presente + imperfeito**] Na carta aos Filipenses (2, 20), o Apóstolo fala de Timóteo: “A nenhum outro tenho tão unido a mim, que com sincero afeto se interessa por vós”. E na 2ª carta aos Coríntios (8, 16ss) agradece a Deus “que colocou no coração de Tito a mesma solicitude por vós”. A preocupação que transparece do coração de Paulo nestas cartas aos dois colaboradores é pela ortodoxia do ensino, pois **começavam** a aparecer nas comunidades algumas esquisitices, como proibir o matrimônio, abster-se de certos alimentos, e outras, pois são pessoas de “consciência cauterizada”, que **ensinavam** o erro (1º Tim 4, 1-3) (SCHERER, 2009);
- (260) [**O. Comp. + presente + presente**] Nem é preciso lembrar o santuário e o altar, onde se apresentavam o incenso e o sangue dos animais sacrificados, pois o novo altar é a cruz de Cristo (SCHERER, 2009);
- (261) [**O. Comp. + imp. afirm. + presente**] Ao elevar ao Senhor nossas preces, **peçamos** a graça de manter unidas as nossas raízes familiares, pois essa é a herança maior que os nossos entes queridos nos legaram! (PAGOTTO, 2009);

3.5.3.1.3 Tipo de conectivo e Ordenação

Com relação ao tipo de conectivo, a análise registra o emprego de 5 (cinco) do total de possibilidades apresentadas: **porque**, **pois**, **uma vez que**, **porquanto** e **como**, respectivamente. A predominância das conjunções **porque** e **pois** sobre as demais confirma os resultados já apresentados e, ao mesmo tempo, implica um traço característico a todo o *corpus* analisado. Por outro lado, a ordem predominante das OCs em relação aos respectivos EIs é, mais uma vez, a posposição, com 237 ocorrências, ou 99% do total, o que também implica um traço próprio do *corpus*.

QUADRO 72: Cruzamento de dados e correlações entre Estat. sintático, Tipo de conectivo e Ordenação

Estatuto sintático		Tipo de conectivo		Ordenação	
	Nº de O (%)		Nº de O (%)		Nº de O (%)
Feixes de O Comp.	33 (14%)	pois porque uma vez que	12 (43%) 19 (57%) 2 (6%)	Posposta	33 (100%)
Oração N	99 (41%)	pois porque porquanto	57 (57%) 40 (40%) 2 (2%)	Posposta	99 (100%)
Oração H	7 (4%)	pois porque como	2 (14%) 4 (58%) 2 (28%)	Anteposta	2 (14%)
				Posposta	5 (86%)
Sintagma	5 (3%)	pois porque	2 (40%) 3 (60%)	Posposta	5 (100%)
O Comp.	96 (40%)	pois porque uma vez que	33 (33%) 61 (65%) 2 (2%)	Anteposta	1 (1%)
				Posposta	95 (99%)

Exemplificam-se, a seguir, cada um dos 5 (cinco) tipos de conectivos empregados, bem como os casos de posposição e anteposição por ordem de preferência, lembrando que o conectivo **como** (registrado uma única vez) associa-se apenas à anteposição e, nos dois outros casos, emprega-se **porque**. Esses resultados também implicam traços característicos dos *corpora*, pois que, ao contrário da predominância da conjunção **como** quando da anteposição das OCs em relação aos EIs, ocorre a preferência pelo **porque**, tradicionalmente, associado à posposição.

- (262) [**Porque + posposta**] Não somos os melhores, mas podemos ser os maiores no reino de Deus, **porque** acreditamos e vivemos no amor e por amor (BATTISTI, 2009);
- (263) [**Pois + posposta**] Aconteceu, porém que, tão logo a Igreja começou a propagar-se, começaram a aparecer os hereges, seguindo doutrinas diversas daquela que tinha sido recebida dos Apóstolos, mas tomando o nome de cristãos, **pois** também criam em Cristo e d’Ele se diziam discípulos (VELOSO, 2009);
- (264) [**Uma vez que + posposta**] Jesus quis ser batizado por João. Ele, o Filho de Deus, veio com as naturezas divina e humana, para nos dar o direito de sermos tratados também como filhos de Deus, **uma vez que** não temos a natureza divina (MOURA, 2009);

- (265) [**Porquanto + posposta**] O uso de células colhidas dos embriões humanos, mesmo que fossem utilizadas para fins terapêuticos, não pode ser aceita, **porquanto** não é ético destruir vidas humanas, mesmo em suas formas embrionárias (PAGOTTO, 2009);
- (266) [**Como + anteposta**] Deus já sabe de antemão se vamos nos perder ou salvar. Nada nos caberia fazer. Isso seria uma paralisação geral de nossos ideais. Mas **como** gostaríamos de saber de antemão, se vamos alcançar a salvação, vou dar três critérios que nos fortalecem na caminhada (OPPERMANN, 2009);

3.5.3.2 Cruzamento de dados entre os diferentes níveis do CG: correlações secundárias

Consoante aos procedimentos adotados, o cruzamento de dados entre os diferentes níveis do CG constará também de 3 (três) diferentes correlações – cada qual a partir do parâmetro **determinante** que lhe é próprio. Ademais, manter-se-á também a mesma ordem de apresentação dessas correlações: a primeira referente ao tipo de argumento (parâmetro determinante) em relação ao tipo de entidade do escopo de incidência (EI) e da oração causal (OC), e também ao estatuto sintático (ES) do EI; na segunda, o parâmetro determinante – referência temporal – será correlacionado aos modo-tempo verbais dos EIs e das OCs; na terceira, ao parâmetro **pressuposição** correlacionar-se-ão o estatuto informacional, o tipo de conectivo empregado e a ordenação.

3.5.3.2.1 Tipo de argumento, de categoria e Estatuto sintático

Na primeira ocorrência analisada, obteve-se o seguinte resultado: **argumento de competência + ato do discurso (A) + conteúdo proposicional (p) + oração nuclear**, conforme indicam os dados apresentados no quadro seguinte:

QUADRO 73: Cruzamento de dados e correlações entre Tipo de argumento, de categoria e Estat. sintático

Tipo de argumento		Tipo de categoria do EI e da OC			Estatuto Sintático do EI	
	Nº de O (%)			Nº de O (%)		Nº de O (%)
Autoridade (bíblico)	36 (15%)	Ato	Esco	4 (11%)	O. Comp. O. Nuclear	1 (25%) 3 (75%)
		C. prop.	Esco	4 (11%)	O. Comp. O. Nuclear	3 (75%) 1 (25%)
		Esco	Esco	15 (42%)	O. Comp. O. Hipotática O. Nuclear	6 (40%) 1 (7%) 8 (53%)
		<i>Move</i>	Esco	13 (36%)	Feixes de O O. Nuclear Sintagma	10 (77%) 2 (15%) 1 (8%)
Autoridade (tradição)	3 (1%)	C. prop.	Esco	1 (33%)	O. Comp.	3 (100%)
		Esco	Esco	2 (67%)		
Autoridade (magistério)	8 (4%)	C. prop.	Esco	1 (13%)	O. Hipotática	1 (100%)
		Esco	Esco	7 (87%)	O. Comp. O. Nuclear	5 (83%) 2 (17%)
Competência	138 (57%)	Ato	C. prop.	56 (40%)	Feixes de O O. Comp. O. Nuclear	6 (11%) 19 (34%) 31 (55%)
		Ato	Esco	6 (4%)	O. Comp. O. Nuclear	1 (17%) 5 (83%)
		C. prop.	C. prop.	44 (32%)	O. Comp. O. Nuclear O. Hipotática	28 (64%) 15 (34%) 1 (2%)
		C. prop.	Esco	7 (5%)	O. Comp. O. Nuclear O. Hipotática	2 (28%) 4 (58%) 1 (14%)
		Esco	C. prop.	3 (2%)	O. Nuclear O. Comp.	2 (67%) 1 (33%)
		Esco	Esco	4 (3%)	O. Nuclear	4 (100%)
		<i>Move</i>	C. prop.	16 (11%)	Feixes de O O. Comp. O. Nuclear Sintagma	10 (64%) 1 (6%) 3 (18%) 2 (12%)
		<i>Move</i>	Esco	2 (1%)	Feixes de O	2 (100%)
Senso comum	55 (23%)	Ato	Ato	41 (75%)	Feixes de O O. Comp. O. Hipotática O. Nuclear	1 (2%) 21 (51%) 1 (2%) 18 (44%)
		C. prop.	C. prop.	4 (7%)	O. Comp. O. Nuclear	2 (50%) 2 (50%)
		<i>Move</i>	Ato	10 (18%)	Feixes de O O. Comp.	7 (70%) 3 (30%)

O argumento de autoridade (bíblico) apresenta 4 (quatro) diferentes correlações entre os tipos de categoria, o que confirma a tendência apontada nos, TA, TQ e TP. Dentre essas, predominam a que codifica estados-de-coisas (e) tanto à margem esquerda (EIs), quanto à direita (OCs), com 42% do total, cujos EIs são expressos, predominantemente, por orações nucleares e complexas; e a estabelecida entre *Moves* (M) e estados-de-coisas (e), com 36%, nas quais os EIs apresentam como estatuto sintático feixes de orações complexas, em sua maioria. Os de autoridade (da tradição) ocorrem também, majoritariamente, entre estados-de-coisas (e), cujos EIs são expressos via orações complexas. Finalmente, com relação aos argumentos de autoridade (do magistério), a tabela indica a predominância da correlação entre estados-de-coisas (e), cuja expressão sintática dos EIs ocorre, na maioria dos casos, por meio de orações complexas.

No que concerne aos argumentos de competência, as correlações predominantes são as entre atos do discurso (A) e conteúdos proposicionais (p), com 40% das ocorrências, cujos EIs são codificados por meio de orações nucleares e complexas, respectivamente; e entre conteúdos proposicionais (p) tanto à margem esquerda, quanto à direita, com 32% do total, cuja expressão dos EIs, ao contrário, se dá, por meio de orações complexas e nucleares, na ordem de recorrência.

Os argumentos de senso comum, por sua vez, ocorrem, na grande maioria dos casos, por meio da correlação entre atos do discurso (A), com 74% do total, e tem, como EIs, orações complexas e nucleares, respectivamente.

O resultado dessas primeiras correlações indica já algumas conclusões, pois vai ao encontro dos resultados obtidos nos TA e TQ e TP, ora, nos TA, TN, TQ e TP e, justamente, por isso, podem ser considerados traços característicos do *corpus* analisado:

- a) os argumentos de autoridade (bíblico), assim como registrados nos TA, TQ e TP, codificam e, ao mesmo tempo, correlacionam-se a estados-de-coisas (e), salvo distinção também apontada nas ocorrências registradas no TP, nas quais essa mesma camada é expressa, predominantemente, por orações nucleares;
- b) os argumentos de autoridade (da tradição) – registrado apenas nas ocorrências do TC – e (do magistério) não apresentam um número de ocorrências expressivo que, de fato, indique distinções concretas em relação ao emprego de argumentos de autoridade nos demais tempos do AL. Mas, ao contrário, os 3 (três) casos de argumento advindo da tradição – registrados apenas no TC –,

quanto os 8 (oito) do magistério, podem ser decorrentes do maior número de ocorrências analisadas neste tempo do AL em relação aos demais, o que, *a priori*, tende a favorecer a variedade de tipos de argumentos e, por conseguinte, de correlações a eles relacionadas;

- c) os argumentos de competência constituem, de fato, maioria absoluta, assim como nos demais tempos, o que implica a comprovação de mais uma regularidade presente no *corpus* analisado;
- d) da mesma forma, os resultados referentes aos argumentos do senso comum condizem com os demais, tanto no que diz respeito à recorrência (segunda maior), quando às correlações com os tipos de categoria que codificam (atos do discurso (A)) e o estatuto sintático dos EIs que lhes são referentes, uma vez que oscilam entre orações complexas e nucleares;
- e) e, finalmente, com relação aos EIs que estão na camada do *Move* (M), os resultados do TC comprovam as tendências já apontadas em análises anteriores: estes estão associados a estruturas sintáticas mais extensas, sobretudo, a feixes de orações complexas. Por outro lado, assim como destacou-se na análise do TP, esse fato contribui para a confirmação de que o *Move* (M) implica, na maioria das ocorrências, mudança total ou, ao menos, parcial de fluxo de informação. Além disso, constitui, em alguns casos, uma exortação do autor/escritor à imitação de Cristo por meio de seus atos.

3.5.3.2.2 Tipo de categoria, Referência temporal e Modo-tempo verbais

A partir da análise da primeira ocorrência da segunda correlação entre os resultados dos diferentes níveis do CG, obteve-se o seguinte resultado: **ato do discurso (A) + conteúdo proposicional (p) + não dependente + ind. presente + ind. presente.**

QUADRO 74: Cruzamento de dados e correlações entre Referência temporal e Modo-tempo verbal

Tipo de categoria do EI e da OC			Referência temporal		Modo-tempo verbais do EI e da OC		
		Nº de O (%)		Nº de O (%)			Nº de O (%)
Ato	Ato	41 (15%)	RTD	33 (80%)	Imp. Afirm. Ind. impossível Ind. perfeito Ind. presente Ind. presente Ind. presente	Ind. presente Ind. presente Ind. presente Inf. fut. pret. Ind. perfeito Ind. presente	1 (3%) 1 (3%) 1 (3%) 1 (3%) 2 (6%) 27 (82%)
			RTI	8 (20%)	Impossível Ind. perfeito Ind. presente Ind. presente Ind. presente Ind. presente	Ind. presente Ind. presente Ind. futuro Ind. imperfeito Ind. perfeito Ind. presente	1 (13%) 1 (13%) 1 (13%) 1 (13%) 1 (13%) 3 (35%)
Ato	C. prop.	55 (20%)	RTD	45 (82%)	Imp. Afirm. Ind. futuro Ind. fut. pret. Ind. imperfeito Ind. perfeito Ind. perfeito Ind. perfeito Ind. presente Ind. presente Ind. presente	Ind. presente Ind. futuro Ind. perfeito Ind. imperfeito Ind. imperfeito Ind. perfeito Ind. perfeito Ind. presente Ind. perfeito Ind. imperfeito Ind. presente	1 (2%) 1 (2%) 1 (2%) 1 (2%) 1 (2%) 1 (2%) 2 (4%) 3 (6%) 1 (2%) 33 (76%)
			RTI	10 (18%)	Impossível Impossível Ind. futuro Ind. imperfeito Ind. presente Ind. presente	Ind. fut. pret. Ind. perfeito Ind. presente Ind. presente Ind. perfeito Ind. presente	2 (20%) 2 (20%) 1 (10%) 1 (10%) 1 (10%) 3 (30%)
Ato	Esco	12 (5%)	RTI	12 (100%)	Imp. afirm Ind. futuro Ind. presente Ind. presente Subj. presente	Ind. presente Ind. presente Ind. fut. Ind. presente Ind. presente	1 (8%) 1 (8%) 1 (8%) 8 (68%) 1 (8%)
C. prop.	Ato	4 (3%)	RTD	2 (50%)	Ind. presente	Ind. presente	2 (100%)
			RTI	2 (50%)	Ind. presente Ind. presente	Ind. fut. pret. Ind. presente	1 (50%) 1 (50%)
C. prop.	C. prop.	46 (17%)	RTD	42 (92%)	Ind. imperfeito Ind. perfeito Ind. perfeito Ind. perfeito Ind. presente Ind. presente	Ind. imperfeito Ind. futuro Ind. perfeito Ind. presente Ind. perfeito Ind. presente	3 (6%) 2 (4%) 4 (8%) 1 (2%) 5 (14%) 27 (66%)

			RTI	4 (8%)	Impossível Ind. perfeito Ind. presente	Ind. imperfeito Ind. presente Ind. presente	1 (25%) 1 (25%) 2 (50%)
C. prop.	Esco	11 (6%)	RTI	11 (100%)	Form. Nom. G. Ind. futuro Ind. perfeito Ind. presente Ind. presente	Ind. imperfeito Ind. futuro Ind. imperfeito Ind. perfeito Ind. presente	1 (9%) 1 (9%) 2 (18%) 1 (9%) 6 (55%)
Esco	Esco	26 (10%)	RTI	26 (100%)	Imp. afirm Imp. afirm. Impossível Ind. imperfeito Ind. imperfeito Ind. perfeito Ind. perfeito Ind. presente	Ind. presente Ind. presente Ind. presente Ind. presente Ind. perfeito Ind. perfeito Ind. presente Ind. presente	1 (3%) 1 (4%) 1 (4%) 2 (8%) 1 (4%) 1 (4%) 1 (4%) 19 (69%)
Esco	C. prop.	5 (4%)	RTD	3 (60%)	Ind. perfeito Ind. presente	Ind. presente Ind. presente	1 (33%) 2 (67%)
			RTI	2 (40%)	Ind. perfeito	Ind. presente	2 (100%)
Move	Ato	8 (5%)	RTD	2 (25%)	Ind. perfeito Ind. presente	Ind. presente Ind. presente	1 (50%) 1 (50%)
			RTI	6 (75%)	Impossível Impossível Ind. presente Ind. presente	Ind. fut. pret. Ind. presente Ind. futuro Ind. presente	1 (17%) 2 (33%) 1 (17%) 2 (33%)
Move	C. prop.	18 (8%)	RTD	5 (17%)	Ind. presente Ind. presente Ind. presente	Ind. perfeito Ind. futuro Ind. presente	1 (20%) 1 (20%) 3 (60%)
			RTI	13 (73%)	Impossível Impossível Ind. perfeito Ind. perfeito Ind. presente Ind. presente	Ind. perfeito Ind. presente Ind. imperfeito Ind. presente Ind. perfeito Ind. presente	1 (8%) 7 (52%) 1 (8%) 1 (8%) 1 (8%) 2 (16%)
Move	Esco	14 (7%)	RTI	14 (100%)	Impossível Impossível Ind. fut. pret. Ind. presente Ind. presente Ind. presente	Ind. perfeito Ind. presente Ind. presente Ind. futuro Ind. perfeito Ind. presente	1 (7%) 2 (14%) 1 (7%) 1 (7%) 1 (7%) 8 (58%)

Primeiramente, no que diz respeito ao parâmetro determinante (tipo de entidade dos EIs e das OCs) em relação à referência temporal, o quadro 74 indica que, na primeira correlação – Ato do discurso (A) e ato do discurso (A) – há predominância de ocorrências de referências temporais dependentes, com 80% do total. Estas, por sua vez, são expressas por 6 (seis) diferentes correlações modo-temporais. Na sequência, entre Atos do discurso (A) e

conteúdos proposicionais (p) verifica-se a também predominância de referências temporais dependentes que totaliza 82% das ocorrências, expressas por 10 (dez) diferentes correlações modo-temporais. Entre Atos do discurso (A) e estados-de-coisas (e), a tabela indica a predominância absoluta da referência temporal não-dependente e, por conseguinte, 5 (cinco) diferentes correlações modo-temporais.

A correlação seguinte – Conteúdos proposicionais (p) e atos do discurso (A) – apresenta regularidade quanto à referência temporal, pois que 50% delas são dependentes, e 50%, não-dependentes. As primeiras são expressas por 1 (uma) única correlação modo-temporal, as segundas, por 2 (duas). Entre Conteúdos proposicionais (p) e conteúdos proposicionais (p), a tabela mostra a predominância, quase absoluta, de referências temporais dependentes, totalizando 92% das ocorrências, cuja expressão se dá por meio de 6 (seis) diferentes correlações modo-temporais. O contrário, no entanto, ocorre entre Conteúdos proposicionais (p) e estados-de-coisas (e), cuja referência temporal é não-dependente em todas as ocorrências analisadas, nas quais identifica-se 5 (cinco) correlações modo-temporais.

A correlação Estado-de-coisas (e) e estados-de-coisas (e) apresenta – em todos os casos – referência temporal não-dependente, com 71% do total, e é expressa por 8 (oito) correlações modo-temporais. Entre Estados-de-coisa (e) e conteúdos proposicionais (p) a tabela indica a preferência pela referência temporal dependente, com 60% do total que, por conseguinte, expressam-se também por meio de 2 (duas) correlações modo-temporais.

As duas últimas correlações determinantes – *Moves* (M) e ato do discurso (A) e *Moves* (M) e conteúdos proposicionais (p) apresentam, predominantemente, referência temporal não-dependente: enquanto no primeiro caso, expresso por 4 (quatro) correlações modo-temporais, pode-se contabilizar 75% do total de ocorrências, no segundo, expresso por 6 (seis) correlações modo-temporais, o resultado é semelhante com 73%. A última correlação, por sua vez, entre *Moves* (M) e estados-de-coisas (e) apresenta – em todas os casos – referência temporal não-dependente e 6 (seis) correlações modo-temporais.

- a) A análise das ocorrências do TC confirmam que a referência temporal dependente está associada às correlações cujos tipos de entidade pertencem à mesma camada e também, à mesma correlação modo-temporal, sobretudo quando se trata do modo-tempo **indicativo presente**. Esses resultados vão ao encontro dos obtidos nos TA, TN, TQ e TP, e, por isso, constituem uma constante no condicionamento das OCs quanto aos tipos de entidade, associados à referência temporal e às correlações modo-temporais;

- b) Quanto à correlação entre estados-de-coisas (e), a análise comprova que esta, de fato, codifica, majoritariamente, à margem direita, expressões já cristalizadas, referentes, muitas vezes, à citações diretas, ou indiretas, de textos bíblicos e, por isso, independem do modo-tempo verbal expresso pelo escopo de incidência que lhe é próprio, o que implica a predominância por referências temporais não-dependentes e, ao mesmo tempo, a compatibilidade com as análises anteriores e também mais um traço característico do *corpus* em questão;
- c) Ademais, assim como em todos os outros tempos do AL, os resultados confirmam a tendência de se registrar um maior número de correlações modo-temporais em se tratando de camadas superiores.

3.5.3.2.3 Pressuposição, Estatuto informacional, Tipo de conectivo e Ordenação

QUADRO 75: Cruzamento de dados e correlações entre pressuposição, Est. Inform., tipo de conectivo e ordenação

Pressuposição		Estatuto Informacional		Tipo de conectivo		Ordenação	
	Nº de O (%)		Nº de O (%)		Nº de O (%)		Nº de O (%)
Pres.	3 (2%)	Dada	3 (100%)	Como	1 (33%)	Anteposta	3 (100%)
				Porque	2 (77%)		
NPres.	237 (98%)	Nova	237 (100%)	Pois	87 (39%)	Posposta	
				Porque	140 (60%)		
				Porquanto	2 (1%)		

O quadro 75 indica a não-pressuposição – quase absoluta – das OCs, com 98% do total. Esse resultado, no entanto, assim como nos demais tempos do AL, não implica, necessariamente, codificação de informação nova, mas, sobretudo, daquelas que são apresentadas pelo autor/escritor como tal por meio dos conectivos, **porque**, **pois** e **porquanto**, respectivamente. Por outro lado, os apenas 2% de pressuposição dizem respeito à codificação de informação dada, pois que, embora não tenham sido anteriormente, registrada no corpo do texto, podem ser evocadas no contexto que lhe é próprio.

3.5.4 Resultados gerais dos condicionamentos das OCs em relação à argumentatividade

- a) A predominância da ausência de elementos focalizadores pode ser entendida como uma característica própria do discurso religioso católico em se tratando de artigos de opinião da CNBB. Mesmo nas ocorrências referentes aos TC I e II, nas quais o número encontrado é maior em relação aos outros tempos do AL, não se pode afirmar que esse seja, de fato, um dado significativo que sinalize discrepância. Na verdade, a análise comprova que todo o *corpus* caminha em uma mesma direção: as OCs que codificam argumentos são apresentadas como incontestes e universais, pois o valor de verdade que lhe é próprio é absoluto;
- b) Os argumentos de competência – expressos por meio de conteúdos proposicionais (p) em 86% dos casos – constituem maioria significativa nas ocorrências analisadas, assim como constatado nos demais tempos do AL;
- c) a mesma concordância pode ser observada no que diz respeito aos argumentos de senso-comum (segundo maior índice de ocorrências) situado, em 100% dos casos, na camada dos Atos do discurso (A);
- d) os argumentos de autoridade, por seu turno, apresentam o menor índice de ocorrências e dizem respeito, na maioria dos casos, às citações diretas ou indiretas das fontes bíblicas. Tais resultados vão ao encontro de todos os demais e, por isso, evidenciam mais um traço característico do *corpus*, relacionado à disparidade quando da recorrência aos argumentos de autoridade (de ordem dogmática), tendo em vista que, dos três pilares elencados como subsidiários à fé cristã-católica, aceitos, nesse contexto, como verdades incontestes, apenas o de natureza bíblica é, significativamente, empregado, em detrimento do advindo da Tradição – encontrado, unicamente, nas ocorrências deste tempo do AL – e do Magistério;

- e) quanto à integração sintática e semântica, os dados apresentados comprovam que o fato de a integração sintática refletir a integração semântica dos enunciados é uma constante no *corpus* analisado;
- f) além disso, comprova-se também que o valor de verdade dos argumentos codificados pelas OCs são irrefutáveis a medida que emergem de uma autoridade também irrefutável;
- g) esses primeiros resultados, por seu turno, implicam a preferência por referências temporais dependentes, com 55% do total, o que os aproximam dos resultados obtidos nos TN e TP, embora, em se tratando, especificamente, do TC, essa preferência não seja, como nos dois outros tempos citados, tão expressiva quanto, chegando mesma a aproximar-se de uma certa regularidade. Por outro lado, a análise indica, assim como em todos os demais tempos do AL, uma variedade significativa de correlações modo-tempo verbais, ainda que os tipos de categoria aos quais estejam vinculados sejam os mesmos tanto para os EIs, quanto para as OCs;
- h) os resultados obtidos em relação à pressuposição, ao estatuto informacional e à ordenação indicam a predominância – quase absoluta – da não pressuposição e, por conseguinte, da posposição, cujo registro é feito por meio das conjunções **porque**, **pois**, e **porquanto**. Relacionados aos demais resultados, este confirma a tendência e, ao mesmo tempo, aponta para mais um traço característico do *corpus*;
- i) e, finalmente, com relação à influência do suporte ou meio de divulgação do *corpus*, os resultados comprovam a tendência observada em todos os demais Tempos do AL: o registro de ausência de pré-sequências, comprovadas pela ocorrência de *Moves* (M), o que concorre para a confirmação de que se trata de uma escrita, de fato, mais informal, apresentando, por isso, traços tanto da modalidade falada quanto da escrita.

3.7. Resultado das análises em relação aos tempos do AL

Uma vez terminadas as primeiras e segundas fases de análise referentes a cada um dos tempos do AL, conforme procedimentos metodológicos adotados (cf. seção 2.2.1), dar-se-á início à terceira fase, cuja função é, dentre outras, a de apresentar uma comparação acerca dos resultados obtidos por meio das análises das ocorrências referentes a cada um dos tempos do AL.

A terceira fase da análise será feita a partir dos resultados obtidos segunda (assim como a 2ª teve como ponto de partida os resultados advindos da primeira) com vistas a oferecer um panorama geral dos condicionamentos que cerceiam o funcionamento das OCs como recurso argumentativo nos artigos de opinião (religiosos católicos) da CNBB.

Em relação ao tipo de argumento da OC, tipo de categoria do EI e da OC e estatuto sintático do EI, a análise comparativa revela semelhanças e diferenças: semelhantes porque, apesar dos diferentes temas e assuntos sobre os quais discorrem os artigos analisados em função dos tempos do AL, os condicionamentos das OCs são os mesmos: as OCs analisadas, em sua maioria, não apresentam elementos focalizadores (sobretudo com relação aos argumentos de autoridade (bíblico), dada a sua natureza incontestável. Além disso, codificam, em primeiro lugar, argumentos de competência, em segundo, argumentos de senso-comum e, em terceiro, de autoridade (predominantemente, de natureza bíblica, salvo raras exceções que registram argumentos de autoridade advindos da Tradição e do Magistério).

Diferenças, porque, em função do registro de ocorrência de *Moves* (M), bem como da identificação da intenção comunicativa do autor/escritor a ele subjacente, pôde-se observar um “movimento” discursivo distinto para cada um dos Tempos: enquanto os TA e TQ indicam a exortação à primeira e à segunda vinda de Cristo, respectivamente; os TC I e II indicam, em alguns casos, uma exortação do autor/escritor à imitação de Cristo por meio de seus atos; e os *moves* (M) analisados nos TN e TP indicam, na maioria dos casos, uma exortação à esperança da redenção dos homens.

Além disso, tal resultado implica a comprovação de que, em se tratando dos artigos de opinião da CNBB – divulgados exclusivamente em meio digital – a tríade dogmática, apresentada como alicerce argumentativo do discurso religioso cristão-católico (cf. sessão 1.2.2.1) não se sustenta, pois há o predomínio, quase absoluto, de apenas um deles, o bíblico.

Esses primeiros resultados refletem-se nas diversas correlações entre os tipos de categoria codificados tanto pela OC, quanto pelo seu EI, pois, ao codificar argumentos de

autoridade, as OCs situam-se, em todos os casos, na camada dos estados-de-coisas (e), mas variam quanto às correlações referentes ao estatuto sintático, oscilando, predominantemente, entre orações nucleares, complexas e feixes de orações complexas. Quando codificam argumentos de competência, as orações tendem a situar-se na camada dos conteúdos proposicionais (p) e, sintaticamente, correlacionam-se ora com orações nucleares, ora com complexas; e, finalmente, em se tratando das OCs representativas de argumentos de senso-comum, estas se situam, na maioria absoluta dos casos, na camada dos atos do discurso (A) e oscilam, em termos de correlação sintática, entre orações nucleares, complexas e feixes delas, dependendo da camada em que situa-se o EI: quanto mais alta a camada em que se situam mais extensas tendem a ser as representações sintáticas.

No que diz respeito à referência temporal, bem como às correlações estabelecidas entre os modo-tempo verbais dos EI e das OCs, os resultados também indicam regularidade e semelhança de condicionamento nos diferentes tempos do AL: as OCs que codificam, tanto atos de fala (A), quanto conteúdos proposicionais (p) tendem a apresentar referência temporal dependente quando o EI que lhe diz respeito situa-se na camada dos atos do discurso (A) ou na dos conteúdos proposicionais, o que não significa que OCs e EIs estejam, necessariamente, na mesma camada. Quando, no entanto, os EIs codificam *Moves* (M) a referência temporal tende a ser não-dependente, na maioria dos casos, em função também da freqüente impossibilidade de se verificar os modo-tempo verbais quando, sobretudo, se trata de feixes de orações complexas e/ou sintagmas. Em se tratando das OCs que codificam estados-de-coisas, a referência temporal tende, da mesma forma, a ser não-dependente, salvo exceções em que estes referem-se a fatos que fogem ao contexto das verdades de fé, ou de ordem dogmática, quando as OCs, constituindo expressões cristalizadas, independem dos modo-tempo verbais dos respectivos EIs. Ademais, a análise comparativa dos resultados dos 5 (cinco) tempos do AL mostra uma variedade significativa de correlações entre diferentes **tempos** verbais, enquanto, no que diz respeito ao **modo**, as ocorrências indicam – em todos os tempos – predominância absoluta do modo indicativo sobre os demais, sobretudo sobre o subjuntivo, cujas ocorrências são quase nulas.

Finalmente, quanto à pressuposição, associada ao estatuto informacional, ao tipo de conectivo e à ordenação, os resultados, mais uma vez, confirmam a regularidade, em detrimento da identificação de características próprias dos condicionamentos das OCs em função dos diferentes temas e assuntos abordados nos tempos do AL: a não-pressuposição constitui maioria absoluta em relação à pressuposição. Conseqüentemente, essas orações são,

na grande parte dos casos, **apresentadas** como detentoras de informações **novas**, introduzidas também, majoritariamente, pelos conectivos **porque e pois**.

Por outro lado, essa **regularidade** de condicionamentos das OCs em sua função argumentativa nos artigos de opinião da CNBB indica, ou, ao menos, sugere, que o traço, de fato, determinante desses condicionamentos pode estar associado diretamente ao suporte ou meio de circulação e as características a ele inerentes, como a ausência de pré-sequências, confirmada, principalmente, com a recorrência de OCs cujos EIs constituem *Moves*, responsáveis pela mudança total ou parcial de fluxo de informação. Ademais, a escassez de tempo para maior monitoração dada a necessidade de rapidez e agilidade na divulgação das informações também são fatores que podem co-determinar e, ao mesmo tempo, justificar os resultados das análises do *corpus*.

4. CONCLUSÃO

Este trabalho analisou a função das orações causais como recurso argumentativo em artigos de opinião religiosos católicos à luz do modelo teórico da Gramática discursivo-funcional (GDF). Para tanto, realizou-se, passo a passo, cada um dos procedimentos previamente apresentados (cf. introdução).

Ao todo, foram analisadas 446 (quatrocentas e quarenta e seis) ocorrências de orações causais, extraídas de 261 (duzentos e sessenta e um) artigos da CNBB. Estes, por sua vez, foram escolhidos por representarem, a um só tempo, a opinião oficial da igreja acerca de assuntos diversos em consonância aos temas e assuntos referentes a cada um dos cinco tempos que compõem os três ciclos do ano litúrgico (Advento, Natal, Comum, Quaresma e Páscoa). Ademais, esses artigos mostraram-se favoráveis aos objetivos do trabalho posto que, embora sejam emanados do episcopado, não estão imunes a falhas, consequência de não terem tido sua infalibilidade decretada junto ao pontífice romano, como ocorre com os documentos, por exemplo.

Com relação ao objetivo geral – investigar, sob a perspectiva da GDF, como as orações causais (OCs) prestam-se à função argumentativa inerente ao gênero artigo (religioso cristão-católico) e como o fazem em relação à tríade dogmática subjacente (a Bíblia, a Tradição e o Magistério), os resultados obtidos por meio da correlação das três fases de análise comprovaram as seguintes condicionamentos inerentes a essa função:

- primeiramente, ao contrário das considerações referentes aos traços distintivos do discurso religioso (cristão-católico), sobretudo no que diz respeito à tríade dogmática subjacente, os resultados comprovam que, em se tratando de orações causais, o único pilar, de fato, recorrente é o bíblico;
- por conseguinte, outro dado que merece especial destaque é que, embora recorrente, o argumento de autoridade bíblica ocupa o último lugar no número de ocorrências, com 78 (setenta e oito) registros, ou 17% do total deles;
- a predominância majoritária de argumentos de competência e de senso comum respectivamente, que correspondem às demais 365 ocorrências (82% do total, salvo os 11 (onze), ou 1% referentes ao Magistério e à Tradição), e pode estar

associada não apenas ao gênero artigo de opinião, mas a tendências próprias do discurso religioso católico que, assim como os demais, sofre as pressões externas ao sistema lingüístico, propriamente dito, em função da relação que o escritor (no caso, o membro do corpo episcopal) estabelece com um determinado domínio do sagrado sobre o qual é responsável. Essa **proximidade**, por sua vez, pode implicar, a um só tempo, o poder e a relevância espiritual que lhes são próprias, em detrimento de suas possíveis falhas e deficiências, haja vista a relação, por vezes **frouxa** que se estabelece entre a oração causal (OC) e o escopo de incidência que lhe é próprio: extrapolando o limite da sentença, a causa estende-se às relações estabelecidas no âmbito de uma esfera discursiva específica, como é o caso da analisada neste trabalho. Disso decorre também o grande número de ocorrências de *Moves* (M) – 100 (ou 22%) – codificados pelos EIs das OCs, muitas vezes, associada à mudança, ou até mesmo, ao abandono do fluxo de informação.

No que diz respeito aos objetivos específicos, os resultados comprovam os seguintes condicionamentos que, por conseguinte, confirmam todas as hipóteses iniciais:

- a) com relação à integração sintática e, por conseguinte, a semântica, as análises realizadas comprovaram que, no *corpus* estudado, a integração sintática reflete a integração semântica dos enunciados;
- b) além disso, comprovaram também que o valor de verdade dos argumentos codificados pelas OCs são irrefutáveis a medida que emergem de uma autoridade também irrefutável;
- c) os diferentes temas e assuntos referentes a cada tempo do AL implicam diferenças nos condicionamentos das OCs quando estas tem *Moves* (M) como EIs. Com relação aos demais fatores, no entanto, não foram identificadas mudanças significativas, pois o emprego dessas orações se deu de forma bastante semelhante, o que se associa à noção de regularidade;
- d) ao mesmo tempo, essa regularidade, enquanto independe do tempo do AL (exceto na codificação de *Moves* (M)), mostra-se *pari passu* às características

do contexto de produção no qual o *corpus* está inserido – a plataforma digital *online* – e as pressões que esta exerce sobre os textos nela divulgados, como a necessidade de fluidez e, por conseguinte, o pouco tempo disponível para a elaboração e revisão (o que diferencia, significativamente, os textos analisados dos divulgados por meio impresso);

- e) finalmente, as análises também comprovaram que a ausência de pré-sequências, comprovadas pela ocorrência de *Moves* (M), é uma constante em todo o *corpus*, fato que, aliás, conduz à confirmação de que se trata de um texto mais informal, cuja escrita apresenta, por isso, traços tanto da modalidade falada quanto da escrita.

Ademais, dada a complexidade do objeto de pesquisa escolhido, este suscita outras pesquisas, com diferentes temas, cujas conclusões acima apresentadas, bem como as já delineadas ao longo do trabalho, configuram-se como um ponto de partida que podem subsidiar outros objetivos – e por extensão, hipóteses.

Por outro lado, a contribuição do trabalho para a ciência linguística e, mais especificamente, para a descrição funcional do português emerge tanto do amplo leque de possibilidades de análise oferecido pela GDF para o estudo das orações causais – que, em língua portuguesa – ainda é bastante escasso em termos de pesquisa quanto pelos diálogos profícuos estabelecidos entre os conceitos teóricos de vários linguistas da área funcionalista.

Além disso, é preciso destacar que, com relação ao *corpus* da pesquisa, este mostrou-se, a um só tempo, específico e abrangente: específico por constituir um único gênero textual e pela singularidade do contexto cristão-católico no qual está inserido; e abrangente por se tratar de um objeto do conhecimento, fortemente, presente na cultura ocidental.

5. REFERÊNCIAS

Bíblia Sagrada. 17ª ed. São Paulo: Ave Maria, 1998.

Catecismo da Igreja Católica. 5. ed. São Paulo: Paulinas, 1993.

Compêndio do Vaticano II: Constituições, Decretos e Declarações. Petrópolis: Vozes, 1968.

Constituição conciliar *Sacrosanctum concilium*: sobre a sagrada liturgia. [Tradução: Francisco Catão]. 9ª ed. São Paulo: 2008.

Estatuto Canônico e Regimento da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil: documentos da CNBB – 70. 2ª ed. São Paulo: Paulinas, 2002.

Missal Romano Quotidiano. São Paulo: Paulinas, 1959.

ALMEIDA, Napoleão Mendes. **Gramática Metódica da Língua Portuguesa.** 35ª ed. São Paulo: Saraiva, p. 523-530 1988.

BAKHTIN, Mikhail. **Os gêneros do discurso:** estética da criação verbal. Tradução de Maria Ermantina Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

_____. **Estética da criação verbal.** Tradução de Maria Ermantina Pereira. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BECHARA, Evanildo. **Moderna Gramática Portuguesa.** 37ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, p. 462-479, 2004.

_____. **Moderna Gramática Portuguesa.** 37ª ed. (Revista, ampliada e atualizada pelo novo acordo ortográfico) Rio de Janeiro: Nova Fronteira, p. 462-476, 2009.

BECKHÄUSER, Alberto. **Viver o Ano Litúrgico:** reflexões para os domingos e solenidades. 1ª ed. Petrópolis: Vozes, 2003.

BRETON, Philippe. **Argumentação na Comunicação.** 2ª ed. Bauru: EDUSC, 2003.

CAMARA JR. Joaquim. M. **Dicionário de lingüística e gramática.** Referente à língua portuguesa. 7ª ed. Petrópolis: Vozes, 1977.

CHAFE, Wallace. **The Pear Stories.** Norwood: Ablex, 1980.

CUNHA, Celso. **Gramática do português contemporâneo.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1972.

CUNHA, Celso.; CINTRA, Lindley. **Nova Gramática do Português Contemporâneo.** 2ª ed. Rio de Janeiro, p. 578-593, 1985.

DECAT, Maria Beatriz Nascimento; SARAIVA, Maria Elizabeth Fonseca; BITTENOURT, Vanda de Oliveira; *et al.* A articulação hipotática adverbial no português em uso. In: **Idéias sobre linguagem: uma abordagem funcionalista**. Campinas: Mercado Letras, p. 103-164, 2001.

DIK, Simon Cornelis. **The theory of functional grammar**. Part 1. Dordrecht: Foris Publications, 1989.

_____. **The theory of functional grammar**. Part 2. Berlin: Walter de Gruyter, 1997.

ELIADE, Mircea. [Tradução: Sonia Cristina Tamer]. **Imagens e símbolos: ensaio sobre o simbolismo mágico-religioso**. 1ª ed. São Paulo: Martins Fontes, p. 36, 1991.

GIVÓN. Talmy. **Syntax: a functional-typological introduction**. V. II. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1990.

GOMES, Cirio Folch. **Antologia dos Santos Padres**. 3ª ed. São Paulo: Paulinas, 1985.

GUTIÉRREZ, Gustavo. [Tradução: Rodrigo Contrera]. **Compartilhar a palavra no decorrer do ano litúrgico**. São Paulo: Paulinas, 1996.

HALLIDAY, Michael Alexander Kirkwood. **An introduction to Functional Grammar**. London: Edward Arnold Publishers, 1985.

HALLIDAY, Michael Alexander Kirkwood; HASAN, Ruqaiya. **Cohesion in English**. London: Longman, 1976.

HENGEVELD, Kees. The internal structure of adverbial clauses. In: DEVRIENDT, B. *et al* (Eds) **Complex structures: A functionalist perspective** (Functional Grammar Series) 17). Berlin: Mouton de Gruyter, p. 119-147, 1996.

_____. (Ed) *Dik: The theory of Functional Grammar*. Berlin, New York: Mouton de Gruyter, 1997, v. 2.

_____. Adverbial clauses in the languages of Europe. In: VAN der AWERA, J. (Ed.) **Adverbial Constructions in the languages of Europe**. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, p. 335-419, 1998.

_____. **The architecture of a Functional Discourse Grammar**. In: MACKENZIE, J. L.; GÓMEZ-GONZÁLEZ, M. Á. (Eds.). *A new architecture for Functional Grammar* (Functional Grammar Series 24), 1-21. Berlin: Mouton de Gruyter, p. 1-21. 2004.

_____. **Dynamic expression in Functional Discourse Grammar**. In: de GROOT, C.; HENGEVELD, K. (Eds.) *Morphosyntactic expression in Functional Grammar* (Functional Grammar Series 27). Berlin/New York: Mouton de Gruyter, p. 53-86, 2005.

HENGEVELD, Kees; MACKENZIE, John Lachlan **Functional Discourse Grammar**. In: HEINE, B., NARROG, H. (eds). *The Oxford Handbook of Linguistic Analysis*. Oxford: Oxford University Press, 2008a.

_____. **Functional Discourse Grammar.** In: HEINE, B., NARROG, H. (eds). *The Oxford Handbook of Linguistic Analysis.* Oxford: OUP, 2008b.

HINTZE, Ana Cristina Jaeger. **Conexões perifrásticas:** um estudo sobre as funções de expressões gramaticalizadas. (Tese de doutorado em Letras). UNESP. Araraquara, 2003.

HUSCENOT, Jean. [Tradução: António Maia da Rocha]. **Os doutores da Igreja.** 1ª ed. São Paulo: Paulus, 1998.

KOCK, Ingedore Grunfeld Vilaça. V. **Argumentação e Linguagem.** 4ª ed. São Paulo: Cortez Editora, 1996.

_____. **A inter-ação pela linguagem.** 9ª ed. São Paulo: Contexto, p. 47, 2004.

LEHMANN, Christian. Towards a typology of clause linkage. In: HAIMAN, J. e THOMPSON, S. (eds.). **Clause combining in grammar and discourse.** Amsterdam: John Benjamins, 1988.

LUFT, Celso Pedro. **Moderna Gramática Brasileira.** 2ª ed. Porto Alegre: Globo, p. 45-64, 1978.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: Dionísio, A. P. et al. **Gêneros textuais & ensino.** Rio de Janeiro: Lucerna, 2002.

MATTHIESSEN, Christian; HALLIDAY, Michael Alexander Kirkwood. **Systemic functional grammar: a first step into theory.** Disponível em: <<http://minerva.ling.mq.edu.au/resource/VirtuallLibrary/Publications/sfg_firtststep/SFG%20intro%20New.html>>. Acesso em: ago. 2007.

MELO, José Marques de. **Jornalismo opinativo:** gêneros opinativos no jornalismo brasileiro 3ª ed. Campos do Jordão: Mantiqueira, 2003.

MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina. (org). **Introdução à lingüística:** fundamentos epistemológicos. São Paulo: Cortez, p. 180-183, 2004.

NEVES, Maria Helena de Moura. **A gramática funcional.** 1ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

_____. As construções causais. In: _____ (org.) **Gramática do Português Falado.** V VII. Campinas: Ed da Unicamp, p. 461-495, 1999.

_____. **Gramática de usos do português.** São Paulo: Editora Unesp, 2000.

_____. A gramaticalização e a organização dos enunciados. **Revista SCRIPTA,** Belo Horizonte, v. 5, n. 9, p. 13-22, 2º sem. 2001.

_____. **Texto e Gramática.** São Paulo: Contexto, p. 226-246, 2006.

O'DONNELL, John. **Introdução à Teologia Dogmática.** São Paulo: Loyola, 1999.

OLIVEIRA, Taísa Peres de. **As conjunções e orações condicionais no português do Brasil**. (Tese de doutorado em Lingüística e Letras). UNESP. Araraquara, 2008.

ORLANDI, Enni Puccinelli (org). **Palavra, Fé, Poder**. São Paulo: Pontes, 1987.

ORLANDI, Enni Puccinelli. **A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso**. 4ª ed. Campinas: Pontes, 1996.

PEZATTI, Erotilde Goreti; *et al.* O modelo funcionalista de Simon Dik: a ordem. In: **Estudos Lingüísticos**, n. 32, 2003.

PERELMAN. C; **Retóricas**. Trad. de Maria Ermentina Galvão. São Paulo: Martins Fontes, p. 303-308, 1999.

PERELMAN, Chaïm; OLBRECHTS-TYTECA, Lucie. **Tratado da argumentação: a nova retórica**. Trad. de Maria Ermentina Galvão. São Paulo: Martins Fontes, p. 299-309, 1999.

PRINCE, H. Toward a taxonomy of given-new information. In: COLE, P. (ed.) **Radical Pragmatics**. New York: Academic Press, p. 223-255, 1981.

QUEIRUGA, André Torres. **Magistério: Dicionário de conceitos fundamentais do cristianismo**. São Paulo: Editora Paulus, 1999.

ROCHA LIMA, Carlos Henrique da. **Gramática normativa da língua portuguesa**. 15 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1972.

SCHARBERT, Josef. **Introdução à Sagrada Escritura**. Petrópolis: Vozes, s/d.

SOUZA, Edson Rosa Francisco. Gramática funcional: da oração rumo ao discurso. **Revista Domínios de Linguagem**. ano 2, n.1, 1º sem. 2008. Disponível em: <www.dominiosdelinguagem.org.br>, Acesso em: 02 de maio de 2009.

_____. **Gramaticalização dos itens lingüísticos *assim, já e aí* no português brasileiro: um estudo sob a perspectiva da gramática discursivo-funcional**. (Tese de doutorado em Lingüística e Letras). IEL – UNICAMP. Campinas, 2009.

SWEETSER, Eve. **From Etymology to Pragmatics: Metaphorical and Cultural Aspects of Semantic Structure** (Cambridge Studies in Linguistics, 54). Cambridge: Cambridge University Press, 1990.

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)